

ROBERTO PEROBELLI DE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO EM ENCERRAMENTOS
DE CONVERSA TELEFÔNICA COTIDIANA**

**JUIZ DE FORA
2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA**

**ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO EM ENCERRAMENTOS
DE CONVERSA TELEFÔNICA COTIDIANA**

ROBERTO PEROBELLI DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO CORTES GAGO

Dissertação de Mestrado apresentada à
banca de defesa como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Letras pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Juiz de Fora

**JUIZ DE FORA
2006**

ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO EM ENCERRAMENTOS DE CONVERSA TELEFÔNICA COTIDIANA

ROBERTO PEROBELLI DE OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente da banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos pré-requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Aprovado por:

Prof. Dr. Paulo Cortes Gago
(Orientador e Presidente)

Prof. PhD. Pedro de Moraes Garcez
(Membro externo)

Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães
(Membro interno)

JUIZ DE FORA

2006

AGRADECIMENTOS

Quando me graduei em Letras, meu convite de formatura fazia referência à prática oriental do *Namastê*, que significa “o Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em você”. Retomo aqui essa forma simpática de agradecimento.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em meu orientador, Prof. Dr. Paulo Cortes Gago, pela paciência, elegância e motivação com que fez excelentemente bem o seu trabalho de me orientar; pelas suas contribuições interpretativas, que enriqueceram esta dissertação e por ter se tornado, para mim, um parâmetro de comportamento como professor e como orientador.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe na professora Dr. Sonia Bittencourt Silveira, pelo incentivo a migrar para a área da interação social; pelo trabalho de co-orientação informal que nos prestou, devido à sua experiência, e pelo carinho.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em minha família, em especial, minha mãe, Vanda, meu pai, Ildeu, e minha irmã, Raquel, que, além de terem sido minhas “cobaias”, foram, e serão sempre, toda a fonte de amor, carinho, paciência, compreensão, fé e perseverança de que precisei, e ainda vou precisar muito, na vida.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em minhas colegas de turma, pela troca de experiências; pelos “consoantes” e “doravantes” e pelas “confraternizações-surpresa”, que ajudaram a quebrar a rotina tão estressante imposta pelo ritmo acadêmico do mestrado.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em minhas amigas, Paola de Moraes Temponi e Mônica Beatriz Pedrosa Schittini, pelo apoio na leitura dos textos em inglês e pelas traduções formais e informais.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em minhas amigas, Lesllie Soares Tedesco e Eliana dos Santos Rangel, pela ajuda extremamente valiosa com as tão difíceis e trabalhosas transcrições.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em meus amigos, alunos e orientadores do Projeto de Universalização das Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Juiz de Fora, por terem me incentivado a continuar estudando, mesmo sem muitos recursos financeiros para tal.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em cada uma das bolsistas do projeto de pesquisa “A organização seqüencial em audiências de conciliação do PROCON”, pelas ricas observações sobre o meu trabalho.

O Deus que existe em mim agradece ao Deus que existe em meus amigos Wesley, Aline, Danielle, Valério, Fernanda, Luciana, Heiberle, Jodenir, Simone, Jacqueline, Cris, Rodrigo, pela paciência com meus momentos de reclusão e por estarem sempre preocupados com minha integridade física e mental.

A esses e a todos os outros auxiliares deste trabalho, cujos nomes me esqueci de citar, *NAMASTÊ*.

“Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu,
com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.”

Machado de Assis

RESUMO

A presente dissertação enfoca os encerramentos de conversa telefônica cotidiana, na perspectiva da Análise da Conversa etnometodológica. Levando em consideração as contribuições de Schegloff e Sacks (1973), Button (1987) e Button (1990), dentre outras concepções teórico-metodológicas, este trabalho tem os seguintes objetivos: (1) mapear algumas formas lingüísticas que desempenham a função de encerrar a conversa telefônica cotidiana em contexto brasileiro e (2) evidenciar as estratégias de negociação que os participantes utilizam para encerrar ou para continuar o telefonema. O *corpus* se constitui de dados reais de fala espontânea, gravados em uma família juizforana, e traduzem um pouco como os participantes, em contexto brasileiro, constroem as relações sociais micro-seqüencialmente em conversas desse gênero. Enfim, esta pesquisa ratifica a noção de senso comum de que encerrar uma conversa é uma questão delicada para os participantes, uma vez que eles podem lançar mão de várias estratégias de negociação para encerrar ou continuar a conversa entre o primeiro “então ta” e o último “tchau”.

Palavras-chave: Conversa Telefônica; Conversa Cotidiana; Encerramentos; Negociação.

ABSTRACT

This study looks at the everyday telephone conversation closings, under the perspective of ethnomethodological Conversation Analysis. By the contributions of Schegloff & Sacks (1973), Button (1987) and Button (1990), among others theoretical-methodological conceptions, this work has the following aims: (1) to look into some linguistic forms that play the role of finish the everyday telephone conversation in Brazilian context and (2) to evidence the negotiation strategies used by the participants for closing or for continuing the call. The *corpus* is composed of data of talking occurring naturally, recorded in a family located at the Brazilian city of Juiz de Fora, and translates a bit how the parts, in Brazilian context, build the social relationship microsequentially in conversations like that. Thus, this study confirms the commonsense notion about finishing a conversation as a delicate issue for the participants, because they can use many negotiation strategies to closing or to continuing the conversation between the first “então tá” and the last “tchau”.

Keywords: Telephone Conversation; Everyday Conversation; Closings; Negotiation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A ANÁLISE DA CONVERSA ETNOMETODOLÓGICA E SUA IMPORTÂNCIA NO ESTUDO DA CONVERSA TELEFÔNICA	16
1.1. A conversa telefônica cotidiana	21
1.2. A aplicação do sistema de tomada de turno à conversa telefônica cotidiana	25
2. A ORGANIZAÇÃO DE SEQÜÊNCIAS	30
2.1. O par adjacente como unidade para a construção de seqüências	31
2.2. O tratamento das seqüências interacionais	37
2.3. As expansões de seqüências e sua relação com o encerramento de conversas	39
3. SOBRE ENCERRAMENTOS DE INTERAÇÕES VIA TELEFONE	47
3.1. A contribuição de Schegloff e Sacks (1973)	47
<i>3.1.1. A suspensão da relevância da transição de turnos</i>	48
<i>3.1.2. A localização das seqüências terminais na conversa</i>	49
<i>3.1.3. Os pré-encerramentos</i>	50
<i>3.1.4. Outros pré-encerramentos</i>	52
3.2. A contribuição de Button (1987)	53
<i>3.2.1. Diferentes ações presentes no encerramento</i>	54
3.2.1.1. Combinações	55
3.2.1.2. Retomadas	57
3.2.1.3. Provocadores de início de tópico	58
3.2.1.4. Recomendações	61
3.2.1.5. Propósito da chamada	62
3.2.1.6. Apreciações	63
<i>3.2.2. Espaços de oportunidade para a saída dos encerramentos</i>	65
3.2.2.1. Depois do primeiro componente de encerramento (PPP _{pré-terminal})	66
3.2.2.2. Depois do segundo componente de encerramento (SPP _{pré-terminal})	68
3.2.2.3. Depois do terceiro componente de encerramento (PPP _{terminal})	69
3.2.2.4. Encerramentos reduzidos	72
3.2.2.5. Encerramentos estendidos	74
3.3. A contribuição de Button (1990)	75
<i>3.3.1. Orientação recíproca para o término da conversa, resultando em término</i>	76
<i>3.3.2. Encerramentos reciprocamente prolongados</i>	78
<i>3.3.3. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa</i>	79
<i>3.3.4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante imediatamente responde</i>	83

3.3.5. <i>Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante é não-responsivo</i>	85
3.3.6. <i>Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde</i>	86
3.3.7. <i>Um falante continua a conversa, e o outro responde</i>	88
3.3.8. <i>Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término</i>	89
3.3.9. <i>Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação</i>	90
4. QUESTÕES DE CUNHO METODOLÓGICO	94
4.1. A geração de dados	94
4.2. O sistema gráfico utilizado nas transcrições	97
4.3. As categorias de identidade social dos participantes nos títulos das transcrições	98
4.4. A questão da quantificação dos dados	100
4.5. Os dados	102
5. ANÁLISE DE DADOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	106
5.1. A relação entre as formas de encerramento e suas funções na seção terminal da conversa telefônica	106
5.1.1. <i>A multifuncionalidade de algumas formas de encerramento</i>	114
5.2. Ações presentes no encerramento	116
5.2.1. <i>Exemplos de saídas mínimas e drásticas da seção terminal (cf. Button, 1987)</i>	116
5.2.1.1. Combinações	117
5.2.1.2. Retomadas	118
5.2.1.3. Provocadores de início de tópico	120
5.2.1.4. Recomendações	121
5.2.1.5. Propósito da chamada	123
5.2.1.6. Apreciações	124
5.2.2. <i>Espaços de oportunidade para a ocorrência de saídas da seção terminal</i>	127
5.2.2.1. Depois do primeiro componente terminal (PPP _{pré-terminal})	127
5.2.2.2. Depois do segundo componente terminal (SPP _{pré-terminal})	130
5.2.2.3. Depois do terceiro componente terminal (PPP _{terminal})	131
5.2.2.4. Outras oportunidades	132
5.2.2.5. Encerramentos reduzidos	134
5.2.2.6. Encerramentos estendidos	136
5.3. Estratégias de negociação para o término ou para a continuação da conversa telefônica cotidiana	137
5.3.1. <i>Negociação para o término da conversa</i>	138
5.3.1.1. Orientação recíproca para o término da conversa, resultando em término	138
5.3.1.2. Encerramentos reciprocamente prolongados	142

5.3.1.3. Demonstração recíproca para continuar a conversa em casos nos quais nenhuma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal	145
5.3.1.4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante é não-responsivo	146
5.3.1.5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término	149
5.3.2. <i>Negociação para a continuação da conversa</i>	150
5.3.2.1. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa em casos nos quais pelo menos uma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal	151
5.3.2.2. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante imediatamente responde	155
5.3.2.3. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde	158
5.3.2.4. Um falante continua a conversa, e o outro responde	161
5.3.2.5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	177
ANEXOS	
Anexo I – Originais das citações textuais	180
Anexo II – Convenções de transcrição	183
Anexo III – Transcrições	184
Conversa telefônica entre tia e sobrinho e irmãs	185
Conversa telefônica entre primos	188
Conversa telefônica entre candidatos a um concurso público...	200
Conversa telefônica entre amigos	207
Conversa telefônica entre namorados II	208
Conversa telefônica entre dono da casa e amiga do filho	209
Conversa telefônica entre pai e filha	210
Conversa telefônica entre dona da casa e mãe do vizinho	211
Conversa telefônica entre companheiros de time	213
Conversa telefônica entre irmãs	218
Conversa telefônica entre esposas do tio e do sobrinho	220
Conversa telefônica entre primas	230
Conversa telefônica entre dono da casa e esposa do amigo	233
Conversa telefônica entre sobrinha e tio	235
Conversa telefônica entre colegas de faculdade	241
Conversa telefônica entre tio e sobrinho	243
Conversa telefônica entre namorados I	244
Conversa telefônica entre dona da casa e amigo do marido	246
Conversa telefônica entre neta e avó e mãe e filho	247

Lista de esquemas

Esquema	Página(s)
<u>Esquema 1</u> : os lugares possíveis para a expansão do par adjacente (cf. Schegloff, 1995)	40
<u>Esquema 2</u> : a formatação do par adjacente terminal, precedido por pré-expansão	46
<u>Esquema 3</u> : espaços de oportunidade para a ocorrência de ações que engendram movimentos de saída das seções terminais	71
<u>Esquema 4</u> : as categorias de negociação dos falantes para o término e para a continuação da conversa	92
<u>Esquema 5</u> : número de seções terminais por conversa telefônica	104
<u>Esquema 6</u> : as ocorrências das formas lingüísticas e suas funções na seção terminal	108
<u>Esquema 7</u> : seções terminais que se enquadram na categoria de negociação para o término da conversa	172
<u>Esquema 8</u> : seções terminais que se enquadram na categoria de negociação para a continuação da conversa	174

Introdução

Esta dissertação de mestrado enfoca os encerramentos de conversas telefônicas cotidianas, produzidos por falantes de português brasileiro. Levando em consideração os apelos da modernidade, o telefone passou a ocupar um espaço extremamente importante na vida contemporânea, e pensar sobre isso parece ser de relevância crucial em uma sociedade visivelmente marcada pela falta de tempo e pela necessidade de tratamento afetivo.

A motivação para esse estudo possui duas vertentes, uma pessoal e outra teórica. Os eventos conversacionais que envolvem as diversas ocorrências de “então tá” (e suas variantes), nas ligações, antes do último “tchau”, sempre foram, em nossas conversas informais com parentes e amigos, alvos de comentários sobre a demora em se despedir, em referência a algumas pessoas que se destacam por fazer isso constantemente. Nosso conhecimento de senso comum nos convencia, então, de que a demora em se despedir em conversas telefônicas cotidianas parece ser uma característica brasileira.

Por outro lado, o interesse teórico pela fala-em-interação cotidiana nasceu quando soubemos que, em *Análise da Conversa Etnometodológica*, a conversa é a pedra sociológica fundamental para o estudo do sistema de tomada de turnos (cf. Sacks et. al., 2003 [1974]). A partir disso, começamos a acreditar que um estudo sobre encerramento de conversas cotidianas poderia servir como base de comparação para outros estudos sobre a organização dos encerramentos de interações em cenários institucionais. Na fase inicial do mestrado, entramos em contato com textos fundadores da *Análise da Conversa* que utilizam conversas telefônicas como objeto de pesquisa. Especificamente, a obra *Talk and Social Structure*, nos trouxe, dentre outros, os textos “Hold the phone” (Hopper, 1991) e

“Conversation-in-a-series” (Button, 1991), os quais, pela primeira vez, nos fizeram refletir sobre a possibilidade de se observar os encerramentos de conversa telefônica em âmbito acadêmico.

O encerramento de encontros sociais, segundo Levinson, é “uma questão delicada” (1983, p. 316), posto que incorre em implicações técnicas e sociais para os participantes, isto é, ao se moverem para o fim de um encontro, eles precisam demonstrar, na maioria das vezes, que sua retirada da interação não significa que o encontro esteja “ruim”, mas que têm outras motivações para se despedirem. Goffman já trazia essa questão à tona quando afirmou que “despedidas resumem o efeito do encontro sobre os relacionamentos e mostram o que os participantes podem esperar um do outro para o próximo encontro” (1967, p. 41). No cenário científico brasileiro atual, parece-nos que poucos são os estudos sobre o tema. Sobre encerramentos de interações no contexto brasileiro, temos conhecimento apenas do artigo de Ostermann (2002), mas o *corpus* da autora é composto por dados de fala-em-interação institucional, o que difere dos nossos.

Com essas motivações, e baseados primordialmente nos textos “Opening up closings”, de Schegloff e Sacks (1973), “Moving out of closings”, de Button (1987) e “On varieties of closings”, de Button (1990), nosso objetivo de pesquisa é evidenciar o raciocínio prático dos atores na medida em que constroem suas ações conjuntas, em interações via telefone, quando utilizam diversas técnicas de negociação para continuar ou para terminar a conversa. Desse modo, visamos ampliar a linha de visão de nossos antecessores (citados acima) para além dos dados produzidos em contexto anglo-saxônico. A microanálise seqüencial dos dados se apresenta, então, como possibilidade de se examinar em detalhes essas negociações específicas da seção terminal da conversa.

Para nortear a nossa análise, apresentamos aqui as nossas perguntas de pesquisa que esta dissertação vai procurar responder:

1. Quais são as formas lingüísticas, em português brasileiro, que desempenham a função de encerrar interações cotidianas ao telefone?
2. A seqüência arquetípica, descrita na literatura de língua inglesa, é encontrada aqui?
 - 2.1. Os elementos que a compõem são os mesmos?
 - 2.2. Há variação nessa estrutura?
3. Como se dão os movimentos de saída das seções terminais?
4. Como as estratégias de negociação para terminar ou para continuar a conversa, propostas para falantes do inglês norte-americano, se aplicam a dados do português brasileiro?

Por fim, cabe destacar como se estrutura este trabalho. Os três primeiros capítulos apresentam os pressupostos teóricos da dissertação: a conversa telefônica cotidiana e o sistema de tomada de turno a ela aplicada (capítulo 1), a organização de seqüências conversacionais (capítulo 2) e os encerramentos de conversas telefônicas (capítulo 3). Este último capítulo apresenta detalhadamente as contribuições de cada um dos textos acima mencionados (Schegloff e Sacks, 1973; Button, 1987 e Button, 1990). O quarto capítulo traz algumas questões sobre a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, e o quinto capítulo analisa os dados à luz da teoria apresentada. Finalmente, trazemos, nas considerações finais, as respostas para as questões de pesquisa.

Esperamos que a leitura dessa dissertação ofereça uma oportunidade de reflexão sobre as ações que se realizam cotidianamente em encerramentos de conversas telefônicas.

1. A Análise da Conversa etnometodológica e sua importância no estudo da conversa telefônica

O estudo da conversa cotidiana a partir de dados de fala reais gravados tem sido de extrema importância no estudo da interação desde meados da década de 60, quando Harvey Sacks, trabalhando no *Suicide Research Center*, em Los Angeles, começou a analisar conversas gravadas em áudio e usá-las como fonte de dados em sua pesquisa. A partir de então, passou a se preocupar com os métodos de racionalidade, ou seja, a forma com que as ações sociais são organizadas pelos participantes em uma dada situação interacional. Contudo, o conhecimento do agente acerca das ações sociais que realiza, tem, nos escritos de Parsons, pouca relevância, porque, embora a racionalidade do agente seja determinada pela compatibilidade entre a base de conhecimento do sujeito/ ator social com o conhecimento científico, raras são as ocasiões em que as explicações da ação pelo agente coincide com as dos cientistas (cf. Heritage, 1999 [1987]). Essa diferença é tratada na literatura, através da distinção entre uma sociologia leiga e uma sociologia profissional (cf. Coulon, 1995).

A interação social, segundo Psathas (1995), tem sido um fenômeno de interesse para estudantes da vida social. Alguns problemas, como o modo de se estudar a fala-em-interação, a organização das várias ações sociais existentes, bem como a descrição e análise de cada uma delas foram encontrando respostas por meio de rigorosos métodos científicos.

Com o advento da etnometodologia, proposta por Harold Garfinkel, as relações sociais, nos estudos de Sacks, passam a ser também abordadas numa esfera micro-social, uma vez que tal programa de pesquisa tem como finalidade a investigação da propriedade racional de ações como realizações contínuas, contingentes, de práticas organizadas da vida

cotidiana. Em outras palavras, não só os pesquisadores, mas sobretudo os participantes de uma situação interacional são capazes de prestar contas dos métodos de racionalidade utilizado em uma determinada ação social em curso. Este é o princípio etnometodológico da *justificabilidade* (do inglês, *accountability*), conceito ao qual subjaz o da racionalidade das ações dos participantes. De acordo com Loder, “há sempre uma expectativa subjacente de que as ações de cada um dos participantes estão sendo produzidas justificadamente e têm razão de ser naquela junção interacional” (2006, p. 47). Contudo, a menos que haja uma “subversão” das expectativas de um falante com relação à ação do outro (situação em que o pedido de explicação para uma dada ação é evidente), a razão para as ações dos participantes é intrínseca à sua prática conversacional, isto é, não tem necessidade de explicação.

Segundo Heritage (1999 [1987]), Parsons acreditava que a explicação que o analista formulava sobre as ações sociais dos atores diferia das explicações produzidas pelos próprios atores, e ele propunha, para esse impasse, a omissão da visão dos atores nesses casos. Garfinkel, por sua vez, tinha uma visão um pouco diferente da de Parsons sobre essa questão e, para estabelecer a etnometodologia como uma alternativa aos estudos da sociologia corrente na época, se utilizou dos estudos de Schütz sobre a interpretação do mundo “à luz de categorias e construtos do senso comum que são largamente sociais em sua origem” (Heritage, 1999 [1987], p. 329). Sobre esses construtos, Heritage complementa que “são os recursos com os quais os agentes interpretam suas situações de ação (...) e, de maneira mais geral, navegam no mundo social.” (*ibidem*, p. 329). Schütz acreditava também, segundo Heritage, que “na vida comum, há uma *suspensão geral da dúvida* de que as coisas poderiam não ser como parecem ou de que a experiência do passado possa não ser um guia confiável para o presente.” (*ibidem*, p. 329-330, grifos no original). Esse

pensamento foi formulado também por Schütz, por meio do termo “tese geral da reciprocidade das perspectivas”, segundo o qual, “apesar das diferentes perspectivas, biografias e motivações que levam os agentes a ter experiências do mundo não-idênticas, eles podem, ainda assim, tratar as suas experiências como ‘idênticas para todos os fins práticos’” (*ibidem*, p. 330, aspas no original). Inerente a essa tese, apontamos também, de acordo com Loder, a noção de intersubjetividade, que “se refere à possibilidade de que haja entendimento, convergência entre o que um interlocutor produziu e o que o outro entendeu do que foi/ está sendo produzido” (2006, p. 45). De acordo com essa perspectiva, os participantes demonstram o entendimento das ações dos outros na medida em que co-constroem a interação.

Todas essas idéias foram tomadas por Garfinkel nas investigações das propriedades das ações práticas, enquanto uma realização contínua, quando este criou um procedimento interpretativo de análise por meio dos experimentos de ruptura, que procuravam romper “o pressuposto fundamental da reciprocidade de perspectivas” (Heritage, 1999 [1987], p. 336). Em outras palavras, os experimentos de Garfinkel consistiam em quebrar as expectativas do interlocutor da pesquisa por meio de pedidos de explicações. No caso, por exemplo, relatado por Heritage (1999 [1987], p. 336), da afirmação de uma proprietária de um consórcio de automóveis sobre o pneu furado de um dos seus carros, o experimentador pergunta algo como “Um pneu furou? Como assim?”. Diante da pergunta, a mulher, perplexa e visivelmente irritada com a pergunta (descabida, na sua visão), afirma que sua afirmação não tem nada demais e agiu de modo hostil, perguntando “Como assim ‘Como assim?’”. Esse pedido de explicações sobre a pergunta que quebra a expectativa do interlocutor leva-o a explicar, por seu turno, a sua ação anterior, dizendo algo do tipo “um pneu furado é um pneu furado. Foi o que eu quis dizer. Nada de especial.”. Com essa

afirmação, o interlocutor evidencia, isto é, deixa clara a sua ação naquele momento, explicando suas próprias ações e tornando-as visíveis, passíveis de análise.

A partir desses conceitos, o objetivo da etnometodologia, para Garfinkel, é descrever os procedimentos e expectativas em termos de produção do próprio comportamento do falante ou de interpretação do comportamento do outro. A etnometodologia, portanto, “é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (Coulon, 1995 [1987], p. 30).

O vínculo entre Análise da Conversa e Etnometodologia se faz por três posições-chave: (i) a linguagem é constitutiva da vida social; (ii) a realidade e ordem sociais não são pré-existentes, mas processuais (um processo através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados); (iii) o ator social não é reproduzidor de normas, mas alguém que atua intensamente no mundo, intervindo como agente em seu ambiente na construção da realidade (cf. Heritage, 1984). Coulon afirma que a Análise da Conversa pode ser considerada como sendo “o programa mais completo da etnometodologia” (1995 [1987], p.72) e complementa:

“A análise da conversa é o estudo das estruturas e das propriedades formais da linguagem. Para poderem se desenvolver, as nossas conversas são organizadas, respeitam uma ordem, que não temos necessariamente de explicitar durante o decurso de nossas conversas, mas que é necessária para tornar inteligíveis as nossas conversas. Noutras palavras, demonstramos, no decorrer de nossas conversas, a nossa competência social para conversar com nossos semelhantes, de um lado expondo, tornando compreensíveis aos outros o nosso comportamento e, de outro lado, interpretando o comportamento dos outros.” (*ibidem*, p. 73)

O estudo da fala-em-interação, denominado também *Análise da Conversa etnometodológica* (doravante ACE), passou a ser uma abordagem teórico-metodológica

desenvolvida para fornecer procedimentos de estudo das ações sociais por meio da observação minuciosa de seqüências conversacionais.

Hopper (1992) destaca a ACe como a única perspectiva que compilou descrições detalhadas da conversa. Os analistas constroem descrições de fala com uma evidência empírica a partir de escutas repetidas e transcrições de gravações de fala em ambientes naturais. Com isso, qualquer leitor pode testar os argumentos do analista inspecionando as transcrições e as gravações usadas na pesquisa. O autor compara ainda a conversa cotidiana ao drama, isto é, como em uma peça de teatro, por exemplo, em que os turnos dos falantes são localizados contiguamente uns aos outros: quando um ator pára de falar, o outro começa e assim sucessivamente, de modo que o turno de um falante se localiza precisamente quando o turno do outro começa¹. Mas ele também ressalta a diferença: na conversa cotidiana, os falantes “atuam” sem falas decoradas, ou seja, eles constroem os seus turnos de fala no “aqui e agora” da interação.

A conversa é regida por princípios de tomada de turno que organizam a fala-em-interação presente na cena social em curso e, por isso, a conversa é tida, em ACe, como pedra sociológica fundamental. Sacks et. al. (2003 [1974]) sugerem que o ato de falar deve ser sempre, pelo princípio etnometodológico da seqüencialidade² das ações, remetido ao estado de conversa sustentado pelo desenvolvimento turno-a-turno e presente entre indivíduos de um círculo, que são ratificados como co-participantes (cf. Goffman, 2002 [1964]).

¹ Para fins de comparação, não são consideradas aqui as observações de Sacks et. el. (2003 [1974]) de que pausas e sobreposições são comuns em lugares relevantes de transição. Isso será considerado mais adiante.

² Pelo princípio da seqüencialidade das ações, devemos entender que uma ação subsequente à outra só é motivada pelas “possibilidades retrospectivas-prospectivas da situação presente, possibilidades modificadas a cada intercâmbio efetivo” (Coulon, 1995 [1987], p. 66)

“A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.” Sacks et. al (2003 [1974], p. 63)

Clark (2000) ratifica esse posicionamento, argumentando em favor da conversa como o cenário básico para o uso da linguagem. Segundo o autor, vários são os elementos (co-presença, visibilidade, audibilidade, instantaneidade, dentre outros) a serem atribuídos à conversa face a face, cujas características não exigem qualquer forma de especialização, para que se tenha a habilidade de falar frente a frente com uma outra pessoa.

Vejamos, então, como se realiza, especificamente, um dos principais encontros sociais existentes na sociedade moderna: a conversa telefônica cotidiana.

1.1. A conversa telefônica cotidiana

Com relação à conversa telefônica, Clark afirma: “o telefone elimina a co-presença e a visibilidade, limitando e alterando em certas maneiras o uso da linguagem” (Clark, 2000, p. 55).

Para se realizar, um encontro social não precisa ocorrer com as partes em presença, isto é, com todas as partes em um mesmo espaço físico. Pode, também, se concretizar à distância, com o auxílio dos diferentes recursos tecnológicos existentes no mundo contemporâneo, como teleconferências, diversas formas de intercomunicação na internet (MSN, Skype etc.) ou pelo telefone, uma invenção com mais de cem anos, que ainda não perdeu o seu espaço na sociedade. Pelo contrário, vem sendo cada dia mais adaptado às novas necessidades do homem pós-moderno.

Segundo Hopper (1991, 1992), o telefone é um meio eletrônico importante para a comunicação interpessoal. Certos momentos recorrentes na conversa telefônica dispõem da interação entre a tecnologia, a estrutura social e a comunicação falada. O autor afirma ainda que a conversa telefônica difere-se da conversa face-a-face em pelo menos três aspectos:

(1) a conversa telefônica é uma troca diádica. O telefone é um meio construído para duas partes³. Desde a invenção do telefone, a fala diádica uniu o discurso e a sentença como um exemplar central da comunicação humana falada. A descrição da conversa telefônica deve ser a descrição do diálogo, posto que os participantes, ao telefone, sinalizam sua atenção a cada turno de fala. Díades são mais simples de conceituar do que encontros de múltiplas partes: o limite imposto a duas partes implica em elocuições voltadas primeiramente para os ouvidos do parceiro. Sobre esse aspecto, Hopper acrescenta:

“Você pode ouvir sem querer uma conversa face-a-face por acidente, mas se você ouvir sem querer um telefonema é porque você está escutando escondido” (1992, p. 31)⁴;

(2) a conversa telefônica restringe a conversa aos sons. Pelo telefone é possível entrar em contato com a rica ecologia da conversa realizada somente em áudio. O telefone permite à fala a separação da co-presença visual. Essa limitação ao som, uma vantagem para os estudos da fala-em-

³ Em nota, Hopper (1992, p. 225) afirma que, embora as chamadas telefônicas hoje possam assumir a inclusão de múltiplas partes, a maioria dos “encontros” telefônicos ainda ocorre em duas partes apenas.

⁴ Para fins de citação neste trabalho, trazemos traduções informais nossas. Os excertos originais encontram-se em anexo. O mesmo é válido para as transcrições de conversas em inglês, depois das quais podem ser encontradas as respectivas traduções.

interação, fornece uma base empírica para o estudo da fala: a fala é o sistema central da comunicação interpessoal, conforme Hopper (1992):

“Reconhecemos, de fato, as vozes uns dos outros quase instantaneamente. Interpretamos, de fato, as nuances emocionais dos outros sem dos dados visuais. Essas experiências levantam um dos temas centrais no pensamento do século XX – a centralidade dos sons da fala para toda a experiência humana. Estudar os sons da fala é estudar o que é mais básico sobre a comunicação falada” (cf. Hopper, 1992, p. 8-9);

(3) encontros telefônicos possuem começo e término definidos. Conversas realizadas em co-presença nem sempre têm um começo e um término facilmente delimitado, porque dispõem de fatores como o reconhecimento visual, por exemplo, que dificultariam a determinação exata de quando o encontro social começa ou termina. Com conversas telefônicas, isso não ocorre, pois começa na chamada, geralmente com um repetitivo toque sonoro, e termina no momento em que as partes colocam o telefone no gancho.

Além desses três aspectos, há que se destacar mais um: a hegemonia do *chamador*⁵.

Hopper (1992) ilustra essa questão com uma anedota de 1897 (cf. Marvin, 1988, p. 72. *apud* Hopper, 1992, p. 32.), em que um pretendente já está há uma hora tentando convencer inutilmente uma “donzela” a se casar com ele:

“Só um minuto, Sr. Featherly”, ela disse, “Eu acho que o telefone está tocando”. E, na sua maneira majestosa, dirige-se ao aposento ao lado.

Momentos depois ela retorna e ele, em sua louca paixão, escuta:

“Sinto muito desapontá-lo, Sr. Featherly”, ela disse, “mas eu já estou comprometida. O Sr. Sampson, sabendo que o senhor estava aqui, apressou-se em me pedir a mão pelo telefone mesmo.”

⁵ Este é assim caracterizado por ser a pessoa que realiza a chamada. É aquele que liga, “que chama” o outro pelo telefone. A outra parte seria caracterizada como o *atendente*, isto é, o “que atende” ao chamado do telefone. Propomos esta nomenclatura porque desconhecemos uma tradução legitimada por especialistas para esses termos em português brasileiro.

Essa parábola não mostra somente a vitória de Sampson sobre Featherly. Mostra também a hegemonia do chamador sobre a atendente e, por tabela, sobre a pessoa que ela deixou esperando. O chamador ganha a mão da donzela em detrimento do rival, em co-presença. Isso mostra o poder do telefone em nossas vidas. Na maioria das vezes, para não dizermos sempre, interrompemos o que estamos fazendo para atendermos ao telefone. Por isso, permitir um telefone em casa ou no escritório (ou no bolso ou na bolsa, no caso do telefone celular) é permitir chamadas intrusivas. O chamador não sabe o que está acontecendo com o atendente, mas o rumo de nossas ações sociais pode mudar por conta de uma chamada telefônica. Em face disso, “descrever a conversa telefônica é entender melhor a nós mesmos” (Hopper, 1992, p. 4).

A hegemonia do chamador se caracteriza, então, como um poder sistemático de desigualdade entre chamadores e atendentes. Às vezes, argumenta-se que “o telefone é um nivelador social porque qualquer um pode chamar qualquer outra pessoa. Porém, o telefone desnivela o campo de representação do discurso humano ao favorecer os projetos do chamador à custa do atendente” (*ibidem*, p. 33).

Sobre a hegemonia do chamador, Hutchby (2001) acrescenta ainda que se trata de uma “dominância embutida” (p. 112), porque, enquanto o chamador sabe para quem está ligando e o que quer com ele/ela, o atendente dificilmente sabe quem está do outro lado da linha antes de atender o telefone. Atualmente, já estão disponíveis no mercado aparelhos identificadores de chamadas e também os que “guardam na memória” o último número que ligou para aquele telefone, além das secretárias eletrônicas. Todos esses mecanismos são estratégias modernas para reduzir a hegemonia do chamador. Todavia, Hutchby (*ibidem*) argumenta que, mesmo assim, esse aspecto da diferença entre a conversa face-a-face e a

telefônica não se perde, uma vez que é o chamador quem determina a agenda tópica do telefonema: ao ligar, ele tem inicialmente um propósito, e, mesmo que o atendente acrescente novos tópicos à conversa, a orientação dos participantes tende a girar em torno do propósito da ligação inserido pelo chamador.

Uma outra característica inerente às conversas telefônicas é a que Hutchby (*ibidem*) chama de “*intimidade à distância*” (p. 81-85). O telefone é, hoje em dia, uma ferramenta social relevante para a manutenção das relações humanas. É cada vez mais comum ouvirmos reclamações acerca da falta de tempo que impera nas sociedades urbanas atuais e, em decorrência disso, da dificuldade de as pessoas se encontrarem. Frente a esse contexto social contemporâneo, um novo fenômeno começa a surgir: as pessoas passaram a vislumbrar a possibilidade de partilhar suas experiências íntimas umas com as outras pelo telefone, isto é, à distância. Sobre isso, Hutchby (*ibidem*) afirma: “O telefone foi a primeira tecnologia de comunicação que capacitou as pessoas a falar como se estivessem em co-presença, quando, na verdade, não estão” (p. 85).

A partir da experiência com o telefone, reafirmamos a centralidade da fala para a comunicação e a centralidade do diálogo para a interação. As restrições da conversa telefônica tornam-na um ambiente eficaz para o estudo da interação social e, além disso, as descrições desse tipo de conversa podem abrir campo para se investigar outros contextos.

1.2. A aplicação do sistema de tomada de turno à conversa telefônica cotidiana

Como todo encontro social, aquele realizado através do telefone também se orienta a partir de cursos específicos de ação, como por exemplo, a abertura de um encontro por meio de saudações e cumprimentos ou o encerramento de um encontro por meio de

despedidas. Todavia, o sistema de tomada de turno é livre-de-contexto, ao mesmo tempo em que é sensível-ao-contexto⁶ (cf. Sacks et. al., 2003 [1974]). No caso da conversa telefônica, o encerramento de um encontro possui características próprias, que só são observáveis nesse contexto, mas não existem formatos “engessados” de encerramento de conversa telefônica, presos ao contexto em questão. O mesmo é válido para as aberturas ou outras ações que venham a ser realizadas numa interação pelo telefone.

Uma vantagem de se estudar a conversa telefônica é a possibilidade de análise da organização estrutural da conversa sem a necessidade de se examinar gestos, expressões faciais, organização do espaço, dentre outros domínios de ações (cf. Schegloff, 1979). Sendo assim, uma conversa espontânea realizada pelo telefone seria também caracterizada por “uma sistemática elementar para a organização da tomada de turnos”, em que Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]) tentam caracterizar o sistema de tomada de turnos na conversa e destacar alguns interesses dessa organização. Os autores afirmam que “a motivação disciplinar para tal trabalho é sociológica” (*ibidem*, p. 13) e justificam sua preocupação com a organização da tomada de turno:

“Tornou-se óbvio que, na grande maioria dos casos, uma parte fala de cada vez, embora os falantes se alternem, e embora a extensão dos turnos e a ordem dos turnos variem; que as transições são finamente coordenadas; que são usadas técnicas para a alocação de turnos, cuja caracterização faria parte de qualquer modelo de descrição de certos materiais de tomada de turnos; e que há técnicas para a construção de elocuições que são relevantes para o seu *status* de turno, que dizem respeito à coordenação da transferência e à alocação da vez de falar.” (*ibidem*, p. 13)

⁶ A noção de contexto aqui é a mesma assumida pela ACE, que “opera com uma noção de contexto estritamente em termos sequenciais adjacentes, apoiando a análise de dados exclusivamente nas orientações de comportamento demonstradas pelos participantes em suas falas no encontro, excluindo outras fontes de dados de natureza etnográfica.” (cf. Gago, 2003, p. 77) Uma discussão sobre o acréscimo de informações etnográficas às análises será feita mais adiante, quando nos referirmos à metodologia deste trabalho.

Na conversa telefônica, o acesso visual aos olhares, gestos e outras manifestações não-verbais não estão disponíveis para os falantes e, por isso, pode parecer ser mais complexa a decisão do momento adequado para se tomar a palavra ou cedê-la. Entretanto, a troca de falantes ocorre ao telefone da mesma forma como na interação face-a-face, sem que os participantes se orientem diferentemente para essa troca por estarem em situações distintas.

Qualquer falante, ao telefone, deve iniciar o seu turno “precisamente enquanto o outro pára de falar” (Hopper, 1992, p. 99). Isso nos remete ao que Sacks et. al. (2003 [1974]) consideram “*lugar relevante para a transição*” (p. 16-18), que seria o lugar da interação no qual o falante encerra o seu turno, ou, pelo menos, a sua unidade de construção de turno (doravante UCT), para que, seguindo algumas regras de alocação, o outro falante possa começar o seu turno ou, se isso não acontecer, o falante pode então continuar falando.

Com relação às técnicas de alocação de turno, estas são divididas em dois grupos: (i) aquelas em que o falante corrente seleciona o falante seguinte, e (ii) aquelas em que o falante seguinte se auto-seleciona.

Quanto às regras que governam a construção de turno, Sacks et. al. (2003 [1974]) postulam:

- (1) Para cada turno, o início do lugar relevante para transição para a troca de falantes pode ocorrer se:
 - (a) o falante corrente selecionar o próximo falante, pela técnica (i) e este tomar a palavra, iniciando o turno seguinte;
 - (b) o falante corrente não selecionar o próximo falante e, então qualquer parte puder – mas não necessariamente – se auto-

selecionar; a parte que tomar o turno primeiro adquire o direito ao turno e a transição, portanto, ocorre;

- (c) o falante corrente não selecionar o próximo falante e nenhuma outra parte se auto-selecionar; desta forma, o falante atual pode – mas não necessariamente – continuar falando, a menos que outro se auto-seleccione.

- (2) Se, no lugar inicial relevante para transição de uma unidade inicial de construção do turno, nem (1a) e nem (1b) operarem, seguindo a regra (1c), em que o falante atual continua, então o conjunto de regras a–c reaplica-se ao próximo lugar relevante para transição e recursivamente em cada lugar seguinte relevante para transição, até a transferência ser efetivada (cf. Sacks, et. al., 2003 [1974], p. 16-17).

A transição de turno, seja na conversa telefônica ou na interação face-a-face, pode ocorrer de três formas: suavemente (a forma “não-marcada”, cf. Hopper, 1992, p. 102), sem intervalos ou sobreposições; com um intervalo de tempo entre os turnos ou com uma leve sobreposição. A principal tarefa do próximo falante corrente é tomar o turno suavemente, ou seja, no lugar relevante de transição, evitando, ou pelo menos minimizando, os intervalos e as sobreposições. Sobre a minimização do intervalo e da sobreposição, Sacks et. al. (2003 [1974]) afirmam:

“O conjunto de regras, junto com as limitações impostas mutuamente pelas opções dentro dele, elimina o intervalo e a sobreposição da maior parte da conversa, ao eliminar o intervalo e a sobreposição da maioria dos turnos únicos. As regras possibilitam que as transferências de turno ocorram nos lugares relevantes para a transição, onde quer que o uso

da técnica de alocação tenha sido realizado no que tange à sua construção.” (Sacks et. al., 2003 [1974], p. 18)

A transição de turno ocorre de acordo com o tipo de UCT utilizada pelo falante. De acordo com Sacks et. al. (*ibidem*), elas podem ser do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais⁷. Os próprios autores afirmam que os tipos de UCT são construídos em termos sintáticos, mas uma sintaxe que seja relevante para o sistema da tomada de turnos. Hopper (1992) refere-se a essa “sintaxe-da-conversa”⁸ para denominar as características dos turnos dos falantes, os quais usam a sintaxe e o léxico de sua própria língua para julgar o ponto de finalização de um turno de fala. Esses “possíveis pontos de finalização” levam em conta o recorrente aparecimento de lugares relevantes para a transição (cf. regra (2), descrita acima).

Podemos perceber que os turnos se formam em seqüências e cada turno então deve ser considerado como um “turno-em-uma-série”, uma vez que cada turno se estrutura geralmente em três partes: “uma que aborda a relação de um turno com um anterior; uma envolvida com o que está ocupando o turno e uma que aborda a relação de um turno com o posterior.” (Sacks, et. al., 2003 [1974], p. 43).

Para entendermos a conversa como uma unidade de construção das relações sociais, precisamos, antes, observar como os turnos se organizam em seqüências conversacionais. Na próxima seção, destacamos a organização de seqüências a partir dos pares adjacentes, a sua unidade de construção, e também a organização da preferência existente na relação entre esses pares.

⁷ Ver exemplos na nota de rodapé número 12, em Sacks et. al. (2003 [1974], p. 65-67).

⁸ O termo original inglês é “Syntax-for-Conversation”. O autor indica também os outros pesquisadores que utilizaram esse termo – Goodwin, 1980; Schegloff, 1982; Volosinov, 1930; Hakulinen, 1990; Auer, 1990. (cf. Hopper, 1992, p. 105)

2. A organização de seqüências

Para entendermos os encerramentos de conversa telefônica, precisamos ter em mente como se processa a organização de seqüências. “Os turnos de fala não se seguem um ao outro como as idênticas contas de um colar” (Schegloff, 1995, p. 1). Embora possam ser organizados como “um turno-em-uma-série”, não são agrupados como montes de material conversacional disponível que parecem se ligar por algum motivo tópico. A tendência mais comum é pensar que os turnos de fala se associam por questões tópicas, isto é, eles se juntam porque são algo “sobre” alguma coisa, mas Schegloff (*ibidem*) afirma que essa base da fala-em-interação é melhor examinada com relação às ações em curso do que no que se refere à topicalidade da conversa. Pensar, portanto, em grupos de ação é pensar em “cursos de ação” dispostos em uma trajetória. Para isso, o autor diferencia a “organização seqüencial” da “organização de seqüências”.

Organização seqüencial é um termo mais geral, pois se refere a qualquer tipo de organização que envolve o relativo posicionamento dos enunciados ou ações. A tomada de turno é um tipo de organização seqüencial porque diz respeito à relativa ordem dos falantes, das UCTs e diferentes tipos de elocuições. Já a organização de seqüências é um termo mais específico, porque é um outro tipo de organização seqüencial. Seu escopo é a organização dos cursos de ação desempenhados na fala – sucessões ou “seqüências” de atos ou “movimentos” coerentes, ordenados, significativos.

Hutchby (2001) considera que os entendimentos que os participantes têm um do outro são demonstrados na interação mutuamente através da organização seqüencial da

tomada de turno. Para ele, a ACe está interessada em como os participantes estabelecem a relação entre os turnos, não apenas serialmente, mas seqüencialmente.

As partes da fala-em-interação monitoram a fala-em-um-turno no curso de sua produção para examinarem aspectos como a finalização de um turno e/ ou quem foi selecionado como próximo falante. Também monitoram e analisam as ações que cada qual pode vir a desempenhar no seu turno. Uma pergunta básica para qualquer trecho de fala-em-interação é “por que isso agora”, e a questão-chave nessa perspectiva é o que está sendo feito por “isso” (cf. Schegloff e Sacks, 1973 e em seção adiante). Então, cada turno – na verdade, cada UCT – pode ser inspecionado pelos co-participantes para verem quais ações estão sendo desempenhadas ali. As seqüências de turnos não são desorganizadas, mas têm uma estrutura baseada na sua relação com a seqüência anterior, na sua realização em si e na sua projeção para a próxima seqüência, como veremos nas páginas que se seguem.

2.1. O Par Adjacente como Unidade para a Construção de Seqüências

A unidade básica da construção de seqüências é o par adjacente. Os pares adjacentes são um recurso para a construção de seqüências assim como a UCT é um recurso para a construção do turno.

O par adjacente consiste, segundo Schegloff e Sacks em: (1) duas extensões de elocução (2) posicionadas adjacientemente, sendo que (3) cada elocução é produzida por diferentes falantes. Além disso, eles exibem (4) uma ordem relativa – uma primeira parte do par (doravante, PPP) seguida de uma segunda parte do par (doravante, SPP) – e (5) relações discriminadas, isto é, o tipo de PPP é relevante para a seleção da SPP correspondente (1973, p. 238). A uma PPP, por exemplo, de um cumprimento, cabe a

produção de uma SPP recíproca de cumprimento; à PPP de um convite cabe a produção de uma SPP em que se tenha um aceite ou uma recusa a esse convite.

A definição dos pares adjacentes remete a uma característica básica para a operação de tais pares: a *relevância condicional*, segundo a qual, dada a produção reconhecível de uma PPP, na sua possível finalização, um próximo falante deve começar a falar (geralmente selecionado como próximo falante pela PPP) e deve produzir uma SPP do mesmo tipo de par. Hutchby and Wooffitt (1998, p. 98) consideram que, dada a condição inicial de uma primeira parte do par enunciada, a segunda parte do par é, então, relevante; conseqüentemente, a ausência de tal segunda parte do par é uma “ausência notável”, e o falante da primeira parte do par pode formular uma razão para essa ausência.

Segundo Hutchby (2001), a percepção dessa ausência é forte em dois níveis. Primeiro, porque inferências motivacionais podem ser construídas a partir da não-ocorrência de uma SPP depois da produção da PPP, isto é, a falta de resposta para uma pergunta pode ser indicação de evasividade; um cumprimento que não é respondido pode ser tomado como rudeza, bem como não se defender de uma acusação pode ser interpretado como admissão da culpa. O segundo nível de força da restrição imposta pela relevância condicional é que as partes do par não estão limitadas apenas à adjacência literal. Uma ação intermediária pode ocorrer entre as partes do par e nem por isso impedir a relevância condicional.

Nenhum desses fatores, porém, é rígido ou invariante. Alguns tipos de elocuições podem ser usados tanto como PPP quanto como SPP e/ou sob determinadas circunstâncias, como PPP e SPP ao mesmo tempo. Algumas características que exploram um pouco essa flexibilidade são:

1) SPPs alternativas: alguns tipos de seqüência parecem ter um só tipo de SPP (por exemplo, para cumprimentos e despedidas, embora exista uma variedade de possibilidades – “oi”, “olá”, “tchau”, “até mais” – a tendência é que a SPP seja recíproca – “oi”, “oi”; “tchau”, “tchau”), mas existem situações em que tipos diferentes de SPP podem responder a uma PPP: os receptores das PPP’s podem lançar mão de ações alternativas não-equivalentes para ocuparem a posição de SPP. Um convite, por exemplo, pode ser aceito ou rejeitado; um pedido pode ser concedido ou negado.

2) Reversores: depois de uma PPP, o turno seguinte pode ser um “reversor”, isto é, antes de “responder” com uma SPP, a mesma PPP é redirecionada para aquela parte que a formulou. Eles então revertem a direção da seqüência e o seu fluxo, como podemos ver no exemplo a seguir (cf. Schegloff, 1995):

[Schefflen, 1961: 114, as adapted in Peyrot, 1994: 17]

→ 01 Patient: Do you think I’m insane now.
02 Doctor: Do you think so?
03 Patient: No, of course not.
04 Doctor: But I think you are.

[Schefflen, 1961: 114, adaptado de Peyrot, 1994: 17]

→ 01 Paciente: você acha que eu tô louco agora.
02 Médico: você acha isso?
03 Paciente: não, claro que não.
04 Médico: mas eu acho que você está.

Nesse exemplo, a pergunta do médico (linha 02) é um reversor, pois redireciona a pergunta do paciente para que ele mesmo responda (linha 03). Só depois (linha 04), o médico responde à pergunta feita inicialmente pelo paciente (linha 01).

- 3) Regras de relevância e observação negativa: Notar a ausência de algo na interação e perceber a sua importância naquele ponto constitui em uma observação negativa. Observações negativas implicam em ausências relevantes e ausências relevantes implicam em regras de relevância. A organização de pares adjacentes é também o principal lugar das regras de relevância. É a ocorrência de uma PPP que torna alguns tipos de SPP relevantes – relevância essa condicionada pela PPP. Mas as regras de relevância contribuem não só para a forma como os silêncios podem ser ouvidos, mas também para a maneira como a fala em si pode ser ouvida. Citamos, como exemplo, um dos encerramentos de nossos dados:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 03: 24-27]⁹ (p. 187)

→ 24 Verônica: <então tá.>
25 (.)
26 Verônica: tchau.
27 Dorinha: tchau.

⁹ A indicação, sempre entre colchetes, servirá, ao longo de todo o trabalho, para apontar o local exato do trecho transcrito, uma vez que a transcrição por completo se encontrará na parte dos anexos. As palavras em caixa alta indicam o título da transcrição (no caso, TIA E SOBRINHO E IRMÃS indica “Conversa telefônica entre tia e sobrinho e entre irmãs”). O número logo a seguir aponta a página da transcrição e o número depois dos dois-pontos, separados por hífen se referem às linhas onde começa e termina o recorte da transcrição. Neste caso, por exemplo, foi feito o recorte da transcrição da conversa telefônica entre tia e sobrinho e entre irmãs, a partir da página número 3, da linha 24 até a linha 27. Nos casos em que o recorte feito ocupa mais de uma página de transcrição, o número depois do título aponta a página da transcrição e o número seguinte aos dois pontos se refere à linha onde começa o recorte. O número após o hífen indica a página e o número após os dois pontos indica a linha onde a transcrição termina. Ex.: [MÃE E FILHO 01:51-02:17]. As setas e os termos em negrito apontam os trechos em destaque nas observações textuais e/ ou análises. A indicação entre parênteses aponta para a página dessa dissertação onde se encontra o trecho transcrito.

Nesse exemplo, não ocorreu a SPP relevante para a primeira ação de Verônica (“<então tá.>”, linha 24) – que seria uma SPP_{pré-terminal} em resposta à PPP_{pré-terminal} anterior, haja vista a descontinuidade a seguir (“(.)”, linha 25). Isso demonstra que a ausência dessa SPP foi observada pelas partes, mesmo que minimamente (com menos de dois décimos de segundo). Mesmo assim, a partir disso, Verônica então prossegue o ritual de encerramento (“tchau.”, linha 26), e a interação enfim se encerra, dessa vez com uma resposta efetiva de Dorinha (“tchau.”, linha 27).

- 4) Resultado: O que as regras de relevância fazem é estabelecer os termos iniciais para a conduta e interpretação nos próximos momentos seguintes à sua invocação. Eles não definem tais momentos nem o que vai ocorrer neles. Nada na interação é unilateral. No entanto, é por referência à PPP que o que se segue será selecionado, feito, entendido. A ação que alguma fala pode desempenhar pode ser baseada na sua posição e não apenas na sua composição – não só as palavras que a compõem, mas a localização (depois de uma pergunta, por exemplo).

A localização seqüencial das ações determina o que cada participante pretende com seus turnos. De acordo com o autor, uma pergunta, por exemplo, torna relevante a sua resposta ou uma explicação pelo não-oferecimento da resposta. Para ele, como a estrutura dos pares adjacentes é confiável e explicável para as ações, o mesmo vale para a interpretação dessas ações. Com isso, qualquer análise, entendimento ou apreciação do turno anterior será demonstrada no turno seguinte pelo receptor da PPP.

Segundo Hutchby (2001), na fala-em-interação, os falantes demonstram em seus turnos o entendimento que tiveram do turno anterior. Isso foi descrito por Sacks et. al. (2003 [1974]) como o “procedimento da prova do próximo turno” (p. 53) e é, segundo Hutchby (2001), a ferramenta mais básica da ACe para assegurar que as análises explicam as propriedades da fala enquanto realizações dos participantes, e não meras considerações do analista. Um exemplo clássico (cf. Hutchby, 2001, pp. 68-69, também apresentado em Heritage, 1984, p. 257) a ser destacado aqui é a conversa de uma mãe com o seu filho sobre o encontro da associação de pais e professores:

[Family Dinner]

01 Mother: Do you know who's going to that meeting?
02 Russ: Who?
03 Mother: I don't know!
04 Russ: Oh, probably Mr Murphy and Dad said Mrs Timpte an' some
05 of the teachers.

[Jantar em família]

01 Mãe: você sabe quem vai a esse encontro?
02 Russ: quem?
03 Mãe: eu não sei↑
04 Russ: ah, provavelmente o senhor Murphy e o pai disseram
05 (que) a senhora Timpte e alguns dos professores.

Nesse exemplo, o filho toma a primeira fala da mãe como um pré-anúncio, tanto que colaborativamente inclui uma pergunta (linha 02) no lugar relevante para transição do turno anterior (linha 01). Essa pergunta, como um pedido de informação, pressupõe que a mãe tenha a sua resposta. Entretanto, a orientação dela era outra: o seu turno (linha 01) era um pedido de informação, e não um pré-anúncio. Evidência dessa orientação é o seu turno seguinte (linha 03) em que ela desfaz o mal-entendido do filho, o qual, em seu próximo

turno (linha 04), se alinha com a ação da mãe e fornece as informações que tem sobre as pessoas que estarão presentes no encontro.

A interação conversacional, portanto, é estruturada por uma organização de ação implementada em uma base turno-a-turno. Essa organização pressupõe, segundo Heritage (1984), um contexto de entendimentos intersubjetivos continuamente atualizados e demonstrados pelos participantes como sistemáticos. Essa idéia foi expressa pelo autor com o conceito de “arquitetura da intersubjetividade”.

2.2. O tratamento das seqüências interacionais

Para a ACe, o foco de análise é a organização seqüencial da interação, noção à qual subjazem idéias fundamentais, de acordo com Heritage (1995, p. 398): primeiro, ao desenvolver uma ação corrente, os falantes normalmente projetam (empiricamente) e exigem (normativamente) a relevância de uma “próxima” ou conjunto de possíveis “próximas” ações a serem realizadas pelo falante subsequente (relevância condicional¹⁰); segundo, ao construir um turno de fala, falantes geralmente se endereçam à fala precedente e, de modo mais comum, à fala imediatamente precedente; terceiro, pela produção de ações seguintes, os falantes mostram um entendimento de uma ação anterior e o fazem então em uma multiplicidade de níveis, como, por exemplo, compreendendo que foi uma ação finalizada, além de uma ação endereçada a alguém, bem com responsiva a uma ação anterior¹¹. Em razão disso, o autor conclui que as análises pautadas na ACe são, portanto,

¹⁰ Sobre relevância condicional, ver subseção 2.1, “O par adjacente como unidade para a construção de seqüências”.

¹¹ Cf. noção de intersubjetividade, discutida no capítulo 1, “A Análise da Conversa etnometodológica e sua importância no estudo da conversa telefônica”.

análises de ações, administradas pelo contexto e intersubjetivas porque todos esses três fatores são, simultaneamente, os objetos das ações dos atores sociais.

Em certas ações, a relevância condicional pode ajudar o analista a definir uma seqüência como um fenômeno interacional consistente, principalmente devido ao princípio etnometodológico da justificabilidade. Se alguém, por exemplo, demonstra em sua conduta que está notando a “ausência” de um determinado tipo de turno – a SPP correspondente, no caso – por parte do outro (o co-participante), isso demonstra, então, sua própria orientação para a relevância da seqüência que o analista está objetivando descrever (cf. Hutchby and Wooffitt, 1998, p. 98). Além disso, os autores consideram importante destacar que o objetivo da ACE não é simplesmente construir descrições de padrões em grandes coletâneas, mas sublinhar que a pesquisa tem um interesse sociológico nas funções interacionais e sociais dos fenômenos conversacionais identificáveis. Exatamente por isso, eles apontam três estágios de pesquisa em ACE: o primeiro seria localizar um fenômeno potencialmente interessante nos dados colhidos; o segundo seria descrever formalmente – tendo coletado uma quantidade considerável de exemplos – uma ocorrência específica, levando em conta o seu contexto seqüencial (os tipo de turnos que o precedem e o seguem), e o terceiro momento da pesquisa seria retornar aos dados para ver se outros exemplos do fenômeno podem ser descritos nos termos da explicação elaborada anteriormente. No processo, a explicação precisaria ser refinada e, gradualmente, uma explicação formal de um padrão seqüencial pode ser desenvolvido. A partir dessa estruturação dos momentos de pesquisa, para fins de análise do fenômeno destacado pelo pesquisador, duas perguntas analíticas são propostas pelos autores (*ibidem*, p. 99), quais sejam: (i) que tarefa interacional está sendo realizada por meio do uso de um padrão seqüencial? e (ii) como os participantes demonstram sua orientação ativa para essa tarefa?

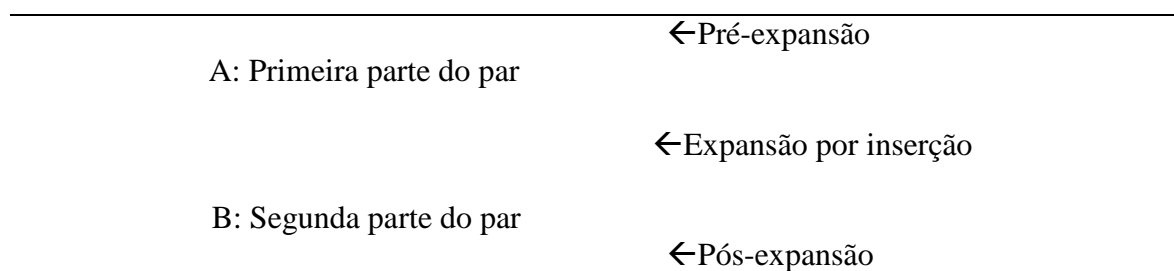
Complementamos essas perguntas de Hutchby e Wooffitt com as indicações propostas por Garcez (2004) sobre pesquisa qualitativa interpretativa no estudo da fala-em-interação social, em que ele afirma que as perguntas devem ser do tipo: (i) o que está acontecendo em termos de ação social neste cenário específico?; (ii) o que essas ações significam para os atores na hora em que são realizadas?; (iii) como isso tudo se organiza em padrões de organização social e de princípios culturais para se conduzir a vida cotidiana?; (iv) como o que está acontecendo aqui se liga com o que se passa mais adiante em outros sistemas de ação? e (v) como a organização da vida cotidiana neste cenário se compara com a organização em outros momentos e lugares? A partir dessas perguntas, as respostas serão encontradas com os seguintes objetivos: evidenciar a invisibilidade da vida cotidiana, fazendo com que aquilo que é familiar torne-se estranho, problemático, visível e passível de reflexão; compreender especificamente o fenômeno, mediante documentação de detalhes concretos da prática, uma vez que a descrição, aliada à argumentação e à documentação rigorosa, gera uma explicação e um conhecimento reflexivo; demonstrar que significados locais podem variar muito, mesmo que as ações sejam semelhantes; dar vez à necessidade de compreensão comparativa sobre o que se passa em cenários diferentes, bem como à necessidade de compreensão comparativa além das fronteiras do cenário local.

2.3. As expansões de seqüências e sua relação com o encerramento de conversas

Schegloff (1995) afirma que seqüências mínimas, com a realização do par adjacente em dois turnos, são comuns e formulaicas, nas seções de encerramento de conversas. A seqüência final de despedida “tchau-tchau”, por exemplo, é uma seqüência em que o par adjacente se realiza de forma mínima. No entanto, seqüências de encerramento, bem como

qualquer outra ação na fala-em-interação, podem não ocorrer na sua forma mínima, não expandida, apenas. A unidade básica dos pares adjacentes pode sofrer expansão na seção de encerramento¹² ou em qualquer outro contexto da conversa.

Por esse motivo, é necessário apresentarmos o quadro de expansão de seqüências, de acordo com o esquema a seguir:



Esquema 1: os lugares possíveis para a expansão do par adjacente (cf. Schegloff, 1995)

O primeiro lugar no qual uma unidade de duas partes pode ser expandida é antes da sua primeira parte – daí o termo “pré-expansão”. As partes em uma troca de fala com pré-expansão demonstram uma orientação em desenvolvê-la com relação a um par adjacente de base que pode ser realizado logo a seguir. Normalmente, as pré-expansões ocorrem em pares adjacentes e podem, portanto, ser consideradas “pré-seqüências”: são seqüências que ocorrem antes de outras seqüências – são vistas como “pré” porque são preliminares a algum tipo de seqüência específico: um convite, uma oferta, um pedido, um anúncio etc. Assim, denominam-se pré-convite, pré-oferta, pré-pedido, pré-anúncio etc., de acordo com a respectiva ação da qual são preliminares.

Um par adjacente definido como pré-seqüência tem duas características: torna relevante a ocorrência de uma ação responsiva por meio de uma SPP e, em decorrência

¹² Neste trabalho, utilizaremos a expressão “seção de encerramento” para designar o conjunto de turnos que vai desde a primeira sinalização de encerramento até o fim efetivo do telefonema ou até o turno em que os falantes se orientam para continuar a interação. Nos casos em que essa segunda possibilidade se configura, uma nova seção de encerramento terá início na próxima sinalização de término da conversa.

disso, averigua a possibilidade de se prosseguir com a PPP de base. As SPP's de uma pré-expansão podem ser do tipo encorajadora, isto é, podem levar o produtor da PPP da pré-sequência a se orientar para produzir a PPP_{base}, ou podem ser do tipo bloqueadora, que, como o nome indica, impedem a realização da PPP_{base}.

As respostas, entretanto, não são únicas. Elas podem levar as partes a se orientar de forma diferente de acordo com a situação interacional criada. Por exemplo, o receptor de uma oferta ou de um convite pode aceitá-lo ou rejeitá-lo; pedidos podem ser concedidos ou recusados.

De acordo com a vasta gama de possibilidades que uma pré-sequência pode oferecer, as ações responsivas podem se configurar como favoráveis ou não à sequência projetada. Nessa linha de raciocínio, Schegloff considera que “as seqüências são o veículo para a obtenção de alguma atividade realizada, e aquela resposta à PPP que incorpora ou favorece a realização da atividade é a SPP favorecida – ou, em termos técnicos, preferida” (1995, p. 55).

As questões-chave na organização da preferência/ despreferência dizem respeito ao *alinhamento*, na medida em que uma segunda ação dá suporte à primeira. De modo geral, Schegloff (*ibidem*) considera que ações responsivas alinhadas à ação anterior (como concessões, concordâncias, aceitações) são chamadas de ações *preferidas*, enquanto aquelas que se alinham menos com a ação precedente (recusas, discordâncias) são consideradas ações *despreferidas*. É importante destacar nessa discussão de preferência/ despreferência que o foco está em um fator sócio-interacional das seqüências, e não em um fator psicológico. Os termos “preferido” e “despreferido” se referem a uma relação estrutural das partes das seqüências, e não remetem à intencionalidade das partes.

Além das pré-expansões e da estrutura de preferência que elas estabelecem, os pares adjacentes admitem também expansões por inserção e pós-expansões. Expansões por inserção não parecem muito comuns em seqüências de encerramento, nem mesmo nas de reparo¹³, embora aconteçam. Como a seqüência de encerramento é bastante formulaica, a possibilidade de falha na escuta ou no entendimento do turno do outro se reduz e, com isso, o ambiente para o surgimento de reparos inseridos nas seqüências terminais também diminui. Assim como em qualquer outra parte da interação há a possibilidade de se encontrarem itens lingüísticos passíveis de reparo, também na seção de encerramento isso é possível. Contudo, o tratamento de tais seqüências pelos participantes não é, na seção terminal, diferente do tratamento dado à ocorrência de “reparáveis” em outros momentos da conversa.

De toda forma, tais seqüências são denominadas inseridas por se encontrarem entre os termos do par adjacente de base – depois da PPP_{base} e antes da SPP_{base} . Falantes de uma PPP podem “refazer” uma ação, por exemplo, revertendo a sua preferência para que a ação responsiva correspondente possa se realizar como preferida. Por outro lado, respostas despreferidas implicariam em uma reformulação da PPP. O início de uma seqüência por inserção desloca a SPP_{base} . Em vez de neutralizar ou redirecionar a relevância condicional da SPP_{base} , seqüências por inserção projetam-na para frente, isto é, quando tal seqüência é finalizada, a SPP_{base} é novamente a próxima relevante.

As seqüências por inserção podem ser do tipo “pós-primeira” ou “pré-segunda”. Estas se endereçam ao que está para ser feito a seguir, pois, nos termos de Schegloff (1995) “olham para frente”. Aquelas, em contrapartida, são oportunidades de levantar questões a

¹³ Sobre reparo, ver Schegloff, Jefferson e Sacks (1977). A observação dos reparos neste trabalho se limita apenas às suas ocorrências locais, sem nenhum tratamento especial da questão.

partir do que se precedeu, isto é, “olham para trás”. Quando co-ocorrem, pós-primeiras antecedem pré-segundas.

Além das expansões por inserção, o par adjacente de base pode sofrer também pós-expansão. As partes de uma interação podem tratar a ocorrência de uma SPP como o final de uma seqüência e incorporar isso dando início a uma nova seqüência ou permitindo um intervalo maior de fala (um “lapso”). Se nenhuma dessas duas possibilidades ocorre (isto é, se não se inicia uma nova seqüência na interação nem há um silêncio após a SPP_{base}), a tendência é o aparecimento, após a SPP_{base} , de mais material conversacional que não se caracteriza como início de uma nova seqüência. Esses materiais podem surgir minimamente, ou seja, sem a configuração do par adjacente – sendo denominados pós-expansões mínimas –, ou podem aparecer na forma de pares adjacentes, mas ainda ligados à seqüência da ação-base – são considerados, nesse caso, pós-expansões não-mínimas.

Com relação às pós-expansões, observamos em nossos dados a ocorrência de *pós-expansões mínimas*, as quais envolvem o acréscimo de um turno adicional seguido à SPP de base da seqüência. Chama-se “mínima” porque não projeta mais nenhuma ação para a seqüência e propõe, com isso, o encerramento da seqüência em curso. É também chamada de “terceiro turno de encerramento de seqüências” (do inglês, *sequence-closing third turn*) e pode ser definida da seguinte forma:

“dado o posicionamento [de um turno em pós-expansão mínima] depois de uma segunda parte do par [adjacente] e seu movimento feito de forma que o turno pode *incorporar* o encerramento da seqüência, se sustentado pelos participantes, podemos nos referir a ele como sendo um terceiro turno de encerramento de seqüência. Terceiros turnos de encerramentos de seqüências são encontrados depois de segundas partes do par preferidas ou despreferidas (mesmo que tenham uma importância interacional diferenciada nos dois contextos)” (Schegloff, 1995, p. 114, *italico no original*).

Encontramos também certos tipos de *pós-expansões não-mínimas*, assim denominadas para se referir às pós-expansões que, após a SPP_{base} , se constituem de uma PPP, que torna relevante a realização de uma SPP correspondente. É importante destacar, entretanto, que essa SPP correspondente pode não ocorrer. Nas seções de encerramento, pode ocorrer a pós-expansão por “reanálise”, repetindo, renovando e/ou ressaltando um termo usado no par de base. Ao fazer isso, a pós-expansão “re-analisa” a seqüência anterior, ou seja, recupera a relevância da ocorrência do par terminal, talvez para amenizar a forma abrupta como o encerramento foi proposto. Para exemplificar, vejamos a seqüência terminal a seguir, em que podemos ver um “tchau” funcionando como terceiro turno de encerramento de seqüência:

[PRIMOS 07: 31-48] (p. 194)

31 Humberto: [.hhh aqui, é-
 32 eu vou passar pra mãe [então.
 33 Cláudia: [falou meu [filho,]fica com=
 34 Humberto: [tá bom?]
 35 Cláudia: =deus, [um beijão] grande pra você, [tá?, tcha-
 36 Humberto: [falo:::u.] [beijo , aí quarta
 37 à noite eu te ligo.
 38 Cláudia: en[tão falou,] tch[au.
 39 Humberto: [tá bom?] [falou. >>tchau tchau.<<((passa o
 40 telefone))
 → 41 Cláudia: **tchau.**
 42 Verônica: oi?
 43 Cláudia: esse negócio de ficar gravando a minha voz eu não tô
 44 gostando não, [°tá°.
 45 Verônica: [ah, mas eu vou gravar a minha, ó, quer
 46 gravar muito bem. [hihihihi
 47 Cláudia: [hehehehe olha cê pára com isso hein?
 48 Verônica: eu (h) não(h) tô nem aí.

Percebemos que Cláudia já havia proferido uma $PPP_{terminal}$ antes (“tch[au.”, linha 38) e que Humberto também já havia realizado a ação recíproca – $SPP_{terminal}$ (“[falou. >>tchau tchau.<<”, linha 39), quando Cláudia desenvolve o turno seguinte (“tchau.”,

linha 41), tanto que Humberto, nesse momento, já havia até passado o telefone para a mãe, considerando, portanto, a seqüência – e a conversa, conseqüentemente – encerrada. Este turno de Cláudia (“tchau.”, linha 41), então, pode ser considerado uma pós-expansão por “reanálise”, pois repete a última UCT do seu turno precedente para suavizar os efeitos da união, em um mesmo turno, da PPP_{pré-terminal} com a PPP_{terminal} (cf. linha 39).

Em alguns casos, a finalização de uma seqüência conversacional pode ser indicativa de que a interação está chegando ao fim. Em geral, seqüências com SPP’s preferidas tendem a ser “relevantes para o encerramento [da seqüência em curso]” e seqüências com SPP’s despreferidas tendem a ser “relevantes para a [sua] expansão” (*ibidem*, p. 113), ou seja, respostas preferidas tendem a encaminhar a seqüência para o final, e respostas despreferidas tendem a expandir a seqüência, seja ela terminal ou não. Isso é particularmente importante, em se tratando de seqüências de encerramento, pois é justamente a ocorrência, ou não, de ações responsivas relevantes de acordo com a organização da preferência que vai determinar o fim da conversa.

No caso da seqüência de encerramento, destacamos que a pré-seqüência que pode se configurar como pré-expansão é a seqüência pré-terminal, porque ela projeta a possibilidade de produção de um par de turnos terminais na conversa e, além disso, torna relevante a produção da segunda parte do par pré-terminal, antes da realização do par terminal. A essa constituição da seqüência de encerramento, Button (1987) chamou “seqüência arquetípica de encerramento”. Dessa forma, teríamos a seguinte formatação da seqüência terminal:

A: PPP_{pré-terminal}

B: SPP_{pré-terminal}

A: PPP_{terminal}

B: SPP_{terminal}

Esquema 2: A formatação do par adjacente terminal, precedido por pré-expansão.

A estrutura conversacional pode projetar a ocorrência de mais interação, apenas deixando em suspenso o estado relacional dos falantes. A seguir, veremos como e em que contextos conversacionais se realizam as seqüências terminais em uma conversa.

3. Sobre encerramentos de interações via telefone

Os estudos sobre encerramentos de conversa telefônica cotidiana a que tivemos acesso utilizam dados do contexto anglo-saxônico. Apresentamos, a seguir, as contribuições de cada um desses estudos, as quais vão direcionar as discussões do capítulo analítico (em que constarão nossas reflexões sobre o encerramento de conversa telefônica cotidiana em português brasileiro) ¹⁴.

3.1. A contribuição de Schegloff e Sacks (1973)

Um dos textos básicos sobre encerramentos de conversa cotidiana foi escrito por Schegloff e Sacks (1973), quando o texto sobre a sistemática elementar para a organização da tomada de turno (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974) ainda não tinha sido publicado. O objetivo do trabalho de Schegloff e Sacks (1973) é relatar de uma maneira preliminar as análises que desenvolveram sobre encerramentos de conversas. A tarefa inicial dos autores foi desenvolver uma base técnica para o problema do encerramento, a partir de considerações feitas acerca da organização dos turnos de fala. Tendo desenvolvido uma solução parcial para o problema, por meio do sistema de organização da tomada de turno, ainda em construção, a insuficiência dessa solução leva à elaboração de um novo problema, que exige referência à organização do tópico de fala e da organização estrutural global da conversa como uma unidade.

¹⁴ Além do texto de Ostermann (2002), que aborda a questão dos encerramentos de interações, porém em alguns ambientes face-a-face, institucionalmente orientados, temos conhecimento também de um trabalho sendo desenvolvido pelo pesquisador português Tiago Freitas sobre o mesmo tema com dados do português europeu, ao qual ainda não tivemos acesso.

3.1.1. A suspensão da relevância da transição de turnos

A respeito do encerramento de interações cotidianas, dois problemas podem ser formulados, quais sejam: (1) como organizar a chegada simultânea dos co-participantes a um ponto em que a finalização do turno de um falante não ocasionará a fala de um outro falante, e isso não será ouvido como silêncio do falante e (2) como coordenar a suspensão da relevância de transição em um possível término da elocução.

A partir dessas questões, uma solução aproximada envolveria o uso de uma “troca terminal” composta de partes convencionais, como, por exemplo, uma troca de “tchau” (cf. Schegloff e Sacks, 1973). Uma troca terminal pode servir para suspender a relevância de transição em possíveis finalizações de seqüências porque se configura como um par adjacente¹⁵.

Os pares adjacentes são apresentados como solução para o problema dos encerramentos de interações porque, ao fornecerem uma relevância de transição depois da ocorrência de uma SPP, os falantes podem então revelar sua orientação para o encerramento no *agora* da interação. A não-orientação recíproca para o término da conversa pode sinalizar alguns “desajustes” interacionais entre os participantes. Por exemplo, se uma pessoa diz “tchau” e não deixa espaço para o outro responder, isso expressaria algo como raiva, rispidez ou outros sentimentos semelhantes.

¹⁵ Mais detalhes na subseção 2.1. “O par adjacente como unidade para a construção de seqüências”, em que apresentamos as características básicas do par adjacente.

3.1.2. A localização das seqüências terminais na conversa

A localização das PPP_{pré-terminais} não ocorre livremente. De acordo com Schegloff e Sacks (1973), “uma questão (para os participantes) sobre as elocuições na conversa é ‘por que isso agora’, uma questão cuja análise pode também ser relevante para se descobrir que ‘isso’ é esse.” (p. 241). Se, por exemplo, o que determina uma resposta como tal não é o seu traço fonológico, sintático, semântico ou lógico, então o que o faz é a sua localização seqüencial depois de uma pergunta. O mesmo ocorre com as trocas terminais, que só são vistas como tal quando localizadas no final de uma conversa, a menos que possuam certas características (como os traços apresentados acima) que as identifiquem independentemente de seu posicionamento no curso da interação.

Perguntas do tipo “eu te acordei?” ou “você tava ocupado(a)?” no início da interação funcionam como “ofertas pré-tópicas de encerramento” (*ibidem*, p. 254). Uma consequência disso é que a possibilidade central nesse caso é a continuação da conversa, e não o encerramento. Se a resposta for uma negação a essas perguntas, então a conversa continua, mas se o questionamento obtiver uma resposta afirmativa, segue-se uma seção de encerramento, incluindo combinações do tipo “então depois eu te ligo” e a interação pode chegar ao fim. Teríamos então as assim chamadas “ofertas de encerramento pré-primeiro tópico” (*ibidem*, p. 255), pois essas perguntas podem ser feitas antes do ponto onde geralmente se localiza o primeiro tópico da conversa¹⁶ e podem ser “aproveitadas” pelos participantes no final do encontro. No entanto, se essas perguntas impedirem a inserção de um novo tópico na interação, os participantes tendem a interpretar que “não houve

¹⁶ Para mais detalhes sobre a localização do primeiro tópico da conversa, ver Schegloff (1986).

conversa”, já que não houve a inserção de algo que seria tido como o primeiro tópico do encontro.

Diferentemente do início, que tem um ponto exato de localização, isto é, somos capazes de demarcar exatamente onde começa uma conversa¹⁷, os momentos finais do evento conversacional não são facilmente pré-determinados. Para tanto, é preciso olhar para toda a organização estrutural da conversa, no que se refere à organização dos tópicos de fala presentes na unidade que eles denominam “uma conversa única”. Com isso, conceder a um tópico o status de “primeiro tópico” na conversa pode lhe atribuir, também, o status de motivo da conversa, na perspectiva dos participantes, isto é, os próprios envolvidos na conversa, pelo princípio etnometodológico da justificabilidade, seriam capazes de prestar contas do fato em uma conversa posterior, dizendo algo como “ele (ela) me ligou para...”, referindo-se ao que se considerou o “primeiro tópico” da conversa. Isso gera um outro problema para as partes, que podem não querer dar uma especial importância concedida a algo dito como primeiro tópico e que podem não querer preservá-lo como motivo da conversa, pois parece que uma forma de fazer surgir um primeiro tópico é construir recursos de organização local de elocuições no decorrer da conversa, de modo que isso ocorra naturalmente.

3.1.3. Os pré-encerramentos

As considerações sobre estrutura de tópicos remetem às considerações sobre a localização dos encerramentos. A primeira forma de se iniciar uma seção de encerramento é

¹⁷ Em conversas telefônicas, é ainda mais fácil identificar esse ponto, pois o início se dá com o toque do telefone, seguido do primeiro “alô” em resposta a esse toque – sequência de chamamento-resposta (cf. Schegloff, 1972).

por meio do pré-encerramento, que se dá por meio das seguintes formas, em inglês: “*we-ell...*”, “*O.K. ...*”, “*So-oo*” etc (com contorno de entonação descendente, constituindo toda a elocução). Em nosso *corpus*, encontramos, como componentes sonoros de pré-encerramento, os termos: “então tá”, “tá”, “tá bom”, “falou então”. Esses pré-encerramentos devem ser considerados, de acordo com Schegloff e Sacks (1973), “*possíveis pré-encerramentos*” (p. 246-248), porque têm a função de destacar a relevância do início de uma seção de encerramento. Eles ocupam o turno do falante para produzir tanto uma elocução topicamente coerente quanto a iniciação de um novo tópico. Com eles, o falante toma o turno com a tarefa de indicar que não tem mais nada a falar e, assim, cede um turno livre ao outro. Este, sem violar a coerência tópica, tem a oportunidade de prosseguir com a seção de encerramento ou de continuar a conversa, inserindo um novo tópico.

Possíveis pré-encerramentos, portanto, podem não conduzir ao encerramento e dar margem à ocorrência de um novo tópico na conversa, configurando-se como o ponto exato em que se dá a “ocorrência natural de tópicos mencionáveis” (p. 248) de uma forma adequada ou, ainda, sinalizar colaboração para a seção de encerramento, constituindo-se, nessa circunstância, como a primeira parte da seção terminal da interação.

Entretanto, as formas apresentadas acima como possíveis pré-encerramentos podem possuir outras funções. É o caso, por exemplo, dos termos que se destacam, em certos momentos, como elementos presentes em turnos que foram considerados por Schegloff (1995) terceiros turnos de encerramento de seqüência (como vimos anteriormente), em que uma seqüência conversacional pode ser encerrada, mas não necessariamente indicar o fim da conversa. Desse modo, elocuições do tipo “então tá”, “tá”, “tá bom”, “falou então”

podem operar, mas não necessariamente, como possíveis pré-encerramentos quando localizados no final de um tópico.

3.1.4. Outros pré-encerramentos

Uma outra forma de encerrar a conversa, segundo Schegloff e Sacks (1973), é fazer referência a materiais já desenvolvidos conversacionalmente pelas partes. Tais materiais podem ser coletados em qualquer lugar em uma interação e são bem preservados para um possível uso no encerramento da conversa. Um lugar em que eles sistematicamente podem ocorrer é no início da conversa (não só em inícios de conversas telefônicas, mas também em interações face-a-face). Perguntas empregadas no início de interações, como por exemplo, “O que você está fazendo?”, “Onde você está indo?”, “Como você está se sentindo?” etc. podem oportunizar aqueles tipos de materiais que serão usados na seção terminal, garantindo o encerramento, por exemplo: “Bom, eu vou deixar você voltar pros seus livros” ou “Por que você não deita e tira um cochilo”.

Vimos que Schegloff e Sacks (1973), por um lado, classificam os materiais “então tá”, “tá bom” e outros como possíveis pré-encerramentos, ou seja, são praticamente uma garantia de encerramento. Por outro lado, anúncios de que a conversa deve se encerrar, seja por parte do chamador, seja por parte do atendente, podem ser usados, segundo os autores, para se interromper o tópico:

“Enquanto trocas como OK-OK respeitam sua localização em certas ordens locais de organização, tal como a organização da fala em um tópico ou pares adjacentes (...), o anúncio aberto “eu tenho que ir” não precisa respeitar tais limites e pode mesmo interromper elocuições possivelmente ainda não completas.” (*ibidem*, p. 251)

Expressões do tipo “eu tenho que ir” (e variantes) parecem ter menos força de encerramento que o “então tá” (e variantes). Geralmente, ao iniciar uma seção de encerramento, o “eu tenho que ir” é mais propenso a permitir a ocorrência de mais conversa, enquanto o “então tá” parece ser mais eficaz na condução de seções de encerramento.

Além disso, é importante notar que perguntas implicativas de encerramento do tipo “Por que você não deita e tira um cochilo?” não estão posicionadas na conversa de modo a exigir uma resposta do tipo “porque...”, mas sim, para encaminhar a interação para o final. Nenhuma análise – gramatical, semântica, pragmática etc. – de elocuições desse tipo, estudadas individualmente, fora de seqüências discursivas, produzirá significado que mostre o que os participantes podem fazer com elas. Essas ações, embora, por um lado, implicativas de encerramento, podem, por outro lado, conduzir a conversa para fora do encerramento, demandando das partes um novo trabalho interacional de forma a reconduzir a interação para o fim (cf. Button 1987 e 1990), como veremos a seguir.

A contribuição de Schegloff e Sacks (1973) para este trabalho é importante na medida em que discute a questão da suspensão da relevância da transição de turno, através dos pares adjacentes pré-terminais e terminais, e considera também que quaisquer outros elementos que se disponham a ser vistos como sinalizações de encerramento só o serão se estiverem localizados sequencialmente na conversa de modo a serem assim interpretados na perspectiva dos participantes.

3.2. A contribuição de Button (1987)

A contribuição de Button (1987) para este trabalho reside nas noções, cunhadas por ele, de movimentos mínimos e drásticos de saída da seção terminal. Como o início do encerramento não é garantia de que o encerramento vai certamente ocorrer, durante a seção terminal de uma interação, alguns materiais conversacionais podem ser inseridos de modo a promover a necessidade de as partes reiniciarem mais adiante uma nova seção terminal. Tais materiais são algumas ações que podem ser inseridas para, nos termos do autor, constituírem-se como movimentos de saída dos encerramentos. Alguns desses materiais não interferem na ocorrência do encerramento arquetípico, mas há aqueles que, se não promoverem o abandono da seção terminal em detrimento da continuação da conversa, pelo menos vão tornar a seção terminal “maior-que-a-arquetípica” em detrimento da finalização do encontro social em questão.

Apresentaremos, então, a seguir, algumas ações que podem estar presentes em uma seção de encerramento e, logo depois, os espaços que essas ações podem ocupar, enquanto movimentos de saída, em uma seção terminal¹⁸.

3.2.1. Diferentes ações presentes no encerramento

¹⁸ Fizemos a opção metodológica de apresentar, neste capítulo, os exemplos dados pelos próprios autores para, no capítulo de análise, apresentarmos segmentos nossos. Uma vez que nosso *corpus* não dispõe de muitas conversas, nosso receio era antecipar e esgotar as observações analíticas já na seção teórica. Além disso, os trechos de conversa apresentados neste capítulo guardam algumas diferenças, pequenas – é bom que se destaque –, com relação às convenções de transcrição. Por essa razão, decidimos manter as convenções utilizadas pelos autores, sem alterá-las, para não correremos o risco de modificarmos os exemplos mais do que o faremos nas nossas traduções informais (já que traduções, por mais fiéis ao original que tentem ser, acabam sofrendo algumas modificações decorrentes do próprio processo de tradução), logo abaixo dos excertos transcritos. Uma outra observação importante diz respeito à contextualização e explicação dos segmentos. Diferentemente dos nossos dados, cuja apresentação, no capítulo de análise, procurará sempre vir antecedida de informações referentes ao contexto de produção da interação dos falantes, os dados do autor raramente vêm acompanhados desse tipo de informação.

Eis as ações que podem ser introduzidas nas seções terminais das conversas telefônicas para, em um primeiro momento, constituírem-se como saídas do encerramento: *combinações*; *recomendações*; *propósito da chamada*; *apreciações*; *retomadas*; *objetos-em-conversa*¹⁹ e *provocadores de início de tópico*. Faremos, a seguir, uma breve apresentação de cada uma delas.

3.2.1.1. Combinações

Como as combinações podem estar orientadas como implicativas de encerramento, uma vez que são freqüentemente tomadas pelos participantes como o último tópico da conversa (cf. Schegloff e Sacks, 1973), podem, por isso, ser seguidas de uma seção de encerramento:

[JG: I (S): X15]²⁰

Pete: I'll see you Tuesday.
Marvin: Right.
*→ Pete: OK Mar[vin].
→ Marvin: [You-you're alright? You can get there?
→ Pete: Yeah.
*→ Marvin: Ok.
Pete: Ok. Thank you.
Marvin: You bet bye

Pete: vejo você na terça.²¹

¹⁹ O autor aponta os objetos-em-conversa como itens que são introduzidos para marcar a recepção de itens anteriores e permitir, assim, que o falante corrente prossiga com a conversa. Ainda segundo o autor, quando são usados nos encerramentos, o próximo falante, em vez de continuar com o componente terminal, pode inserir novos materiais, já que houve uma orientação do outro para a sua disponibilidade de continuar a interação em curso. Por não considerarmos tais considerações uma definição clara e objetiva acerca do que se nomeia “objeto-em-conversa”, optamos por excluir tal exemplar de ação do nosso trabalho, uma vez que, pelo que pudemos observar nos exemplos de Button (1987), “objetos-em-conversa” nada mais são do que continuadores (cf. Schegloff, 1995), em alguns contextos, ou sinais de mudança de estado (cf. Heritage, 1984), em outros.

²⁰ As indicações entre colchetes são próprias de Button (1990). Não encontramos nenhuma explicação sobre o que indicam ou onde se encontram. A apresentação dos asteriscos junto às setas também não é explicada.

*→ Marvin: tá bom.
 → Pete: então tá Mar[vin].
 → Marvin: [tudo bem pra você? você consegue chegar lá?
 → Pete: consigo.
 *→ Marvin: então tá.
 Pete: tá. obrigado.
 Marvin: de nada tchau

Nessa conversa, a combinação (“You-you’re alright? You can get there?”) aparece logo após a sinalização de encerramento (“OK Mar[vin.”). Após a resposta (“Yeah.”), as partes retomam a seção terminal, por meio de uma nova sinalização (“Ok.”), que é aceita pela outra parte (“Ok. Thank you.”), de modo que o encerramento sobremaneira acontece (“You bet bye”).

As combinações²² possuem também duas outras características. A primeira é que marcam uma relação direta entre o encontro atual (em curso) e o encontro seguinte, e a segunda é que, ao fazer essa marcação, as combinações podem propor que alguns tópicos sejam desenvolvidos no próximo encontro (cf. Button, 1987).

De fato, é válido ressaltar que, mesmo implicativas de encerramento, as combinações operam na conversa para orientar as partes a fornecerem respostas relevantes às suas ações e, assim, promoverem uma saída da seção de encerramento. Desta forma, como vimos, as seções de encerramento devem ser iniciadas novamente, por meio de uma nova sinalização. As respostas engendradas pelas combinações, porém, são consideradas respostas mínimas, que tornam relevante o reaparecimento da seção terminal da conversa. Em outras palavras, combinações promovem saídas do encerramento, mas um outro

²¹ Devo as traduções informais presentes nesta dissertação à professora Paola de Moraes Temponi, sem a qual não conseguiríamos transpor esses fragmentos para o português. Entretanto, eventuais falhas na tradução são de inteira e exclusiva responsabilidade do pesquisador deste trabalho.

²² Button (1991) retoma essa questão descrevendo como as combinações possuem um status especial no encerramento. Segundo ele, combinações voltam-se para a administração global da conversa, porque localizam-na em um percurso de encerramento. As combinações, então, organizam o encontro em curso e a relacionam com o próximo encontro tornando a conversa atual como apenas uma em uma série.

encerramento pode ser iniciado logo depois de encerrada essa ação. O movimento de saída da seção terminal promovido pelas combinações, portanto, é considerado um movimento mínimo.

3.2.1.2. Retomadas

Qualquer material conversacional utilizado pode ser retomado nas seções finais da interação. Diferentemente das combinações, as retomadas não são implicativas de encerramento. O movimento de saída das seções terminais promovido pelas combinações ocasiona a relevância imediata do reinício dos encerramentos, mas as retomadas não funcionam dessa forma, porque elas de fato saem dos encerramentos. Elas ocupam um turno que poderia ser usado por um componente de encerramento e são seguidas por seqüências que continuam a conversa a partir da resposta à retomada. Sendo assim, um turno de retomada não projeta uma trajetória seqüencial que ocasiona a relevância de reintrodução da parte final da conversa. Vejamos:

[JG: I: 10: 7]

- Sam: O:kay honey,
(.)
- Marge: Well yea::h, but I: certainly fee:l thhe:ribbly let down
tuh think that you didn't recognize m[e.
- Sam: [w'l tell you
[thet i wz jst-
- Marge: [hhh you
Marge: Jus' too many ↑girl[friends ↑that's all]
- Sam: [well the trouble is] you don't call me
- Sam: então tá querida,
(.)
- Marge: tá, mas e:u com certeza me sinto muito abandonada só de pensar
que você não me reconhe[ceu.
- Sam: [deixa eu te falar

→ [é que eu tava só-
 Marge: [hhh você
 Marge: só muitas ↑namor[adas ↑é isso]
 Sam: [é o problema é] que você não me liga

No segmento acima, Sam faz uma retomada (“[w’l tell you [thet i wz jst”]) do tema que foi recuperado por Marge (“Well yea::h, but I: certainly fee:l thhe:ribbly let down tuh think thet you didn’t recognize m[e.”]), depois de esta ter iniciado um novo tópico, após a sinalização de encerramento, feita por Sam (“O:kay honey,”). Isso acaba provocando o abandono da seção terminal e a conversa, nesse caso, prossegue (“[well the trouble is] you don’t call me”).

Button (1987) acredita que as retomadas “retopicalizam” o material apresentado, e o próximo turno pode continuar o tópico de modo a não tornar relevante a reinserção de uma seção de encerramento. Mesmo se o receptor do turno de retomada não continua o tópico, o produtor dessa ação tende a continuar desenvolvendo-a. Esse tipo de movimento de saída do encerramento é considerado, portanto, um movimento drástico.

Como não são implicativos de encerramento e não projetam uma nova sinalização, os movimentos drásticos de saída dos encerramentos promovem a continuação da conversa até o próximo ponto relevante de sinalização do término da interação.

3.2.1.3. Provocadores de início de tópico

A primeira parte de uma seqüência designada para gerar novos tópicos pode aparecer dentro da seção de encerramento, operando como provocador de início de tópico e pode estar orientada para produzir itens novos na conversa, os quais seriam produzidos pelo próximo falante com o status de “novo tópico” (cf. Button, 1987). Além disso, essa ação

sinaliza a disponibilidade do falante para continuar a conversa e resulta, então, em um movimento drástico de saída do encerramento.

[HG: 15]

Nancy: =You'll come about (.) eight. Right?=
Hyla: =Yea::h,=
*→ Nancy: =Okay.
→ (0.2)
→ Nancy: Anything else to report,
(0.3)
→ Hyla: Uh:::::m::,
(0.4)
→ Hyla: Getting my hair cut tihmorrow,
Nancy: =Oh rilly?

Nancy: =você vai chegar lá pelas oito. não é isso?=
Hyla: =tá::,=
*→ Nancy: =falou.
→ (0.2)
→ Nancy: você tem mais alguma coisa pra contar,
(0.3)
→ Hyla: uh:::::m::,
(0.4)
→ Hyla: vou cortar meu cabelo amanhã,
Nancy: =é mesmo?

Assim como nos exemplos anteriores, o provocador de início de tópico pode aparecer depois da sinalização de encerramento (“=Okay.”). Nesse caso, a própria parte – Nancy – que sinalizou o encerramento foi quem “provocou” o início de um novo tópico (“Anything else to report,”). A partir disso, Hyla, a interlocutora, “aceitou a provocação” e, após uma hesitação (“Uh:::::m::,”) e algumas pausas, iniciou um tópico novo na conversa, contribuindo para o abandono do encerramento.

Provocadores de início de tópico fazem um movimento de saída da seção terminal. Eles ocupam um turno que seria usado para produzir um componente de encerramento e torna a sua resposta relevante no próximo turno em detrimento da ocorrência de tais componentes, seja pela apresentação de itens novos, seja pela recusa de fazê-lo e os

componentes terminais ficam em segundo plano. Esses novos itens que se seguem aos provocadores de início de tópico exigem do próximo falante uma melhora desses itens, topicalizando o evento reportado e fornecendo mais fala para a interação.

Entretanto, essas ações só podem engendrar saídas drásticas, como as retomadas, se o turno seguinte não ocasionar a relevância de uma seção terminal. Se o turno seguinte permitir a inserção de componentes de encerramento, como fazem as combinações, temos então a realização de uma saída mínima. Por isso, vale a ressalva: o provocador de início de tópico somente ocasionará uma saída drástica se provocar realmente o início de um novo tópico; caso contrário, ocorrerá uma saída mínima da seção de encerramento. O autor, por outro lado, destaca que, mesmo assim, essas saídas operam dentro de um sistema de preferência (cf. Sacks, 1973), em que o início de um novo tópico é uma resposta preferida em detrimento da recusa. Citamos aqui um exemplo do texto do próprio Button (1987):

[Frankel: QC: 2: 1: 10]

```
01 Ma:          pt. Oka:y=  
02 Kiddo:      =Uhri:ght.=  
03 Ma:          =What else,  
→ 04 Kiddo:     Noth:in',  
→ 05 Ma:          Ok:ay.=
```

```
01 Ma:          então tá.=  
02 Kiddo:      =tá bom.=  
03 Ma:          =o que mais,  
→ 04 Kiddo:     nada,  
→ 05 Ma:          tá bom então.=
```

Nesse caso, após a recusa de iniciar um novo tópico (linha 04), a parte que fez a “provocação” (“=What else,”, linha 03) inicia novamente a seção de encerramento (“Ok:ay.=”, linha 05). Resumindo, então, podemos destacar que, uma vez que

provocadores de início de tópico invocam o sistema de preferência restrito aos turnos seguintes, eles podem iniciar um movimento drástico de saída dos encerramentos, não projetando a relevância do reinício da seção terminal, a menos que os turnos seguintes sejam despreferidos e o movimento de saída da seção final da conversa resulte em uma saída mínima, promovendo uma nova sinalização de encerramento.

3.2.1.4. Recomendações

Essa ação também aparece nas seções de encerramento e, semelhante às combinações, engendram saídas mínimas, porque o turno seguinte de resposta pode ser observado como um ambiente ótimo para o reinício de uma seção terminal.

[JG: I: 24: 14]

*→ Marge: Okay ho[ney,
 *→ Laura: [Alright [honey.]
 → Marge: [Okay]Bye: †Give my love to the:
 → uh-family.
 → Laura: I sure will.
 Marge: Okay hon[ey.
 Laura: [Okay (sweetheart)
 Marge: B y e b y e,
 Laura: Bye-Bye,

*→ Marge: então tá meu [bem,
 *→ Laura: [tá bom [querida.]
 → Marge: [então tá] tcha:u †dá um abraço
 → na é- família.
 → Laura: dou sim com certeza.
 Marge: então tá meu [bem.
 Laura: [tá (fofinha)
 Marge: tchau tchau,
 Laura: tchau tchau,

A recomendação, nesse excerto, ocorre depois de a seqüência terminal estar bastante consolidada – Marge já havia sinalizado (“Okay ho[ney,”) e obtido a resposta de Laura

("[Alright [honey.]"). Em seguida, Marge faz uma nova sinalização, acrescenta o primeiro "tchau" da seção de encerramento e insere, ela mesma, uma recomendação. Isso, contudo, não faz com que o ambiente terminal se perca, pois, após a resposta de Laura ("I sure will."), a seqüência de encerramento prossegue ("Okay hon[ey."] até ocorrer efetivamente o fim da conversa, com a troca "B y e b y e,"/ "Bye-Bye," entre ambas.

Recomendações, portanto, expressas dentro dos encerramentos são movimentos mínimos de saída das seções terminais, uma vez que, após o final dessa ação, a seção de encerramento pode ser reiniciada (cf. Button, 1987)

3.2.1.5. Propósito da chamada

A referenciação ou a reiteração do propósito da chamada é uma forma em que a relevância da reinserção de encerramento pode ser estabelecida (cf. Schegloff e Sacks, 1973). Essa ação opera dessa forma porque pode ocupar a posição de um turno que poderia também ser usado para continuar um tópico ou iniciar um outro tópico e, semelhante às combinações, demonstrar que não há mais materiais novos a serem introduzidos na conversa. Dessa forma, o turno seguinte ao propósito da chamada, que é implicativo de encerramento, pode ser um turno de início da seção terminal.

[NB: IV: 12: 3]

Emma: Well I'll talk tih yuh later dear.
 Lottie: [[We:ll,
 Emma: [[I-
 Lottie: Well I wz just ge[ttting dressed.
 Emma: [I know yer goin.
 Lottie: Yeah.
 *→ Emma: AARIGHT
 → Emma: I JUS THOUGHT I'D TELL YUH. THERE W'Z
 [[ONE KUH-

*→ Lottie: Okay. Yea:h, Okay hon,
Emma: Bye,
Lottie: Bye.

Emma: então tá, falo com você depois querida.
Lottie: [[a:qui,
Emma: [[eu-
Lottie: aqui é que eu ta[va me vestindo.
Emma: [eu sei que você tá indo.
Lottie: é.

*→ Emma: TÁ BOM
→ Emma: EU SÓ ACHEI QUE FOSSE TE FALAR. TINHA UM
[UM KUH-
*→ Lottie: tá bom. tá, então tá queri-
Emma: tchau,
Lottie: tchau.

Após a sinalização de encerramento nessa seção (“AARIGHT”), ocorre a reiteração do propósito da chamada feita pela mesma parte que sinalizou o encerramento (“I JUS THOUGHT I’D TELL YUH. THERE W’Z”), mas isso não dá continuidade à conversa, porque, depois dessa seqüência, as partes se envolvem na troca terminal da chamada (“Bye,”/ “Bye.”)

As ações, portanto, tornadas relevantes após a ocorrência da reiteração do propósito da chamada e sua ação responsiva parecem não ser outras que não sejam os componentes de finalização, mantendo, assim, o seu caráter implicativo de encerramento e, portanto, o seu movimento de saída da seção terminal é organizado como um movimento mínimo.

3.2.1.6. Apreciações

Button (1987) divide as apreciações em duas subcategorias: as que localizam a chamada em curso como objeto de apreciação, e as que se referem a algo apreciável – um favor, por exemplo – ocorrido anteriormente na conversa:

[SF: I: 13: C]

01 Mark: Ah'll talk to you later
→ 02 Joanne: Okay Spark [thanks for calling

01 Mark: eu falo com você mais tarde
→ 02 Joanne: então tá faísca²³ [**obrigado por ligar**

[MC: I (Coven):54]

01 Wilbur: Well then let's do it this week. En all [we'll=
02 Lila: [Yeah.
03 Wilbur: =haftuh do is just- have a chat fer a few minutes.
04 Wilbur: [[That's all,
05 Lila: [[Oh that's right, but we- it isn't gonna be
06 anything ().
→ 07 Wilbur: O:kay.
→ 08 Lila: Okay. And I'm just delighted to talk t'you.

01 Wilbur: bem então vamos fazer isso essa semana. e tudo que
02 [nós temos que fazer é só- bater um papo de poucos=
03 Lila: [sim.
04 Wilbur: =minutos.
05 Wilbur: [isso é tudo,
06 Lila: [ah então tá tudo certo, mas nós- isso não vai ser
07 nada ().
→ 08 Wilbur: entã:o tá.
→ 09 Lila: então tá. **e eu só tô emocionada de falar com você.**

Como podemos observar, nos dois exemplos apresentados, temos uma apreciação da chamada. No primeiro, ocorre o agradecimento pela outra parte ter ligado (“[thanks for calling”) e, no segundo, Lila aprecia o fato de estar falando com Wilbur (“And I’m just delighted to talk t’you.”). Ambas as situações de apreciação ocorrem depois de uma sinalização de encerramento (“Okay Spark”, no primeiro exemplo, e “Okay.”, no segundo).

²³ Na conversa original, percebemos que Joanne faz uma brincadeira com Mark por conta da semelhança fônica entre o nome deste e a palavra *spark*, que significa “faísca”, de acordo com o dicionário *COLLINS GEM* (1997) inglês-português/ português-inglês.

Cada uma dessas ações, de alguma forma, engendram saídas do encerramento em maior ou menor grau e podem ser divididos em duas categorias: ações que promovem *saídas drásticas* dos encerramentos e aquelas que promovem *saídas mínimas*. Estas seriam implicativas de encerramento, porque projetam um turno e uma ação responsiva a esse turno finalizando a seqüência, mas a natureza implicativa de encerramento não se perde, e a seção terminal é iniciada logo a seguir. As ações que se enquadram neste grupo são as combinações, as recomendações, a reapresentação do propósito da chamada e as apreciações. Já as saídas drásticas não são implicativas de encerramento, pois não projetam a relevância de reinserção de encerramentos. Entre as ações que engendram movimentos drásticos, destacam-se as retomadas e os provocadores de início de tópico.

Além disso, cada uma dessas ações se apresenta no encerramento para caracterizar a saída em menor ou maior grau, de acordo com a posição que ocupam na seção de encerramento.

Antes de examinarmos cada uma dessas ações em um contínuo gradual de saída dos encerramentos, precisamos saber que posição eles podem ocupar na seção terminal, tomando como base a seção arquetípica.

3.2.2. Espaços de oportunidade para a saída dos encerramentos

Button (1987) considera que movimentos de saída dos encerramentos ocupam posições específicas dentro dos limites da seção de encerramento arquetípica. Para ele, algumas ações ocorrem majoritariamente em determinadas posições dentro dos

encerramentos, quais sejam: depois da $PPP_{\text{pré-terminal}}$, depois da $SPP_{\text{pré-terminal}}$ e depois da PPP_{terminal} .

3.2.2.1. Depois do primeiro componente de encerramento ($PPP_{\text{pré-terminal}}$)

Um movimento de saída do encerramento pode ocorrer depois da $PPP_{\text{pré-terminal}}$, iniciado pelo próprio produtor da PPP ou pelo seu receptor. Um turno pode ser iniciado por componentes terminais, mas pode ser seguido por componentes que adiam o encerramento. Se o movimento de saída se inicia já no primeiro turno de encerramento, os turnos seguintes tendem a dar seqüência a tal movimento e deixar o componente terminal em segundo plano.

[JG: III: 21: 7]

	Rita:	Well they <u>may</u> have gone out of town
	Nell:	Yeah they <u>might</u> of
	Rita:	Yeah
	Nell:	But <u>anywa:y</u> um: (1.0) everything else is oka:y
	Rita:	Yeah.
*→	Rita:	.hh Well then okay honey I'll see you tomorrow evening
→	Nell:	Alright I'll be there ().
	Rita:	bom eles devem ter saído da cidade
	Nell:	é eles devem
	Rita:	Sim
	Nell:	mas <u>de qualquer</u> forma : (1.0) no mais tá tudo be:m
	Rita:	é.
*→	Rita:	.hh é então tá bom querida a gente se vê amanhã à noite
→	Nell:	tá bom até lá ().

Nesse exemplo, ocorreu de Rita sinalizar o encerramento (“.hh Well then okay honey”) e ela mesma, no seu próprio turno, inserir um movimento de saída da seção

terminal (“I’ll see you tomorrow evening”). A esse tipo de ocorrência, Button (1987) considera uma inserção de movimentos de saída no primeiro espaço de oportunidade, isto é, depois do primeiro componente terminal (PPP_{pré-terminal}).

Entretanto, pode acontecer também de a primeira parte iniciar a seção de encerramento e a segunda, demonstrando não estar ainda orientada para o término da interação, proceder com a continuação da conversa inserindo uma ação que adia o encerramento.

[SBL: 1: 11: 4]

Bea: At six At six o’clock.
Tess: Tomorrow ni- Tomorrow night at six.
*→ Bea: Yeah, okay,
→ Tess: Uh huh, And I’m sorry I didn’t get Margaret, I
→ really [ve been wanting to
→ Bea: [Well I think she must’ve stayed out of town,

Bea: às seis às seis em ponto.
Tess: amanhã à noi- amanhã à noite às seis.
*→ Bea: tá bom, tá,
→ Tess: ahã, e me desculpa porque eu não levei a Margaret, eu
→ realmente [tava querendo
→ Bea: [é eu achei que ela estivesse fora da cidade,

Nesse excerto, Bea sinaliza o encerramento (“Yeah, okay,”), mas Tess, em seu turno imediatamente posterior, insere um movimento de saída (“Uh huh, And I’m sorry I didn’t get Margaret, I really [ve been wanting to”). Isso exemplifica a inserção de movimentos de saída no segundo espaço de oportunidade, ou seja, depois da PPP_{pré-terminal}, pelo seu receptor.

Enfim, Button (1987) destaca que para todos os movimentos de saída dos encerramentos nesta posição, bem com nas posições que serão notadas a seguir, os

próximos turnos estão restritos a ações recíprocas sob os auspícios da ação específica que faz tal movimento.

3.2.2.2. Depois do segundo componente de encerramento ($SPP_{\text{pré-terminal}}$)

Nesta posição também notamos a possibilidade de dois casos de ocorrência dos movimentos de saída das seções terminais: aquele iniciado pelo próprio produtor da $SPP_{\text{pré-terminal}}$ e aquele iniciado pelo seu receptor, na posição que seria ocupada pelo terceiro turno de encerramento.

[MC: I (Coven):54]

	Lila:	[[Oh that's right, but we- it isn't gonna be anything ().
*→	Wilbur:	O:kay.
(*)→	Lila:	<u>Okay</u> . And I'm just delighted to talk t'you.
→	Wilbur:	Thank you fer <u>calling</u>
	Lila:	[ah então tá tudo certo, mas nós- isso não vai ser nada ().
*→	Wilbur:	entã:o tá.
(*)→	Lila:	então tá. e eu só feliz de falar com você.
→	Wilbur:	obrigado por ligar

Nesse caso, Wilbur sinaliza o encerramento (“O:kay.”) e Lila responde (“Okay.”), mas, junto à sua resposta, insere também um movimento de saída da seção terminal (“And I'm just delighted to talk t'you.”). Essa inserção, segundo Button (1987), se dá no terceiro espaço de oportunidade.

O outro caso, em que o movimento de saída do encerramento é iniciado pelo receptor da $SPP_{\text{pré-terminal}}$, pode ser exemplificado a seguir:

[JG: III: 10: 1]

Pam: Thanks a lot. 'n I'll see you soon
*→ Marge: Okay honey=
*→ Pam: =Okay
→ Marge: Dri:ve ca:reful
→ Pam: I: will h::

Pam: muito obrigada. e a gente se vê logo
*→ Marge: então tá querida=
*→ Pam: =então tá
→ Marge: dirige com cuidado
→ Pam: pode deixar h::

Nesse segmento, Marge inicia o encerramento (“Okay honey=”), Pam responde (“=Okay”), mas a própria Marge, que iniciou a seção terminal, insere um movimento de saída (“Dri:ve ca:reful”). Isso acontece no quarto espaço de oportunidade.

3.2.2.3. Depois do terceiro componente de encerramento (PPP_{terminal})

Button (1987) considera que esta posição não é a mais freqüente para a ocorrência de movimentos de saída dos encerramentos, tendo em vista o seu *corpus* composto de quatrocentos e um encerramentos analisados. Nesse conjunto, ele também não encontrou nenhum caso de movimento de saída iniciado pelo produtor da PPP_{terminal} quando este componente se encontra depois da $SPP_{\text{pré-terminal}}$ e acrescenta que, nos casos em que ocorreram movimentos de saída após a PPP_{terminal} , esta não ocupa a posição de terceiro componente na seção terminal arquetípica.

[JG: III: 15: 2-3]

Marge: .hh°h: well. Okay uh then I'll letchu () oh well I mean I won't call you if I'm gonna - if they're gonna drop me off if they're not gonna drop me off then I'll jus call up
(0.5)

*→ Maggie: Ah'ri. ((very brusgly))
 *→ Marge: Okay?
 *→ Maggie: Bye ((very brusgly))
 → Marge: =But go ahead na feed hi[m () imagine hez starving
 → Maggie: [Yeah

Marge: hh°h: bem. tá, é eu vou deixar você () quer dizer eu não vou te ligar se eu for- se eles forem me deixar se eles não forem me deixar então eu te ligo
 (0.5)

*→ Maggie: tá. ((muito bruscamente))
 *→ Marge: tá bom?
 *→ Maggie: tchau ((muito bruscamente))
 → Marge: =mas vai lá dar comida pra ele [() ele deve=
 → Maggie: [sim
 → Marge: =estar morrendo de fome

Esse trecho é um exemplo de inserção de movimento de saída no quinto espaço de oportunidade, pois a PPP_{pré-terminal} (“Ah'ri. ((very brusgly))”) de Maggie obteve, da parte de Marge, uma SPP_{pré-terminal} com entonação ascendente (“Okay?”), a partir da qual Maggie proferiu a PPP_{terminal} (“Bye ((very brusgly))”). Em seguida, no turno de Marge, ocorreu a saída da seção terminal (“=But go ahead na feed hi[m () imagine hez starving”).

A partir da leitura sobre as posições que cada movimento de saída pode ocupar na seção de encerramento arquetípica, propomos o esquema a seguir, que sistematiza os cinco espaços de oportunidade a serem utilizados pelos falantes para engendrarem movimentos de saída das seções terminais. Dois desses espaços estão à disposição do primeiro falante e três, à disposição do segundo falante:

A :	(PPP _{pré-terminal})	→ <u>Primeira oportunidade</u> : depois da PPP _{pré-terminal} .
B :		→ <u>Segunda oportunidade</u> : no início do turno do receptor da PPP _{pré-terminal} .
	(SPP _{pré-terminal})	→ <u>Terceira oportunidade</u> : depois da SPP _{pré-terminal} .
A :		→ <u>Quarta oportunidade</u> : no início do turno retomado pelo primeiro falante para proferir a PPP _{terminal} .
	(PPP _{terminal})	
B :		→ <u>Quinta oportunidade</u> : no início do turno retomado pelo falante que proferiria a SPP _{terminal} .
	(SPP _{terminal})	

Esquema 3: Espaços de oportunidade para a ocorrência de ações que engendram movimentos de saída das seções terminais.

Os casos em que ocorrem movimentos de saída da seção terminal no lugar relevante para a transição (cf. Sacks et. al., 2003 [1974]) da PPP_{terminal} estão associados com o deslocamento dessa PPP. Na seqüência arquetípica, esse componente é produzido pelo primeiro falante (o falante A, cf. tabela acima), mas se for deslocado (ver *encerramentos reduzidos*, abaixo), o falante B o produzirá na posição que, a princípio, seria ocupada pela SPP_{pré-terminal}. Nesse caso, a terceira oportunidade de adiamento da seção terminal seria a última.

Diferentemente de algumas seqüências na conversa em que o turno anterior restringe o turno seguinte à produção de ações específicas, o turno posterior a um componente de encerramento não sofre tão fortemente essa restrição, uma vez que oferece oportunidades para a ocorrência de atividades de saída dos encerramentos em lugares relevantes onde o falante pode abandonar a sua orientação para encerrar a interação em curso.

Sendo assim, a seqüência arquetípica de encerramento pode sofrer algumas variações, afetadas pelos movimentos de saída dos encerramentos, os quais podem reduzir as seções terminais ou estendê-las. Os encerramentos reduzidos podem diminuir o número de espaços oportunos para um encerramento e podem demonstrar que um falante está

fortemente tentando encerrar a conversa. Já os encerramentos estendidos aumentam o número de espaços oportunos em que um adiamento da seção terminal pode ser iniciado e pode demonstrar que um falante está buscando a continuação da conversa.

3.2.2.4. Encerramentos reduzidos

As seções terminais podem ser compostas de turnos que contenham mais de um componente de encerramento, implicando na omissão de outros turnos arquetípicos. Podem ser de dois tipos: o encurtamento em que uma PPP_{pré-terminal} pode ocorrer associada, em um mesmo turno, à PPP_{terminal} (cf. exemplo abaixo), e o encurtamento em que a SPP_{pré-terminal} vem acompanhada da PPP_{terminal} (cf. exemplo mais adiante).

[NB: IV: 5: 4]

Martha: I'll [see you. In a minute.
Emma: [Thank you.
*→ Emma: Alright, bye by[e
*→ Martha: [Bye

Martha: eu [vejo você. em um minuto.
Emma: [obrigado.
*→ Emma: tá bom, tchau tch[au
*→ Martha: [tchau

Nesse segmento, Emma diminui os espaços de oportunidade para a ocorrência de movimentos de saída da seção terminal ao unir, em um mesmo turno de fala, uma PPP_{pré-terminal} (“Alright,”) e uma PPP_{terminal} (“bye by[e”).

Button (1987) faz duas observações sobre a redução dos encerramentos através da junção da PPP_{pré-terminal} com a PPP_{terminal}. A primeira é que o turno seguinte a esse turno conjugado tende a ocorrer também unindo os componentes SPP_{pré-terminal} e SPP_{terminal}. Isso

preserva a reciprocidade das ações, porque cada UCT de cada turno tem uma UCT correspondente no turno posterior. Entretanto, se, nesse caso, a SPP_{terminal} não é precedida pela $SPP_{\text{pré-terminal}}$, isso pode ser um indício de que o encerramento tenha sido brusco.

A segunda observação de Button diz respeito justamente a essas reduções bruscas da seção de encerramento. Ao inserir juntos os dois componentes terminais que lhe competem, de acordo com a seqüência arquetípica, o primeiro falante tira do segundo a possibilidade de se mostrar orientado para encerrar a conversa, por meio da $SPP_{\text{pré-terminal}}$. Ele pode tentar restabelecer a reciprocidade da situação, mesmo o encerramento brusco já tendo sido iniciado. Desse modo, os primeiros falantes podem tentar amenizar a situação brusca, produzindo mais um turno terminal a seguir, sem que tal turno se configure como um movimento de saída do encerramento.

A redução das seções terminais pode ocorrer também no turno do segundo componente de encerramento, quando o segundo falante (o falante B, na tabela apresentada acima) une a $SPP_{\text{pré-terminal}}$ com uma PPP_{terminal} , como se ele se adiantasse perante a realização do componente terminal seguinte.

[TC1 (c): 12: 23]

	Linda:	Have a nice weeke:nd=
	Joan:	=Yeh you too,
	Linda:	Okay,=
*→	Joan:	=Okay buh bye,=
*→	Linda:	=Buh Bye,

	Linda:	bom final de sema:na=
	Joan:	=pra você também,
	Linda:	então tá,=
*→	Joan:	=então tá tchau tchau,=
*→	Linda:	=tchau tchau,

Aqui, o encerramento também pode ser considerado reduzido, porque Joan “emendou” sua resposta ao turno anterior, uma SPP_{pré-terminal} (“=Okay”), a uma PPP_{terminal} (“buh bye,=”).

3.2.2.5. Encerramentos estendidos

Em contraste com os encerramentos reduzidos, os estendidos são marcados pela produção de mais componentes de encerramento do que aqueles previstos na seqüência arquetípica, deslocando a PPP_{terminal}. É importante destacar, contudo, que a extensão das seções terminais preserva a relevância da ocorrência de tal componente terminal. O que ocorre é apenas um atraso dessa ocorrência e a relevância do encerramento não se perde.

[SBL: 2: 3: 48]

```
Chloe:      Yeah, okay.
Claire:     Okay, honey,
→          Chloe:      Alright,
→          Claire:     A'right, b[ye.
Chloe:      [Bye bye.

Chloe:      sim, então tá.
Claire:     então tá, querida,
→          Chloe:     tá bom,
→          Claire:     tá bom, tch[au.
Chloe:      [tchau tchau.
```

Houve, nesse exemplo, uma extensão da seção de encerramento, porque, após a SPP_{pré-terminal} de Claire (“Okay, honey,”), Chloe, que há havia iniciado o encerramento anteriormente (“Yeah, okay.”), proferiu um turno de fala com uma nova PPP_{pré-terminal}

("Alright,"). Isso faz aumentar os espaços de oportunidade para a ocorrência de seções terminais.

Essas duas variações da seqüência arquetípica de encerramento nos leva a concluir, de acordo com Button (1987) que, dependendo do tipo de encerramento que se procede na conversa (se arquetípico, reduzido ou estendido), as oportunidades de se inserir movimentos de saída das seções terminais podem ser maiores ou menores.

A contribuição de Button (1987) é relevante para entendermos como a seção terminal pode se construir seqüencialmente, isto é, sabemos como certas ações são inseridas no encerramento de modo a engendrar movimentos mínimos ou drásticos de saída, além daqueles que podem surgir sem afetar a constituição arquetípica da seção terminal. A definição dos espaços de oportunidade para o surgimento das ações de saída, e a noção de encerramentos reduzidos e estendidos também são importantes na medida em que é a partir desses conceitos que vamos analisar os movimentos de negociação de falantes de português brasileiro para continuar ou encerrar a conversa na seção analítica deste trabalho.

3.3. A contribuição de Button (1990)

A contribuição de Button (1990) para o nosso trabalho está nas categorias de negociação que os falantes utilizam para encerrar a conversa, estendendo a seção terminal, ou para continuar a interação, abandonando o encerramento. Os encerramentos, segundo o autor, "fornecem um ambiente seqüencial em que um rico arranjo de interações delicadas podem tomar lugar" (Button, 1990, p. 147). Os participantes podem usar componentes de vários tipos de encerramento desde a primeira sinalização até o fim efetivo da conversa. Por

outro lado, podem também fazê-lo desde a primeira sinalização até o abandono do encerramento. O autor, então, examina os encerramentos à luz dessas negociações e apresenta, para isso, nove categorias de negociação, afirmando que não são definitivas, mas que capturam muitas das interações que regularmente ocorrem nas seções terminais por ele analisadas.

3.3.1. *Orientação recíproca para o término da conversa, resultando em término*

Os falantes podem demonstrar “uma orientação recíproca para o término e reciprocamente terminar sua conversa” (cf. Button, 1990, p. 132). Esse é, geralmente, o caso das seções arquetípicas:

[NB: IV: 14: 26]

Emma: And, u-uh I'm w- I'm with you,
Lottie: Yeah,
*→ Emma: Oright,
*→ Lottie: Okay [honey
*→ Emma: [Bye dear=
*→ Lottie: =Bye.

Emma: e, ahã eu tô c- com você,
Lottie: tá,
*→ Emma: então tá,
*→ Lottie: então tá [querida
*→ Emma: [tchau querida=
*→ Lottie: =tchau.

No segmento acima, a seção ocorre em quatro turnos de fala, configurando a seção terminal como arquetípica. A orientação recíproca para o término da conversa, no entanto, não ocorre apenas nas seções arquetípicas. Elas podem ocorrer também nos encurtamentos da seção terminal:

[JG: III: 14]

Rita: Cuz I know you're [practically [starving
*→ Maggie: [.hh Alright [G'bye.
*→ Rita: Okay [bye.
*→ Maggie: [Bye.

Rita: <porque sei que cê tá [praticamente [morrendo de fome.
*→ Maggie: [.hh tá bom [tchau.
*→ Rita: tá [tchau.
*→ Maggie: [tchau.

Nesse trecho, a PPP_{pré-terminal} de Maggie (“Alright”) ocorre no mesmo turno que a PPP_{terminal} (“G'bye.”). Observamos também um encurtamento no turno seguinte de Rita (a SPP_{pré-terminal} “Okay”, em resposta ao “Alright”, junto à SPP_{terminal} “[bye.”, em resposta ao “G'bye.”). Desse modo, podemos notar que ambas as partes estavam reciprocamente orientadas para o término da conversa a partir da primeira sinalização de encerramento de Maggie.

Todavia, os participantes também podem demonstrar orientação recíproca para o término da conversa em uma seção terminal maior-que-a-arquetípica, sem que isso seja um indício de relutância para finalizar a interação (como veremos na subseção 3.3.2, a seguir), e a extensão do encerramento pode ocorrer:

[NB: IV: 10: 56]

Emma: Um [sleep good. t'night swee[tié,
*→ Lottie: [Okeh- [Okay well I'll- I'll see
→ y' in the mor[ning.
(*)*→ Emma: [A:right.
→ Lottie: A'right,
→ Emma: B'ye bye de[ar,
→ Lottie: [Bye bye,

Emma: uhn [dorme bem hoje meu [bem,
*→ Lottie: [então t- [então tá a gen- a gente se
→ vê amanhã de ma[nhã.
(*)*→ Emma: [tá bem.
→ Lottie: tá bom.

→ Emma: tchau meu bem,
 → Lottie: tchau,

Nesse excerto, o item que responde à combinação de Lottie (“well I’ll- I’ll see y’ in the mor[nɪŋ.”), produzido por Emma (“[A:right.”), funciona tanto como uma resposta à combinação quanto como um reinício do encerramento, produzindo uma seção terminal “maior-que-a-arquetípica”. Entretanto, isso não é indicação de que os participantes estejam prolongando a seção de encerramento.

3.3.2. Encerramentos reciprocamente prolongados

Os participantes podem inserir movimentos mínimos de saída na seção terminal e manter, com isso, o ambiente terminal. As partes, portanto, apenas prolongam a seção de encerramento.

[TC1(c): 12: 21-23]

01 Linda: .hhi:hh .hhih hn-hn, .hhhhhhuhhh[hn
 02 Joan: [(She’d) know yer on
 it. hh[hh
 03 Linda: [eh hn
 04 Joan: O:ka[y,
 05 Linda: [O:khay, [.hhh
 06 Joan: [Well I’ll talk t’ you [la:t[er,
 07 Linda: [.hh [Y^eeah.
 08 Linda: Have a nice weeke:nd.=
 09 Joan: =Yeh you too,
 10 Linda: Okay,=
 11 Joan: =Okay buh bye.=
 12 Linda: =Buh bye,

01 Linda: .hhi:hh .hhih hn-hn, .hhhhhhuhhh[hn
 02 Joan: [ela ia reconhecer o
 seu nele. hh[hh
 03 Linda: [eh hn
 04 Joan: n[é,
 05 Linda: [e:ntão ta, [.hhh
 06 Joan: [falou a gente se fala [de:po[is.
 07 Linda: [.hh [ahã.

08 Linda: bom fim de semana.=
09 Joan: =procê também,
10 Linda: falou,=
11 Joan: =tá tchau.=
12 Linda: =tchau,

As ações que são inseridas tanto por Joan (“[Well I’ll talk t’ you [la:t[er,”, linha 06) quanto por Linda (“Have a nice weeke:nd.=”, linha 08) são ações que prolongam o encerramento, compondo uma seção maior-que-a-arquetípica, devido ao fato de as partes se mostrarem orientadas a terminar a conversa, embora se atrasem em fazê-lo. Como ambos mantêm a relevância do encerramento, sem sair de fato dele, o fim da conversa acontece.

3.3.3. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa

Se ambas as partes de uma conversa telefônica demonstram disposição para continuarem conversando, em oposição à estratégia em que ambos estão voltados para o encerramento da conversa, duas situações distintas podem ocorrer: a primeira, em que uma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal (nesse caso, a conversa continua), e a segunda, em que nenhuma das partes sai de fato do encerramento (nesse caso, ocorre uma extensão do encerramento, e a conversa termina).

Diferentemente dos encerramentos prolongados, em que os falantes realizam vários movimentos mínimos de saída, mas se mantêm orientados para a relevância do encerramento, os falantes, nesse caso, podem demonstrar estarem orientados para continuar a interação. Entretanto, tal continuação só ocorre de fato se pelo menos uma das partes fizer um movimento drástico de saída da seção terminal, independentemente de ter sido quem sinalizou o término da interação ou não. Isso cancela a relevância do encerramento e torna

necessária uma nova sinalização indicativa de orientação (dos participantes) para a finalização da conversa.

[F: TC: I: 1: 22-28]

01 Shirley: .t.hhh B't anyway I made lotta money las'night
02 °so I'm happy about that°,
03 Geri: °M-hm°.
04 (0.2)
05 Shirley: .p.t En that's all that's new,
06 (0.6)
07 Shirley: .t.hhhhhh Oka:y? hhhh
08 Geri: Ye:ah, hh
09 Shirley: .hh s c'm over later.
10 Geri: Yeh ah'll come over I wannih (g) (.) git s'm work
11 do:ne'n then ah'll c'm over'n ah'll help Joe[:y,en
12 Shirley: [Okay,
13 (.)
14 Shirley: .hhhhhhh [good w'l have coffee.
15 [°°()°°
16 (0.3)
17 Geri: °Oka:y°
18 Shirley: Alright?
19 Geri: Mm.h[m:?
20 Shirley: [D'yih talk tih Dayna this week?
21 Geri: .hhh Yeh....

01 Shirley: .t.hhh mas de qualquer maneira eu ganhei muito
02 dinheiro ontem à noite e °fiquei feliz com isso°,
03 Geri: °M-hm°.
04 (0.2)
05 Shirley: .p.t e essa é toda a novidade,
06 (0.6)
07 Shirley: .t.hhhhhh tá? hhhh
08 Geri: tá:, hh
09 Shirley: .hh s aparece depois.
10 Geri: tá eu vou aparecer eu queria (.) já estar com alguma
11 coisa pronta depois eu vou e ajudo o Joe[:y e
12 Shirley: [tá bom,
13 (.)
14 Shirley: .hhhhhhh [é bom que a gente toma um café.
15 [°°()°°
16 (0.3)
17 Geri: °então tá°
18 Shirley: tá bom?
19 Geri: Mm.h[m:?
20 Shirley: [você falou com a Dayna essa semana?
21 Geri: .hhh sim....

Nesse trecho, as ações de ambas (entre as linhas 05 e 19) são demonstrações para continuar a conversa. Shirley inicia dando oportunidade a Geri de encerrar ou continuar a conversa, produzindo um turno que dá ao outro a possibilidade de inserir novos materiais ou iniciar o encerramento (“En that’s all that’s new,” linha 05). Geri não tomou o turno, e Shirley então começa a sair “de fininho” do encerramento, pois produz uma PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente (“Oka:y?”, linha 07). Essa pergunta, segundo Button (1990), é, de certo modo, uma manifestação do falante de que ele não tem mais nada a tratar na conversa, mas está de alguma forma disponível para continuar conversando, por isso, insere uma pergunta, como estratégia para confirmar se o outro também não tem mais nada a inserir na interação.

Geri, por sua vez, responde com um “Ye:ah, hh” (linha 08), que também é um artifício do qual os participantes podem lançar mão para demonstrar não terem mais nada a tratar na conversa, mas estão disponíveis a permanecer interagindo. Em seguida, surge um item de combinação (“.hh s c’m over later.”, linha 09), que é um movimento mínimo de saída, pois a relevância do encerramento não se perde. Somado à resposta de Geri (“tá eu vou aparecer eu queria (.) já estar com alguma coisa pronta depois eu vou e ajudo o Joe[:y e”, linhas 10 e 11), essas ações podem ser consideradas ações recíprocas de relutância para o encerramento, evidenciando ainda mais a disponibilidade de ambas as partes para continuar a conversa. Depois disso, Shirley insere uma nova sinalização de encerramento (“[Okay,” linha 12), que não obtém resposta imediata de Geri (haja vista a micropausa da linha 13). A partir dessa não resposta, Shirley, que já estava mesmo orientada para continuar conversando, insere um outro item de combinação (“[good w’l have coffee.”, linha 14) que não cancela a relevância do encerramento, já que, por

não ser uma saída drástica, configura-se apenas como disponibilidade para prosseguir com a conversa.

Em seguida, após um turno de fala inaudível (linha 15) e uma descontinuidade de três décimos de segundo (linha 16), a seção de encerramento se reinicia (“°Okɑ:y°”, linha 17), obtém como resposta um componente terminal com entonação ascendente (“Alright?”, linha 18), que, junto com o continuador, também com entonação ascendente (“Mm.h[m:?”), linha 19), por serem movimentos que saem “de fininho” dos encerramentos, são, mais uma vez, evidência da disponibilidade para continuar a conversa. Com isso, finalmente, Shirley insere um movimento de saída da seção terminal, um novo tópico (“[D’yih talk tih Dayna this week?”, linha 20), e, como sinal de aceite a esse tópico, Geri dá a sua resposta (“.hhh Yeh...”, linha 21), abandonando o encerramento.

Em certas seções de encerramento, contudo, os participantes podem demonstrar estarem disponíveis para continuar conversando, mas podem não agir para que a continuação da conversa efetivamente ocorra. É o caso das seções em que nenhuma das partes sai drasticamente da interação.

[NB: II: 27]

A: Well I’m gonna call Neville’s mother b’fore I do
Anything else. So, .hhhh [I’ll give yih a buzz’n,
B: [wuh-
*→ B: AWRIGHT ho[ney,
*→ A: [Okay
→ B: Awright,
→ A: O[kay dear,
*→ B: [Bye,
*→ A: Bye bye.

A: aqui eu vou ligar pra mãe do Neville antes de fazer
qualquer coisa. então, .hhhh [eu te dou um toque,
B: [qu-
*→ B: ENTÃO TÁ, meu [bem,
*→ A: [tá
→ B: então tá,

→ A: fa[lou,
 *→ B: [tchau,
 *→ A: tchau.

Nesse trecho, temos um encerramento estendido (composto pelo par “Awright,”, terceira participação de B, na seção, e “O[kay dear,”, terceira participação de A, com marcação das setas sem asterisco). Desse modo, as partes aumentam as oportunidades de aparecimento de movimentos drásticos (e até mesmo mínimos) de saída da seção terminal, demonstrando disponibilidade para continuarem conversando. Entretanto, como nenhum dos falantes insere de fato tais movimentos de saída, o resultado dessa negociação foi o término da conversa.

3.3.4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante imediatamente responde

Em oposição à categoria de negociação anterior, em que há uma demonstração recíproca para a continuação da conversa, na presente categoria, apenas uma das partes dá essa demonstração. Quando o próximo falante corrente introduz imediatamente um movimento drástico de saída da seção terminal, o resultado é a perda da relevância do encerramento e, conseqüentemente, a continuação da conversa até o próximo ponto relevante para a ocorrência de uma nova sinalização.

[HG: 15]

Nancy: Anyw::y.=
 Hyla: =.pk. A:nywa[:y
 Nancy: [So:::,
 (.)
 Hyla: .p=
 Nancy: =You'll come abou:t (.) eight. Right?=
 Hyla: =Yea::h,=
 *→ Nancy: =Okay.
 → (0.2)

→ Nancy: Anything else to report,
(0.3)

→ Hyla: Uh:::::m:::,
(0.4)

→ Hyla: Getting my hair cut tihmorrow,
Nancy: =Oh rilly?

Nancy: pode se::r.=
Hyla: =.pk. po:de se[:r
Nancy: [entã:::o,
(.)

Hyla: .p=
Nancy: =você vai chegar lá pelas oito. não é isso?=
Hyla: =tá::,=
*→ Nancy: =falou.
→ (0.2)
→ Nancy: você tem mais alguma coisa pra contar,
(0.3)

→ Hyla: uh:::::m:::,
(0.4)

→ Hyla: vou cortar meu cabelo amanhã,
Nancy: =é mesmo?

Nesse excerto, a sinalização de encerramento de Nancy (“=Okay.”) não obteve resposta (cf. descontinuidade a seguir). Isso levou Nancy a seguir em outra direção, com uma demonstração de disponibilidade para continuar a conversa, através de um provocador de início de tópico (“Anything else to report,”). Após ocorrer novamente uma descontinuidade de fala (“(0.3)”), Hyla inseriu um gemido (“Uh:::::m:::”) e demonstrou, assim, estar pensando na resposta à pergunta feita, isto é, estava avaliando se tinha alguma coisa a mais para contar para Nancy. Após uma outra descontinuidade (“(0.4)”), ela insere um tópico novo, que é recebido pela outra, e isso engendra a continuação da conversa.

A negociação para o abandono do encerramento, nessa conversa, surge quando Nancy insere a PPP_{pré-terminal} (“=Okay.”) e não obtém resposta. A partir de então, ocorreram ações que levaram ao abandono do encerramento.

3.3.5. *Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante é não-responsivo*

Enquanto um falante se orienta para a inserção de materiais novos na conversa, o outro pode não estar orientado da mesma forma, optando por ser não-responsivo e, com isso, acelerar o processo de encerramento. Na conversa a seguir, Marge conversa com Maggie, que parece ser sua filha. Elas falam Ronald, que parece ser o filho de Maggie.

[JG: III: 15: 2-3]

01 Maggie: Well then I'll go ahead ann annu start Ronald's food
02 Marge: Yeah go ahead an let him eat an then if uh sheda'he
03 doesn't come by or something I'll ring you back. Okay?
04 Maggie: H'ri (bruskly)
05 Marge: Okay?
06 Maggie: Bye ((bruskly))
07 Marge: Okay. Iz there anything else yo:u- happen today of any
08 interest?
09 Maggie: No (0.5) huh uh. 'hh ((throat clogged)) sevente ((clears
10 throat)) seventeen dollar for Ronald's teeth.
11 (0.5)
12 Marge: ()=
13 Maggie: =That wuz the only thing na your bank kuh checks
14 Marge: .hh°h: well. Okay uh then I'll letchu () oh well I
15 mean I won't call you if I'm gonna - if they're gonna
16 drop me off if they're not gonna drop me off then I'll
17 jus call up
18 (0.5)
19 Maggie: Ah'ri. ((very bruskly))
20 Marge: Okay?
21 Maggie: Bye ((very bruskly))
22 Marge: =But go ahead na feed hi[m () imagine hez starving
23 Maggie: [Yeah
24 Maggie: Yeah bye ((bruskly))
25 Marge: Okay bye.

01 Maggie: tá então eu vou lá e vou começar a dar comida ao Ronald
02 Marge: é, vai e deixa ele comer, depois se você puder, se ele
03 não conseguir ou qualquer coisa eu te ligo de volta. tá?
04 Maggie: tá ((bruscamente))
05 Marge: tá bom?
06 Maggie: tchau ((bruscamente))
07 Marge: tá. aconteceu mais alguma coisa
08 importante hoje?
09 Maggie: não (0.5) huh uh. 'hh ((engasga)) dezesse- ((limpa a
10 garganta)) dezessete dólares pro dente do Ronald.
11 (0.5)

12 Marge: ()=
 13 Maggie: =essa é a única coisa que seu banco vai poder checar
 14 Marge: hh°h: bem. tá, é eu vou deixar você () quer dizer eu
 15 não vou te ligar se eu for- se eles forem me deixar se
 16 eles não forem me deixar então
 17 eu te ligo
 18 (0.5)
 19 Maggie: tá. ((muito bruscamente))
 20 Marge: tá bom?
 21 Maggie: tchau ((muito bruscamente))
 22 Marge: =mas vai lá dar comida pra ele [() ele deve
 23 Maggie: [sim
 22* Marge: =estar morrendo de fome
 24 Maggie: Sim tchau ((bruscamente))
 25 Marge: tá tchau.

*Continuação da linha 22: a tradução do turno não coube em uma só linha, como no original.

No segmento acima, Marge, em vários momentos utiliza uma PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente (“Okay?”, linha 03; “Okay?”, linha 05; “Okay?”, linha 20). A todas essas ações, Maggie respondeu bruscamente. Isso pode ser um sinal de não-responsividade à proposta de saída “de fininho” do encerramento. Em contrapartida, uma vez que ela dá todas essas respostas de maneira brusca (“H’ri”, linha 04; “Bye”, linha 06 e “Bye”, linha 21), sua orientação é para acelerar o processo de encerramento. Além disso, Marge utiliza também um provocador de início de tópico (“Iz there anything else yo:u- happen today of any interest?”, linhas 07 e 08), que obtém inicialmente uma resposta negativa seguida de uma pausa (“No (0.5)”, linha 09). Isso parece ser, também, uma demonstração de não-responsividade à orientação de Marge para continuar a conversa. Diante desse quadro, a partir da última PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente, a conversa se estende apenas por mais alguns turnos e se encerra.

3.3.6. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde

Diante da demonstração de um falante para continuar a conversa, a reação do outro falante pode não ser apenas responder imediatamente ou ser não-responsivo. Há um grau intermediário entre essas duas reações: o outro falante pode começar reagindo não-responsivamente à continuação da conversa e, em um certo ponto da seqüência, começar a ser responsivo.

[Lerner: SF: II: 24]

01 Mark: =having talk't JoAnn I did wanna git thee f:ful skinny.=
02 Bob: =hh-hhhhh .hh Okha(h)ky,
03 Mark: .t.t hhhh so:: I::, hh thought I'd-give yih a bu:zz.
04 Bob: Okay Mark glad yih did.
05 Mark: Oka:y en: dah, hh .hh ulble talking to yuh Friday. h
06 (0.2)
07 Bob: Oka:y.:
08 Mark: =Have a happy Thanksgivee:n a:nd uh(.)mm-khhh may all yer
09 dreams c'm true.=
10 Bob: =W l thank you:. Thank you.
11 (.)
12 Mark: [[Ah-
13 Bob: [[Wee' yih doin t'morruh [night. Anythin [:g,
14 Mark: [.hhhhhhhhhhhh [Oh:: : uh
15 we-e:ll

01 Mark: =eu tava falando com JoAnn que eu queria ficar mais magro.=
02 Bob: =hh-hhhhh .hh ent(h)ão t(h)á.
03 Mark: .t. hhhh aqui:: eu::, hh achei que tava te dando um toque.
04 Bob: tá bom, Mark, fico feliz.
05 Mark: tá:: e:: hum hh .hh eu falo com você na sexta. h
06 (0.2)
07 Bob: Entã:o tá.:
08 Mark: =feliz dia de ação de graças e: uh(.)mm-khhh que todos os
09 seus sonhos se realizem.=
10 Bob: =ah, briga:do. brigado.
11 (.)
12 Mark: [[ah-
13 Bob: [[que que você vai fazer amanhã [à noite. qualqu[er coisa,
14 Mark: [.hhhhhhhhhhhh [Oh:: : uh
15 Ahh

No início dessa seção, as ações de Bob (“Okha(h)ky,” linha 02; “Okay Mark glad yih did.”, linha 04; “Oka:y.”, linha 07; “=W l thank you:. Thank you.”, linha 10)

se restringem somente a respostas mínimas, que impedem o surgimento de qualquer movimento drástico de saída da seção terminal. Essas ações, então, podem ser consideradas não-responsivas à disponibilidade de Mark para continuar a conversa. No entanto, a última participação de Bob no trecho destacado possui características de saída drástica da seção de encerramento, uma vez que se trata de um provocador de início de tópico que recebe uma resposta do outro. Devido a essa nova orientação de Bob, a seção terminal é abandonada e a conversa continua. Nesse caso, portanto, dizemos que Mark demonstrou disponibilidade para continuar a conversa e Bob eventualmente respondeu, porque inicialmente começou não-responsivo, mas depois ele mesmo inseriu um movimento drástico de saída.

3.3.7. Um falante continua a conversa, e o outro responde

Passemos agora às categorias de negociação em não há demonstração de disponibilidade para continuar a conversa, mas sim a continuação da conversa de fato por um dos falantes. Nos termos de Button, “em contraste com as várias demonstrações da disponibilidade para continuar a conversa, um falante pode realmente continuar a conversa, e isso pode obter a ação responsiva recíproca do outro no próximo turno” (1990, p. 144). Esse é, geralmente, o caso dos encerramentos abandonados com retomadas em T2, isto é, seções terminais em que, após a PPP_{pré-terminal}, o receptor faz uma retomada em vez de proferir a SPP_{pré-terminal}.

[Kr: D+R: 14: b: 1]

Robin: Hm
(2.0)
*→ Robin: Awright °David°
→ David: So what did the baby say.
→ Robin: Oh: eh ass: f'yo. He slep'with me two nights this

→ wee:k he ass fih you in the morning....

Robin: Hm
 (2.0)

*→ Robin: tá bom °David°

→ David: então o que que o neném falou.

→ Robin: ah, ele perguntou por você. Ele dormiu comigo duas

→ noites essa sema:na perguntou por você de manhã.

Nesse segmento, após a sinalização de encerramento de Robin (“Awright °David°”), David faz uma retomada, promovendo a continuação da conversa. Robin, por sua vez, responde à pergunta de David, e o resultado dessa negociação é a continuação da conversa.

3.3.8. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término

Algumas ações podem restringir a possibilidade de continuação da conversa. Uma das partes pode inserir ações que se voltem para continuar a interação, mas a outra pode não estar orientada para isso, prosseguindo o encerramento. Frente a duas orientações distintas, cabe a uma das partes ceder à orientação do outro. Dependendo da “concessão”, o resultado pode ser a continuação da conversa (como veremos na subseção 3.3.9, abaixo) ou o seu término, como veremos a seguir:

[TC1 (b): 13: 6]

Linda: but.hhhhhhh try tih git Deeanna's about
 seven.

*→ Jerry: Oka:y,

→ Linda: So::[I

→ Jerry: [Later
 (.)

→ Linda: Okay honey.

*→ Jerry: Gih bye=.

*→ Linda: =Bye bye.

Linda: mas .hhhhhhhh tente chegar na Deeanna lá pelas sete.

*→ Jerry: tá bo:m,

→ Linda: entã::o [eu

→ Jerry: [depois
(.)

→ Linda: tá bem, meu amor.

*→ Jerry: tchau=.

*→ Linda: =tchau.

Nesse trecho, Jerry impede bruscamente que Linda continue a conversa e propõe que o acréscimo de material conversacional (“So::[I]”) seja “posto de lado”, isto é, seja deixado para “depois”. Com isso, o resultado dessa negociação é o encerramento da conversa.

3.3.9. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação

Como vimos na subseção anterior, as partes em uma interação podem seguir orientações distintas na seção terminal da conversa. Enquanto uma se orienta para desligar o telefone, a outra pode estar orientada para prosseguir a interação. Esse impasse interacional pode resultar em término ou em continuação da conversa. Na subseção 3.3.8, vimos o término da conversa como resultado dessa “disputa”. Vejamos agora como pode ocorrer a continuação da conversa a partir dessas diferentes orientações dos participantes:

[Erhardt: 8: 3]

Pam: I wz js calling you en finding out.
(.)

*→ Pam: .hnn Okay Well thank you anway [cuti] cle [()

→ Vicky: °Oh:° [Yeah.] [I:-

→ Vicky: I- have a: class Thursday.
(0.9)

°→ Vicky: a:nd
 (0.2)
 *→ Pam: O[ka::]y
 °→ Vicky: [Yihknow,]
 (.)
 °→ Vicky: every Thursday .hh thou:gh starting December
 ° seventeenth I won't .hh
 (0.3)
 *→ Pam: ↑Oka:y,
 (*)→ Vicky: Ok[a:y?
 → Pam: [We:ll, then thanks anyway.
 °→ Vicky: Yeh I'm sorry [Pam,]
 → Pam: [Oh w] it's not yer problem=
 → Vicky: =Yeh it woulda been better if.....

 Pam: eu só te liguei pra saber.
 (.)
 *→ Pam: .hnn então tá obrigada assim mesmo [cuti] cle [()
 °→ Vicky: °Oh:° [sim.] [eu:-
 °→ Vicky: eu- tenho aula na quinta.
 (0.9)
 °→ Vicky: e:
 (0.2)
 *→ Pam: tá [bo::]m
 °→ Vicky: [você sabe né,]
 (.)
 °→ Vicky: toda quinta .hh mesmo começando dia dezessete de
 ° dezembro eu não vou poder .hh
 (0.3)
 *→ Pam: ↑tá bo:m,
 (*)→ Vicky: tá [bo:m?
 → Pam: [bom, então obrigada assim mesmo.
 °→ Vicky: ah, me desculpa [Pam,]
 → Pam: [a h] não tem problema=
 → Vicky: =é teria sido melhor se....

Nesse caso, temos um encerramento abandonado no segundo turno. Pam propõe o encerramento (“Okay Well thank you anyway [cuti] cle [()”), o qual é abandonado por Vicky no segundo turno (“I- have a: class Thursday.”). Esta continua apresentando ações que parecem ser justificativas por não poder fazer algo para Pam. Esta, por sua vez, orientada para o fato de que “não tem problema” se volta para o término da conversa, inserindo sinalizações de encerramento (“O[ka::]y” e “↑Oka:y,”), mas Vicky novamente insere ações que, de certa forma, abandonam a seção terminal e

promovem a continuação da conversa (“[Yihknow,]”; “_every Thursday .hh thou:gh starting Dec_ember seven_teenth I won’t .hh” e “Ok[a:y?”). A orientação para continuar a conversa de Vicky finalmente ganha espaço quando ela inicia uma ação que parece ser a de uma conjectura, e isso promoveu a saída do encerramento, resultando em continuação da conversa.

A partir de nossas observações acerca da leitura do texto de Button (1990), dividimos essas nove categorias em dois conjuntos, de acordo com o resultado que essas negociações alcançam. O primeiro conjunto agrupa as negociações que resultam em término da conversa, e o segundo, as que resultam em continuação. Interessa-nos observar se, e como, as categorias criadas por ele se aplicam em nossos dados de português brasileiro. Como parâmetro, então, apresentamos, na página a seguir, um quadro sinóptico das categorias de negociação para o término ou para a continuação da conversa.

Resultado: Término da conversa

1. Orientação recíproca para o término da conversa
2. Encerramentos reciprocamente prolongados
3. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa (casos em que não há inserção de movimento drástico de saída da seção terminal)
4. Um falante demonstra a disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante é não-responsivo
5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término

Resultado: continuação da conversa

1. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa (casos em que uma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal)
2. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro imediatamente responde
3. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde
4. Um falante continua a conversa, e o outro responde
5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação

Esquema 4: as categorias de negociação dos falantes para o término e para a continuação da conversa.

Podemos observar que a categoria de negociação apresentada na subseção 3.3.3 está presente nas duas situações, justamente porque os participantes podem estar mutuamente orientados para continuar a conversa, mas o resultado dessa reciprocidade pode ser distinto – ou o seu término ou a sua continuação.

A partir da discussão travada nesta revisão bibliográfica, no que diz respeito às estratégias interacionais utilizadas pelos participantes, envolvidas nas seções de encerramento, compartilhamos com Button (1990) a seguinte observação:

“os falantes podem produzir uma variedade de tipos de encerramento dentro dos quais negociações para continuar ou para terminar a conversa podem surgir, através do uso de vários tipos de componentes, e, no curso dos movimentos para dentro e para fora dos encerramentos, [os participantes] também negociam a continuação da conversa ou o abandono do encerramento” (Button, 1990, p. 146).

A contribuição de Button (1990) é essencial, porque nos fornece toda a categorização necessária para a análise de dados deste trabalho. A relação do posicionamento de certas ações nas seqüências terminais com os conceitos de “encerramento maior-que-o-arquetípico” e “encerramento abandonado” norteia nossa análise na medida em que os tipos de movimentos de saída dos encerramentos podem ser examinados em termos de tipos de encerramento que tais movimentos podem produzir.

A partir das próximas páginas, veremos como essas contribuições teóricas, formuladas no contexto anglo-saxônico, se aplicam em nossos dados, extraídos de conversas telefônicas cotidianas realizadas por falantes de português brasileiro. Antes, porém, abordaremos algumas questões de cunho metodológico.

4. Questões de cunho metodológico

No presente capítulo, apresentamos como foi feita a coleta de dados e discutimos algumas questões metodológicas que orientam a nossa pesquisa. Além disso, justificamos a utilização do sistema gráfico adotado, bem como a utilização de categorias identitárias nos títulos das transcrições. Apresentamos, ainda, os motivos para a relutância dos analistas da conversa em tratar a quantificação de dados como um objetivo último, ou mesmo em estágio preliminar de análise e, por fim, listamos as conversas que farão parte do nosso capítulo posterior de análise.

4.1. A geração de dados

Os dados utilizados neste trabalho são dados reais de fala espontânea, coletados entre os meses de setembro e outubro de 2004. Um aparelho gravador foi ligado ao telefone fixo residencial de uma família de classe média juizforana. A família que se dispôs a ter suas conversas telefônicas gravadas é composta por quatro membros: o chefe da família, a dona de casa, a filha (mais velha) e o filho (mais novo). Trata-se de um núcleo familiar bastante sólido (já existe há mais de trinta e cinco anos), conservador e norteado por princípios religiosos católicos.

Todos os moradores da casa foram avisados de que durante o período supracitado suas conversas telefônicas seriam gravadas e foram orientados a comunicar tal fato a todos aqueles que telefonassem para eles. Em algumas gravações, é possível perceber o aviso explícito, geralmente no final da conversa, de que a gravação estava sendo feita. Em outras,

o aviso foi feito fora da situação interacional gravada. As gravações não permitidas foram eliminadas do *corpus* para que não houvesse nenhuma complicação legal, visto que constituiria em quebra de sigilo telefônico sem permissão das partes. É interessante frisar que a permissão dos participantes foi dada oralmente, em conversas tão espontâneas quanto as que foram gravadas, isto é, não houve nenhum documento assinado pedindo permissão para o uso das gravações. Acreditamos que isso não seria necessário, porque as conversas não só não possuem nenhum conteúdo de caráter confidencial, mas também, os membros da referida família partilham de intimidade e confiança extremas no pesquisador que desenvolve este trabalho.

Ainda sobre a gravação de dados, a ACe possui uma estratégia para resolver um problema, que, segundo ten Have (2004), é um problema de “dupla-face” acerca do estudo etnometodológico das ações de senso comum: de um lado, está a questão de minimizar o uso não examinado do senso comum e, por outro, a questão é maximizar a “examinabilidade” do problema. Desta forma, o autor aponta algumas soluções, dentre as quais uma é atribuída à metodologia da ACe: o envolvimento do estudo das práticas cotidianas por meio da gravação de alguns “materiais” com o uso de equipamentos de áudio e vídeo. Essas gravações são por sua vez transcritas de modo que os procedimentos de uso do senso comum são limitados à escuta do que foi dito e pela percepção de como tal material foi dito. É tarefa do analista, portanto, formular um “mecanismo”, que pode ter sido usado para produzir aquele material e o fenômeno agregado a ele. Entretanto, o autor demarca uma diferença entre os estudos estritamente etnometodológicos e o estudo subjacente à ACe: enquanto na etnometodologia o problema de “visibilidade” da questão é – em parte – resolvido pela criação ou seleção de ambientes “estranhos” (vide os experimentos de ruptura relatados por Garfinkel, 1967), em ACe, essa tarefa de

“estranhamento” é desempenhada pelos equipamentos de gravação e pelo processo de transcrição. Com relação a esse procedimento de gravação, Sacks acrescenta que é uma tarefa importante, porque permite ao analista observar um fenômeno tantas vezes quantas forem necessárias, “porque eu poderia ter [os dados] em minhas mãos e estudá-lo repetidas vezes, e também, conseqüentemente, porque os outros poderiam olhar para o que eu estudei e (...) discordar de mim” (1984, p. 26).

Para a observação dos fenômenos presentes nas conversas, selecionamos trechos das conversas, que estão transcritas, na íntegra, na seção dos anexos. As transcrições foram feitas de acordo com os parâmetros da ACe, propostos por Gail Jefferson – modelo apresentado em Sacks *et al.* (2003 [1974]) – e discutidos por Duranti (1997), Gago (2002) e Garcez (2002).

Para evitar qualquer tipo de constrangimento, os nomes dos participantes foram trocados por outros nomes, com alguma semelhança fônica. Se, por exemplo, houvesse nas gravações alguém de nome “Hermínia”, seu nome poderia ser trocado por algo como “Virgínia”.²⁴ Qualquer outra informação presente nas conversas, como nomes de cidades, bairros ou outros lugares que pudessem identificar os participantes, também foram trocados. O nome “Belém”, por exemplo, aparece nas transcrições para substituir o nome de uma outra cidade mineira próxima a Juiz de Fora.

Sobre a geração de dados, é válido ressaltar, ainda, uma outra questão: em algumas conversas de nosso *corpus*, ocorreu o “pedido para chamar”, isto é, a pessoa que atendeu ao telefone não era aquela com quem a pessoa que ligou queria falar e esta, portanto, faz um pedido para falar com a outra. Duas situações se instauram a partir desse pedido: a pessoa

²⁴ Algumas das conversas constantes neste trabalho têm o seu pesquisador como participante, mas, embora possa ser facilmente identificado em alguns casos, apesar das mudanças, teve também, como os outros, o seu nome alterado.

solicitada pode atender prontamente ou estar impossibilitada de atender (estar ocupada ou não estar em casa no momento, por exemplo). Os pedidos para chamar com respostas negativas foram considerados relevantes, por demandarem um trabalho interacional particularmente interessante, principalmente em suas seções de encerramento. Entre as conversas cujos pedidos para chamar obtiveram respostas afirmativas, nem todas foram consideradas neste trabalho, uma vez que aquelas em que o atendente afirma que “vai chamar” ou pede para esperar e abandona o fone, dando vez ao silêncio, não há um trabalho interacional relevante para a nossa pesquisa, embora acreditemos que haja muito o que se estudar sobre esses casos. Já os pedidos para chamar que ocorreram adjuntos a outras ações implicativas de encerramento foram considerados interacionalmente relevantes para nossa análise.

4.2. O sistema gráfico utilizado nas transcrições

O sistema gráfico é o conjunto de símbolos utilizados na escrita, em tentativa de representação do discurso produzido oralmente. Sobre o sistema gráfico utilizado em transcrições, Gago (2002) afirma:

“(…) parece-nos que poucos benefícios temos em usar com maior destaque a grafia modificada. Sugerimos o uso predominantemente de grafia-padrão nas transcrições, especialmente nos fenômenos de ocorrência majoritária no Brasil, reservando-se a grafia modificada somente para os casos em que: 1) houver demonstração de atenção seqüencial dos participantes na conversa para o sinal não-padrão; e 2) os fenômenos possam ser explicados pelos participantes em atitude etnometodológica de auto-reflexão. O alfabeto fonético deve ser de uso mais restrito ainda, somente nas situações em que a proficiência fonológica esteja em questão.” (Gago, 2002, p. 99)

O autor distingue duas formas de escrita nas transcrições – a escrita-padrão e a escrita modificada. A primeira seguiria a prática efetiva dos escritores da atualidade e à segunda, incorporar-se-iam os detalhes da produção verbal nas transcrições sob a forma do *dialeto gráfico*, que impressionisticamente tenta capturar alguns detalhes da pronúncia para agregá-lo à escrita, ou sob a forma do *alfabeto fonético internacional*, que dita normas de transcrição fonética do material falado.

Em nossos dados, priorizamos a grafia-padrão, como sugere o autor, mas, em certos momentos, a grafia modificada, via dialeto gráfico, fez-se necessária, posto que, pelo princípio etnometodológico da justificabilidade, os participantes certamente concordariam em aceitar terem falado “fora do padrão” em um determinado contexto seqüencial da transcrição. Essa transcrição grafemática “alternativa” se justifica pelo fato de que a grafia padrão apagaria o apontamento de certos fenômenos fonético-fonológicos específicos dos falantes de Minas Gerais, passíveis de reconhecimento por eles próprios. Termos como “seu” em lugar de “senhor”, “ocê” em vez de “você”, dentre outros que podem ser percebidos nas transcrições presentes neste trabalho, apresentam-se fortemente como traços de “fala mineira”, evidenciando um aspecto cultural importante para a observação dos dados.

4.3. As categorias de identidade social dos participantes nos títulos das transcrições

Sobre a utilização de categorias de identidade social para a identificação dos participantes, Garcez afirma:

“não me parece desejável utilizar categorias de identidade social para a identificação dos participantes, pois, segundo Schegloff, Firth, Wagner e outros analistas da conversa, me parece que essas identificações serão

equivocadas na maior parte do tempo, não apenas por nos cegarem para outras possibilidades, mas também porque as identidades relevantes são muitas vezes simultaneamente múltiplas, às vezes deliberadamente ambíguas em sua simultaneidade, além de cambiantes no fluxo da interação, o que torna difícil acreditar que uma única identificação possa ser correta em qualquer extensão de transcrição”. (Garcez, 2002, p. 91-2)

Nossas transcrições ratificam essa posição porque se valem de nomes próprios criados para identificar os participantes, tal como exposto anteriormente. Entretanto, os títulos de nossas transcrições são compostos por categorias identitárias, do tipo “conversa telefônica entre mãe e filho”. Não queremos, com isso, restringir as outras possibilidades de identificação dos participantes, mas apontar uma característica proeminente dos atores na cena social em curso. Isso, de certa forma, revela um pouco do envolvimento do pesquisador com os dados da pesquisa, uma vez que somos nós quem elegemos tais características como merecedoras do título da transcrição, mas procuramos, também, apesar disso, destacar um aspecto identitário que “ligasse” as duas partes e/ou que criasse uma relação entre eles em torno dos tópicos abordados nas conversas. Para exemplificar, citamos aqui a “conversa telefônica entre candidatos a um concurso público fora da cidade”, conversa que encontramos maior dificuldade em nomear, porque Irene e Humberto são colegas de faculdade, mas não foi essa a relação que norteou o telefonema (se compararmos com a conversa que denominamos “entre colegas de faculdade”, veremos que os tópicos abordados são sinais claros da relação entre Humberto e Isabela, no caso). Desta forma, observando a razão da chamada, percebemos que se tratava de combinar um horário e um local em que Irene e seu marido, Christian (que também prestaria o concurso), se encontrariam com Humberto para irem juntos ao local da prova, que, por sinal, seria em outra cidade. Assim, o objetivo do telefonema inspirou o nome da transcrição. Da mesma forma, procedemos com as outras transcrições, dando-lhes os nomes, ora de acordo com o

propósito da chamada, ora de acordo com a relação social entre proeminente entre as partes, na conversa.

Sabemos que poderíamos ter atribuído às conversas títulos como, por exemplo, 1A-1, 1A-2, 1B-5, que indicariam, na ordem em que aparecem, o número da fita onde a conversa foi gravada, bem como o seu lado correspondente (A ou B) e o número de posição da conversa no respectivo lado da fita. Poderíamos ainda, simplesmente, mencionar os nomes próprios inventados dos participantes nos títulos das transcrições, por exemplo, “conversa telefônica entre Humberto e Irene”. A primeira escolha, contudo, denotaria um distanciamento muito grande entre o pesquisador e os seus dados, os quais seriam tratados apenas como “material registrado para pesquisa”, e a segunda faria uma apresentação de personagens fictícios sem nenhum preâmbulo e teria, portanto um efeito inverso, aproximando em demasia o pesquisador de seus dados, sem agregar contexto etnográfico aos materiais de pesquisa.

4.4. A questão da quantificação dos dados

Detenhamo-nos agora um pouco na questão da quantificação em ACe. Analistas da conversa têm uma grande relutância a tratá-la como objetivo último, ou mesmo um estágio preliminar de análise. As razões para essa relutância, segundo Hutchby e Wooffitt (1998), estão relacionadas com a importância da descoberta da ordem da fala a partir da perspectiva êmica, ou dos participantes²⁵, e o papel da interpretação de senso comum na geração das

²⁵ A perspectiva êmica é entendida aqui o conjunto das demonstrações de entendimentos produzidas pelos falantes à medida que vão construindo suas elocuições e compondo a conversa. Ao analista, cabe apenas descrever e detalhar os fenômenos observados a partir do que se vê que os participantes tenham demonstrado ter sido importante para eles no momento da interação (cf. Loder, 2006).

análises. A ACe, ainda de acordo com esses autores, evita tratar os fenômenos de fala-em-interação como variáveis estatísticas. Analistas da conversa, geralmente, têm o objetivo de explicar, com base na visão caso-a-caso (e não na perspectiva generalizante dos números) as competências sistemáticas com as quais os participantes de uma conversa cotidiana contam para entender as ações um do outro e para gerar respostas interacionalmente apropriadas.

Button (1987), em seu trabalho sobre os lugares da seção terminal, onde um movimento de saída poderia ser sistematicamente organizado, percebeu que cada conjunto de ações (retomadas, provocadores de início de tópico, combinações etc.) ocorre majoritariamente em um espaço de oportunidade específico e exemplifica, em seus dados, que, dos quarenta e cinco casos de combinações presentes em seções de encerramento, trinta e um ocorreram no primeiro espaço de oportunidade, cinco no segundo, quatro no terceiro e cinco no quarto espaço oportuno para saída de um encerramento. Todavia, o autor destaca, em nota, que

“tais estatísticas são mencionadas com desconforto, porque pode-se supor que são descobertas e então questões relacionadas à relevância e à ocorrência aleatória dos dados deveriam ser consideradas. Deve ser entendido, contudo, que meras ocorrências estatísticas não são a descoberta e nem, por si mesmas, muito interessantes. A distribuição e a frequência são, em seu trabalho, meramente um mecanismo usado para tornarem-se sensíveis aos desenhos organizacionais dos tipos de seqüência examinados. Isso quer dizer que, tendo notado que alguns ‘tipos de seqüência’ foram normalmente encontrados ocorrendo nos mesmos espaços de oportunidade, tornou-se possível ver que eles demonstraram uma sensibilidade para tais espaços (...). Quando eles foram usados em outros espaços de oportunidade que não eram aqueles onde regularmente ocorriam, [é porque] demonstraram sensibilidade para aquelas fontes” (Button, 1987, p. 151)

A importância de se negar um estudo estatístico-probabilístico reside justamente nas considerações que podem ser feitas a partir de ocorrências fora do “lugar em que mais ocorre”, isto é, examinar quantas vezes um determinado fenômeno acontece em um mesmo

ambiente não é de grande utilidade para a ACe, pois tudo o que ocorre, seja mais ou menos vezes, independentemente do contexto, é relevante na perspectiva dos participantes, e, por isso, é passível de análise.

Além disso, existem três noções indicadoras de que alguma coisa acontece em $n\%$ do tempo ou x vezes a cada y ocorrências (cf. Schegloff, 1993 e Heritage, 1995). Primeiro, a de que análise quantitativa exige um denominador, que seriam os “ambientes de possível ocorrência”. Segundo, um numerador, que seria o número de vezes que um dado evento ocorre. Terceiro, a noção de domínio ou universo, que seria o conjunto de todos os dados de fala coletados em algum contexto específico. Heritage (*ibidem*) afirma que não tem, com essa apresentação do papel das estatísticas na análise de práticas conversacionais, a intenção de considerar esse tipo de análise como impossível, mas pretende assegurar que tal análise deve ser tratada com cautela e que pode obter mais sucesso se se relacionar com elementos bem definidos da fala, bem como com um conjunto de objetivos relativamente limitados. O autor também conclui que tratamentos estatísticos de evidência para procedimentos conversacionais ainda precisam provar se podem ser centrais ou relevantes como recursos de análise, uma vez que problemas metodológicos importantes inibem ainda sua implementação até o presente momento. Por essa razão, nosso trabalho não se utiliza, sob nenhum pretexto, de estatísticas na análise das práticas conversacionais aqui abordadas.

4.5. Os dados

Utilizamos, no presente trabalho, 24 conversas telefônicas, cujos títulos são: “conversa telefônica entre primas”; “conversa telefônica entre avó e neta e mãe e filho”; “conversa telefônica entre tio e sobrinho”; “conversa telefônica entre esposas do tio e do

sobrinho”; “conversa telefônica entre dono da casa e amiga do filho”; “conversa telefônica entre sobrinha e tio”; “conversa telefônica entre irmãs”; “conversa telefônica entre tia e sobrinho e entre irmãs”; “conversa telefônica entre primos” (3 conversas); “conversa telefônica entre colegas de faculdade”; “conversa telefônica entre dona da casa e mãe do vizinho”; “conversa telefônica entre dono da casa e esposa do amigo”; “conversa telefônica entre companheiros de time”; “conversa telefônica entre candidatos de um concurso público fora da cidade” (2 conversas); “conversa telefônica entre pai e filha”; “conversa telefônica entre namorados I”; “conversa telefônica entre namorados II”; “conversa telefônica entre amigos”; “conversa telefônica entre dona da casa e amigo do marido”.

É importante destacar que o número de conversas não equivale ao número de seções de encerramento presentes em cada uma delas. Cada conversa possui um número diferente de seções de encerramento, pois alguns movimentos de saída podem ser engendrados para adiar o término da interação naquele momento, tornando relevante, para as partes, o início de uma nova seção mais adiante. A segmentação dos dados ocorreu de forma bem simples.

Por exemplo, em uma conversa, a primeira seção terminal começa a partir da primeira sinalização de encerramento. Se, ao final dessa seção, a conversa se encerra, então, a conversa teve apenas uma seção de encerramento. No entanto, se, ao final dessa seção, a conversa continuou, e o encerramento foi abandonado, uma nova seção de encerramento será considerada a partir da próxima sinalização de encerramento²⁶. Por isso, em nossas análises, uma mesma conversa pode ocorrer em diversas categorias, uma vez que cada seção terminal possui características distintas, com relação à disponibilidade dos participantes para encerrar a interação ou continuar conversando. Nessa perspectiva,

²⁶ Deve ser entendida como sinalização de encerramento a ocorrência de uma PPP_{pré-terminal}, indicando que pelos menos uma das partes está, pela primeira vez (ou novamente), orientada a encerrar a conversa.

ressaltamos, então, que nossa coleção de dados dispõe de 46 seções de encerramento ao longo das 24 conversas telefônicas cotidianas gravadas em áudio (cf. esquema a seguir). Nas transcrições na íntegra, em anexo, as seções de encerramento estarão identificadas, à esquerda dos números indicadores das linhas, com o símbolo S1, em referência à primeira seção de encerramento; S2, com relação à segunda seção; S3, à terceira, e assim sucessivamente, tantas quantas forem as seções de encerramento presentes na conversa em questão.

	Conversa	Nº de seções terminais
1.	TIO E SOBRINHO E IRMÃS (2)	6
2.	PRIMOS (3)	4
3.	CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE (2)	5
4.	AMIGOS	1
5.	NAMORADOS II	1
6.	DONO DA CASA E AMIGA DO FILHO	1
7.	PAI E FILHA	1
8.	DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO	3
9.	COMPANHEIROS DE TIME	4
10.	IRMÃS	2
11.	ESPOSAS DO TIO E DO SOBRINHO	3
12.	PRIMAS	2
13.	DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO	3
14.	SOBRINHA E TIO	1
15.	COLEGAS DE FACULDADE	3
16.	TIO E SOBRINHO	1
17.	NAMORADOS I	1
18.	DONA DA CASA E AMIGO DO MARIDO	1
19.	NETA E AVÓ E MÃE E FILHO (2)	3

Esquema 5: Número de seções terminais por conversa telefônica.

Através desse esquema, podemos observar que muitas conversas possuem poucas seções de encerramento (oito conversas, por exemplo, possuem apenas uma seção), mas

isso não pressupõe que, mesmo sendo conversas curtas, suas seções de encerramento sejam necessariamente curtas ou arquetípicas. Mesmo nessas seções, assim como nas outras, movimentos de saída estão propensos a ocorrer. Por essa razão, essa tabela não considera a extensão das conversas, mas apenas a quantidade de seções terminais em cada uma.

5. Análise de Dados em Português Brasileiro

A análise de dados, neste trabalho, terá dois focos de observação: a relação entre as formas de encerramento em português brasileiro e suas funções na seção terminal da conversa telefônica cotidiana, e as estratégias de negociação para o final ou para a continuação da conversa. Julgamos ser necessário reconhecer as formas de encerramento existentes em nossa língua para entendermos como os participantes negociam o término ou o prosseguimento da interação, a partir das indicações de que a conversa pode estar chegando ao fim. Trazemos também, no presente capítulo, exemplos de movimentos mínimos e drásticos de saída da seção terminal, presentes em nossa coleção de dados. Embora a apresentação desses excertos não seja o foco da nossa pesquisa, acreditamos que eles são relevantes para uma melhor compreensão das estratégias de negociação a que nos referiremos.

5.1. A relação entre as formas de encerramento e suas funções na seção terminal da conversa telefônica

Se considerarmos que, nos dados produzidos em contexto anglo-saxônico, as formas lingüísticas freqüentemente usadas nas seções de encerramento das conversas são “OK”, “Alright”, “Bye bye” e “Bye”, podemos considerar, de acordo com nossos dados e com o nosso conhecimento de senso comum, que alguns materiais lingüísticos muito utilizados em contexto brasileiro são “então tá”, “tá”, “tá bom” e “tchau”. Contudo, não podemos afirmar que estas formas sejam meras traduções daquelas. Não acreditamos, por exemplo, que “então tá” se constitua como mera tradução de “ok” ou que “tchau” seja apenas uma transposição em língua portuguesa dos termos ingleses “goodbye” ou “bye”. Estes,

inclusive, são comumente traduzidos, no aprendizado de língua inglesa, em certos módulos iniciais, como “adeus”, e não como “tchau”. Quanto ao “ok”, percebemos que é uma expressão já tão pertencente à nossa linguagem cotidiana que nem conseguimos mais imaginar uma tradução para o termo.

Apresentamos, na página a seguir, um esquema panorâmico acerca da ocorrência de todas as formas lingüísticas presentes em nossos dados, bem como suas funções nas seções terminais das conversas²⁷. A partir do quadro, poderemos fazer algumas observações relevantes sobre as formas lingüísticas de encerramento de conversas telefônicas cotidianas realizadas em contexto brasileiro.

²⁷ A ocorrência dessas formas poderá ser observada nas seções subseqüentes e nas conversas transcritas, na íntegra, em anexo.

	Formas lingüísticas	PPP _{pré-terminal}	SPP _{pré-terminal}	PPP _{terminal}	SPP _{terminal}	Total
1	então tá	21	2			23
2	Ta		14			14
3	tchau			22	20	42
4	tá?	11				11
5	tá bom?	9				9
6	tá bom		4			4
7	bença			5		5
8	abençoe/ deus abençoe				4	4
9	falou	3	3		1	7
10	falou?	1				1
11	então falou	4				4
12	falou então	3	1	2		6
13	tá:::				3	3
14	tcha:::u			2		2
15	tá bom então	3	1			4
16	então tá bom	4				4
17	então tá bom então	1				1
18	então tá jóia então	1				1
19	então tá jóia		1			1
20	tá jóia		2			2
21	tá okey então		1			1
22	tá okey		2			2
23	tchau tchau				1	1
24	tchau então			1		1
25	então tchau	1				1
26	aí fica assim então	1				1
27	então até lá			1		1
28	Até logo			1		1
29	Até domingo			1		1
30	tá certo		1			1

Esquema 6: as ocorrências das formas lingüísticas de encerramento e suas funções na seção terminal.

Como podemos observar, as formas “então tá”, “tá” e “tchau” são as mais freqüentes. Além disso, as formas “então” e “tá” conjugadas com outras formas perpassam todo o quadro, levando-nos a fazer, acuradamente, algumas observações sobre a utilização desses termos nas seções terminais, nos parágrafos que se seguem.

Como não há, no *corpus* deste trabalho, frases de efeito, ditados populares ou avaliações do tipo “adorei falar com você”, como criadores de um ambiente terminal,

acreditamos que o operador conversacional conclusivo “então”, acompanhado de outras formas, enquanto sinalização de encerramento, tem a função de avaliar e resumir tudo o que já foi dito até aquele momento. De acordo com o esquema acima, destacamos que 13, das trinta formas lingüísticas encontradas, são formadas por esse operador acompanhado de algum outro item lexical. Isso pode ser evidência importante para entendermos o “então” como criador de oportunidades para sinalizar o encerramento da conversa, como podemos notar no exemplo abaixo:

[CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 07: 18-27] (p. 206)

18 Humberto: =qualquer coisa eu- ou eu ligo pra:: pra vocês ou vocês
19 me ligam qualquer mudança, mas se não mudar, marcado
20 seis e quinze lá onde eu marquei com o christian.
→ 21 Irene: **então** tá [bom.
22 Humberto: [tá bom?
23 Irene: tá bom.
→ 24 Humberto: .hhh **então** até lá. hihihhhh
→ 25 Irene: **então** tá, um abra::[ço.
26 Humberto: [falou, [tchau.
27 Irene: [tchau.

Nesse exemplo, percebemos a ocorrência do “então” em três sintagmas distintos (“então tá [bom.”, linha 21; “então até lá”, linha 24 e “então tá,”, linha 25). Nas três situações, o termo cria oportunidades para a conclusão da conversa, que ocorre, de fato, por meio da troca terminal “tchau.”/“tchau.” (linhas 26-27).

Um outro item que aparece muito nas seções terminais analisadas é contração do verbo *estar*, na terceira pessoa do singular do indicativo presente – “tá” –, que aparece em 15 sintagmas, dentre os catalogados. Acreditamos que, por se tratar de um verbo de ligação não-nocional indicador de estado (e não de ação), o “tá” demarca o limite da conversa entre as ações que “estavam” se sucedendo até o momento e as ações que passarão a se suceder a

partir daquele ponto. Como o “então”, ele também conclui o que foi abordado antes, para dar margem ao início de novas ações, no caso, as ações terminais da conversa. Vejamos:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 16-25] (p. 186)

16 Tomé: aqui, . brigadão, só tô ligando pra agradecer mesmo.
→ 17 Dorinha: **tá** bom, então.
→ 18 Tomé: **tá** bom?
→ 19 Dorinha: **tá**.
20 Tomé: a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.
→ 21 Dorinha: **tá** [bem.
22 Tomé: [num quer?
→ 23 Dorinha: **tá**.
→ 24 Tomé: **tá** bom, bença.
25 Dorinha: >>°deus te abençoe.°<<

Nesse exemplo, observamos que o “tá” ocorre diversas vezes (“tá bom, então.”, linha 17; “tá bom?”, linha 18; “tá.”, linha 19; “tá [bem.”, linha 21; “tá.”, linha 23; “tá bom, bença.”, linha 24). Seja sozinho, seja acompanhado por outros termos, o “tá” tende a marcar a recepção da seqüência anterior, com vistas a iniciar o encerramento. O “tá”, em conexão com o adjetivo “bom” (“tá bom,”, linha 17), constitui-se como uma SPP da reiteração do propósito da chamada (“só tô ligando pra agradecer mesmo.”, linha 16) e ajuda a criar um ambiente propício para o início dos componentes terminais, o que ocorre, quando Tomé acopla o “tá” ao adjetivo “bom” e faz do sintagma uma PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente. A resposta de Dorinha ocorre por meio de um “tá” solitário (“tá.”, linha 19), que aponta que ela não tem mais nenhum material a inserir na conversa. O turno seguinte de Dorinha, constituído pelo “tá” e pelo advérbio “bem” (“tá [bem.”, linha 21), marca a recepção do anúncio feito pelo sobrinho anteriormente (“a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.”, linha 20), mais uma vez apontando que, pelo menos com Tomé, ela não tem mais nenhum novo material conversacional a inserir. A pergunta do

sobrinho, feita em seguida (“[num quer?”, linha 22) parece estar direcionada a outra pessoa, mas sua tia, ainda assim, marca a recepção dessa pergunta com um novo “tá” solitário (“tá.”, linha 23). Por fim, o último “tá” dessa conversa aparece acompanhado do “bom” (“tá bom, bença.”, linha 24), configurando-se como uma pós-expansão mínima da seqüência anterior, antecipando a PPP_{terminal}, realizada aqui como um pedido de bênção.

Outro termo, que aparece em menor escala (apenas em quatro, das trinta expressões destacadas), é o “falou”. Curioso é observar que esse verbo é bastante propício em uma conversa, a qual ocorre por meio da “fala”. Outro ponto interessante a se observar é a ocorrência do verbo no pretérito perfeito do indicativo, tempo verbal que tem como principal característica apontar uma ação acabada, finita. A partir disso, somos levados a perceber que é uma expressão que também marca, de certo modo, a conclusão das ações em curso, em detrimento do início da seção terminal.

[AMIGOS 01: 47-51] (p. 207)

```
47 Irineu: eu passo aí e te pego.=
48 Saulo: =tá.
49 (0.2)
50 Saulo: [ tá? ]
➔ 51 Irineu: [°falou°] então. falou. tchau.
```

Nesse exemplo, o “falou” aparece duas vezes. Na primeira, acompanhado do “então” (“[°falou°] então.”, linha 51), constitui-se como PPP_{pré-terminal}, que, depois da pausa, ocorre sobreposta ao turno do outro, como tentativa de tomar o turno. O segundo “falou” (linha 51) é uma SPP_{pré-terminal} correspondente à PPP_{pré-terminal} com contorno entonacional ascendente anterior de Saulo (“[tá?]”, linha 50).

Uma outra interpretação é possível para o exemplo acima²⁸. Poderíamos entender que a ocorrência do segundo “falou” no turno de Irineu (linha 51) seria um auto-reparo para repetir, agora de maneira clara, o material que foi produzido antes em sobreposição.

Com relação ao “tchau”, sua origem se dá no cumprimento italiano “*ciao*”, por causa dos inúmeros imigrantes italianos que começaram a vir para o Brasil a partir do fim do século XIX para ocupar o sudeste e o sul do país. Com isso, o termo acabou penetrando em nossa cultura. Com relação às demais regiões do país, para onde não foram muitos italianos, o “tchau” não entrou naturalmente, mas o fez pelos meios tecnológicos globalizantes, como o rádio e a televisão, por exemplo. Por isso, o “tchau” hoje é um termo “pan-brasileiro”, isto é, usado em todo o Brasil²⁹. Essa forma de despedida, no entanto, não pode ser vista como uma transposição direta do italiano, porque, cotidianamente nesta língua, o “*ciao*” funciona principalmente como cumprimento em aberturas de encontros (constituir-se-ia como a forma não-marcada), embora possa também ser pronunciado (seria a forma marcada, porém) nos encerramentos de conversas italianas. O “tchau” português normalmente encerra a interação, e sua força de encerramento dificilmente possibilita ao interlocutor inserir outra seqüência que não seja a sua ação responsiva correspondente:

[NAMORADOS II 01: 51-52] (p. 208)

51 Paulo: >>então tá, **tchau**, um beijo.<<
52 Rita: **tchau**.

Nesse exemplo, temos o “tchau” funcionando tanto como PPP_{terminal} (“tchau,”, linha 51) quanto como SPP_{terminal} (“tchau.”, linha 52), uma vez que parece existir uma

²⁸ Tal interpretação foi vislumbrada pelo Prof. PhD. Pedro M. Garcez (UFRGS), em comunicação pessoal.

²⁹ Agradecemos imensamente ao Prof. Dr. Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), que, gentilmente, nos prestou as informações históricas aqui apresentadas.

tendência muito forte à resposta recíproca ao “tchau” quando ele ocorre na seção terminal de uma conversa telefônica.

As formas “tá?” ou “tá bom?” funcionam predominantemente como PPP_{pré-terminais} ou SPP_{pré-terminais} com contorno entonacional ascendente, como podemos constatar pelo esquema acima.

Sobre as outras formas de encerramento de conversa telefônica cotidiana em contexto brasileiro (“jóia”, “okey”, “fica assim”, “até domingo”, “até logo”, “até lá”, “tá certo”, “tá::”), encontradas em nossos dados, podemos afirmar que se tratam de formas específicas utilizadas por falantes específicos, ou seja, podem ser consideradas formas próprias do “estilo do interlocutor”. Esse termo foi utilizado por Schegloff (1986, p. 129) para designar que, às vezes, um “Okay” pode funcionar, não como uma resposta neutra, mas como uma resposta negativa, em perguntas do tipo “tá-tudo-bem”. A partir de nossos dados, podemos dizer que outras formas lingüísticas, em outros contextos de ocorrência, podem ser também consideradas próprias do “estilo do interlocutor”. Para exemplificar, apresentamos, a seguir, um exemplo de nossos dados:

[DONO DA CASA E AMIGA DO FILHO 01: 23-33] (p. 209)

- 23 Sara: [o tomé tá por aí?
24 Irineu: o tomé saiu ago::ra., tem uns (0.5) dez minutos que ele
25 saiu.
26 Sara: a::h então tá jóia então, depois eu ligo pra ele.
27 Irineu: então tá.
28 Sara: tá bom?
29 Irineu: [tá.
30 Sara: [brigada [hein?] i[r i]neu,
31 Irineu: [n-] [na-]
32 Sara: °t[cha::u.°
→ 33 Irineu: [tá.] **tá:::..**

O prolongamento da vogal no item “tá” é uma forma peculiar de Irineu para proferir a SPP_{terminal}. Encerrar a conversa dessa forma, portanto, é algo específico do participante, algo do “estilo do interlocutor”.

Assim como esse item, também os outros podem ser vistos nas conversas como formas lingüísticas particulares de manifestação interacional dos falantes em seções de encerramento de conversas telefônicas. Cada interlocutor pode, em certos momentos, utilizar uma expressão diferente das mais usuais para sinalizar o encerramento da conversa, e isso, então, amplia o número de possíveis formas de sinalização.

5.1.1. A multifuncionalidade de algumas formas de encerramento

Algumas das formas apresentadas no esquema 6 desempenham, enquanto componentes terminais, outras funções, como, por exemplo, pedir ou oferecer bênção ou encerrar a seqüência anterior ao mesmo tempo em que iniciam a seqüência terminal. No segmento a seguir, as partes realizam a troca terminal por meio do par “pedido-oferta de bênção”:

[PAI E FILHA 01: 21-28] (p. 210)

- 21 Rita: o senhor tá onde?
22 Irineu: tô aqui na mãe?
23 Rita: ahn::: tá bom.
24 Irineu: eu tô indo também, não demoro não.
25 Rita: tá bom.
→ 26 Irineu: **tá?**
→ 27 Rita: **tá, bença.**
→ 28 Irineu: **tchau, abençoe.**

Próximo à seção de encerramento dessa conversa está o turno da filha perguntando ao pai onde ele estava (“o senhor tá onde?”, linha 21), ao que ele responde que estava na casa da sua mãe (“tô aqui na mãe?”, linha 22). Em seguida, ao ouvir um terceiro turno de encerramento de seqüência (“ahn::: tá bom.”, linha 23), Irineu faz um anúncio (“eu tô indo também, não demoro não.”, linha 24), e Rita sinaliza o recebimento desse anúncio (“tá bom.”, linha 25). A seção de encerramento se inicia no turno seguinte (“tá?”, linha 26).

O par adjacente pré-terminal dessa seção de encerramento (“tá?”/ “tá,”) tem, como principal função, checar se as partes realmente se orientam para o encerramento da interação em curso. Diante de um aceite da proposta de encerramento, as partes então realizam a troca terminal efetivamente. Por se tratar de uma interação entre familiares distintos na hierarquia social e tradicionalmente conservadores, do ponto de vista dos costumes religiosos, o par adjacente terminal ocorre através de uma ação de “pedido de bênção” por parte da filha, configurando a PPP_{terminal} , que obteve, como SPP_{terminal} , uma “oferta da bênção pedida.” Isso, portanto, reforça a idéia de que o par “pedido-oferta de bênção” faz parte do ritual de encerramento de conversas, uma vez que pode adquirir o status de troca terminal. As partes, portanto, interpretaram que tal ação não só funciona como pedido-oferta de bênção, mas também como troca terminal, tornando dessa forma desnecessário o uso do par “tchau-tchau”.

Acreditamos que tanto o “tchau, ” quanto o “abençoe.” (ambos na linha 28) sejam tipos distintos de SPP_{terminal} , uma vez que funcionam como resposta correspondente à PPP anterior. Poderíamos, com isso, afirmar que a PPP de Rita, na linha 27 – “bença.” – desempenha duas ações: encerrar a conversa e pedir a bênção. Evidência de que Irineu

interpretou a UCT anterior da filha dessa forma é a SPP “desmembrada” em duas ações: uma que encerra a conversa – “tchau,” – e outra para oferecer a bênção pedida – “abençoe.”. Isso confirmaria a idéia de que as partes podem interpretar a ação “pedido-oferta de bênção” também como uma ação terminal.

Uma última observação, porém, é interessante destacar nessa conversa: quem encaminha a conversa para o fim é o pai e, embora tenham ocorrido os pares adjacentes próprios da finalização, o encerramento se dá em apenas três turnos, porque a filha – que é quem, nessa relação, deve pedir a bênção – acopla à sua $SPP_{\text{pré-terminal}}$ a PPP_{terminal} , para o cumprimento do ritual social de encerrar um encontro com essa ação específica.

Vejamos agora como as formas lingüísticas apontadas, desempenhando suas funções de componentes terminais, participam das seções de encerramento em que se engendram saídas mínimas ou drásticas da seção terminal.

5.2. Ações presentes na seção de encerramento

Nesta subseção, apresentamos exemplos coletados de nosso *corpus* referentes às ações presentes nas seções de encerramento, que promovem saídas mínimas ou drásticas da seção terminal. Conforme afirmamos, este não é o foco do nosso trabalho, mas, por acreditarmos que o contato com esses exemplos facilitará o entendimento das estratégias de negociação para o término ou para a continuação da conversa telefônica cotidiana, apresentá-los-emos aqui.

5.2.1. Exemplos de saídas mínimas e drásticas da seção terminal (cf. Button, 1987)

Em nossos dados, encontramos pelo menos um exemplo de cada um dos tipos, alguns dos quais se assemelham com os de Button (1987) e outros apresentam algumas particularidades, como veremos nas páginas que se seguem.

5.2.1.1. Combinações

Em nossos dados, encontramos combinações que antecedem a seção terminal, como “último tópico” da conversa, que pode ser recuperado já dentro da seção de encerramento, “reintroduzindo” um tópico:

[CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 05: 10-22] (p. 204)

- 10 Humberto: que horas,? ali.
→ 11 Christian: **ah, aí pode se::r na faixa de seis e quinze mesmo por**
12 **aí, porque eu coloquei seis e quinze porque geralmente**
13 **a gente a- né,? sempre:: atra[sa um pouquinho.**
14 Humberto: [tá, mar- acontece um
15 atra[so, tu]do bem .
16 Christian: [é::.]
→ 17 Christian: **então eu passaria ali por volta de- de- se- seis e dez**
18 **seis e vinte aí nessa faixa de seis e <<quinze>> por**
19 **aí.**
20 Humberto: tá okey.
21 Christian: tá bom?
22 Humberto: tá bom então, [.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me=

Como podemos perceber, o turno de Christian (“então eu passaria ali por volta de- de- se- seis e dez seis e vinte aí nessa faixa de seis e <<quinze>> por aí.”, linhas 17-19) é uma combinação que ocorre antes da seção terminal (a partir da UCT “tá bom?”, linha 21). Ele faz a combinação, obtém uma resposta preferida (“tá okey.”, linha 20) e sinaliza o encerramento com a PPP_{pré-terminal} “tá bom?” (linha 21). Mais adiante, a combinação é “reintroduzida” por Humberto (iniciada com o

elemento “[.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me=”, linha 22), na continuação da conversa apresentada acima, logo após a PPP_{pré-terminal} de Christian (“tá bom?”, linha 21):

[CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 05: 21-35] (p. 204)

- 21 Christian: tá bom?
→ 22 Humberto: tá bom então, [.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me=
23 Christian: [(aí ent-)
→ 24 Humberto: =<<ligam>>ou eu ligo pra vo[cês,
25 Christian: [ah, então tá bom, [então
→ 26 Humberto: [mas fica
27 combinado então já assim.=
28 Christian: =tá::, n- nesse horário, nesse local.
29 Humberto: nesse horário, nesse lugar.
30 Christian: ah, >então tá,< a irene quer falar com você [aqui, tá?=
31 Humberto: [tá bom.=
32 Christian: =[tchau.
33 Humberto: =[tá jóia, tchau, brigado.
34 (0.8)
35 Irene: oi, humberto. Ahãh

A reintrodução de novos itens de combinação então promove o prosseguimento do tópico e uma nova sinalização de encerramento só aparece alguns turnos depois (“ah, >então tá,<” – linha 30). A reintrodução, nesse caso, tem a função de checar a combinação feita antes, fornecendo aos participantes condições de confirmar, ou não, tudo o que foi tratado antes na interação, como podemos observar pelos turnos produzidos por ambos, confirmando que o encontro seria no mesmo horário e no mesmo local/ lugar (cf. linhas 28-29) acertados anteriormente.

5.2.1.2. Retomadas

Na nossa coleção de dados, encontramos termos, expressões, temas e/ou assuntos que foram abordados na conversa anteriormente e que podem ser “retomados” na conversa durante a seção terminal.

[COMPANHEIROS DE TIME 01: 27-41 (...) 04: 36-46] (p. 213-216)

27 Paulo: eu f- eu liguei pro baltazar falei com ele assi:m (0.5)
28 pra ver se marca pra gente n- um jogo (.) na terça
29 feira, num marcar domingo que vem não porque:: eleição
30 né.
31 (0.5)
→ 32 Zé Américo: ah, é. ah eu (0.8) th (1.2) até bom bobo **eu tô meio**
→ 33 **desanimado, paulo.=**
34 Paulo: =é isso que eu falei com ele, uai. [eu falei isso com]=
35 Zé Américo: [ah, eu to]=
36 Paulo: =[o baltazar.]
37 Zé Américo: =[desanimado,] bobo, eu tô desanimado porque eu v-
38 (0.2)eu vou eu vou falar com o baltazar, se num:::
39 (0.2)
40 Paulo: é, eu falei com ele, uai.=
→ 41 Zé Américo: =**se num mudarem aquelas palhaçadas lá** [(), não cara.

(...)

36 Paulo: falou então, depois a gente [fic-
→ 37 Zé Américo: **[sinceramente, cara, eu t-**
38 **°eu° (1.5) se continuar com essa bobei[rada aí,**
39 Paulo: [não, mas num
40 desanima não, pô.
41 (0.8)
42 Zé Américo: os caras não dão valor pra gente. [()
43 Paulo: [é, que senão sai
44 você, sai eu, sai o baltazar, né. aqui, se ocê vir o
45 beto e o prego aí dá uma idéia neles pra mim aí.
46 Zé Américo: ahã.=
47 Paulo: =a hora que der eu dou uma passadinha aí.
48 Zé Américo: tá.
49 Paulo: dá uma lembrança a su aí.
50 Zé Américo: tá jóia, >>paulo,<< dá um abraço no pessoal aí.=
51 Paulo: =falou.=
52 Zé Américo: =e a sua noiva? como é que ela tá?
53 Paulo: tá jóia. tô na casa dela.
54 Zé Américo: ah, >cê tá na casa dela?<
55 Paulo: tô.
01 Zé Américo: fala que eu mandei um abraço pra [ela.
02 Paulo: [então tá.
03 Zé Américo: t[á?
04 Paulo: [tchau, um abraço.
05 Zé Américo: falou paulo, tchau.

No trecho acima, percebemos que, após a sinalização de encerramento de Paulo acompanhada de uma tentativa de combinação (“falou então, depois a gente [fic”, linha 36), Zé Américo se sobrepõe e retoma um tema que já havia sido discutido na conversa – o desânimo em continuar no time. Isso faz com que a seção de encerramento iniciada por Paulo seja deixada de lado e dê margem à continuação da conversa, a qual prossegue até o surgimento de uma seqüência que recupera o contexto de encerramento, como podemos perceber na inserção de um item de combinação (“=a hora que der eu dou uma passadinha aí.”, linha 47).

5.2.1.3. Provocadores de início de tópico

Em nossos dados, não temos exemplos do tipo “mais alguma coisa?”, em que há uma solicitação do outro para introduzir um novo tópico, mas temos alguns segmentos que apontam para a topicalização de algum item novo na conversa, que, de certo modo, constitui-se também como provocação de início de tópico:

[IRMÃS 02: 12-19] (p. 219)

```

12 Verônica:                                     [hhhh.hh hhh
13          ent(h)ão t(h)á.
14 Verena:   ha f(h)alo(h)u ent(h)ão, [verônica.
➔ 15 Verônica:                                     [aí tá tudo certo, [ né,  cê ]=
16 Verena:                                     [°(tudo.)°]
➔ 17 Verônica: =esperou a edna descer lá?=  

18 Verena:   =não, eu desci <com ela> mas ela >>foi pro ponto do<
19          ônibus eu vim embora.<

```

Observamos, nesse trecho, que, após a PPP_{pré-terminal} (“ent(h)ão t(h)á.”, linha 13), seguida pela SPP_{pré-terminal} (“f(h)alo(h)u ent(h)ão,”, linha 14), Verônica faz uma pergunta, provocando o início de um novo tópico, demonstrando a sua disponibilidade de

continuar a conversa até uma das partes se mostrar novamente orientada a encerrar a interação, inserindo uma nova sinalização de encerramento.

5.2.1.4. Recomendações

Como exemplo de recomendações, trazemos a seção terminal da conversa entre companheiros de time, apresentada na referência às retomadas:

[COMPANHEIROS DE TIME 04: 43-05: 05] (p. 216-217)

43 Paulo: [é, que senão sai
44 você, sai eu, sai o baltazar, né. aqui, se ocê vir o
45 beto e o prego aí dá uma idéia neles pra mim aí.
46 Zé Américo: ahã.=
47 Paulo: =a hora que der eu dou uma passadinha aí.
48 Zé Américo: tá.
→ 49 Paulo: **dá uma lembrança a su aí.**
→ 50 Zé Américo: tá jóia, >>paulo,<< **dá um abraço no pessoal aí.=**
51 Paulo: =falou.=
52 Zé Américo: =e a sua noiva? como é que ela tá?
53 Paulo: tá jóia. To na casa dela.
54 Zé Américo: ah, >cê tá na casa dela?<
55 Paulo: tô.
→ 01 Zé Américo: **fala que eu mandei um abraço pra [ela.**
02 Paulo: [então tá.
03 Zé Américo: t[á?
04 Paulo: [tchau, um abraço.
05 Zé Américo: falou paulo, tchau.

O tópico retomado (cf. subseção 5.2.1.2.) ocupou mais alguns turnos até a ocorrência de um novo ambiente para a reintrodução de outras ações terminais – projeção de ação futura (“=a hora que der eu dou uma passadinha aí.”, linha 47, cf. Button, 1991). A partir de então, ocorre o primeiro envio de recomendações (“dá uma lembrança a su aí.”, linha 49), respondido pelo outro, que, reciprocamente, realiza a mesma ação (“dá um abraço no pessoal aí.=”, linha 50). Podemos perceber que logo após um

componente terminal é inserido (“=falou.=”, linha 51), mas, em seguida, um novo tópico é “provocado” (“e a sua noiva? como é que ela tá?”, linha 52), engendrando uma nova saída do encerramento, que é recuperado depois de novo envio de recomendações no turno “fala que eu mandei um abraço pra [ela.” (linha 01), a partir do qual o encerramento é reiniciado para que a conversa efetivamente se encerre.

Podemos também apresentar exemplos de recomendações que, em vez de promoverem o reinício dos encerramentos, podem somente preservar as seções terminais, como a seguir:

[PRIMAS 03: 14-28] (p. 232)

```

14  Marta:           [<aqui, cê desculpa de eu num ter ligado
15                procê mais cedo.=
16  Rita:           =não, num [tem problema] não, boba,=
17  Marta:           [<°tá bo:m°?>]
18  Marta:           =então tá?,=
→ 19  Rita:           =cê dá um abraço no rafael [aí, no daniel,]
20  Marta:           [ <tá jóia > ] tá,
21                briga[d a, t á ? ]tchau,
22  Rita:           [fica com deus]
23  Marta:           [você também.
24  Rita:           [tchau, m a r[ t a ]
25  Marta:           [tchau,]
26  Rita:           bri[ga-
27  Marta:           [brigada [tá, tchau].
28  Rita:           [nad-, tch]au.

```

Nesse excerto, Marta inicia o encerramento (“então tá?”, linha 18) e Rita, já no turno seguinte, envia recomendações às pessoas próximas da outra (“cê dá um abraço no rafael [aí, no daniel,]”, linha 19). A partir de então, mais algumas ações terminais são introduzidas, mas a seção de encerramento não se perde, como podemos constatar pelo uso dos componentes “[tchau, m a r[t a]” (linha 24) e “[tchau,]” (linha 25), que seriam, respectivamente, as PPP_{terminal} e SPP_{terminal}, refeitas ainda mais uma vez (através dos

turnos “tchau].”, linha 27 e “[nad-, tch]au.”, linha 28), após as ações de agradecimento (“bri[ga-”, linha 26 e “[brigada [tá,”, linha 27).

5.2.1.5. Propósito da chamada

A reiteração do propósito da chamada também aparece em nossa coleção de dados e é exemplificada a seguir:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 14-27] (p. 186)

14 Tomé: hhhh. Tá bom en[tão.]
15 Dorinha: [tá.]
→ 16 Tomé: aqui, . brigadão, **só tô ligando pra agradecer mesmo.**
17 Dorinha: tá bom, então.
18 Tomé: tá bom?
19 Dorinha: tá.
20 Tomé: a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.
21 Dorinha: tá [bem.
22 Tomé: [num quer?
23 Dorinha: tá.
24 Tomé: tá bom, bença.
25 Dorinha: >>°deus te abençoe.°<<
26 (7.0)
27 Verônica: oi?

Nesse trecho, podemos notar que o propósito da chamada foi introduzido (“só tô ligando pra agradecer mesmo.”, linha 16) após uma sinalização de encerramento (“tá bom en[tão.]”, linha 14) e sua resposta correspondente (“[tá.]”, linha 15). O turno seguinte de Tomé (“tá bom?”, linha 18) é o reinício da seção terminal, e a conversa entre eles se encerra mais adiante, com o par pedido-oferta de bênçãos (“tá bom, bença.”, linha 24 e “>>°deus te abençoe.°<<”, linha 25). Assim como com as combinações e as recomendações, essa ação ocasiona um turno de resposta (cf. “tá bom, então.”, linha

17), mas ainda assim preserva a implicatura de encerramento, para que, no turno seguinte, os encerramentos possam ser reinseridos.

5.2.1.6. Apreciações

Em nossos dados, não temos exemplos dessa ação identificando explicitamente a chamada como algo apreciado. O exemplo extraído do texto do próprio autor já foi reportado na subseção 3.2.1.6.

Em nosso *corpus*, porém, encontramos seqüências de agradecimentos sem uma razão aparente, o que nos leva a entender que seriam ações de agradecimento pela ligação do outro:

[DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 33-46] (p. 234)

33 Irineu: [tão tá tá:::.
34 (0.5)
35 Luna: tá certo.
36 Irineu: tcha:::u.
37 Luna: então tá, seu irineu.
38 (0.8)
39 Irineu: [tá.
40 Luna: [pode deixar que eu falo com ele.=
41 Irineu: =tá [tá,
42 Luna: [tá::?
43 Irineu: tá:::.=
→ 44 Luna: =brigada.
45 (0.2)
46 Luna: tchau.

Nessa conversa, Irineu liga e pede para falar com o amigo, mas sua esposa diz que ele não está em casa. Irineu, então, deixa um recado, e Luna se compromete a transmiti-lo ao marido (cf. “[pode deixar que eu falo com ele.=”, linha 40). Como vemos, não há nenhuma ação, como PPP, que torne relevante um agradecimento (“=brigada.”, linha 44), a

não ser que interpretemos que ela tenha se orientado para agradecer a ligação do amigo ao marido. Dessa forma, esse exemplo se assemelha aos exemplos anteriores em que há explicitamente a apreciação da chamada como objeto apreciado.

Há, em nossos dados, ainda, as apreciações que se referem a algo anterior na conversa realocado como “apreciável”, como, por exemplo, um favor:

[DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 01: 48-02: 10] (p. 211-212)

48 Verônica: [tudo de bom. mas ele tá bom
49 sim, que >>ele teve aqui agorinha mesmo,<< ele saiu daqui
50 na [hora do jogo.
51 Isabel: [é, então tá bem, tá. [()
01 Verônica: [foi só dar umas voltas de
02 bicicleta.=
→ 03 Isabel: =ãhã, tá bem., **muito obrigada, viu?**, [°dona verônica.°=
04 Verônica: [então tá. tudo de=
05 Isabel: =[tá. até logo.]
06 Verônica: =[bom pra senho]ra.
07 Isabel: igualmente, [filha.
08 Verônica: [tá, tchau.
09 (0.2)
10 Isabel: °tchau.°

Nessa conversa, Isabel liga para a casa de Verônica para pedir notícias de seu filho, que não lhe telefonara naquele dia até aquele momento. Preocupada, ela então liga para a casa de Verônica, vizinha de seu filho para perguntar se naquele dia ela o vira e se ele estava bem. Já em um turno implicativo de encerramento, como percebemos pela exortação “tudo de bom.” (linha 48), Verônica dá mais algumas informações sobre João, o filho de Isabel (“mas ele tá bom sim, que >>ele teve aqui agorinha mesmo,<< ele saiu daqui na [hora do jogo.”, linhas 48-50 e também em “[foi só dar umas voltas de bicicleta.=”, linhas 01-02). Com isso, Isabel agradece (linha 03), apontando como “apreciáveis” as informações dadas por Verônica, a qual, logo depois, reinicia a seção de encerramento da conversa (“então tá.”, linha 04).

Já o exemplo a seguir não se trata de reintrodução da seção terminal após a apreciação, mas por componentes de encerramento que continuam a seção em curso:

[DONO DA CASA E AMIGA DO FILHO 01: 26-33] (p. 209)

```
26 Sara:      a:::h então tá jóia então, depois eu ligo pra ele.
27 Irineu:    então tá.
28 Sara:      tá bom?
29 Irineu:    [tá.
→ 30 Sara:     [brigada [hein?] i[r i]neu,
31 Irineu:    [ n- ] [na-]
32 Sara:      °t[cha::u.°]
33 Irineu:    [ tá. ] tá::::.
```

Como podemos observar, o par $PPP_{\text{pré-terminal}}$ e $SPP_{\text{pré-terminal}}$ (respectivamente “tá bom?”, linha 28 e “[tá.”, linha 29) é seguido de uma ação de agradecimento e o que parece ser o início de sua ação responsiva (respectivamente “[brigada [hein?] i[r i]neu,”, linha 30 e “[na-]”, linha 31). Logo depois, ocorre o par PPP_{terminal} e SPP_{terminal} (respectivamente “°t[cha::u.°]”, linha 32 e “tá::::.”, linha 33). Nesse caso, então, não se pode afirmar que as apreciações operam como movimentos de saída dos encerramentos, porque aqui o encerramento não é reiniciado, mas continua após a finalização da seqüência de agradecimento. Sendo assim, apreciações podem operar também como uma ação que estende o encerramento, sem se constituir como um movimento de saída da seção terminal. Entretanto, apreciações podem se associar aos componentes de encerramento e causam, para os turnos seguintes, implicações seqüenciais que não estão associadas com os componentes do encerramento arquetípico, isto é, podem tornar relevante o reinício da seção terminal e, assim, tratar-se de um movimento mínimo de saída do encerramento:

[PRIMOS 12: 17-28] (p. 199)

17 Cláudia: então falou, [vê direi]tinho aí, falou?, meu filho?=
 18 Humberto: [tá bom.]
 19 Humberto: =vejo sim.=
 20 Cláudia: =fica com deus e dá um beijão no seu pai,[na rita,]=
 21 Humberto: [pode deixar]=
 22 Cláudia: =[fica com deus, tchau, meu] filho.
 23 Humberto: =[que dou sim, dou sim.]
 → 24 Humberto: aqui, **brigadão**, [viu?
 25 Cláudia: [nada, meu filho,[então tchau. hhhh
 26 Humberto: [uhum, então falou
 27 beijo [tchau.
 28 Cláudia: [°tchau.°

Nesse trecho, notamos que o encerramento iniciado por Cláudia (“então falou,”, linha 17) foi adiado pelas várias ações de saída da seção terminal e uma delas foi a apreciação de Humberto (“aqui, brigadão, [viu?”, linha 24). Após a ocorrência do agradecimento e da sua ação responsiva correspondente (“nada, meu filho,”, linha 25), a seção terminal é reiniciada (“então tchau. hhhh”, linha 25). Sendo assim, a apreciação também pode incorrer em movimento mínimo de saída do encerramento.

5.2.2. Espaços de oportunidade para a ocorrência de saídas da seção terminal

Com relação aos espaços de oportunidade para a ocorrência de ações terminais, que promovem saídas drásticas ou mínimas da seção terminal, apresentaremos também exemplos de nosso *corpus* e faremos algumas observações relevantes para a análise-foco desta dissertação.

5.2.2.1. Depois do primeiro componente terminal (PPP_{pré-terminal})

No exemplo abaixo, as duas partes iniciam, juntas, um movimento de saída após a

PPP_{pré-terminal}:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 45-55] (p. 186)

45 Dorinha: ah, acabei de almoçar agora., comi um (0.2)
46 macarrãozinho com manjericã::o.
47 Verônica: então tá bom, uai.
48 Dorinha: comi tan:::to, °nossa se[nhora.°
→ 49 Verônica: [então tá. [eu vou agora ali q-]
→ 50 Dorinha: [comi comi::: aquele]
51 outro negócio que você trouxe pra mim.
52 Verônica: hã::=
53 Dorinha: =(). ficou bo:m. ((raspa a garganta))
54 Verônica: mas aí tá tudo bom né?
55 Dorinha: tá. tá ótimo.

No excerto acima, após a PPP_{pré-terminal} de Verônica (“[então tá.”, linha 49), ambas iniciam juntas um movimento de saída da seção terminal e a conversa não se encerra a partir dessa sinalização. Para que a conversa se encerre efetivamente será necessária a inserção de uma nova seção terminal mais adiante.

Diferentemente do segmento acima, temos também exemplos em que apenas uma das partes se move para fora do encerramento. O movimento pode ser iniciado pela parte que profere a PPP_{pré-terminal} (*primeira oportunidade*, cf. esquema 3, na subseção 3.2.2.) ou pela parte que a recebe (*segunda oportunidade*). No excerto abaixo, vejamos um exemplo em que a própria pessoa que profere o primeiro componente terminal inicia a saída do encerramento:

[PRIMOS 12: 06-19] (p. 199)

06 Cláudia: =a:: aí qualquer coisa se não tiver tão ce[do eu]=
07 Humberto: [mhum.]
08 Cláudia: =eu vou mais cedo [e-
09 Humberto: [não, mas aqui tem horário, cedo sim,

10 tem [muito] horário pra jericó, aí eu vejo direitinho.
 11 Cláudia: [mhum.]
 → 12 Cláudia: **então falou, porque você ir de jericó pra jerusalém eu**
 13 **já acho meio complicado, o ideal seria cê descer em**
 14 **jerusalém mesmo.**
 15 Humberto: tá, não, mas tem tem ônibus direto pra jerusalém, pode
 16 deixar comigo.
 17 Cláudia: então falou, [vê direi]tinho aí, falou? meu filho.=
 18 Humberto: [tá bom.]
 19 Humberto: =vejo sim.=

Nesse trecho, podemos perceber que Cláudia inicia a seção terminal (“então falou,”), linha 12), mas logo em seguida realiza um movimento de saída da seção terminal, no caso, uma retomada (“porque você ir de jericó pra jerusalém eu já acho meio complicado, o ideal seria cê descer em jerusalém mesmo.”), linhas 12-14).

Vejamos agora um exemplo de saída da seção de encerramento realizada pelo receptor da PPP_{pré-terminal}.

[PRIMAS 03: 14-28] (p. 232)

14 Marta: [<aqui, cê desculpa de eu num ter ligado
 15 procê mais cedo.=
 16 Rita: =não, num [tem problema] não, boba,=
 17 Marta: [<°tá bo:m°?>]
 → 18 Marta: **=então tá,=**
 → 19 Rita: **=cê dá um abraço no rafael [aí, no daniel,]**
 20 Marta: [<tá jóia >] tá,
 21 briga[d a, t á ?]tchau,
 22 Rita: [fica com deus]
 23 Marta: [você também.
 24 Rita: [tchau, m a r[t a]
 25 Marta: [tchau,]
 26 Rita: bri[ga-
 27 Marta: [brigada [tá, tchau].
 28 Rita: [nad-, tch]au.

Nesse caso, Rita, após a PPP_{pré-terminal} proferida por Marta (“=então tá,=”, linha 18), faz um envio de recomendações (“=cê dá um abraço no rafael [aí, no

daniel,]”, linha 19) e, com isso, realiza um movimento mínimo de saída da seção terminal.

5.2.2.2. Depois do segundo componente terminal (SPP_{pré-terminal})

Nesta subseção, como na anterior, temos também duas situações: aquela em que o próprio falante da SPP_{pré-terminal} inicia a saída do encerramento (*terceira oportunidade*, cf. esquema 3, na subseção 3.2.2.) e aquela em que o receptor da referida SPP se move para fora do encerramento (*quarta oportunidade*). O fragmento abaixo é um exemplo de movimento de saída na terceira oportunidade:

[CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 05: 21-27] (p. 204)

```
21 Christian: tá bom?
→ 22 Humberto: tá bom então, [.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me=
23 Christian: [(aí ent-)]
→ 24 Humberto: =<<ligam>>ou eu ligo pra vo[cês,
25 Christian: [ah, então tá bom, [então
26 Humberto: [mas fica
27 combinado então já assim.=
```

Nesse exemplo, a expansão da seção terminal com um movimento de saída (“[.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me =<<ligam>>ou eu ligo pra vo[cês,”), linhas 22 e 24) foi introduzida por Humberto, o mesmo que produziu a SPP_{pré-terminal} (“tá bom então,”), linha 22).

O outro caso, em que o movimento de saída do encerramento é iniciado pelo receptor da SPP_{pré-terminal}, pode ser exemplificado a seguir:

[IRMÃS 02: 12-19] (p. 219)

12 Verônica: [hhhh.hh hhh
 13 ent(h)ão t(h)á.
 14 Verena: ha f(h)alo(h)u ent(h)ão, [verônica.
 → 15 Verônica: **[aí tá tudo certo, [né, cê]=**
 16 Verena: [°(tudo.)°]
 → 17 Verônica: **=esperou a edna descer lá?=
 18 Verena: =não, eu desci <com ela> mas ela >>foi pro ponto do<
 19 ônibus eu vim embora.<**

Após a finalização da SPP_{pré-terminal} de Verena (“f(h)alo(h)u ent(h)ão, [verônica.”, linha 14), Verônica inicia um movimento de saída da seção de encerramento (“[aí tá tudo certo, [né,”, linha 15) em vez de inserir um componente terminal, que seria esperado nessa posição. Dessa forma o término da conversa é adiado e torna-se necessária uma nova sinalização para que a conversa tenha de fato o seu fim.

5.2.2.3. Depois do terceiro componente terminal (PPP_{terminal})

O trecho a seguir é um exemplo de movimento de saída que ocorre depois da PPP_{terminal}, isto é, na *quinta oportunidade* (cf. esquema 3, subseção 3.2.2.):

[SOBRINHA E TIO 05: 55-06: 10] (p. 239-240)

55 Irineu: hhh mas então tá bom, cê tá boa, o::ezequiel tá
 56 jantando aí?
 01 Mariana: ele já acabou já, eu vou passar pra ele [aqui,tá?]=
 02 Irineu: [então tá]=
 03 Irineu: =tá, [fica com deus, deus abençoe.]
 → 04 Mariana: [tchau, **dá um abraço no pes]soal aí.=**
 05 Irineu: =tá, [obrigado, deus abençoe.
 06 Mariana: [um abraço pro senhor, viu?
 07 Irineu: deus abençoe, fica com deus.
 08 Mariana: assim seja, tchau.
 09 Irineu: ahahahahahah.
 10 ((Mariana passa o telefone))

Nesse caso, temos um movimento de saída ocorrendo depois da PPP_{terminal} (“[tchau,”, linha 04). Esse componente terminal, no entanto, não se enquadra em uma seção arquetípica de encerramento. O turno anterior de Irineu é composto de uma PPP_{pré-terminal} (“[então tá]”, linha 02), seguida de uma resposta (“tá,”, linha 03) à ação anterior de Mariana (“tá?”, linha 01). Esse mesmo turno de Irineu tem ainda uma exortação e uma oferta de bênção (respectivamente “fica com deus” e “deus abençoe.”, ambos na linha 03). Isso confirma, portanto a observação de Button (1987) de que movimentos de saída só ocorrem depois de uma PPP_{terminal} se esta não estiver na sua posição de terceiro componente terminal³⁰.

5.2.2.4. Outras oportunidades

Button (1987) contemplou cinco espaços oportunos para a ocorrência dos movimentos de saída da seção terminal, mas temos, em nossos dados, exemplos de espaços oportunos não contemplados pelo autor. É o caso das ocorrências de movimentos de saída depois da SPP_{terminal}, pelo próprio falante desse componente (que seria a *sexta oportunidade*) ou pelo receptor dessa SPP (a *sétima oportunidade*). Apresentamos, a seguir, um exemplo de cada oportunidade.

Na conversa abaixo, o sobrinho telefona pra a tia para agradecer por uma encomenda de pintura artesanal em toalhas feita por ela. Depois da conversa entre eles,

³⁰ Button (1987) afirma que “todos os casos [de seu *corpus*] em que movimentos de saída da seção terminal foram iniciados depois do primeiro terminal, ocorreram quando o primeiro terminal não ocupou sua posição seqüencial como terceiro turno na seção de encerramento arquetípica” (p. 132). Isso se confirmou em nossos dados, pois também não encontramos movimentos de saída depois da PPP_{terminal}, quando esta ocupou a posição canônica de terceiro turno na seqüência arquetípica. No caso apresentado acima, entre a SPP_{pré-terminal} “tá” de Irineu (linha 56) e a PPP_{terminal} “tchau” de Mariana (linha 01), houve uma exortação e uma oferta de bênção, tornando a seção terminal maior-que-a-arquetípica.

procedeu-se a conversa entre irmãs, em que ocorre novamente um agradecimento pelo trabalho, que, de acordo com os participantes, ficou muito bonito:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 03: 02-23] (p. 187)

02 Dorinha: >>mas cê vai no bingo aonde?<< aí me[smo?
03 Verônica: [aqui mesmo no
04 canek, no bingo da igreja que vai ter aqui. mas aí e:u
05 tô acabando de ajuntar as vasilhas aqui pra mim ir pra
06 lá., começa duas horas, são duas e:: e oito mas agorinha
07 mesmo eu chego lá. hhhhhh
08 Dorinha: até que eles conversam, que armam [que (demoram)
09 Verônica: [que começa, né? dá
10 tempo de eu chegar lá.
11 Dorinha: tá bom.
→ 12 Verônica: **então tá.=**
→ 13 Dorinha: **=°tchau°.**
→ 14 Verônica: **tchau tchau então, bri[gadão.] ficaram muito bonitas=**
15 Dorinha: [°tchau°.]
→ 16 Verônica: **=as toalhas, parabéns procê.**
17 Dorinha: tá::.. então acho que ficou boa, aí ficou >>quer dizer<<
18 em:: doze cada uma, [()]
19 Verônica: [ah tá. aí depois do dia: depois do
20 dia: quinto dia útil ele te paga, [porque::] esses dias=
21 Dorinha: [tá bom.]
22 Verônica: =nós estamos meio ruins.
23 Dorinha: não. (precisa não./ precisando não.)

Percebemos, na seção de encerramento destacada, que a PPP_{pré-terminal} (“então tá.=”, linha 12) obteve como resposta um PPP_{terminal} de despedida (“=°tchau°.”, linha 13). Em seguida, Verônica profere uma SPP_{terminal} associada a uma apreciação (“tchau tchau então, bri[gadão.] ficaram muito bonitas as toalhas, parabéns procê.”, linhas 14 e 16). O cumprimento projeta uma ação responsiva, que é realizada por Dorinha no turno imediatamente posterior (“tá::..”, linha 17), a partir da qual a conversa prossegue (“então acho que ficou boa, aí ficou >>quer dizer<< em:: doze cada uma, [()””, linhas 17-18).

Veremos agora a ocorrência de um movimento de saída inserido depois da SPP_{terminal} pelo seu receptor, isto é, na posição que seria a sétima oportunidade. Humberto e

Isabela são colegas de faculdade e, nessa conversa, combinam de se encontrar para preparar um trabalho. A seção de encerramento se dá após tal combinação:

[COLEGAS DE FACULDADE 02: 01-13] (p. 242)

```
01 Humberto: tá, aí qualquer coisa você fala então pra lídia dar a
02           resposta pra amanda, que eu vou encontrar com a amanda
03           amanhã ela me dá- ela me fala e eu falo com a priscila.
04 Isabela:  tá legal.
→ 05 Humberto: tá bom?
→ 06 Isabela:  tá jóia.
→ 07 Humberto: falou então.
→ 08 Isabela:  falou, be[to.
→ 09 Humberto:           [aqui, só mais uma coisa.=
10 Isabela:  =[hã.]
11 Humberto: =[a n]tes que eu me esqueça, eu gravei essa conversa,
12           tá? hãhah[hhhhhhhhhhhhhhhhhhhahahaha] .hhh  hahaha=
13 Isabela:           [haha que legal isso. hhhhhhh]
```

A PPP_{pré-terminal} é proferida por Humberto (“tá bom?”, linha 05) e obtém sua resposta correspondente no turno logo em seguida (“tá jóia.”, linha 06). A PPP_{terminal} (“falou então.”, linha 07), então, ocorre com um item lexical semelhante ao “tchau”, que projeta a SPP_{terminal} com o mesmo item (“falou, be[to.”, linha 08). A conversa, porém, não se encerra, porque Humberto se sobrepõe à última sílaba do turno de Isabela para inserir um pré-anúncio (“[aqui, só mais uma coisa.=”, linha 09), que promove a continuação da conversa e a outra parte responde, haja vista o sinal de aceitação (“=[hã.]”, linha 10). O anúncio (“=[a n]tes que eu me esqueça, eu gravei essa conversa, tá? hãhah[hhhhhhhhhhhhhhhhhhhahahaha].hhh hahaha=”, linhas 11-12) desencadeou uma saída drástica da conversa e destituiu a relevância do encerramento.

5.2.2.5. Encerramentos reduzidos

Além dos espaços oportunos, apresentaremos também exemplos de encerramentos reduzidos e encerramentos estendidos (cf. subseção 5.2.2.6., a seguir). Os encerramentos reduzidos podem ser de dois tipos: aqueles que ocorrem por meio da união de uma PPP_{pré-terminal} e PPP_{terminal} em um único turno e aqueles em que a SPP_{pré-terminal} ocorre junto à PPP_{terminal}, proferidas pelo mesmo falante (cf. subseção 3.2.2.4.). O exemplo abaixo se refere ao primeiro caso:

[IRMÃS 02:44-46] (p. 219)

→ 44 Verônica: **então tá, tchau.**
45 Verena: falou, verônica, um abraço, [fica com deus, tchau.]
46 Verônica: [>°procê também, tchau°.<]

Nesse exemplo, a PPP_{pré-terminal} (“então tá,”) e a PPP_{terminal} (“tchau.”) ocorreram em um mesmo turno de fala (linha 44). Por essa razão, encurtar o encerramento no primeiro turno pode ser uma forma de diminuir as possibilidades de inserção de ações que adiam a seção terminal.

Um outro ponto importante a ser observado é que, mesmo depois de ter proferido todos os componentes terminais em um mesmo turno (“então tá, tchau.”, linha 44), Verônica insere mais um turno depois da fala de Verena (“falou, verônica, um abraço, [fica com deus, tchau.]”, linha 45), respondendo reciprocamente a recomendação (“>°procê também,”, linha 46). Além disso, ela ainda acopla um “tchau°.<” (linha 46) a essa resposta. Esse turno pode ser entendido como um terceiro turno de encerramento de seqüência (cf. Schegloff, 1995), que ameniza os efeitos da tentativa anterior de encerrar bruscamente a conversa.

O segundo caso de encurtamento da seção terminal vem exemplificado a seguir:

[PAI E FILHA 01: 24-28] (p. 210)

- 24 Irineu: eu tô indo também, não demoro não.
25 Rita: tá bom.
26 Irineu: tá?
→ 27 Rita: **tá, bença.**
28 Irineu: tchau, abençoe.

Nessa seção terminal, Rita se adianta e, depois de proferir uma SPP_{pré-terminal} (“tá, ” linha 27), profere também uma PPP_{terminal}, encurtando o encerramento. Essa situação, assim como a anterior, pode ser uma forma de reduzir as chances de inserção de ações que movem a conversa para fora do encerramento.

5.2.2.6. Encerramentos estendidos

Ao contrário dos encurtamentos, os encerramentos estendidos podem aumentar as possibilidades de ocorrência de saída da seção terminal. Vejamos o exemplo a seguir:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 14-26] (p.186)

- 14 Tomé: hhhh. tá bom em[tão.]
15 Dorinha: [tá.]
→ 16 Tomé: **aqui, . brigadão, só tô ligando pra agradecer mesmo.**
→ 17 Dorinha: **tá bom, então.**
→ 18 Tomé: **tá bom?**
→ 19 Dorinha: **tá.**
20 Tomé: a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.
21 Dorinha: tá [bem.
22 Tomé: [num quer?
23 Dorinha: tá.
24 Tomé: tá bom, bença.
25 Dorinha: >>°deus te abençoe.°<<
26 (7.0)

No excerto acima, percebemos que as PPP e SPP pré-terminais (respectivamente “tá bom en[tão.]”, linha 14 e “[tá.]”, linha 15) são seguidas de uma seqüência de apreciação (PPP de apreciação “brigadão,” acoplada à reiteração do propósito da chamada “só tô ligando pra agradecer mesmo.”, ambos na linha 16). Essas ações são avaliadas por Dorinha em seu turno seguinte (“tá bom, então.”, linha 17). Logo após essa seqüência, uma PPP_{pré-terminal} com contorno entonacional ascendente (“tá bom?”, linha 18) e sua resposta correspondente (“tá.”, linha 19). Essa nova introdução de componentes terminais na conversa são indicações de que mais material conversacional pode ser inserido, aumentando as chances de inserção de movimentos de saída da seção terminal, exatamente como foi feito em seguida com um anúncio (“a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.”, linha 20). Nesse caso, percebemos então que a seqüência destacada acima configura-se como uma extensão do encerramento arquetípico.

5.3. Estratégias de negociação para o término ou para a continuação da conversa telefônica cotidiana

Nesta subseção, analisaremos como se processam os movimentos de saída, mínimos ou drásticos, presentes nas seções de encerramento de nosso *corpus*. Observamos que, para continuar ou encerrar uma conversa, os participantes se envolvem em determinados movimentos de negociação para manter a seção terminal em voga ou abandonar o encerramento da conversa naquele momento. A partir disso, discutiremos como os participantes negociam a finalização ou o prosseguimento da conversa. Esta subseção está dividida em duas partes, de acordo com o resultado que as negociações dos participantes

alcançam nos encerramentos. Cada parte está subdividida em cinco categorias, de acordo com o esquema 4, apresentado na revisão bibliográfica.

5.3.1. *Negociação para o término da conversa*

Por meio de várias estratégias interacionais, os participantes podem negociar o término da conversa. No presente grupo de estratégias, destacam-se as seções de encerramento cujas partes estão reciprocamente orientadas para o término; aquelas cujas partes, mesmo orientadas para o término, prolongam o encerramento; as que não têm inserção de movimentos drásticos de saída, apesar de ambas as partes se mostrarem disponíveis a continuar conversando; aquelas em que um falante demonstra disponibilidade para prosseguir a conversa enquanto o outro falante é não-responsivo e, finalmente, as seções em que um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, tendo o fim do encontro como resultado dessa negociação. Dentre as 46 seções de encerramento analisadas, 24 se encontram nesse subgrupo³¹. Veremos um ou dois exemplos de caso nas páginas que se seguem.

5.3.1.1. Orientação recíproca para o término da conversa, resultando em término

Em nosso banco de dados, encontramos sete seções de encerramento que se enquadram nessa categoria. Tratam-se de seções reduzidas e da única seção arquetípica presente em nosso *corpus*, a conversa entre tio e sobrinho em que este recebe um

³¹ Gostaríamos de destacar que a apresentação desses números não se pretende enquanto análise quantitativa dos dados. Trata-se apenas de uma apresentação panorâmica sobre a disposição das seções de encerramento dentro do quadro de análise formado aqui.

PPP_{terminal}. A resposta a esse pedido seria a SPP_{terminal}. Observamos, então, que a despedida propriamente não aconteceu por meio da troca “tchau-tchau”, mas através do par pedido-oferta de bênção. É importante destacar também que quem encaminha a interação para o final é o sobrinho, e a troca, portanto, se dá em quatro turnos, permitindo a ocorrência da troca terminal um falante após o outro – nesse caso, é o sobrinho quem deve, de acordo com ritual social em curso, pedir a bênção. Como foi ele quem sinalizou o encerramento, a troca de falantes se deu “arquetipicamente”.

No entanto, há que se fazer aqui uma observação relevante. Os dados norte-americanos apontam que componentes pré-terminais com entonação ascendente demonstram que há uma certa disponibilidade para a continuação da conversa, embora nem sempre o façam. O mesmo ocorre na seção de encerramento acima. A pergunta de Irineu (“tá bom?”, linha 31) parece ser um sinal de sua disposição para continuar conversando, caso o tio insira, logo após, algum novo material na conversa. Como isso não ocorre, uma vez que a resposta é uma SPP_{pré-terminal}, o encerramento arquetípico não se estende. Outra característica específica dessa seção terminal é o par pedido-oferta de bênção (conforme subeção 5.1.3), que desempenha a função de encerrar a conversa. Essa troca (pedido-oferta de bênção), no entanto, não foi encontrada no contexto anglo-saxônico.

A seção terminal a seguir também é um exemplo de demonstração recíproca das partes para o encerramento da conversa. A sua diferença com relação à seção apresentada acima é a sua ocorrência na forma reduzida. Trata-se da segunda conversa entre namorados de nosso *corpus*, em que Paulo está no centro da cidade e liga para sua namorada. Ao final da conversa, Rita quer saber se ele estava com pressa e se já estava indo embora:

[NAMORADOS II 01: 39-52] (p. 208)

- 39 Rita: >>cê tá com pressa agora?<<
40 Paulo: tô. que eu vou lá no::: eu saí lá da caixa agora,
41 atrasado [vou] vê o negócio do::: da justiça=
42 Rita: [vê-]
43 Paulo: =eleitoral.
44 Rita: depois cê já vem embora?
45 Paulo: depois eu vou.
46 Rita: depois se você puder vem aqui, que eu tenho um
47 negócio pra te falar.
48 Paulo: tá. é dois oito nove >>né rita?<< o número da seção,
49 né?
50 Rita: é:::
➔ 51 Paulo: >>então tá, tchau, um beijo.<<
➔ 52 Rita: tchau.

Nessa parte da conversa, Rita inicia uma pré-seqüência (“>>cê tá com pressa agora?<<”, linha 39) e, diante da resposta desencorajadora (“tô.”, linha 40), acompanhada de uma explicação (“que eu vou lá no::: eu saí lá da caixa agora, atrasado [vou] vê o negócio do::: da justiça eleitoral.”, linhas 40-41 e 43) – característica marcante das respostas despreferidas (cf. Schegloff, 1995) –, insere uma outra pré-seqüência (“depois cê já vem embora?”, linha 44), que, dessa vez, obtém uma resposta preferida (“depois eu vou.”, linha 45). Em seguida (“depois se você puder vem aqui, que eu tenho um negócio pra te falar.”, linhas 46-47), ocorre uma combinação, que recebe o aceite (“tá.”, linha 48). Após o aceite, Paulo utiliza uma nova UCT para fazer uma confirmação rápida acerca de um determinado número de seção eleitoral ³² (“é dois oito nove >>né rita?<< o número da seção, né?”, linhas 48-49). Com a confirmação de Rita (“é:::.”, linha 50), Paulo então inicia a seção de encerramento (“>>então tá, tchau, um beijo.<<”, linha 51) com um turno composto

³² Lembramos que, como as gravações foram feitas entre setembro e outubro de 2004, os participantes estavam em um momento anterior às eleições para prefeito e vereador. Paulo seria mesário na época e, por alguma razão, precisou, como afirma nos dados, “ver o negócio da justiça eleitoral” e, por isso, fazer a confirmação do número de sua seção.

por três UCT's: a primeira se trata de uma PPP_{pré-terminal} (“então tá,”), para iniciar a seção terminal da conversa; a segunda, de uma PPP_{terminal} (“tchau,”), e a terceira se trata de uma oferta de beijo (“um beijo.”).

Interessante observar que Paulo afirmou anteriormente estar atrasado (“eu saí lá da caixa agora, atrasado”, linhas 40-41). Isso se reflete inclusive no seu último turno (linha 51), em que sua fala foi pronunciada de forma acelerada. Além disso, o fato de ele ter pronunciado PPP_{pré-terminal} e PPP_{terminal} em um único turno denota a sua orientação para encerrar rapidamente a conversa, pois indicam a redução da seção de encerramento, diminuindo, com isso, os espaços oportunos para a inserção de materiais conversacionais que se configurem como movimentos de saída. Desse modo, Rita não teria mais por que inserir uma SPP_{pré-terminal} e então, por isso, proferiu apenas a SPP_{terminal} de despedida. A resposta à oferta de beijo também, curiosamente, não aconteceu, provavelmente porque, nesse ponto, o telefone já teria sido posto no gancho por Paulo, a julgar pela sua pressa.

Apresentamos dois exemplos de orientação recíproca das partes para o encerramento da conversa: em um deles, temos um encerramento arquetípico; no outro, um encurtamento da seção terminal. Ressaltamos, no entanto, que isso não significa que esses tipos de encerramento não possam ocorrer nas outras categorias de análise que destacamos neste trabalho.

5.3.1.2. Encerramentos reciprocamente prolongados

Em nossos dados, sete seções terminais podem ser vistas como encerramentos reciprocamente prolongados. Na conversa a seguir, Irineu telefona para a casa de seu sobrinho Ezequiel e é atendido por Mariana, esposa dele. Depois de um longo percurso

interacional (que ocupou cinco páginas de transcrição), Irineu sinaliza o encerramento com uma PPP_{pré-terminal} (“hhh mas então tá bom,”, linha 52) seguida de uma pergunta tá-tudo-bem (“cê tá boa,”, linha 52):

[SOBRINHA E TIO 05: 51-06: 10] (p. 239-240)

51 (0.2)
52 Irineu: é, mas o vilmar devia de ligar pra gente, é- é- eu acho
53 que ele ligou pro tio vavá, [pro seu] vavá.
54 Mariana: [a:::h.]
55 Irineu: hhh mas então tá bom, cê tá boa, o::ezequiel tá
56 jantando aí?
01 Mariana: ele já acabou já, eu vou passar pra ele [aqui, tá?]=
→ 02 Irineu: [então tá.]=
→ 03 Irineu: =tá, [fica com deus, deus abençoe.]
→ 04 Mariana: [tchau, dá um abraço no pes]soal aí.=
→ 05 Irineu: =tá, [obrigado, deus abençoe.
→ 06 Mariana: [um abraço pro senhor, viu?
→ 07 Irineu: deus abençoe, fica com deus.
→ 08 Mariana: assim seja, tchau.
→ 09 Irineu: ahahahahahah.
10 ((Mariana passa o telefone))

Após a primeira sinalização, feita por Irineu (“hhh mas então tá bom”, linha 55), ocorre no mesmo turno a expansão da conversa, com uma pergunta do tipo “tá-tudo-bem” acoplada a um pedido de informação sobre outra pessoa (“cê tá boa, o::ezequiel tá jantando aí?”, linhas 55-56). Mariana, a sobrinha, interpreta a segunda pergunta como um pedido para falar com o outro e, antes de fazer um anúncio do tipo “vou passar” sinalizando que vai passar o telefone para Ezequiel, indica que ele está livre para falar (“ele já acabou já, eu vou passar pra ele [aqui, tá?]=”, linha 01). Esse anúncio é um indício da orientação de Mariana para encerrar a conversa. Ao anunciar que vai passar o telefone, conseqüentemente anuncia também que vai se retirar da interação. Concomitantemente, Irineu demonstra sua orientação para encerrar a conversa com Mariana, por meio de uma nova PPP_{pré-terminal} (“[então tá.]”, linha 02), sobrepondo-se ao

turno da outra. Irineu continua o turno (“tá,”, linha 03), respondendo à pergunta-apêndice (“tá?”), linha 01) e acrescenta a essa resposta uma exortação e uma oferta de bênção (“[fica com deus, deus abençoe.]”, linha 03). Como são saídas mínimas, essas ações mantêm a relevância do encerramento e marcam a orientação recíproca dos falantes para encerrar a conversa. No entanto, ocorrem várias dessas saídas, prolongando o encerramento até a ocorrência da resposta (“assim seja,”, linha 08) – finalmente – às ofertas de bênção, que ocorreram três vezes nessa seção (“deus abençoe”, linhas 03, 05 e 07). Na UCT seguinte, a SPP_{terminal} (“tchau.”), linha 08) encerra a participação de Mariana no encontro.

Observamos, também, que, enquanto Mariana não responde às ofertas de bênção do tio, profere, em lugar dessa ação, uma PPP_{terminal} (“[tchau,”, linha 04) acompanhada de um envio de recomendações a terceiros (“dá um abraço no pes]soal aí.=”, linha 04). Em resposta, Irineu faz uma pós-expansão mínima (“tá,”, linha 05), agradece à recomendação (“[obrigado,”, linha 05) e oferece mais uma vez a bênção (“deus abençoe.”), linha 05) à sobrinha, que, novamente, não responde à bênção, mas ainda assim, orientada para o encerramento da conversa, faz uma outra recomendação (“[um abraço pro senhor, viu?”, linha 06). Se antes ela enviara abraços a terceiros, agora os envia ao tio. No ritual de encerramento aqui desenhado por Mariana, parece ser importante para ela cumprir essas etapas de recomendações antes de responder (na linha 08) à oferta da bênção (na linha 07). Enquanto isso, no ritual de encerramento construído pelo tio, parece que a conversa não pode se encerrar sem que a sobrinha responda à sua oferta, que é refeita pela terceira vez, acoplada a uma exortação (“deus abençoe, fica com deus.”), linha 07). Mariana, em seguida, vencidas todas as etapas do seu ritual de encerramento, responde à oferta de bênção do tio e, junto a essa resposta, profere uma SPP_{terminal} (“assim seja,

tchau.”, linha 08). Acreditamos que as partes tenham se orientado para interpretar que o “deus abençoe,” (linha 07) tenha uma função múltipla: além de oferecer a bênção, é também uma PPP_{terminal}, porque não projeta mais nenhuma ação relevante após a SPP correspondente, suspendendo a relevância da transição de turno (cf. Schegloff e Sacks, 1973). Dessa forma, temos razões para supor que o “tchau.” da linha 08 se constitui como uma SPP_{terminal}. Com relação aos risos, podemos considerar que se trata de uma estratégia interacional empregada para suavizar os efeitos da insistência em oferecer a bênção.

Resumindo, então, podemos afirmar que tanto Mariana quanto Irineu, mesmo reciprocamente orientados para o término da conversa, prolongaram a seção de encerramento por julgarem relevante cumprir suas agendas rituais no encerramento da interação um com o outro.

5.3.1.3. Demonstração recíproca para continuar a conversa em casos nos quais nenhuma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal

Nessa categoria, em que se enquadram três seções de encerramento de nossos dados, destacamos a conversa entre o dono da casa e a amiga do filho. Sara telefona para a casa de seu amigo Tomé, mas não o encontra. Depois de saber que ele não estava em casa, ela então sinaliza o encerramento, mas se coloca disposta a continuar a conversa, caso Irineu insira algum material novo na conversa (“tá bom?”, linha 28):

[DONO DA CASA E AMIGA DO FILHO 01: 24-33] (p. 209)

- 24 Irineu: o tomé saiu ago::ra., tem uns (0.5) dez minutos que ele
25 saiu.
26 Sara: a::h então tá jóia então, depois eu ligo pra ele.
27 Irineu: então tá.
→ 28 Sara: **tá bom?**
→ 29 Irineu: [**tá.**

→ 30 Sara: [brigada [hein?] i[r i]neu,
 → 31 Irineu: [n-] [na-]
 → 32 Sara: °t[cha::u.°]
 → 33 Irineu: [tá.] tá::::

O turno destacado na linha 28 é uma PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente. A SPP de Irineu (“[tá.], linha 29) seria, portanto, a segunda parte do par pré-terminal, confirmando o aceite da proposta de encerramento feita no turno anterior e aumentando os espaços para a ocorrência de movimentos de saída da seção terminal.

Sobrepondo-se à SPP_{pré-terminal}, Sara inicia uma apreciação (“[brigada [hein?] i[r i]neu,”, linha 30). Irineu, em seu turno, projetando a finalização do turno de Sara, se sobrepõe (“[n-] [na-]”, linha 31), realizando o possível começo de uma ação de resposta ao agradecimento. Esses movimentos mínimos, tal como a PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente, são uma demonstração recíproca para a continuação da conversa, mas como nenhuma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal, o ambiente de finalização não se perde, porque a troca terminal ocorre logo em seguida (“°t[cha::u.°]”/ “[tá.] tá::::”, linhas 32-33).

Nessa conversa, portanto, percebemos como os participantes se orientam para continuar a conversa, mas, como nenhum deles inseriu um movimento de saída que realmente saísse da seção terminal, a conversa foi tomada como sequencialmente esgotada e o resultado foi o fim da interação em uma seção de encerramento maior-que-arquetípica.

5.3.1.4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante é não-responsivo

Seis seções de encerramento de nosso *corpus* caracterizam-se pela demonstração de que um dos falantes deseja continuar a conversa, enquanto o outro é não-responsivo. Na conversa entre dono da casa e esposa do amigo, Irineu liga para a casa do amigo, mas não o encontra e fala, com Luna, que, se o marido dela chegasse até onze horas, ele estaria em casa e poderia ir ver o carro que o seu amigo tinha comprado.

[DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 30-46] (p. 234)

30 Irineu: [é, se ele chega::r onz- até onze ho::ras onze e meia cê
 31 liga pra mim que eu vou lá ver o carro.
 32 Luna: tá [bom.
 33 Irineu: [tão tá, tá:::
 → 34 (0.5)
 → 35 Luna: tá certo.
 → 36 Irineu: tcha:::u.
 → 37 Luna: então tá, seu irineu.
 → 38 (0.8)
 39 Irineu: [tá.]
 → 40 Luna: [pode] deixar que eu falo com ele.=
 → 41 Irineu: =tá, [tá,
 → 42 Luna: [tá::?
 → 43 Irineu: tá::.=
 → 44 Luna: =brigada.
 45 (0.2)
 46 Luna: tchau.

No início desse trecho, Irineu impõe uma condição (“[é, se ele chega::r onz- até onze ho::ras onze e meia cê liga pra mim que eu vou lá ver o carro.”, linhas 30-31) que recebe um aceite (“tá [bom.”, linha 32). A partir disso, ele faz um encurtamento da seção terminal (linha 33): uma PPP_{pré-terminal} (“[tão tá,”), seguida de uma PPP_{terminal} (“tá::.”). Em seguida, a pausa (linha 34) é um reflexo da forma abrupta como o encerramento foi proposto. Luna demonstra não estar ainda orientada para o final da conversa, apesar disso, pois não insere nenhum material novo. É importante ressaltar que,

nesse momento, a interação já passou por duas seções de encerramento anteriores³³, e isso pode ser relevante para o comportamento que as partes vão assumir posteriormente.

No turno seguinte (“tá certo.”, linha 35), ela insere uma SPP_{pré-terminal}, marcando a sua orientação para encerrar a conversa, mas não de uma forma reduzida. Irineu, então, insere novamente uma PPP_{terminal} (“tcha:::u.”, linha 36), como próxima ação relevante, e, dessa forma, segue a seqüência do encerramento. Luna, em seguida, não insere uma SPP_{terminal} em resposta à ação anterior de Irineu, mas, sim, uma nova sinalização (“então tá, seu irineu.”, linha 37), reiniciando a seção terminal. Desse modo, ela estende a seção terminal como forma de aumentar os espaços de oportunidade para o surgimento de um movimento drástico de saída. A pausa (“(0.8)”, linha 38) é um indício da “tensão interacional”, gerada a partir da última ação de Luna. O atraso de Irineu na produção da SPP_{pré-terminal} (“[tá.]”, linha 39) é também resultado dessa tensão.

O turno posterior, de Luna, propicia uma saída da seção terminal, por meio de um anúncio (“[pode] deixar que eu falo com ele.”, linha 40). Essa ação poderia se caracterizar como um movimento drástico se não tivesse obtido como resposta uma ação mínima de Irineu (“=tá, [tá,]”, linha 41), uma vez que ele não insere novos materiais na conversa e, com isso, mantém a relevância do encerramento. O turno seguinte de Luna, portanto, é uma PPP_{pré-terminal} com contorno entonacional ascendente (“[tá:::?”), linha 42), que, em geral, se realiza para propor ao próximo falante uma resposta que saia do encerramento. A ação de Irineu (“tá:::.”, linha 43) marca a sua última participação na conversa. Luna, em seguida, utiliza uma apreciação (“=brigada.”, linha 44), mas não obtém resposta. Sendo assim, após uma pausa de dois décimos de segundo (linha 45), que

³³ Para uma visão global da conversa e de suas seções terminais, ver anexo. Não mostraremos as outras seções de encerramento dessa conversa aqui, porque elas se enquadram em outras categorias de negociação.

marca uma ação não-responsiva de Irineu, Luna insere uma PPP_{terminal} (“ tchau.”, linha 46), antes de desligar o telefone.

Resumindo, então, observamos que Luna, ao longo de toda essa seção de encerramento, se mostra disposta a continuar a conversa através de várias ações, tais como: recomeço da seção terminal (linha 37), anúncio que requer uma resposta drástica para sair do encerramento (linha 40), PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente (linha 42) e apreciação (linha 44). Irineu, no entanto, se coloca não-responsivo a todas essas ações (linhas 38, 41, 43 e 45), não se submetendo a inserir a saída drástica requisitada pelas ações de Luna.

5.3.1.5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término

Em nosso *corpus*, a primeira conversa entre namorados foi a única que se enquadrou nessa categoria:

[NAMORADOS I 02: 01-04] (p. 245)

01 Rita: quase que é melhor- nossa senhora. depois eu ligo, então.
→ 02 Paulo: tá. [qualquer] coisa cê me liga,
→ 03 Rita: [tchau.]
→ 04 Paulo: tchau.

Depois de uma mudança brusca na trajetória conversacional, ocorrida com uma ação auto-interrompida acompanhada de uma expressão de surpresa (“quase que é melhor-nossa senhora.”, linha 01), temos uma projeção de ação futura (cf. Button 1991) funcionando como PPP_{pré-terminal} (“depois eu ligo, então.”, linha 01). Paulo responde a essa PPP de Rita com um aceite (“tá.”, linha 02), e, em seguida, ambos iniciam um turno simultaneamente, mas é ele que detém o piso conversacional. Rita profere uma PPP_{terminal}

("[tchau.]", linha 03), enquanto Paulo acrescenta uma combinação ("[qualquer] coisa cê me liga,", linha 02). Tendo ouvido que Rita já dissera o primeiro "tchau", Paulo, então, enuncia a SPP_{terminal} correspondente ("tchau.", linha 04).

A continuação da conversa, por parte do namorado, e a continuação do encerramento, por parte da namorada, são ações que ocorrem concomitantemente, mas o resultado desse "embate" interacional acaba sendo o término da conversa. Paulo se orientou para o fato de que a PPP_{terminal} de Rita impede a continuação da conversa. Sensível a isso, ele abandona o movimento de saída que havia começado antes e cede à orientação da namorada, prosseguindo o encerramento. Ocorre, então, com isso, o fim da conversa.

5.3.2. Negociação para a continuação da conversa

Além de utilizarem certas estratégias interacionais para negociar o término da conversa, os participantes podem também se valer de determinadas estratégias voltadas para a negociação do abandono da seção terminal em curso, permitindo, conseqüentemente, a continuação da conversa. No presente grupo de estratégias, destacam-se as seções de encerramento que apresentam inserção de movimentos drásticos de saída, nos casos em que ambas as partes se mostrarem disponíveis a continuar conversando; aquelas em que um falante demonstra disponibilidade para prosseguir a conversa, e o outro falante imediatamente responde; as seções em que um falante demonstra estar disponível para continuar conversando, mas o outro eventualmente responde; e, por fim, as seções de encerramento em que um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, tendo a continuação da conversa como resultado dessa negociação. Dentre as 46 seções de

encerramento analisadas, 22 se encontram nesse subgrupo Veremos, a seguir, separadamente, os casos mais significativos de cada uma dessas estratégias.

5.3.2.1. Demonstração recíproca da disponibilidade para continuar a conversa em casos nos quais pelo menos uma das partes insere um movimento drástico de saída da seção terminal

O segmento abaixo é representativo da demonstração recíproca das partes para continuar conversando até que uma delas insere um movimento drástico de saída que abandona o encerramento. Encontramos seis seções terminais com essa característica, e destacamos aqui duas seções de encerramento, que julgamos muito mais significativas. Na primeira, a conversa entre dona da casa e mãe do vizinho, Isabel telefona para Verônica, vizinha de seu filho, João, para pedir informações sobre ele. Após saber que seu filho está bem, Isabel se orienta para desligar o telefone:

[DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 01: 13-30] (p. 211)

- 13 Isabel: a:: a senhora viu o joão hoje?
- 14 Verônica: VI::.
- 15 Isabel: viu, né?
- 16 Verônica: ele teve aqui até agora há pouco com o irineu. [.hhh]
- 17 Isabel: [a:::]h.
- 18 [(>>então tá.<<)]
- 19 Verônica: [a senhora quer falar com o irineu?=
→ 20 Isabel: **=não não não não. é porque ele não deu notícia hoje. (.)**
21 **eu fiquei preocupada. ele pelo menos telefona de manhã,**
22 **diz que tá bem né? mas [não] telefonou. por isso.=**
- 23 Verônica: [hã,]
- 24 Isabel: =[então tá.]
- 25 Verônica: =[não ele]saiu andando umas voltas de bicicleta aqui,
26 ele [pas]sou aqui e falou que ia andar um bocado=
27 Isabel: [ah.]
- 28 Verônica: =de bici[cleta].
- 29 Isabel: [ah então ele tá bem né?
- 30 Verônica: tá., tá::: tudo bem com [ele.

A pergunta de Isabel (“a:: a senhora viu o joão hoje?”, linha 13) obteve uma resposta mínima, sem detalhes sobre João (“VI::.”, linha 14). Uma nova pergunta, funcionando como pós-expansão não-mínima da seqüência anterior, ocorre em seguida (“viu, né?”, linha 15). Com isso, ela topicaliza a resposta, mostrando querer mais informação. A partir disso, então, Verônica dá uma resposta um pouco mais detalhada (“ele teve aqui até agora há pouco com o irineu. [.hhh”, linha 16).

Importante é destacar, contudo, que essa ação não parece ser indicativa de uma orientação para encerrar a conversa, uma vez que a pergunta anterior permanece injustificada para Verônica. Se não tivesse havido na conversa uma justificativa para a pergunta da linha 13 (“porque ele não deu notícia hoje. (.) eu fiquei preocupada. ele pelo menos telefona de manhã:, diz que tá bem né? mas [não] telefonou. por isso.”, linhas 20-22), a relação interacional entre elas poderia ficar estremecida, uma vez que a forma como foi dada a resposta (“VI::.”, linha 14) é um indício de que Verônica parece ter tratado a pergunta no sentido literal. Além disso, o prolongamento da vogal é indicativo de um “estranhamento” da ação anterior.

A mãe do vizinho, adiante, insere um “sinal de mudança de estado” (do inglês “*change-of-state token*”, cf. Heritage, 1984), pois denota a mudança de orientação do falante com relação a algo que antes era desconhecido para algo que agora é conhecido.

Junto a esse “[a:::h.” (linha 17), ocorre a primeira PPP_{pré-terminal} (“[(>>então tá.<<)””, linha 18) a fim de finalizar a conversa. Verônica, porém, introduz uma oferta (“[a senhora quer falar com o irineu?=””, linha 19), dando sinais de que, para ela, o propósito da chamada da outra era falar com Irineu, seu marido, que é mais amigo de João e poderia, por isso, dar mais informações a respeito dele. Isabel, por sua vez, recusa a oferta e justifica, como vimos, a sua pergunta anterior (linha 13), apresentando os motivos que a

fizeram telefonar para a casa dos vizinhos do filho (linhas 20-22), e essa ação, portanto, se configura como uma saída drástica da seção terminal.

A reação de Verônica é, diante dessa justificativa, sabendo agora o propósito da chamada, oferecer todas as informações possíveis sobre o filho da outra (“=[não ele]saiu andando umas voltas de bicicleta aqui, ele [pas]sou aqui e falou que ia andar um bocado de bici[c]leta.”, linhas 25-26 e 28). Vale acrescentar aqui uma observação: como mãe, Verônica também sabe o quanto é preocupante ficar sem notícias do filho e, por isso, se realinha com relação às perguntas da outra a partir da justificativa para o telefonema. Se antes ela se limitava a responder somente o que era perguntado, agora, ela está disposta a oferecer informações além das solicitadas.³⁴ Concomitante a essa mudança de alinhamento, Isabel insere uma nova sinalização (linha 24), que não obtém resposta, justamente por causa dessa mudança de comportamento interacional de Verônica. Logo depois (“[ah então ele tá bem né?”, linha 29), Isabel faz um resumo conclusivo, que recebe confirmação imediata de Verônica (“tá., tá::: tudo bem com [ele].”, linha 30). Temos então, dessa forma, a continuação da conversa.

Observamos, portanto, que Verônica, diante da preocupação da mãe do vizinho em obter informações sobre o filho, mostrou-se orientada para continuar a conversa e fornecer todas as informações de que dispunha sobre ele para “tranqüilizá-la”. Mesmo antes de saber o motivo da ligação, ela também estava orientada para prosseguir com a conversa, inserindo saídas mínimas justamente para abrir os espaços de oportunidade para a outra dizer “por que ligou”. Quanto a Isabel, sua orientação para continuar a conversa é percebida, tanto em suas pós-expansões em busca de mais detalhes sobre o filho, quanto na

³⁴ Essa observação será ainda mais evidente quando nos referirmos a essa mesma conversa na categoria de negociação na qual um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação.

sua justificativa para a chamada, ação que desencadeia uma saída drástica dessa seção de encerramento.

A saída drástica, portanto, não precisa ser iniciada apenas por quem sinalizou o encerramento, como foi o caso de Isabel, mas pode ser também introduzida pelo receptor da PPP_{pré-terminal}. A segunda seção terminal que consideramos relevante para análise é a conversa entre candidatos a um concurso público fora da cidade. Humberto telefona para Irene para combinarem de irem juntos até uma outra cidade para fazerem um concurso. No segmento abaixo, eles estão comentando se um ou outro estudou para fazer a referida prova:

[CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 06: 24-43] (p. 205)

24 Irene: [() eu tô tentando dar uma lida em alguma
25 coisa aqui, mas não tem- >>num tem, em cima da hora.<<
26 hhhhhhh
27 Humberto: é,. [é muita coisa.
28 Irene: [(), né?
29 Humberto: .hhh é, e amanhã ainda tenho que levantar °pra dar aula
30 ainda, confusão [danada.°
31 Irene: [é? ah, complicado. .hh então tá bom,
32 humberto, [então] é::: cê já combinou direitinho, né?
33 Humberto: [tá?]
34 Humberto: tá.
→ 35 Irene: **então até domingo, então.**
→ 36 Humberto: **tá bom, .hhh aqui só mais uma c(h)oisa ahahahahnn .hhh**
37 **cê vai morrer de rir agora.**
38 Irene: hã:::
39 Humberto: eu gravei essa conversa. Hhhhhh
40 (0.5)
41 Irene: cê [gravou] essa conversa?
42 Humberto: [nossa.]
43 Humberto: gravei. [hahahhhhhhaahah

A projeção de ação futura de Humberto (“e amanhã ainda tenho que levantar °pra dar aula ainda,”), linhas 29-30), implicativa de encerramento, leva Irene a sinalizar o final da interação (“então tá bom, humberto,”), linhas 31-32). Antes, porém,

ela demonstra, com um sinal de mudança de estado (“[é? ah, complicado.”, linha 31), estar orientada para continuar a conversa. Em seguida, ela mesma insere uma retomada acompanhada de uma pergunta-apêndice, destacada pelo marcador “né” (“cê já combinou direitinho, né?”, linha 32), obtendo uma resposta afirmativa (“tá.”, linha 34). Essa ação é também uma demonstração de que ela não tem mais nenhum material novo a inserir nesse momento.

Além disso, podemos observar a tentativa de Humberto de sinalizar o encerramento da conversa, ao inserir, também, uma PPP_{pré-terminal} com entonação ascendente (linha 33), que demonstra também a sua disponibilidade de prosseguir conversando. Logo depois, Irene realiza uma combinação (“então até domingo, então.”, linha 35). A primeira UCT de Humberto, no turno posterior (“tá bom,”, linha 36), ocorre em resposta ao turno anterior de Irene, seguida de um pré-anúncio, na verdade, dois pré-anúncios: um de que haveria mais alguma coisa a ser dita e outro de que a ação subsequente seria engraçada (“tá bom, .hhh aqui só mais uma c(h)oisinha ahahahahnn .hhh cê vai morrer de rir agora.”, linhas 37-38). Diante do continuador da outra (“hã:::.”, linha 38), é feito, então, o anúncio (“eu gravei essa conversa. hhhhhh”, linha 39).

Desse modo, o ambiente de encerramento se perde, uma vez que a inserção do anúncio por parte do receptor da PPP_{pré-terminal} se configura nessa seção como uma saída drástica, e a conversa continua.

5.3.2.2. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro falante imediatamente responde

Nessa categoria, encontramos cinco seções de encerramento, dentre as quais, destacamos três, duas das quais estão presentes na conversa entre dono da casa e esposa do

amigo³⁵. Nesse momento da interação, o continuador (“é::: é. [(vamos ver.)”], linha 12) encerra uma seqüência em que eles falavam sobre certas dores que o amigo estava sentindo, e Irineu dá algumas sugestões para amenizar o sofrimento. Com o fim dessa seqüência, inicia-se a primeira seção de encerramento da conversa (“[tá bom, °então.°”], linha 13):

[DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 12-28] (p. 234)

12 Luna: é::: é. [(vamos ver.)
 13 Irineu: [tá bom, °então.°.
 14 (0.5)
 15 Luna: tá, [eu falo com]ele que o senhor li[gou.]
 16 Irineu: [falou, °então.°] [ou,] então tá.=
 → 17 Luna: =[tá::?
 → 18 Irineu: =[eu vou- .hhh >>>porque<<< depois do almoço ali p- meio
 19 d- ali por meio dia mais ou menos eu vou s- sair que eu
 20 vou dar uma ida lá em belém com o meu tio, tem um primo
 21 nosso que tá com- na cadeira de rodas, coi[tado.
 22 Luna: [QUE °isso.° é,
 23 né?
 24 Irineu: aí eu vou lá ver [ele.
 25 Luna: [o senhor vai lá, né? [eu] falo com=
 26 Irineu: [vou.]
 27 Luna: =ele.
 28 (0.5)

A pausa seguinte à sinalização de encerramento (“(0.5)”, linha 14) é uma demonstração de Luna para continuar a conversa, uma vez que ela tarda a inserir a SPP_{pré-terminal} correspondente. Entretanto, como Irineu também não insere nenhum material na conversa, após a pausa, ela profere a referida SPP, mas faz um anúncio logo em seguida (“tá, [eu falo com]ele que o senhor li[gou.]”, linha 15). Após a SPP, e sobrepondo-se ao anúncio, Irineu profere a primeira PPP_{terminal} (“[falou, °então.°”], linha 16), mas, como não consegue deter o piso conversacional, ele, adiante, responde ao anúncio de forma mínima (“[ou,] então tá.”], linha 16), encerrando a seqüência.

³⁵ A seção que apresentamos aqui antecede àquela apresentada na subseção 5.3.1.4.

Essa seqüência cria, porém, um ambiente para a ocorrência de mais conversa, mas Luna, apesar disso, demonstra não ter mais material novo a inserir. Resta a ela, então, criar espaços oportunos para que Irineu insira novos materiais, como faz por meio da PPP_{pré-terminal} com contorno ascendente (“=[tá::?”), linha 17). Podemos observar que, sobrepondo-se a essa ação, o dono da casa se auto-interrompe, abandonando o início de uma seqüência para inserir uma saída drástica a partir da PPP anterior de Luna: ele justifica previamente a sua ausência, caso o amigo lhe telefone mais tarde (“=[eu vou- .hhh >>>porque<<< depois do almoço ali p- meio d- ali por meio dia mais ou menos eu vou sair que eu vou dar uma ida lá em belém com o meu tio, tem um primo nosso que tá com- na cadeira de rodas, coi[tado.”), linhas 18-21). Essa ação de Irineu propicia então uma saída drástica da seção terminal em questão, enfraquecendo a relevância do encerramento, e a conversa continua.

Mais adiante, uma nova disponibilidade para continuar a conversa, com resposta imediata do outro acontece novamente nessa conversa:

[DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 29-33]³⁶ (p. 234)

- ➔ 29 Luna: [tá?
- ➔ 30 Irineu: [é, se ele chega::r onz- até onze ho::ras onze e meia cê
- 31 liga pra mim que eu vou lá ver o carro.
- 32 Luna: tá [bom.
- 33 Irineu: [tão tá, tá::..

Nesse trecho, novamente uma PPP_{pré-terminal} com contorno ascendente (“[tá?”, linha 29) promove a continuação da conversa, cancela a relevância do encerramento e torna relevante a ocorrência de uma nova sinalização. A continuação da conversa por parte de

³⁶ Esse trecho já foi mostrado anteriormente, mas apenas como contexto seqüencial para a ocorrência da seção de encerramento posterior (cf. subseção 5.3.1.4). Nesse momento, o segmento reaparece como seção terminal em que um falante demonstra a disponibilidade para continuar a conversa e obtém uma resposta imediata do outro.

Irineu acontece por meio de uma combinação (“[é, se ele chega::r onz- até onze ho::ras onze e meia cê liga pra mim que eu vou lá ver o carro.”, linhas 30-31), que imediatamente responde à requisição de materiais novos para a conversa, feita por Luna anteriormente.

A partir dessa seqüência, a conversa não se estende muito, pois logo depois o dono da casa insere uma nova sinalização de encerramento (“[tão tá, tá:::.”, linha 33), iniciando uma nova seção terminal (já analisada anteriormente).

Com a observação dos dois segmentos anteriores, podemos concluir, em uma análise micro-seqüencial, que, mesmo lançando mão de movimentos mínimos de saída (como anúncios, combinações ou apreciações), as partes podem demonstrar estarem orientadas a continuar a conversa. A realização de tais ações exime os participantes da responsabilidade de sinalizarem o encerramento e prosseguirem a interação. Se a continuação da conversa fica a cargo do outro falante, o peso dessa tarefa não recai sobre quem sinalizou o encerramento, que, dessa forma, apenas demonstra, sutilmente, por meio de ações mínimas, estar disposto a continuar conversando. Se o outro responder imediatamente, a conversa continua até o próximo ponto relevante para a inserção de um novo componente de encerramento.

5.3.2.3. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde

Diante da demonstração da disponibilidade para continuar conversando, uma das partes pode ser responsiva em alguns momentos da seção terminal, mas em outros agir de forma diferente. É o que aconteceu na mesma conversa entre irmãs, uma seção de encerramento antes da analisada anteriormente (subseção 5.2.2.2). Nesse momento da

conversa, Dorinha insere um turno em resposta a Verônica, que tinha perguntado antes se ela almoçou³⁷:

[TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 45-03: 11] (p. 186-187)

45 Dorinha: ah, acabei de almoçar agora., comi um (0.2)
46 macarrãozinho com manjericã::o.
47 Verônica: então tá bom, uai.
48 Dorinha: comi tan::to, °nossa se[nhora.°
→ 49 Verônica: [então tá. [eu vou agora ali q-]
→ 50 Dorinha: [comi comi::: aquele]
→ 51 outro negócio que você trouxe pra mim.
→ 52 Verônica: hã::=
→ 53 Dorinha: =(). ficou bo:m. ((raspa a garganta))
→ 54 Verônica: mas aí tá tudo bom né?
→ 55 Dorinha: tá. tá ótimo.
→ 01 Verônica: então tá bom.
→ 02 Dorinha: >>mas cê vai no bingo aonde?<< aí me[smo?
→ 03 Verônica: [aqui mesmo no
04 canek, no bingo da igreja que vai ter aqui. mas aí e:u
05 tô acabando de ajuntar as vasilhas aqui pra mim ir pra
06 lá., começa duas horas, são duas e:: e oito mas agorinha
07 mesmo eu chego lá. hhhhhh
08 Dorinha: até que eles conversam, que armam [que (demoram)
09 Verônica: [que começa, né? dá
10 tempo de eu chegar lá.
11 Dorinha: tá bom.

A seção de encerramento se inicia (linha 49), mas ambas se orientam para produzir uma saída do encerramento. Verônica começa a produzir uma justificativa para desligar o telefone (“[eu vou agora ali q-]”, linha 49), mas abandona o turno em detrimento de Dorinha, que faz uma saída drástica retomando o tópico anterior (“[comi comi::: aquele] outro negócio que você trouxe pra mim.”, linhas 50-51). Retomadas tendem a obter a continuação do tópico recuperado, mas Verônica foi não-responsiva a isso e produziu apenas um continuador (linha 52). A irmã continua, portanto, o tópico e termina

³⁷ Destacamos que essa conversa aconteceu em um domingo à tarde. Vale ressaltar aqui uma informação extra-seqüencial que pode ser relevante para um melhor entendimento dos dados: Dorinha é conhecida na família por sua indisposição para comer, e a preocupação da irmã, então, é pertinente. Acreditamos, por isso, que a extensão do turno de Dorinha, informando ter “comido uma macarrãozinho com manjericão [com mais] aquele outro negócio que você [Verônica] trouxe para mim” se deve a essa preocupação que geralmente as outras irmãs têm com ela.

o seu turno com uma avaliação (“ficou bo:m.”, linha 53). Não responsiva a essa avaliação, Verônica introduz um novo tópico na tentativa de resgatar o ambiente terminal, com uma pergunta do tipo “tá-tudo-bem” (“mas aí tá tudo bom né?”, linha 54) e obtém a resposta mínima de Dorinha (“tá. tá ótimo.”, linha 55) relevante para o encerramento.

Em seguida, Verônica produz um terceiro turno de encerramento de seqüência (“então tá bom.”, linha 01) e, com essa pós-expansão mínima, mantém a relevância do encerramento. No entanto, essa extensão da seqüência aumentou a possibilidade de ocorrência de movimentos de saída, o que ocorreu logo depois (“>>mas cê vai no bingo aonde?<< aí me[smo?”, linha 02), com uma pergunta de Dorinha que provoca o início de um novo tópico. Diante da pergunta, Verônica passa a ser responsiva, em contraste com as ações não-responsivas anteriores. O seu turno (“aqui mesmo no canek, no bingo da igreja que vai ter aqui. mas aí e:u tô acabando de ajuntar as vasilhas aqui pra mim ir pra lá., começa duas horas, são duas e:: e oito mas agorinha mesmo eu chego lá. hhhhhh”, linhas 03-07) realiza-se como uma saída drástica da seção de encerramento.

Como vimos, Verônica iniciou o seu percurso nessa seção de encerramento sendo não-responsiva às ações pró-continuação da conversa, mas no decorrer da seqüência, tornou-se responsiva e contribuiu para que a conversa prosseguisse.

Assim como a primeira conversa entre namorados foi o único exemplo de uma das categorias de análise apresentadas com o término da conversa como resultado, a seção terminal que acabamos de analisar também é a única de nosso *corpus* que se classifica como uma estratégia de negociação, resultante em continuação da conversa, em que um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro eventualmente responde.

5.3.2.4. Um falante continua a conversa, e o outro responde

A continuação da conversa por parte de um falante e a resposta do outro a essa continuação é característica de oito das seções de encerramento em nosso *corpus*. Na conversa a seguir, dois companheiros de time falam sobre o próximo dia possível para se marcar um jogo, mas um deles, ao longo de toda a interação, mostra-se desanimado com a equipe e afirma discordar da participação de alguns integrantes e de algumas atitudes tomadas por aqueles que, segundo informações extraídas da própria conversa, parecem ser os “dirigentes” do grupo. A seção terminal se inicia logo após a apresentação da disponibilidade de horários de Paulo para participar do jogo:

[COMPANHEIROS DE TIME 04: 23-05: 05] (p. 216-217)

- 23 Paulo: aí cê vê direitinho então aí.
24 Zé Américo: °mh[m.°
25 Paulo: [porque eu domingo que vem não vai dar não porque eu
26 vou s- sou mesário, né? [aí fico o dia inteiro lá.
27 Zé Américo: [°mhm°, mas (não vai ter) não,
28 bobo,. domingo de eleições num tem jo[go não.
29 Paulo: [então. agora se
30 eles marcarem igual cês marcaram aquele dia na terça-
31 feira feriado eu vou.
32 Zé Américo: mhm
33 (1.5)
34 Paulo: mesmo se eu trabalhar de tarde dá pra eu ir de manhã.
35 (1.2)
→ 36 Paulo: **falou então, depois a gente [fic-**
→ 37 Zé Américo: **[sinceramente, cara, eu t-**
→ 38 **°eu° (1.5) se continuar com essa bobei[rada aí,**
→ 39 Paulo: **[não, mas num**
→ 40 **desanima não, pô.**
41 (0.8)
42 Zé Américo: os caras não dão valor pra gente. [()
43 Paulo: [é, que senão sai
44 você, sai eu, sai o baltazar, né. aqui, se ocê vir o
45 beto e o prego aí dá uma idéia neles pra mim aí.
46 Zé Américo: ahã.=
47 Paulo: =a hora que der eu dou uma passadinha aí.
48 Zé Américo: tá.
49 Paulo: dá uma lembrança a su aí.

50 Zé Américo: tá jóia, >>paulo,<< dá um abraço no pessoal aí.=
 51 Paulo: =falou.=
 52 Zé Américo: =e a sua noiva? como é que ela tá?
 53 Paulo: tá jóia. tô na casa dela.
 54 Zé Américo: ah, >cê tá na casa dela?<
 55 Paulo: tô.
 01 Zé Américo: fala que eu mandei um abraço pra [ela.
 02 Paulo: [então tá.
 03 Zé Américo: t[á?
 04 Paulo: [tchau, um abraço.
 05 Zé Américo: falou paulo, tchau.

Após a primeira sinalização de encerramento, feita por Paulo (“falou então, depois a gente [fic-”, linha 36), Zé Américo demonstra que ainda não está orientado para o final da interação, interrompendo a uma possível combinação do companheiro, e retoma as reclamações que fez ao longo de toda a conversa (“sinceramente, cara, eu t- °eu° (1.5) se continuar com essa bobei[rada aí,”], linhas 37-38). Tal ação é interrompida pela sobreposição de Paulo, que tenta encorajar o companheiro (“[não, mas num desanima não, pô.” – linhas 39-40). Após a descontinuidade (“(0.8)”), linha 41, Zé Américo introduz uma justificativa para o turno anterior (“os caras não dão valor pra gente.”], linha 42). A seguir, após o término da UCT do companheiro, Paulo insere também uma justificativa para o seu turno anterior (“[é, que senão sai você, sai eu, sai o baltazar, né.”], linhas 43-44). Após tal justificativa, Paulo continua o turno e se auto-seleciona como próximo falante corrente por meio de um marcador conversacional indicador de mudança de tópico (“aqui”) e introduz, desse modo, uma nova seqüência com uma nova linha de ação, fazendo um pedido condicionado (“aqui, se ocê vir o beto e o prego aí dá uma idéia neles pra mim aí.”], linhas 44-45). Nesse ponto, a conversa prossegue, e o ambiente terminal se perde.

A partir dessa análise, podemos observar que a continuação da conversa, com a retomada de um dos companheiros de time, após a PPP_{pré-terminal}, desencadeou a saída

drástica da conversa, enfraquecendo a relevância do encerramento. Dessa forma, um falante continuou a conversa, o outro respondeu, e essa reciprocidade de ações resultou, portanto, na continuação do telefonema.

5.3.2.5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação

Nessa categoria, enquadram-se apenas duas seções de encerramento, e ambas serão analisadas aqui. Na conversa entre dona da casa e mãe do vizinho (em que Isabel telefona para Verônica para saber notícias de seu filho), encontramos um exemplo de continuação da conversa a partir do “embate” interacional entre uma parte orientada para continuar a conversa e a outra parte orientada para prosseguir o encerramento. Vejamos a seção de encerramento que ocorre nessa conversa após a seção já analisada anteriormente (cf. subseção 5.3.2.1):

[DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 01: 29-42] (p. 211)

29 Isabel: [ah então ele tá bem né?
30 Verônica: tá., tá:: tudo bem com [ele.
31 Isabel: [e aí na sua casa? tá tudo bem?
32 Verônica: tu:do bem, graças a [deus.
33 Isabel: [fi:lhos? tá tudo bem?
34 Verônica: tudo bem. [hih .hhh
35 Isabel: [gra::ças a deus, [né?
→ 36 Verônica: [então tá. [>>>a senhora não<<]=
→ 37 Isabel: [° t c h a u ° .]
→ 38 Verônica: =quer falar nada com o iri[neu não, né?
→ 39 Isabel: [NÃO não não ([)
→ 40 Verônica: [algum recado
41 pra ele, [nem nada.
→ 42 Isabel: [não não não não é só isso me- mes- mes[mo.

Tendo notícias de que seu filho estava bem, Isabel então cria um ambiente terminal, por meio de perguntas “tá-tudo-bem” (“[e aí na sua casa? tá tudo bem?”, linha 31 e

“[fi:lhos? tá tudo bem?”, linha 33). Verônica, inserindo-se nesse ambiente, profere, adiante, uma PPP_{pré-terminal} (“[então tá.”, linha 36). A proposta de encerramento é prontamente aceita pela outra, que logo responde com uma SPP_{terminal} (“[°tchau°.]”, linha 37). Essa resposta caracteriza um encurtamento da seção terminal, indiciando a diminuição de espaços oportunos para a ocorrência de movimentos de saída da seção terminal. A própria Verônica, que introduziu a sinalização, expande a conversa (linhas 36 e 38), retomando uma ação já realizada anteriormente (“a senhora quer falar com o irineu?”, linha 19), dessa vez, na negativa e acrescentando o marcador conversacional “né”, como se quisesse confirmar mesmo a resposta negativa dada antes.

Além disso, essa repetição da oferta pode ser vista como uma estratégia conversacional preferida, uma vez que, segundo Schegloff (1995), ações de oferta são preferidas às ações de pedido. Para que Isabel não precisasse pedir para falar com Irineu, aquele que teria melhores informações sobre João, Verônica então oferece a ela a possibilidade de falar com o amigo do filho e insiste nisso, mas Isabel recusa veementemente com diversos “nãos” (linhas 39 e 42). A ação de Verônica (“[>>a senhora não<<] quer falar nada com o iri[neu não, né?”, linhas 36 e 38), por se tratar de uma retomada, é uma tentativa drástica de saída da seção terminal, mas Isabel não está igualmente disponível para continuar a conversa e, por isso, tenta recuperar a relevância do encerramento. Nesse embate, entretanto, a orientação de Verônica se mantém e a conversa prossegue.

Em algumas conversas, a continuação da conversa pode ser curta como acontece na conversa analisada acima. Em outras conversas, porém, pode ocorrer uma saída drástica da seção terminal, e a parte, antes orientada para encerrar a conversa, pode assumir a sua

disponibilidade para continuá-la e a prosseguir com uma longa continuação. Esse é o caso da próxima seção que apresentaremos aqui. Na conversa entre esposas do tio e do sobrinho, Verônica telefona para Ana para conversar um pouco (“de bobeira, só pra fofocar”), mas o início dessa interação ocorre com a reclamação de Verônica reclamando sobre alguma atitude tomada pelo seu marido Irineu, quando este estava se preparando para se encontrar com o tio Toninho, marido de Ana³⁸. Vejamos como se dá, sequencialmente, essa seção terminal para, a partir de uma análise micro, entendermos porque a conversa se estende:

[ESPOSAS DO TIO E DO SOBRINHO 02: 52-03: 07] (p. 221-222)

52 Verônica: [é::, mora ali pra frente
 53 aqui [da on]de que eu mo[ro,] [no engels]ville ali.=
 54 Ana: [ah.] [é.] [isso.]
 55 Ana: =°hu::m.° [()] ((com outra pessoa:)) °tá=
 56 Verônica: [mas tá bom, então.]
 01 Ana: =bom.° ((com Verônica:)) en[tão,
 ➔ 02 Verônica: [só liguei de bobeira, só pra
 03 fofo[car.
 ➔ 04 Ana: [a:::h não, e o serviço,? como é que tá?=
 05 Verônica: =nada,. tem duas semanas que num traz nada.
 06 Ana: é::?
 07 (0.8)

A partir da sinalização de encerramento de Verônica (“[mas tá bom, então.]”, linha 56), ela prossegue com sua orientação para o encerramento da conversa, justificando porque ligou (“[só liguei de bobeira, só pra fofo[car.”, linhas 02-03). Acreditamos que essa orientação para desligar o telefone tenha ocorrido, posto que Ana teria demonstrado alguns turnos antes estar ocupada e estaria, inclusive, falando com outra pessoa (“=°hu::m.° [()] ((com outra pessoa:)) °tá bom.°((com Verônica:)) en[tão,”, linhas 55 e 01).

³⁸ Ressaltamos que esta conversa, cronologicamente, acontece alguns momentos após a conversa telefônica entre tio e sobrinho.

O “en[tão,” (linha 01) de Ana, porém, parece marcar que havia resolvido o que estava fazendo e que estaria então disposta a continuar a conversa com Verônica. Evidência disso podemos ver na resposta à reiteração do propósito da chamada (“[só liguei de bobeira, só pra fofocar.”, linhas 02-03), quando diz “[a:::h não” (linha 04). Pelo princípio etnometodológico da justificabilidade, destacamos que esse termo seria uma recusa explícita em desligar o telefone (como se dissesse “Ah, não, não desliga ainda não...”). Ana, com isso, investe pesado para continuar a conversa, pois logo após a UCT que marca a sua recusa, ela insere também um provocador de início de tópico (“e o serviço,? como é que tá?=” – linha 04) e, com a resposta de Verônica (“=nada, . tem duas semanas que num traz nada.” – linha 05), consegue que a outra também se oriente para não encerrar a conversa naquele momento, adiando o encerramento.

Dessa forma, a sinalização de encerramento de Verônica (adjunta à reiteração do propósito da chamada) é ofuscada pela orientação de Ana para continuar conversando. Curioso é observar que essa primeira sinalização ocorre entre as segunda e terceira páginas de transcrição de uma conversa que ocupou dez páginas, ou seja, o “investimento” de Ana em não encerrar a conversa nesse momento “rendeu” mais alguns muitos turnos de fala. Além disso, é válido ressaltar também que, mesmo sinalizando o encerramento, Verônica estava disposta a continuar conversando, haja vista que ela teria ligado “de bobeira, só pra fofocar”, indicando que estava orientada a passar ainda muitos turnos de fala interagindo com Ana.

A observação desses movimentos de negociação é importante na medida em que nos faz perceber que, por vezes, somos capazes de indicar as ações as quais nos dispomos a desempenhar. Em outros momentos, podemos afirmar que estamos dispostos a agir de uma

forma (desligar o telefone, por exemplo), mas, micro-seqüencialmente, demonstrar que estamos nos orientando para agir de outro modo (continuar a conversa).

Apresentamos neste capítulo algumas formas lingüísticas do português brasileiro que podem desempenhar a função de encerrar a conversa. A partir dessas formas, analisamos como os participantes negociam, em uma seção terminal, a continuação ou o término da conversa. A seguir, tecemos as considerações finais deste trabalho.

Considerações finais

Ao longo de todo este trabalho, analisamos como os participantes podem se comportar interacionalmente em seções de encerramento de conversas telefônicas cotidianas. Fizemos, na introdução, algumas perguntas norteadoras para o desenvolvimento da pesquisa que realizamos. Tais questionamentos serão retomados aqui, para fins de discussão e reflexão acerca dos resultados encontrados.

A primeira pergunta versava sobre as formas lingüísticas utilizadas nos encerramentos de conversa em português brasileiro (*Quais são as formas lingüísticas, em português brasileiro, que desempenham a função de encerrar interações cotidianas ao telefone?*). Comprovamos, através da análise dos dados, que não se tratam apenas de meras traduções do inglês, mas formas próprias de se encerrar a conversa. Apontamos algumas formas (“então tá”, “tá”, “tchau”) que quase sempre (ou sempre, no caso do “tchau”) estão associadas ao encerramento. “Quase”, porque, para que uma forma seja de fato considerada própria de encerramento, ela deve sê-lo em termos de localização seqüencial. Por isso, como acreditamos que possam existir contextos seqüenciais em que o “então tá” e o “tá” possam figurar sem serem considerados “formas de encerramento” – as finalizações de seqüências não terminais, por exemplo – afirmamos que são “quase sempre” associadas à seção terminal. Com relação ao “tchau”, a sua caracterização é um pouco diferente, já que seu significado básico se relaciona exclusivamente com a finalização de interações. Por isso, sobre esse termo, podemos dizer que sempre se associa ao encerramento.

Apontamos também outras formas que podem desempenhar a mesma função (“falou”, “fica assim”, “até logo”, “até domingo”), além daquelas que se manifestam com

um contorno entonacional ascendente (“tá bom?”, “tá?”). Parece-nos que essas formas têm menos força de encerramento do que as primeiras apresentadas, uma vez que são formas que tendem a deixar mais evidentes os espaços de oportunidade para a ocorrência de movimentos de saída do encerramento. Algumas dessas formas, inclusive, podem ser caracterizadas como específicas do “estilo do interlocutor” que a produz (cf. Schegloff, 1986).

Ainda com relação às formas de encerramento em português brasileiro apresentamos algumas formas que podem ser multifuncionais, ou seja, ao mesmo tempo em que servem para que uma das partes se despeça da outra, servem também para realizar outras ações relevantes, como por exemplo, pedir ou oferecer bênçãos. Acreditamos que essa ocorrência se deu devido à cultura familiar específica do grupo pesquisado. Por se tratar de uma família aparentemente conservadora, com princípios sólidos da tradição católica, esse tipo de ação fez parte de várias seções de encerramento em nosso *corpus*, quando participantes eram parentes com alguma relação de subordinação, como, por exemplo, “tio e sobrinho”, “pai e filha”, “neta e avó”, dentre outras. Uma outra forma multifuncional presente em nossos dados é o “então tá”, que pode, concomitantemente, marcar o início de uma seção terminal e o fim da seqüência imediatamente anterior.

A segunda pergunta de pesquisa que apresentamos na introdução deste trabalho desmembrava-se em outras duas e era concernente à seção arquetípica de encerramento (*A seqüência arquetípica, descrita na literatura de língua inglesa, é encontrada aqui? Os elementos que a compõem são os mesmos? Há variação nessa estrutura?*). Pautados na proposta de Schegloff e Sacks (1973) de que uma seção terminal seria, basicamente, formada por uma PPP_{pré-terminal}, seguida de uma SPP_{pré-terminal}, antecedendo o par PPP_{terminal}-SPP_{terminal} – “batizada” por Button (1987) de “seqüência arquetípica de encerramento”–,

buscamos comprovar se o mesmo ocorre em dados do português brasileiro. Encontramos em nossos dados, algumas seções de encerramento que se enquadram como arquetípicas, justamente por se constituírem de quatro turnos de fala justapostos, proferidos, cada um, por uma das partes dos telefonemas, mas encontramos também seções que se enquadrariam como “variações” dessa estrutura arquetípica. Consideram-se “variações” as seções de encerramento reduzidas e estendidas, além daquelas que se apresentam nos quatro turnos de encerramento, mas em sua configuração se destacam pela presença de algum elemento variante. As seções reduzidas seriam aquelas que englobam em um mesmo turno mais de um componente terminal, e as estendidas são as que apresentam repetições de certos componentes terminais em outros turnos de fala fora dos quatro arquetípicos.

Ainda em referência às variações da seção de encerramento, destacamos novamente a multifuncionalidade de algumas trocas, como o par pedido-oferta de bênção, que pode surgir na seção terminal desempenhando o papel da troca de “tchau” sem acarretar nenhuma redução ou extensão da seção arquetípica. Destacamos também os componentes com contorno entonacional ascendente, que podem surgir como PPP’s ou SPP’s pré-terminais, sem engendrarem nenhum movimento de saída da seção terminal. Desse modo, comporiam também a seção arquetípica de encerramento.

No tocante à terceira pergunta de pesquisa (*Como se dão os movimentos de saída das seções terminais?*), destacamos que, como nos dados produzidos em contexto anglo-saxônico, nossos dados também apresentam os movimentos de saída drásticos e mínimos, categorizados por Button (1987): combinações, recomendações, reiteração do propósito da chamada e apreciações são desenhados na conversa para realizarem saídas mínimas, enquanto retomadas e provocadores de início de tópico voltam-se geralmente para realizarem saídas drásticas da seção terminal.

No entanto, tais ações, apesar de desenharem, a princípio, um determinado movimento de saída, podem desenvolver um outro movimento, dependendo da trajetória sequencial que os participantes optam por desenvolver no curso das ações (cf. Button, 1990). Com isso, uma ação da qual se espera que realize um movimento drástico de saída da seção terminal pode realizar uma saída mínima, e o inverso também pode ocorrer.

Vale ressaltar aqui também a noção de espaços de oportunidade para a ocorrência de movimentos de saída. Button (1987) aponta cinco espaços, os quais nossos dados também corroboram. No entanto, nossa análise apresenta também outros dois espaços, que chamamos de sexto e sétimo espaços de oportunidade. Ambos se dão após a SPP_{terminal} , ou quando o seu próprio falante insere um movimento de saída em seguida ou quando o receptor dessa SPP inicia um movimento de saída (cf. subseção 5.2.2.4).

Com relação ao quarto questionamento de pesquisa, nossa tarefa era desvendar o modo como os participantes, em nossos dados, negociavam o final ou a continuação da conversa telefônica (*Como as estratégias de negociação para terminar ou para continuar a conversa, propostas para falantes do inglês norte-americano, se aplicam a dados do português brasileiro?*). Nossa análise foi orientada por um quadro sinóptico que dividiu as estratégias de negociação em dois blocos maiores: as negociações que resultam em término, e aquelas que resultam em continuação da conversa.

A seguir, apresentaremos dois esquemas com a intenção de fornecer um panorama geral de nossas conversas em relação às categorias de negociação para o término ou para a continuação da conversa. O esquema 7, na página seguinte, apresenta as categorias de negociação para o término da conversa:

Negociação para o término da conversa

1. Orientação recíproca para o término

TIO E SOBRINHO 01: 29-34
NAMORADOS II 01: 51-52
COLEGAS DE FACULDADE 02: 20-25
IRMÃS 02: 41-46
DONA DA CASA E AMIGO DO MARIDO 01: 48-53
CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 05: 30-33
PAI E FILHA 01: 24-28

2. Encerramentos reciprocamente prolongados

SOBRINHA E TIO 05: 55-06: 10
PRIMAS 03: 16-28
PRIMOS 07: 31-41
PRIMOS 11: 04-22
PRIMOS 12:12-28
NETA E AVÓ E MÃE E FILHO 01: 42-54
DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 02: 04-10

3. Demonstração recíproca para continuar a conversa em casos nos quais nenhuma das partes insere um movimento de saída da seção terminal

DONO DA CASA E AMIGA DO FILHO 01: 26-33
TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 14-25
CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 07: 22-27

4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro não é responsivo

DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 34-46
AMIGOS 01: 47-51
TIA E SOBRINHO E IRMÃS 03: 24-27
COMPANHEIROS DE TIME 05: 03-05
ESPOSAS DO TIO E DO SOBRINHO 10: 22-33
NETA E AVÓ E MÃE E FILHO 04: 12-17

5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em término

NAMORADOS I 02: 01-04

Esquema 7: Seções terminais que se enquadram na categoria de negociação para o término da conversa.

Esse esquema nos permite observar a extensão das 24 seções terminais categorizadas como frutos das estratégias de negociação dos participantes, voltadas para o término da conversa. Mesmo que nem todas tenham sido analisadas nesta dissertação, apresentamos aqui a extensão dessas seções, que podem ser conferidas nas transcrições anexas. Nossa coleção de dados nos permitiu encontrar pelo menos um exemplo de cada estratégia, embora algumas sejam mais frequentes do que outras. A coincidência entre o número de conversas disponíveis em nosso *corpus* e o número de seções enquadradas nessa categoria não é por acaso: todas as conversas, logicamente, foram encerradas, e, portanto, em todas elas, os participantes lançaram mão de uma estratégia de negociação para o término do telefonema.

O esquema 8, na próxima página, relaciona as conversas de nosso *corpus* de acordo com as categorias de negociação para a continuação da conversa:

Negociação para a continuação da conversa

1. Demonstração recíproca para continuar a conversa em casos nos quais uma das partes insere um movimento de saída da seção terminal

DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 01: 13-29
CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 06: 29-39
COLEGAS DE FACULDADE 01: 44-02: 04
TIA E SOBRINHO E IRMÃS 01: 49- 02: 02
PRIMOS 06: 31-44
COMPANHEIROS DE TIME 04: 47- 05: 02

2. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro imediatamente responde

DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 13-18
DONO DA CASA E ESPOSA DO AMIGO 02: 29-32
CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 05: 17-29
TIA E SOBRINHO E IRMÃS 01: 34-36
TIA E SOBRINHO E IRMÃS 03: 12-18

3. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro imediatamente responde

TIA E SOBRINHO E IRMÃS 02: 49-03: 11

4. Um falante demonstra disponibilidade para continuar a conversa, e o outro responde

COMPANHEIROS DE TIME 03: 42-46
COMPANHEIROS DE TIME 04: 36-37
COLEGAS DE FACULDADE 02: 05-11
CANDIDATOS A UM CONCURSO PÚBLICO FORA DA CIDADE 07: 09-21
IRMÃS 02: 12-18
ESPOSAS DO TIO E DO SOBRINHO 09: 36- 10: 05
NETA E AVÓ E MÃE E FILHO 03: 42-04: 11
PRIMAS 02: 49-03: 15

5. Um falante continua a conversa, e o outro prossegue o encerramento, resultando em continuação

DONA DA CASA E MÃE DO VIZINHO 01: 36-02: 02
ESPOSAS DO TIO E DO SOBRINHO 02: 56-03: 05

Esquema 8: Seções terminais que se enquadram na categoria de negociação para a continuação da conversa.

Nesse quadro, o número de seções terminais categorizadas é menor – 22 –, pois, nesse caso, nem todas as partes nessas conversas lançam mão dos recursos estratégicos voltados para continuar a ligação. Além disso, uma mesma conversa pode aparecer várias vezes nesse esquema, dependendo do número de seções que ela possui. Outras conversas por sua vez, nem figuram nessa lista, uma vez que, na sua primeira seção terminal, os participantes podem ter se voltado diretamente para o término da ligação (esse é o caso das oito conversas que, de acordo com o esquema 5, apresentaram apenas uma seção terminal).

Observando os esquemas 7 e 8 juntos, podemos notar que as estratégias de negociação propostas por Button (1990) podem se aplicar também a dados do contexto brasileiro. Além disso, nossa divisão ressalta uma visão que amplifica a noção do autor com relação às estratégias de negociação, em pauta neste trabalho. Essa separação em “estratégias voltadas para o término” e “estratégias voltadas para a continuação” da conversa é nossa, e não do autor. Este apenas apresenta tais estratégias indistintamente em um contínuo sem demarcar a diferença nos resultados das negociações. Nesse sentido, apontamos a produtividade desses dois esquemas divididos em duas categorias maiores, uma vez que apresentam os resultados encontrados de forma mais panorâmica, tanto em relação aos nossos dados, quanto em relação aos dados do autor.

Na revisão de literatura, apresentamos, para cada categoria, um exemplo apontado por Button (1990). Em nossa análise, enquadrámos de uma a três seções de encerramento para cada evento de negociação destacado. Essa comparação é promissora no sentido de que, ainda que as categorias sejam as mesmas, algumas diferenças podem, e devem, ser resguardadas, uma vez que os participantes partilham de experiências culturais distintas. Diferenças essas que podem ser facilmente percebidas na fala e, por isso, são observadas micro-seqüencialmente nos dados.

Queremos destacar, além disso, que, apesar de o telefone ser um instrumento social moderno criado para aproximar pessoas, alguns recursos não estão, ainda, disponíveis por meio desse aparelho, como o contato físico, por exemplo. Os muitos envios de beijos e abraços, bem como as combinações detalhadas, tal como as perguntas sobre o bem-estar do outro, parecem estar associadas a essa carência de contato criada pelo telefone. Por essa razão, acreditamos que essas ações e os eventos de negociação para encerrar a conversa ou continuá-la se produzem em excesso no telefone, para, de alguma forma, tentar suprir a necessidade de contato físico própria do ser humano.

A partir dessa observação e de todas as ações realizadas pelos participantes em nossas gravações, sustentamos a noção do senso comum de que encerrar uma conversa telefônica parece difícil, haja vista a infinidade de movimentos de saída das seções terminais existentes, bem como o grande número de variações das seções de encerramento.

Oferecemos, com o presente estudo, também, uma possibilidade de comparação com outros cenários de fala-em-interação e, com isso, ressaltamos que esta análise foi produzida a partir de dados não-motivados de fala espontânea, o que nos permite perceber a ocorrência dos encontros sociais no seu “*habitat* natural primitivo” – a conversa cotidiana. Apesar de termos destacado a ocorrência em contexto brasileiro, estamos restritos, ainda, apenas a dados de fala ocorridos em uma família de Juiz de Fora. Nosso trabalho, porém, potencializa uma observação de cunho cultural, a ser percebida, por meio de pesquisas futuras, como fenômeno brasileiro, ou, se não, como parâmetro para que essa observação seja negada enquanto fenômeno.

REFERÊNCIAS

BODEN, D.; ZIMMERMAN, D. (eds.). **Talk and Social Structure**. Cambridge: Polity Press, 1991.

BUTTON, G. Moving out of Closings. In: BUTTON, G.; LEE, J. R. E. **Talk and Social Organization**. Clevedon: Multilingual Matters, p. 101-151, 1987.

_____. On Varieties of Closings. In: PSATHAS, G. **Interaction competence**. Lanham: University Press of America, p. 93-148, 1990.

_____. Conversation-in-a-series. In: BODEN, D.; ZIMMERMAN, D. (eds.). **Talk and Social Structure**. Cambridge: Polity Press, p. 251-277, 1991.

BUTTON, G.; LEE, J. R. E. **Talk and Social Organization**. Clevedon: Multilingual Matters, 1987.

CAPELLANI, D. Z. **Projeção e negociação de identidades em entrevistas com candidatos à presidência da República nas eleições de 2002**. Juiz de Fora, 2004. 170p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.

CLARK, H. H. O uso da linguagem. Tradução de: Nelson Oliveira Azevedo e Pedro M. Garcez. In: **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 9, p. 49-72, 2000.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GAGO, P. C. Questões de transcrição em Análise da Conversa. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 89-113, 2002.

_____. Parcerias comerciais: uma ordem local. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 75-94, 2003.

GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, p. 83-95, 2002.

_____. **Metodologia de pesquisa qualitativa interpretativa no estudo da fala-em-interação social**. Palestra apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 25 de março de 2004.

GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. Tradução de: Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: essays on face to face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

_____. A situação negligenciada. Tradução de: Pedro M. Garcez. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

HAVE, P. ten. **Methodological Issues in Conversation Analysis**. URL: <http://www2.fmg.uva.nl/emca/Mica.htm> Consultado em 20 nov. 2004.

HERITAGE, J. **Garfinkel and Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

_____. Conversation Analysis: Methodological Aspects. QUASTHOFF, U. M. (ed.). **Aspects of Oral Communication**. New York: Walter de Gruyter, p. 391-418, 1995.

_____. Etnometodologia. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. Tradução de: Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora da Unesp, p.321-392, 1999.

HOPPER, R. Hold the phone. In: BODEN, D.; ZIMMERMAN, D. (eds.). **Talk and Social Structure**. Cambridge: Polity Press, p. 217-231, 1991.

_____. **Telephone Conversation**. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

HUTCHBY, I. **Conversation and technology: from the telephone to the internet**. Cambridge: Polity Press, 2001.

HUTCHBY, I.; WOOFFITT, R. **Conversation Analysis**. Cambridge: Polity Press, 1998.

LEVINSON, S. Conversational Structure. In: _____. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-370, 1983.

LODER, L. L. **Investindo no conflito: a correção pelo outro construindo discordâncias agravadas**. Porto Alegre, 2006. 157p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OSTERMANN, A. C. A ordem interacional: a organização do fechamento de interações entre profissionais e clientes em instituições de combate à violência contra a mulher. **Alfa**, São Paulo, v. 46, p. 39-54, 2002.

PSATHAS, G. **Conversation Analysis: the study of talk-in-interaction**. Thousand Oaks: Sage, 1995.

SACKS, H. Notes on methodology. In: ATKINSON, J. S.; HERITAGE, J. **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 21-27, 1984.

_____. On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: BUTTON, G.; LEE, J. R. E. **Talk and Social Organization**. Clevedon: Multilingual Matters, p. 54-69, 1987.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language**, Baltimore, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

_____. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 9-73, 2003.

SCHEGLOFF, E. A. Identification and recognition in telephone conversation openings. In: PSATHAS, G. **Everyday Language**: Studies in ethnomethodology. New York: Irvington Publishers, 1979.

_____. The routine as achievement. **Human Studies**, v. 9, p. 111-151, 1986.

_____. Analysing Single Episodes of Interaction: an exercise in Conversation Analysis. **Social Psychology Quarterly**, v. 50, n. 2, p. 101-114, 1987.

_____. Reflections on quantification in the study of conversation. **Research on Language and Social Interaction**, v. 26, p. 99-128, 1993.

_____. **Sequence organization**. Unpublished manuscript, 1995.

SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, Baltimore, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.

SCHEGLOFF, E. A.; SACKS, H. Opening up closings. **Semiotica**, v. 8, p. 289-327, 1973.

ANEXO I

Originais das citações textuais

Introdução:

GOFFMAN (1967, p. 41)

“Farewells sum up the effect of the encounter upon the relationship and show what the participants may expect of the another when they next meet.”

Capítulo 1:

HOPPER (1992, p. 31)

“You can overhear a face-to-face conversation by accident, but if you overhear a phone call you are eavesdropping.”

HOPPER (1992, p. 8-9)

“We do, in fact, recognize each others’ telephone voices almost instantly. We do, in fact, interpret emotional nuances without visual data. These experiences raise one of the central themes in twentieth-century thought – the centrality of speech sounds to all human experience. To study the sounds of speech, split off from other phenomena, is to study what is most basic about speech communication.”

HOPPER (1992, p. 32)

“ ‘Excuse me for a moment, Mr. Featherly,’ she said, ‘I think I hear a ring at the phone.’ And, in her queenly way, she swept into an adjoining room. Presently she returned and his mad passion found a voice. ‘I am sorry, Mr. Featherly,’ she said, ‘to cause you a pain, but I am already engaged. Mr. Sampson, learning that you were here, has urged his suit through the telephone.’ ”

HOPPER (1992, p. 4)

“To describe telephone conversation is to understand ourselves better.”

HOPPER (1992, p. 33)

“the telephone is a social leveler because anybody can call anybody else. However, the telephone unlevels the playing field of human discourse by favoring any caller’s project at the answerer’s expense.”

HUTCHBY (2001, p. 85)

“The telephone was the first technology for communication which enabled people to talk as if they were in co-presence when in fact they were not.”

HOPPER (1992, p. 99)

“precisely as the partner stops talking.”

Capítulo 2:

SCHEGLOFF (1995, p. 1)

“turns do not follow one another like identical beads on a string.”

SCHEGLOFF (1995, p. 55)

“Sequences are the vehicle for getting some activity accomplished, and that response to the first pair part which embodies or favors accomplishment of the activity is the favored – or, as we shall term it, the preferred – second pair part.”

SCHEGLOFF (1995, p. 114)

“Given its position after a second pair part, and that the move is made by a form of turno which can *embody* the sequence closure if sustained by co-participants, we can refer to it as a ‘sequence-closing third’ (SCT). Sequence-closing thirds are found after both preferred and dispreferred second pair parts (though they have differing international import two contexts).”

Capítulo 3:

SCHEGLOFF E SACKS (1973, p. 241)

“a relevant issue (for participants) about utterances in conversation is ‘why that now’, a question whose analysis may also be relevant to find what ‘that’ is.”

SCHEGLOFF E SACKS (1973, p. 251)

“While exchanges such as ‘O.K.;O.K.’ respect in their placement certain local orders of organization, such as the organization of talk on a topic or adjacency pairs (...), the overt announcement, ‘I gotta go’ need not respect such boundaries, and can even interrupt not-yet-possibly-completed utterances.”

BUTTON (1990, p. 147)

“provide a sequential environment in which a rich array of delicate interactions can take place.”

BUTTON (1990, p. 144)

“In contrast to the various displays of availability for continued conversation, one speaker may actually continue conversation, and this can be reciprocated in next turn.”

BUTTON (1990, p. 146)

“Speakers can produce a variety of closing types within which negotiations for conversation continue or conversation termination can take place, and through the use of various closing type components, and in the course of movements in and out of closings, also negotiate for conversation continuation or abandonment.”

Capítulo 4:

SACKS (1984, p. 26)

“because I could get my hands on it and I study it again and again, and also, consequentially, because others could look at what I had studied and (...) disagree with me.”

BUTTON (1987, p. 151)

“Such statistics are mentioned with uneasiness because it might be taken that these are findings, and then questions concerning significance and the randomness of the data would have to be considered. It should be understood that mere statistical occurrence is not the finding nor, in itself, very interesting. Distribution and frequency is merely, here, a device used to become sensitive to the organizational design of the ‘sequence types’ examined. That is to say, having noticed that some ‘sequence types’ were often found to occur in the same opportunity spaces it became possible to see that they displayed a sensitivity to those spaces; (...) When they were used in other opportunity spaces to those in which they regularly occurred, they displayed a sensitivity to those sources which also preserved a sensitivity to the spaces they predominantly occurred in.”

Capítulo 5:

BUTTON (1987, p. 132)

“All cases where movement out of closings was initiated, following a first terminal, occurred where the first terminal did not occupy its sequential position as third turn in the archetype closing”

ANEXO II

Convenções de transcrição

*Os símbolos de transcrição foram extraídos de Gago (2002):

[colchetes]	Fala sobreposta
(0.5)	Pausa décimos de segundos
(.)	Micropausa em menos de dois décimos de segundo
=	Contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos
.	Descida de entonação
?	Subida de entonação
,	Entonação contínua
,?	Subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação
,.	Descida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto final
:	Alongamento de som
-	Auto-interrupção
<u>sublinhado</u>	Acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada
°	Fala mais baixa imediatamente após o sinal
°palavra°	Trecho falado mais baixo
palavra:	Descida entoacional inflexionada
palavra:	Subida entoacional inflexionada
↑	Subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados
↓	Descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado
>palavra<	Fala comprimida ou acelerada
<palavra>	Desaceleração da fala
<palavra	Início acelerado
Hhh	Aspirações audíveis
(h)	Aspirações durante a fala
.hhh	Inspirações audíveis
(())	Comentários do analista
(palavra)	Transcrição duvidosa
()	Transcrição impossível
Th	Estalar de língua

ANEXO III

Transcrições

Apresentamos, a seguir, na íntegra, as transcrições das conversas analisadas neste trabalho. São 24 conversas dispostas em 64 páginas, cada qual iniciada pela indicação da página de transcrição e pelas linhas que a compõem. Por exemplo, [05: 01-56] significa que aquela é a quinta página de transcrição da referida conversa, a qual se inicia, naquela página, na linha de número 1 e termina na linha 56. A numeração das linhas se reinicia a cada página, e o título da conversa aparece apenas no alto da primeira página de transcrição (cuja indicação aparece antes dos dois pontos, conforme exemplo acima).

É conveniente informar, também, que as conversas não são apresentadas em sua ordem cronológica de ocorrência, mas na ordem em que aparecem na dissertação. Por exemplo, a conversa entre esposas do tio e do sobrinho acontece pouco tempo depois da conversa entre tio e sobrinho, mas, neste anexo, aparece antes, porque foi citada no texto da dissertação previamente à outra conversa. As indicações em algarismos romanos são também outra forma de indicação da ordem cronológica das conversas. A conversa telefônica entre namorados II, por exemplo, aconteceu posteriormente à conversa telefônica entre namorados I.

Com relação às indicações S1, S2, S3..., conforme já explicitado no capítulo sobre metodologia, tratam-se de referências à seção terminal e à sua ordem de ocorrência na conversa.

Conversa telefônica entre tia e sobrinho e entre irmãs:

[01: 01-53]

01 ((telefone toca))
 02 Dorinha: pronto.
 03 Tomé: alô., tia dorinha?
 04 Dorinha: o::i.
 05 Tomé: tomé, tudo bem?
 06 Dorinha: tu:do.
 07 Tomé: .hhh então tá jóia. .hh aqui, >>tô ligando<< pra
 08 agradecer das toalhas. h[hh
 09 Dorinha: [gostou?
 10 Tomé: tá? <ficaram> lindas assim gostei m- ficou muito jóia.
 11 Dorinha: acho que sim né? [()
 12 Tomé: [nossa., adorei. ficou ficaram muito
 13 bonitas, as meninas devem gostar, vão gostar muito.
 14 Dorinha: você vai entregar ainda?
 15 Tomé: vou. vou entrega::r pra uma eu vou entregar hoje e a
 16 outra eu vou entregar terça-feira. ((barulho ao fundo))
 17 Dorinha: fala pra não lavar imediatamente não., () uns
 18 quinze dias.
 19 Tomé: ah::[::] tá.
 20 Dorinha: [tá?] (daí/ e aí) quando passar não meter o ferro
 21 quente em cima não. põe o papel ou o pano ou passa pelo
 22 avesso.
 23 Tomé: ah::::: tá. ((barulho ao fundo))
 24 Dorinha: ()
 25 Tomé: tá. [ahã tem que-
 26 Dorinha: [() que esse tecido a tem que ficar a tinta
 27 tem que ficar muito grossa., mas esses dias num dava pra
 28 mim lavar porque eu acabei sexta (qu(h)erendo) lav(h)ar=
 29 =ahã=
 30 Dorinha: =até secar é mais um m(h)ês. hhhh
 31 Tomé: hhhãhãhã. .hh não.
 32 Dorinha: é só demorar um pouquinho [pra la]var que não sai não.=
 33 Tomé: [tá]
 S1 34 Dorinha: =[tá?
 1 35 Tomé: [tá de- tá okey. .h e[::]
 1 36 Dorinha: [eu achei que ficaram muito
 1 37 boni[tas.
 1 38 Tomé: [tá, fi- eu também adorei e ficaram aquele:s a
 1 39 aqueles papéis já pode tirar já né?
 40 (1.0)
 41 Tomé: [tinham uns pap-]
 42 Dorinha: [a h l e v-] leva (aquilo ali/embrulhadinho) com o
 43 papel mesmo, uai., papel de seda >>não tem problema
 44 não.<<
 45 Tomé: mhmm
 46 Dorinha: deixa o papel em cima ali que p- é::: perigoso colar na
 47 outra parte., por causa de ser muito () assim.
 48 Tomé: ah::[::] tá.
 S2 49 Dorinha: tá? () ((barulho ao fundo))
 2 50 Tomé: tá. tá o[key. entã-
 2 51 Dorinha: [num num gruda, num mela, nem nada.
 2 52 Tomé: tá bom então.=
 2 53 Dorinha: =tá?

[02: 01-55]

2 01 Tomé: tá. (0.2) tá jóia. .h aqui a::[:
2 02 Dorinha: [cê põe o dedo assim e vê,
2 03 se não tiver colando, tira.
04 (1.0)
05 Tomé: ahã. [não. mas isso é o de me-
06 Dorinha: [(mas) põe assi::m põe dobra pra dentro e põe
07 aquela: a pintura:: pro plástico lá no plástico também
08 não tem problema não.
09 Tomé: a:::h [tá.
10 Dorinha: [que aí não vai colar em nada, né?
11 Tomé: não, é, mas aí num a num vai te::r isso é o de menos
12 >também.<
13 Dorinha: é:::
S3 14 Tomé: hhhh. Ta bom en[tão.]
3 15 Dorinha: [tá.]
3 16 Tomé: aqui, . brigadão, só tô ligando pra agradecer mesmo.
3 17 Dorinha: tá bom, então.
3 18 Tomé: tá bom?
3 19 Dorinha: tá.
3 20 Tomé: a mãe que:::r quer falar com a senhora aqui.
3 21 Dorinha: tá [bem.
3 22 Tomé: [num quer?
3 23 Dorinha: tá.
3 24 Tomé: tá bom, bença.
3 25 Dorinha: >>°deus te abençoe.°<<
26 (7.0)
27 Verônica: oi?
28 Dorinha: oi.
29 Verônica: como é que tá?
30 Dorinha: tudo bom.
31 Verônica: tudo bom e aí? já almoçou?
32 Dorinha: já., acabei agora [()
33 Verônica: [eu também acabei, tô juntando as
34 vasilhas aqui que eu v- já vou pra outro bingo.
35 Dorinha: ai:: outro? [(°cruz credo°.)]
36 Verônica: [hhhhhh hahahaha] a(h) [verena até que-
37 Dorinha: [(a verena) tava me
38 contando que ontem cêis=
39 Verônica: =hein?=
40 Dorinha: =ontem cêis ganharam um monte de prêmio [lá. hhh
41 Verônica: [é::: uai, é
42 melhor ir no bingo ganhar do que se voltar com m- m- mão
43 vazia aí é que p- pega né? .hhhh
44 (0.5)
45 Dorinha: ah, acabei de almoçar agora., comi um (0.2)
46 macarrãozinho com manjericã::o.
47 Verônica: então tá bom, uai.
48 Dorinha: comi tan:::to, °nossa se[nhora.°
S4 49 Verônica: [então tá. [eu vou agora ali q-]
4 50 Dorinha: [comi comi::: aquele]
4 51 outro negócio que você trouxe pra mim.
4 52 Verônica: hã::=
4 53 Dorinha: =(). ficou bo:m. ((raspa a garganta))
4 54 Verônica: mas aí tá tudo bom né?
4 55 Dorinha: tá. tá ótimo.

[03: 01-27]

4 01 Verônica: então tá bom.
4 02 Dorinha: >>mas ce vai no bingo aonde?<< aí me[smo?
4 03 Verônica: [aqui mesmo no
4 04 canek, no bingo da igreja que vai ter aqui. mas aí e:u
4 05 tô acabando de ajuntar as vasilhas aqui pra mim ir pra
4 06 lá., começa duas horas, são duas e:: e oito mas agorinha
4 07 mesmo eu chego lá. hhhhhh
4 08 Dorinha: até que eles conversam, que armam [que (demoram)
4 09 Verônica: [que começa, né? dá
4 10 tempo de eu chegar lá.
4 11 Dorinha: tá bom.
S5 12 Verônica: então tá.=
5 13 Dorinha: =°tchau°.
5 14 Verônica: tchau tchau então, bri[gadão.] ficaram muito bonitas=
5 15 Dorinha: [°tchau°.]
5 16 Verônica: =as toalhas, parabéns procê.
5 17 Dorinha: tá::.. então acho que ficou boa, aí ficou >>quer dizer<<
5 18 em:: doze cada uma, [()
19 Verônica: [ah tá. aí depois do dia: depois do
20 dia: quinto dia útil ele te paga, [porque::] esses dias=
21 Dorinha: [tá bom.]
22 Verônica: =nós estamos meio ruins.
23 Dorinha: não. (precisa não./ precisando não.)
S6 24 Verônica: <então tá.>
6 25 (.)
6 26 Verônica: tchau.
6 27 Dorinha: tchau.

Conversa telefônica entre primos

[01: 01-53]

01 ((telefone toca))
02 Humberto: alô.
03 Cláudia: boa noite.
04 Humberto: boa noite.
05 Cláudia: tudo bem com o senhor?
06 Humberto: .hhh tudo jóia, ahãhhh
07 Cláudia: choveu muito aí?
08 Humberto: tô aqui pensando em vo(h)cê(h), falei <<meu deus>>
09 >>a cláudia não vai ligar não?<<
10 Cláudia: choveu muito aí?
11 Humberto: ah, aqui choveu um pouquinho só.
12 Cláudia: agora que ch- deve ter uma meia hora que chegou a
13 luz aqui.
14 Humberto: é mesmo? [tava sem luz?
15 Cláudia: [tava uma escuridão geral aqui, mas choveu
16 MUITO, mas MUITO mesmo.
17 Humberto: <que isso?>
18 Cláudia: um temporal assim, sabe aquela chuva aquele:::
19 Humberto: ahn?
20 Cláudia: como diz- um dilúvio?, como diz tia fernanda?,
21 Humberto: sei, [ahã.
22 Cláudia: [teve um dilúvio por aqui=
23 Humberto: um dilúvio feio então?
24 Cláudia: o negócio teve feio, choveu mui[to mas] muito mesmo.
25 Humberto: [ahn.]
26 Cláudia: tava:: um temporal aqui, [coisa feia.
27 Humberto: [<<no[ssa.>>
28 Cláudia: [coisa feia, a gente
29 n- a luz de vela, a luz de vela.=
30 Humberto: =tava aí à luz de velas, ahn, mas é:: mas é:: tava
31 sem luz desde de tarde assim?
32 Cláudia: não não, agora de noi- foi mais ou menos- agora ta
33 dando dez e::vinte [dez e meia, dez e vinte, né?
34 Humberto: [é, ahã.
35 Cláudia: deve ter acabado a luz assim uma:s sete e pouca.
36 Humberto: hã::?
37 Cláudia: ficou muito tempo aquela escuridão aquela:::
38 Humberto: ai que chato né? ficar sem luz é muito ruim .
39 Cláudia: e como é que ta tudo aí?
40 Humberto: tudo bem, graças a deus.
41 Cláudia: tudo tranquilo? [deixa eu te perguntar um negócio=
42 Humberto: [tudo jóia.
43 Cláudia: =que dia que você vai?
44 Humberto: ah eu tava querendo ir quinta feira.
45 Cláudia: quinta feira?
46 Humberto: é: é- alô alô alô? ((interferência no telefone))
47 Cláudia: alô?, tá me ouvindo? ta me ouvindo?
48 Humberto: oi tô- tô.
49 Cláudia: tá fazendo um barulho estranho, é seu telefone aí?
50 Humberto: eu não sei se é meu telefo::ne, vou- vou- vou mudar
51 de telefone.
52 Cláudia: mas o meu também tá meio maluco.
53 Humberto: ahn? não mas é [eu tô te ouvindo.

[02: 01-57]

01 Cláudia: [é telefone sem fio?
02 Humberto: é.
03 Cláudia: ah, é- é- aquele barulho de telefone sem fio.
04 Humberto: é.
05 Cláudia: deixa eu te falar uma coisa ((interferência))
06 Humberto: ahn, mudei.
07 Cláudia: cê- cê vai que horas na quinta feira?
08 Humberto: ainda num num pensei não (.) mas assim é: aí eu tava
09 querendo ver direiti[nho] pra poder .hhh planejar né?=
10 Cláudia: [mhm]
11 Humberto: =que horas que seria [melhor aí.
12 Cláudia: [deixa eu te falar uma coisa,
13 porque eu vou saí daqui:=
14 Humberto: =cê(h) vai(h) hahahhhh.
15 Cláudia: eu vou encontrar (h) com(h) vo(h) cê [hihihihihihahahaha
16 Humberto: [hahahahahahahahaha eu
17 (h) sa(h)BIa(h) que (h) o(h) cê ia(h) fa(h) zer(h)
18 is(h) so, . o(h) lha. hah[hhh.
19 Cláudia: [p(h) or qu(h) e qu(h) e cê
20 s(h) ab(h) ia? ahanhaha[hahahahahahahahahahahahahahaha
21 Humberto: [ahanhhh >>eu falei,<< a
22 c(h) láud(h) ia [ahanhhhan n- n- não num s- não va-,]=
23 Cláudia: [hahahahahahahahahahahahahahahahahahaha]
24 Humberto: =eu conheço a minha prima, [apesar do pouco tempo de.]=
25 Cláudia: [.hhh ahnhahahahahahahahahah]=
26 Humberto: =[intimidade eu já saBIa .hhh eu falei com a mãe, .hh]=
27 Cláudia: =[hah]=
28 Humberto: =[eu falei com a mãe, <<mãe>> .hh hanhanh .hhh eu tenho
29 <<quase certeza>> que a cláu[d(h) ia vai pra lá também.]
30 Cláudia: [.hhh hanhanhanhahahahahah]
31 Cláudia: [hah]
32 Humberto: [ha,] hã?
33 Cláudia: .hhhh deixa eu te explicar porque e(h) la t- e(h) la-
34 haha[hahahahahah]ahahahahahahahahahahahahahahahahahaha,=
35 Humberto: [ahumhumhum.]
36 Cláudia: =num é tomar conta das cri[anças não, que eu num sou]=
37 Humberto: [hanhahahahahahahahahahahahaha]=
38 Cláudia: =[dessas coisas não.
39 Humberto: =[hahahahahahaha a(h) mãe a(h) mãe(h) .hhh >>a mãe
40 fa(h) lou,<< ah mas cê acha que a cláudia vai perder?,
41 [hahahahahahahahahahahahahahahahahahaha]
42 Cláudia: [hahahahahahahahahah deixa eu te ex]plicar porque.=
43 Humberto: =ahn?
44 Cláudia: ela >>disse que<< quinta feira ela vai trabalhar o dia
45 todo.
46 Humberto: ahn?
47 Cláudia: tá, <() outro dia lembra que te falei que ela tava
49 de folga nas quintas feiras?=
50 Humberto: =sei.=
51 Cláudia: =não tá mais lá essas coisas de folga não, aí eu quero
52 te pegar na rodoviária.
53 Humberto: ahn?
54 Cláudia: aí [eu preparo alguma coisinha pra você, uma::::.
55 Humberto: [°gente.° gente mas não precisa fazer essa loucura
56 por causa de mim, <gente.> ((vozes ao fundo))
57 Cláudia: eu eu eu eu não vou tomar conta de você não, tá?

[03: 01-56]

01 Humberto: não [<cláu-
02 Cláudia: [eu num tô tomando conta nem de mim.
03 Humberto: <<não cláudia>> mas eu eu n- num não queri::a eu não
04 quero inco[modar ocês, gente.
05 Cláudia: [não, por favor, por favor. aí eu v- v- vou
06 fingi- vou fazer de conta que não tem ninguém do meu
07 lado t(h)á?, [hahahaahahahahahahahaha.
08 Humberto: [hahahahahahahahhahahahaha a(h)i haha
09 meu deus do céu.=
10 Cláudia: =aí eu quero saber direitinho o horário certi::nho
11 direitinho que cê vai?
12 (0.5)
13 Cláudia: [tá?
14 Humberto: [tá, aí vou ter que ver, comprar <passagem.>=
15 Cláudia: =[sabe por quê? é] que tem um ônibus que sai=
16 Humberto: =[essas coisas.]
17 Cláudia: = daqui quinta feira sete e pouca da manhã.
18 Humberto: hum?
19 Cláudia: tá?((interferência)) se a gente se encontrasse na
20 rodoviária e fosse junto, ((interferência)) né?
21 (0.8)
22 Cláudia: a[lô?
23 Humberto: [mhum? alô, pode falar.
24 Cláudia: o ideal [seri-
25 Humberto: [é que a mãe tá fazendo arte aqui no meu
26 quarto [hahah]haha, hã?
27 Cláudia: [ahan.]
28 Cláudia: o ideal seria que a gente (s- f- s-) mais ou menos
29 encontrasse com você na rodoviária mais ou menos no
30 mesmo horá::rio, né?
31 Humberto: ahan, lá no:: lá em jerusalém, [né?
32 Cláudia: [é::, mais ou menos
33 assim que a gente se encontrasse e já fosse junto.
34 Humberto: tá, que hora que você vai sair daí, então?
35 Cláudia: porque tem um ônibus aqui sete e pouca.
36 Humberto: sete e pouca da manhã?
37 Cláudia: °isso eu acho que é sete e vinte tem um ônibus
38 aqui.°
39 Humberto: tá, aí você deve chegar lá uma- que horas mais ou
40 menos?
41 Cláudia: ah, mais ou <menos> <<sete e vinte, nove e vi::nte>>
42 a engarrafamento na serra ne:::m na pon[te.
43 Humberto: [sei.
44 Cláudia: mais ou menos umas duas horas, duas e pouquinho.
45 Humberto: [tá.
46 Cláudia: [mais ou menos isso.
47 Humberto: tá ok, tá, então umas no- umas dez, né? sem ser se
48 você for arrumar um jeitinho de chegar lá umas dez.
49 Cláudia: é mais ou menos então, >>dez horas a gente tá lá
50 então tranquilo.<<
51 Humberto: é né? ah então eu vou arrumar um jeito de de deve
52 ter [ter um ônibus aqui.
53 Cláudia: [mas deu pra você entender direitinho, porque
54 tem até um ônibus mais ta::rde, mas aí seria ideal
55 mais cedo [né?
56 Humberto: [não, pra você chegar <<junto,>> [né?

[04: 01-56]

01 Cláudia: [humhum.
02 Humberto: [não ter que ficar vai e volta, é ruim.
03 Cláudia: [() eu poderia porque aí cê poderia a
04 gente podia ir direto pra lá.
05 Humberto: isso.
06 Cláudia: aí pegava o táxi e ia direto.
07 Humberto: tá.
08 Cláudia: um táchi.
09 Humberto: hahahahaha a gente pega, tá.
10 Cláudia: tá, porque aí dá pra gente aproveitar mais também,
11 porque aí::: a a ela tá fazendo estágio de manhã, aí
12 dá pra gente caminhar naquele calçadão ali, resolver
13 uns negócios que tem pra resolver.
14 Humberto: ahã.
15 Cláudia: tá?
16 Humberto: ah:: legal, eu vou adorar você lá, [hahahahahahaha.
17 Cláudia: [hahahahahahahahaha
18 você num precisa nem não se preocupar com roupa de
19 cama >>nada não<< tá, [°por favor°.]
20 Humberto: [ah não tem que se preocupar
21 com essas coisas não? [ó::, cê tem certeza?]
22 Cláudia: [não, não precisa não.]
23 Cláudia: eu levo daqui tranqüilo, pode ficar tranqüilo.
24 Humberto: uai, não mas se for o caso eu levo, uai.
25 Cláudia: não mas não tem problema não, não precisa esquentar
26 cabeça não.
27 Humberto: olha olha hein? tá bom então.
28 Cláudia: tá?
29 Humberto: ahã.
30 Cláudia: só leva um óculos escuro. hahaha
31 Humberto: ahahahahaha uma sunga?
32 Cláudia: aí cê lê- cê lê- cê leva uma máquina fortográfica.
33 Humberto: fortográfica? [não, essa daí::.
34 Cláudia: [pra provar que foi [hahahahahahahahaha.
35 Humberto: [que (h) foi (h)
36 hahahahaha é essa não pode esquecer não, pode deixar
37 não. hahahahahahaha
38 Cláudia: ((tosse)) >>aí a gente faz o seguinte<< aí eu saio
39 daqui na quinta de manhã:::
40 Humberto: ahn?
41 Cláudia: tá bom?
42 Humberto: <tá bom> então.
43 Cláudia: aí a gente vê direitinho, combina porque o ônibus
44 deve sair daqui sete e vinte °mas eu acho que é sete
45 e vinte mesmo, o ônibus.°
46 Humberto: tá.
47 Cláudia: tá?
48 Humberto: tá, eu vo::u eu vou ver isso essa semana também, vou
49 vou lá comprar passagem e tal (.) então aí eu vo:::u
50 pode deixar comigo [que aí eu te aviso tudo]=
51 Cláudia: [mhummm. ()]=
52 Humberto: =direiti:::nhohhhh que horas que eu- que horas vou
53 aí eu te ligo [te avisando.
54 Cláudia: [porque aí ela tem estágio na sext-
55 <<na quinta e na sexta.>> ela trabalha na quinta e
56 na sexta.

[05: 01-56]

01 Humberto: tá.
02 Cláudia: aí cê::: sai com a- com a véia. hehe[hehehehehehe
03 Humberto: [nã::o tranqüilo
04 hehehe tranqüilo num num [num tem problema.
05 Cláudia: [aí dá pra gente ir até
06 jericó dá pra gente atravessar ali pegar a barca e ir
07 ali até jericó, fazer um passeio lá.
08 Humberto: ahã.
09 Cláudia: a gente costuma ficar meio perdido lá em jericó mas-
10 hahahahaha
11 Humberto: a gente fica perdido junto, hahahahahahaha
12 Cláudia: dá pra ficar perdido mas dá pra se encontrar lá em
13 jericó.
14 Humberto: a:::
15 Cláudia: vai ser em cará que é pertinho a casa dela e cará é
16 mais ou menos [°uns vinte minutos daqui.°
17 Humberto: [ahã i::: eu tenho uma amiga minha
18 que mandou a gente ir mandou eu ir no::: cafarnaum
19 shopping, falou que lá é tudo baratinho que lá não
20 sei o que, que lá é ótimo.
21 Cláudia: <<cafarnaum?>>
22 Humberto: é.
23 Cláudia: em cafarnaum?
24 Humberto: não, é::: uma cidade perto de jerusalém, né?
25 Cláudia: ah, cafarnaum é longe.
26 Humberto: é longe?
27 Cláudia: °muito°, cafarnaum é como se fosse de jerusalém lá
28 eu acredito que seja assim ma:::is do que de
29 mariana a::: >>como é que eu vou te falar?,<<
30 mais do que de mariana a tiradentes.
31 Humberto: é mesmo? é longe [assim?
32 Cláudia: [é, o pessoal fala que jerusalém
33 e::: e::: jericó é pe- é a mesma cidade mas né
34 não é longe.
35 Humberto: [ah tá.
36 Cláudia: [não, não é pertinho não.
37 Humberto: ahn.
38 Cláudia: é melhor a gente pe- atravessar a barca e ir pra
39 jericó que lá tem coisa mais bonita pra se ver.
40 ahahahaha
41 Humberto: ah então tá, porque (n- c-) essa minha colega falou
42 que era perto, [eu achei que era perto.
43 Cláudia: [não não, cafarnaum não, é que eles
44 falam ah cafarnaum e jerusalém mas não, é:::
45 Humberto: é longe?
46 Cláudia: é.
47 Humberto: ah tá.
48 Cláudia: não é lá assim pertinho da cidade, né?
49 Humberto: a::: então tem coisa a::: então tem coisa melhor pra
50 gente ir? hahahahaha
51 Cláudia: não, é melhor a gente pegar a barca atravessar e ir
52 pra jericó.
53 Humberto: ah [tá.
54 Cláudia: [vê coisa em jericó mais [interssante.]=
55 Humberto: [claro claro.]
56 Cláudia: =lá em betânia.

[06: 01-49]

01 Humberto: é.
02 Cláudia: andar mais, ver outras coisas. hahahahahaha
03 Humberto: vê outras coisas melhor.
04 Cláudia: hahahahahaha exatamente, então faz o seguinte, vamos
05 combinar aí na aí na quinta aí você me dá uma
06 ligadinha vê o ônibus direitinho aí=
07 Humberto: =é, na quarta à noite eu te ligo, pode ser?
08 Cláudia: pode.
09 Humberto: então tá.
10 Cláudia: aliás faz o seguinte vê- vê a::ntes.
11 Humberto: ahn?
12 Cláudia: >>ou eu te dou uma ligadinha<< cê vai sair amanhã?
13 Humberto: oi? eu vou- o dia inteiro eu tô fora, m- mas à noite
14 eu tô em casa.
15 Cláudia: ah >>mas também você pode ver<< o horário daí, né, (.)
16 da sua casa mesmo você pode ver.
17 (0.2)
18 Humberto: é.
19 Cláudia: dá uma ligadinha pra tamoio?
20 Humberto: [não, é.
21 Cláudia: [acho que é tamoio, né não?
22 Humberto: não, pra jericó é:: é:: jota.
23 Cláudia: é jota? então aí cê se informa que aí desce em
24 jerusalém, tem pra jerusalém direto não [tem,?]=
25 Humberto: [tem.]=
26 Cláudia: =[humberto.]
27 Humberto: =[tem, tem] pra jerusalém.
28 Cláudia: então aí você vê direitinho o horário que tem (.) pra
29 saber aqui também o horário que eu saio daqui.
30 Humberto: tá.
S1 31 Cláudia: falou?
1 32 Humberto: <<tá okey.>>
1 33 Cláudia: tá tudo tranquilo [aí?, sua <<mãe.>>]
1 34 Humberto: [tá tudo bem,.].hhh tá jóia, a
1 35 mãe tá aqui animadíssima aqui, quer falar com ela, né?
1 36 Cláudia: deixa eu falar com ela.=
1 37 Humberto: =[vou passar.]
1 38 Cláudia: =[ó, um beijão] grande pra você.
1 39 Humberto: tá bom.
1 40 Cláudia: tchau, meu filho fica com deus.
1 41 Humberto: mhum tá::, tá jói- aqui, deixa eu só fazer um
1 42 comunica::do?
1 43 Cláudia: ahn?
1 44 Humberto: .hhh essa nossa conversa foi gravada.
45 (0.2)
46 Cláudia: °foi?°
47 Humberto: foi. [hanhan.]
48 Cláudia: [°ai meu] deus.°=
49 Humberto: =ahahahahahahahahaahahaha sabe o que que [é?

[08: 01-48]

01 Cláudia: tá mesmo não? [furou a orelha?
02 Verônica: [e aí, tá tudo bem aí? hein?
03 Cláudia: furou a orelha?
04 Verônica: furei nada.
05 Cláudia: num vai furar não?
06 Verônica: mas até dia dez de novembro eu- de dezembro eu furo.
07 Cláudia: até dia dez de dezembro?, [°por causa de quê°?
08 Verônica: [que eu tenho que ir num
09 casamento.hehehehehehe
10 Cláudia: dia dez de dezembro tem casamento?
11 Verônica: t(h)e(h)m(h). hehehehehehe
12 Cláudia: quem vai casar dia dez de dezembro?=
13 Verônica: =ah hahahaha a cunhada da rita. hehehehehehehe
14 Cláudia: °ai meu deus° aí >>cê vai- cê vai<< °furar.°
15 Verônica: aí eu vou furar o[relha.
16 Cláudia: [aí cê vai furada pro casamento.
17 Verônica: eu (h) vou(h) fu(h)ra(h)da(h) hehehehehehehe eu já tô
18 furada trin(h)ta(h) (h) qua(h)tro(h) a(h)nos
19 hehehehehehehehehehehe
20 Cláudia: isso tudo já, verônica?
21 Verônica: hein?
22 Cláudia: já tem isso tudo?
23 Verônica: ah :: já, minha filha.[hehehehehehe
24 Cláudia: [°meu deus [do céu.°
25 Verônica: [o tempo passa.
26 hehehehehehe
27 Cláudia: o tempo passa. [o tempo voa.
28 Verônica: [o tempo voa.
29 Cláudia: [e a poupança bamerindus
30 Verônica: [o (h)tem(h)po(h)voa.
31 Cláudia: [con(h)ti(h)nu(h)a (h)nu(h)ma(h) boa. hahahahahahaha
32 Verônica: [con(h)ti(h)nu(h)a (h)nu(h)ma(h) boa. hahahahahahaha
33 Cláudia: [verônica, choveu tan-
34 Verônica: [só (h) a (h) ba(h)me(h)rin(h)dus.
35 Cláudia: choveu tanto aqui, verônica.
36 Verônica: [aqui choveu só um pouquinho.
37 Cláudia: [agora chegou a luz aqui há pouco tempo.
38 Verônica: hein?
39 Cláudia: nós ficamos tanto tempo sem luz aqui.
40 Verônica: é mesmo?
41 Cláudia: (° °)
42 Verônica: aqui não apagou a luz não, mas choveu um bocado também.
43 Cláudia: ficamos muito tempo sem luz aqui [(° °)
44 Verônica: [e aí tá tudo beleza?
45 Cláudia: tá tudo <<tranqüilo>> verônica, tudo::: [°tran-°
46 Verônica: [e a bel, tá
47 bem?
48 Cláudia: tudo bem minha filha, [mari-

[09: 01-50]

01 Verônica: [ela foi aí hoje?
02 Cláudia: não, veio não [>>não] veio este fim de semana não.<<
03 Verônica: [uai.]
04 (0.5)
05 Verônica: e o fabinho tá bom?[e o renato.
06 Cláudia: [>>o fabinho acabou de chegar da
07 igreja.<< o valdir tá se preparando pra trabalhar,
08 >>vai pegar meia noite.<<
09 Verônica: meia noite?
10 Cláudia: é.
11 Verônica: [ai jesus amado.
12 Cláudia: [é zero hora, hoje e amanhã ele tabalha. ((fala
13 bocejando)) eu acho que hoje é o último dia, hoje é o
14 último dia de zero dele.
15 Verônica: [ah é?
16 Cláudia: [amanhã acho que ele folga, é.
17 (.)
18 Verônica: ai meu deus, ah mas homem foi feito pra trabalhar
19 mesmo.
20 Cláudia: () nada. graças a deus, tá trabalhando tá bom,
21 né? [graças deus.
22 Verônica: [hhh hahahahaha ah antes ter serviço que não ter,
23 né?
24 Cláudia: exatamente minha filha, porque o negócio tá feio, não
25 tá?
26 Verônica: é mesmo.
27 Cláudia: (°porque daqui a pouco-°)
28 Verônica: mas aí tá tudo bom né?
29 Cláudia: graças a deus [(° °)
30 Verônica: [o humberto tá- aqui aí querendo te
31 incomodar.
32 Cláudia: ah, mas i::: nossa, >>não vou falar nada não<< que tá
33 gravando né? [depois-
34 Verônica: [vai(h) vê(h) hehehehe
35 Cláudia: de(h)po(h)is(h) que(h) tá(h) gra(h)v(h)an(h)d(h)o(h) a
36 gen(h)te(h) não(h) fa(h)la nada. [hahahahaha
37 Verônica: [ah:: deixa ele
38 gravar o que a gente quer falar, uai, vai tomar banho
39 hahahahahaha eu(h) não(h) que(h)ro nem(h) sa(h)ber.
40 Cláudia: esse negócio de gravar.
41 Verônica: <<eu vou>> eu vou controlar me- meus atos porque tá
42 gravando? <<eu>> não.
43 Cláudia: °tô fazendo ora com você verônica.°
44 Verônica: ele é que:: resuma lá os negócios dele pra lá.
45 Cláudia: [hahahahahahahahahahahahaha
46 Verônica: [hahahahahahahahaha aqui. hihihihihih
47 Cláudia: fala pra ele ligar pra tia dele e falar com a tia
48 dele, a [tia carmem hahahahahahahahaha
49 Verônica: [ih::: cruz credo hahahahahahaha, tá fora.
50 Cláudia: vai(h) es(h)tou(h)rar(h) o gra(h)va(h) [dor(h)

[10: 01-51]

01 Verônica: [é vai sair esse
02 negócio pra lá hahahahahahahahahahahahahahahahaha hein
03 cláu[dia,] cê vai pra lá, pra jerusalém?
04 Cláudia: [oi.]
05 Cláudia: vou.
06 (0.2)
07 Cláudia: vou pra lá.
08 Verônica: aí tem que pa- passar na ponte jericó jerusalém?
09 Cláudia: eu passo.
10 Verônica: <<ai meu deus.>>
11 Cláudia: eu passo.
12 Verônica: um dia eu ainda passo t(h)am(h)b(h)ém(h).
13 hahahahahahahahaha
14 Cláudia: vamos, uai? [vamos embora.
15 Verônica: [nem que seja no último dia de vida, mas
16 ainda passo nessa ponte. hahahahahahaha
17 Cláudia: vamos lá. vamos lá que a gente já passa de uma vez.
18 Verônica: não, agora não, ainda não tô na hora de morrer(h)
19 não(h) hahahahahahahahaha
20 Cláudia: pra passar na ponte tem que ter orelha furada.
21 Verônica: deixa cê ir com o humberto pri(h)mei(h)ro hahahahahahaha
22 hahahahahahahahahahaha
23 Cláudia: ó, se não furar a orelha não passa na ponte, é norma do
24 estado de jericó.[hahahahahahaha
25 Verônica: [hahahahahahahahahahahahahahahahahahaha
26 Cláudia: se não tiver com a orelha furada [não passa na =
27 Verônica: [ah não, não vou =
28 Cláudia: =[ponte.
29 Verônica: =[não, dessa vez eu não vou não, deixa vê se eu
30 com(h)si(h)go(h) tra(h)ba(h)lhar pra eu ter dinheiro,
31 depois eu vou.
32 Cláudia: <<ai verônica.>>
33 Verônica: aqui, mas depois o::: humberto >>vai pegar com você<<
34 o telefone da bel e:: o:: endereço tudo direitinho né?
35 Cláudia: não, eu vou encontrar com ele na rodoviária, já
36 marquei com ele.
37 Verônica: ah, depois cês perdem esses ônibus aí ó, [depois
38 fica]=
39 Cláudia: [>>não
40 não<<]=
41 Verônica: =[perdido meu filho no mundo aí.
42 Cláudia: =[() ele vai ver o horário do ônibus direitinho.
43 Verônica: ocê dá um jeito aí, ó.
44 Cláudia: não, eu vou ver o horário do ônibus direitinho[ele.
45 Verônica: [cê
46 cuida bem do meu filho aí que é p(h)ed(h)ra
47 p(h)rec(h)i(h)o(h)sa [hahahahahahahahahahahahahahahahaha]=
48 Cláudia: [eu sei. hahahahahahahahahahahahaha]=
49 Verônica: =hahahahahahahahahahahahaha eu te mato.
50 Cláudia: pára com isso, ó, tá gravando hein. hahahahahahahahaha
51 Verônica: tá(h) gra(h)van(h)do(h).

[11: 01-49]

01 Cláudia: tá gravando, se você quiser me matar tá:: hahahahahaha
02 Verônica: .hhhh aqui, cê ainda quer falar com ele?
03 (0.8)
S3 04 Cláudia: deixa eu falar com ele então [depois que você já me]=
3 05 Verônica: [então tá, hahahahahaha]=
3 06 Cláudia: [=matou, já aconteceu. hahahahahaha.]
3 07 Verônica: [=hahahahahahahahahahahahahahahahaha] um abraço procê.
3 08 Cláudia: fica com deus, verônica, [deus te abençoe.]
3 09 Verônica: [tudo de bom procê].
3 10 Cláudia: tchau, [então-
3 11 Verônica: [ô humberto, ((chamando)) quer falar com você
3 12 mais um pouquinho.
3 13 (1.0)
3 14 Verônica: ((tosse)) tchau então, cláudia.
3 15 Cláudia: fica com deus, minha filha, tchau.=
3 16 Verônica: =um abra- e a bel tá aí,? não.
3 17 Cláudia: não, ela não veio esse [final de semana não.]
3 18 Verônica: [ah, ficou lá né?]
3 19 Cláudia: ficou .hhh
3 20 Verônica: então tá, vou passar pra ele, tudo de bom procê[tchau.
3 21 Cláudia: [p'cê
3 22 também minha filha, tchau.
23 (1.2)
24 Humberto: o::i.
25 Cláudia: ó, >>sua mãe falou pra eu te passar<< <<o endereço
26 pas(h)sar(h) tu(h)do(h).>>
27 Humberto: ahaha ent(h)ão t(h)á, hahhhhh.
28 Cláudia: tá (h) tu(h)do(h) c(h)omb(h)inad(h)o ent(h)ão, tá?
29 Humberto: tá(h) bom(h) .
30 Cláudia: aí você vê direitinho o horário que [tem aí,] pra=
31 Humberto: [humhum.]
32 Cláudia: =gente já fechar mes- mesmo que de repente não tem tão
33 cedo.=
34 Humberto: =tá.=
35 Cláudia: =aí eu vou mais cedo e::: depois eu pego você na
36 rodoviária.
37 Humberto: tá.
38 Cláudia: tá combinado?
39 Humberto: [tá ok.
40 Cláudia: [aí você vai atravessar a ponte, você ouviu né?
41 Humberto: hahaha
42 Cláudia: () eu falei pra ela que é as
43 normas da ponte mulher se não tiver furo na orelha não
44 passa [°não.°
45 Humberto: [hahahahahahaha é então ela tem que furar. hhhh
46 Cláudia: () ela não pode ir, sem tá com com a orelha
47 furada não pode ir.
48 Humberto: hahahahahahahahaha só se tiver com a orelha furada.
49 Cláudia: é, é ordem da soninha pilatos.

[12: 01-28]

01 Humberto: [hahahahahahahahahahhahahahah]

02 Cláudia: [hahahahahahahahahahahahahahaha] então vê direitinho aí

03 humberto, [tá?] pra gente fechar direitinho.=

04 Humberto: [tá.]

05 Humberto: =tá.=

06 Cláudia: =a:: aí qualquer coisa se não tiver tão ce[do eu]=

07 Humberto: [mhum.]

08 Cláudia: =eu vou mais cedo [e-

09 Humberto: [não, mas aqui tem horário, cedo sim,

10 tem [muito] horário pra jericó, aí eu vejo direitinho.

11 Cláudia: [mhum.]

S4 12 Cláudia: então falou, porque você ir de jericó pra jerusalém eu

4 13 já acho meio complicado, o ideal seria cê descer em

4 14 jerusalém mesmo.

4 15 Humberto: tá, não, mas tem tem ônibus direto pra jerusalém, pode

4 16 deixar comigo.

4 17 Cláudia: então falou, [vê direi]tinho aí, falou? meu filho.=

4 18 Humberto: [tá bom.]

4 19 Humberto: =vejo sim.=

4 20 Cláudia: =fica com deus e dá um beijão no seu pai,[na rita,]=

4 21 Humberto: [pode deixar]=

4 22 Cláudia: =[fica com deus, tchau, meu] filho.

4 23 Humberto: =[que dou sim, dou sim.]

4 24 Humberto: aqui, brigadão, [viu?

4 25 Cláudia: [nada, meu filho,[então tchau. hhhh

4 26 Humberto: [uhum, então falou,

4 27 beijo, [tchau.

4 28 Cláudia: [°tchau.°

Conversa telefônica entre candidatos a um concurso público fora da cidade:

[01: 01-54]

01 ((telefone toca muito))
02 Irene: °alô.°
03 Humberto: alô. é da casa da irene?
04 Irene: é::.
05 Humberto: ela es- é ela que tá falando?
06 Irene: é ela?
07 Humberto: ah, é o humberto, irene, [tudo bem?
08 Irene: [o:i, humberto, tudo bom?
09 Humberto: tudo jóia, já te atrapahei,? alguma coisa?
10 Irene: nã::o que isso?=
11 Humberto: =°nãõ?°=
12 Irene: = eu ia ligar pra você mesmo. hhh
13 Humberto: hã:: hhh é:: >>porque<< e- eu- (.) pra gente <combinar,
14 né?>
15 (0.2)
16 Irene: ah, [é. olha só.]
17 Humberto: [() de- de domingo] °hã.°
18 (0.5)
19 Irene: christian conve- ele va- vai vão mais duas pessoas com a
20 gente, pediram pra ir com a gente.
21 (.)
22 Humberto: tá, [mas vai ca]ber?
23 Irene: [°entendeu?°]
24 Irene: [e::::
25 Humberto: [vai ter algum problema, não?]
26 Irene: hã?
27 Humberto: vai caber, alguma coisa assim, não?
28 Irene: não, ca:be, cabe sim.=
29 Humberto: =°hã.°=
30 Irene: = aí é o seguinte. (1.2) aí é o seguinte. a gente vai:::
31 é:: >>ele tá achando melhor<< a gente sair seis e
32 <<quinze.>>
33 (0.8)
34 Humberto: tá.
35 Irene: será que dá pra você?
36 Humberto: [dá.]
37 Irene: [v o]cê mora mais longe, né?
38 Humberto: não, pra mim tudo bem. d- é só cê falar o horário que eu
39 ten- a- o horário e aonde que eu tenho que es[tar.] que=
40 Irene: [ahã.]
41 Humberto: =eu que eu vou estar lá.
42 Irene: ahã. então tá, outra coisa >>que eu queria<< te fala::r,
43 é o seguinte. o christian geralmente ele não vai no
44 carro dele não, entendeu,? quando ele vai trabalhar.=
45 Humberto: =hã.=
46 Irene: =ele vai no carro do pessoal.
47 (0.2)
48 Humberto: s[ei.
49 Irene: [no que o pessoa:l, os professores assim que el- o que
50 eles fazem, eles cobram sete reais.
51 (0.2)
52 Humberto: hã.
53 Irene: do dos do:: do pessoal que vai com eles, né.? sete pra
54 ida e sete pra volta.=

[02: 01-56]

01 Humberto: =sei.=
02 Irene: =por causa da gasolina e do pedágio, né,?=
03 Humberto: =tá.=
04 Irene: porque o carro vai mais cheio, né,? vai pesado.=
05 Humberto: =[tá okey.
06 Irene: =[ái num tem problema procê não?
07 Humberto: não,. não. sete reais,? num vai cob- num é num é mais
08 não? é sete reais a ida e a volta?
09 Irene: é,. não. sete pra ida e sete pra volta.
10 Humberto: okey.
11 Irene: [(°tá bem?°)]
12 Humberto: [ahã. tá]
13 Irene: é quase o preço do ônibus, mas é porque não tem como,
14 né?=
15 Humberto: =[ahã.
16 Irene: =[por causa do pedá::gio e [da gaso]lina tam[bém,]=
17 Humberto: [°mhm°] [.hhh n-]
18 Irene: =por causa do ((engole)) quan- quando o carro vai com
19 mais gente, né,? aí vai mais pesado, né?
20 Humberto: nã::o, tudo bem. [não, °tá tranquilo.°
21 Irene: [ái, mas assim, é o que ele paga
22 também, porque ele- (.) geralmente ele não vai no carro
23 dele trabalhar, entendeu?
24 Humberto: ah, aí ele divide com alguém,? [né?
25 Irene: [é, ele vai com o p- com
26 o resto do pessoal e o pessoal faz é isso.=
27 Humberto: =°tá.°=
28 Irene: =aí >>ele falou assim<< não irene, então pra ficar uma
29 coisa assim (0.2) ficar o mesmo que eu faço, né,? que eu
30 pago, aí a gente faz isso também, [enten-] né?
31 Humberto: [.hhh]
32 Humberto: mhmm. não, por mim tudo bem, [por mim num] tem problema=
33 Irene: [tudo bem?]
34 Humberto: =nenhum não, [que isso,? de ma]neira nenhuma, tá ótimo.
35 Irene: [ah, então tá bom.]
36 Humberto: [.hhhh °tá°.
37 Irene: [então tá bom, aí é o seguinte. é:: on- cê mora onde,?
38 >mesmo<, cê mora na:: na zona oes[te,? °que cê falou,°]=
39 Humberto: [é, zona oeste, é.]=
40 Irene: =né?=
41 Humberto: =ahã.=
42 Irene: e se- será que <<dá te:mpo, humberto,?>> °pra gente ir?°
43 (0.8)
44 Humberto: a- p- de chegar LÁ?
45 (0.5)
46 Irene: olha só.=
47 Humberto: =d[á::.
48 Irene: [dei- deixa eu passar o telefone pro: pro: pro
49 christian, de repente cê combina um ponto com ele
50 melhor.
51 (0.5)
52 Humberto: tá[::.
53 Irene: [pra você, cê p- ou na castelo bra::nco, às vezes ele
54 dá a volta, pega [você na castelo bra::nco.
55 Humberto: [não. (.) mas cê- cê num vai sair pelo
56 cachoeirinha?

[03: 01-56]

01 Irene: é pelo ca[choeirinha.
02 Humberto: [EU que tenho que ir praí mesmo. (0.2) eu que
03 tenho que ir praí, num num num tem outra saída.
04 Irene: ahã.
05 Humberto: entendeu? .hh é::: num sei de repente, va- o:: ali por
06 exemplo, tipo em frente a sua ca::[sa, por]que eu não=
07 Irene: [°mhmm°]
08 Humberto: =n- n- não tem outro (0.2) .hhh outra alternativa.=
09 Irene: =°mhmm°=
10 Humberto: =bom, >>mas de qualquer forma<< se você quiser passar
11 pra <<ele>> tudo bem. .hhh
12 Irene: não não não não só- era só isso mesmo, porque às vezes
13 cê queria que- que:: combinasse algum outro lugar pra
14 você.=
15 Humberto: =não. num [vai ter ou]tro jeito não.=
16 Irene: [entendeu?]
17 Humberto: =só um minutinho.
18 (6.8)
19 Irene: ah, tá. é, humberto, é porque uma pessoa vai vir,=
20 Humberto: =hã?=
21 Irene: =aqui em casa, e a outra ele pega l- logo na frente
22 também.
23 Humberto: é, então, num tem m- é: pra mim num tem muito jeito não
24 eu ten- eu que tenho que ir praí mesmo.
25 Irene: mas cê quando cê pára na castelo branco, cê pára onde?
26 Humberto: .hh não, meu ônibus não pára na castelo branco.
27 Irene: a:::h tá.=
28 Humberto: =meu ônibus não, ele pára na carlos lacer[da
29 Irene: [ah, °((falando
30 com outra pessoa)) el- o ônibus dele (pára/ passa) na
31 carlos [lacerda.°
32 Humberto: [é, aí eu vou ter que andar mesmo num- num tem
33 problema não. .hh
34 (2.0)
35 Irene: só um pouquinho.
36 (1.5)
37 Irene: eu vou passar pra ele, [tá? Ahãhãhã
38 Humberto: [tá okey. tá [bom.
39 Irene: [CHRISTIAN o nome
40 [dele, tá?
41 Humberto: [tá, tá jóia.
42 (2.0)
43 Christian: ô:: humberto, boa noite.=
44 Humberto: =alô, boa noite, tudo bom,? christian.=
45 Christian: =() é o seguinte, é porque eu poderia assi::m °é: no
46 caso assi::m° pegar vocês mais perto do ponto do
47 ônibus, né,? num local mais perto em vez de ()
48 pegar outro ônibus pra vir até aqui:: ou você vir a
49 pé::.
50 (0.8)
51 Humberto: [ahã.]
52 Christian: [então,] é:: qual lugar que ficaria bom pra você,
53 aquela praça:: lucélio marcos,? ali onde faz assim um
54 retorno ali?=
55 Humberto: =sei.=
56 Christian: =ali f- é- é longe pra você do ponto de ônibus?=

[04: 01-55]

01 Humberto: =não. não, [ali pra mim tá] bom.
02 Christian: [ali é perto?]
03 Humberto: ali é perto.
04 Christian: pois é, ali tem um posto de gasolina ali, num tem?
05 Humberto: tem.=
06 Christian: =logo dep- assi:m a gente va- a gente de- é:: em
07 frente ao departamento de legislação, né,? tem um
08 retorno,=
09 Humberto: =tem.=
10 Christian: e voltando tem um posto de gasolina ali q- (.) quase
11 que em frente ao departa[mento de] legislação mesmo.=
12 Humberto: [tem,]
13 Humberto: =eu sei qual é.
14 Christian: é, da petrobrás,. [se vo]cê puder assim me esperar p=-
15 Humberto: [°ahã.°]
16 Christian: =por- num sei se ali assim essa hora deve estar
17 movimentado, se você puder me esperar por ali, (.) que
18 aí ou
19 (0.5)
20 Humberto: .hhh=
21 Christian: =ou no ponto de ônibus mes[mo, do depar]tamento de=
22 Humberto: [tá. .hhh]
23 Christian: =legislação.
24 Humberto: ahã.=
25 Christian: =né? >>porque [aí<<
26 Humberto: [mas num num fica complicado pra vo[cê]=
27 Christian: [NÃO]=
28 =[não não não ()]=
29 Humberto: =[ter que voltar esse trecho todo?]=
30 Christian: =num tem problema não, faço isso aí tran- tranquilo.=
31 Humberto: =[.hhh
32 Christian: =[é rápido, é coisa rá[pida ()
33 Humberto: [não, porque se for o caso eu eu
34 posso ir até aí porque a saída é por aí <<mesmo.>>
35 Christian: é, não não não isso aí é- eu acho que vai t- que vai s-
36 é:: cê vai cê deve gastar uns vinte minutos pra vir da
37 da:: a pé cê vai gastar uns vinte minutos ou meia
38 [hora.
39 Humberto: [não, eu tava pensando em:: até d- se for o caso pegar
40 um outro ônibus, [né?
41 Christian: [pois é. [()]=
42 Humberto: [dependendo.]=
43 Christian: =aí, de repente cê num acha ônibus, [o:::u] num=
44 Humberto: [°ahã.°.]
45 Christian: =coincide o horário que cê chega com o horário do
46 ônibus, [>>porque<<] de manhã cedo são mais [assim]=
47 Humberto: [tá.] [sssão]=
48 Christian: =[(mais espaçado o horário)]
49 Humberto: =[(mais escassos. ahã. é.]
50 Christian: então eu pego você aí no- no- é:: vamos combinar o
51 se[guinte
52 Humberto: [naquele ponto, né?=
53 Christian: =naquele ponto de ônibus (0.2) em frente ao
54 departamento de legislação.=
55 Humberto: =eu sei qual que é.=

[05: 01-56]

01 Christian: =tem um p- antes de eu fazer o retorno tem um ponto de
02 ônibus, (num tem?)=
03 Humberto: =tem.
04 (0.2)
05 Humberto: ahã.
06 Christian: aí=
07 Humberto: =seis e quinze ali?=
08 Christian: =hein?
09 (0.5)
10 Humberto: que horas,? ali.
11 Christian: ah, aí pode se:::r na faixa de seis e quinze mesmo por
12 aí, porque eu coloquei seis e quinze porque geralmente
13 a gente a- né,? sempre:: atra[sa um pouquinho.
14 Humberto: [tá, mar- acontece um
15 atra[so, tu]do bem .
16 Christian: [é::.]
17 Christian: então eu passaria ali por volta de- de- se- seis e dez
18 seis e vinte aí nessa faixa de seis e <<quinze>> por
19 aí.
20 Humberto: tá okey.
S1 21 Christian: tá bom?
1 22 Humberto: tá bom então, [.hhh qualquer mudança ah, ou vocês me=
1 23 Christian: [(aí ent-)
1 24 Humberto: =<<ligam>>ou eu ligo pra vo[cês,
1 25 Christian: [ah, então tá bom, [então
1 26 Humberto: [mas fica
1 27 combinado então já assim.=
1 28 Christian: =tá::, n- nesse horário, nesse local.
1 29 Humberto: nesse horário, nesse lugar.
S2 30 Christian: ah, >então tá,< a irene quer falar com você [aqui, tá?=
2 31 Humberto: [tá bom.=
2 32 Christian: =[tchau.
2 33 Humberto: =[tá jóia, tchau, brigado.
34 (0.8)
35 Irene: oi, humberto. ahãh
36 Humberto: o::i. ahãh [.hhh en-
37 Irene: [aqui, cê ta estud(h)and(h)o? hãhãhãhhhhh.
38 Humberto: oi- não, menina, pra pro concurso nem peguei hihhhhhh.
39 Irene: hã?
40 Humberto: nem peguei.
41 Irene: nem pegou né?
42 Humberto: °nem peguei°, [;>>°cê pegou alguma coisa?°<<
43 Irene: [eu tô <<tentando>> ver se eu leio alguma
44 coisa, sabe?
45 Humberto: huhum, .hhh [é:::
46 Irene: [mas tá tão difícil.
47 Humberto: pois é, eu eu- a minha irmã tem o pê cê ene ali:: aí eu
48 a- andei dando uma <<lida.>>
49 Irene: °hum?°=
50 Humberto: =mas nu:::m num sei não, assim, .hhhh andei dando uma
51 >>assim,<< lida não,. uma passada de olhos, né?
52 Irene: passada de olho, né?
53 Humberto: .hhh ahan é. vamos ver assim, mas eu nu:::m vai dar
54 tempo d- não, porque eu ainda tenho .hhh trabalho da
55 creuza pra faze:::r, .hhh tenho outras coisas aqui
56 também do próprio mestra::do, né, [então:]:: nu:: num=

[06: 01-56]

01 Irene: [ahã.]
02 Humberto: =tem jeito não.=
03 Irene: =é:, complicado, [até] o trabalho da creuza que cê tá=
04 Humberto: [°é°.]
05 Irene: =falando,
06 Humberto: hã?
07 Irene: o trabalho <<dela>> seria pro dia vinte e dois, né?
08 Humberto: ahã, .hhh não, mas já mudou.
09 Irene: já mudou, dia vinte e nove, [né?
10 Humberto: [é, a priscila falou comigo
11 que falou com ela que mu[dou].
12 Irene: [ah:: então tá, . não, é porque
13 hoje a gente tava lá na d- na defesa de dissertação e
14 tava falando sobre isso, porque ela falou no último dia
15 que ela desse aula, né?
16 Humberto: é:.
17 (0.5)
18 Humberto: e é:: [jus- e aí no
19 Irene: [aí é no dia vinte e nove, né?
20 Humberto: dia vinte e nove, que ela reformulou, né?=
21 Irene: =então tá, nossa senhora, porque a- e- é >>tanta coisa,
22 bobo,<< que a gente fica doidinha.
23 Humberto: fica né,? [é não tem- é não
24 Irene: [() eu tô tentando dar uma lida em alguma
25 coisa aqui, mas não tem- >>num tem, em cima da hora.<<
26 hhhhhh
27 Humberto: é,. [é muita coisa.
28 Irene: [(), né?
29 Humberto: .hhh é, e amanhã ainda tenho que levantar °pra dar aula
30 ainda, confusão [danada.°
S3 31 Irene: [é? ah, complicado. .hh então tá bom,
3 32 humberto, [então] é::: cê já combinou direitinho, né?
3 33 Humberto: [tá?]
3 34 Humberto: tá.
3 35 Irene: então até domingo, então.
3 36 Humberto: tá bom, .hhh aqui só mais uma c(h)oisa ahahahahnn .hhh
3 37 cê vai morrer de rir agora.
3 38 Irene: hã:::
3 39 Humberto: eu gravei essa conversa. hhhhhh
40 (0.5)
41 Irene: cê [gravou] essa conversa?
42 Humberto: [nossa.]
43 Humberto: gravei. [hahahhhhhhaahah
44 Irene: [ai, meu deus [do céu. hhhhhh
45 Humberto: [.hhhhh porque o pablo pediu pra
46 eu gravar eu pus- tem um gravador aqui em casa mesmo.=
47 Irene: =ai, [()] mas e- eu num falei nada=
48 Humberto: [tem problema, não?]
49 Irene: =demais não, [né?
50 Humberto: [NÃO, num falou não, [tá tudo bem. hhahhh]=
51 Irene: [ah, então tá bom,]=
52 Humberto: =[hhhhhhh sei lá eu num-
53 Irene: =[() essa parte cê vai cor[tar, (também.)]
54 Humberto: [eu num sei nem-] é, não,
55 mas eu vou <<mudar no:::me [tudo>>, num vai] identificar=
56 Irene: [ah, então tá.]

[07: 01-27]

01 Humberto: =ninguém não. [hhhhhhhhhh .hhh] mudar >nome de tudo,<=
02 Irene: [tá bom, humberto.]
03 Humberto: =num tem problema não, né,? cê autoriza, [né? hahaha]=
04 Irene: [não, claro]
05 =[claro. hahahahhhhhhhhh]
06 Humberto: =[hhhhahhhahahah .hhhhh ah], pra pesquisa [científica.]=
07 Irene: [tudo, tudo]=
08 Humberto: =[hahahahhhhhhhhh .hhh]
S4 09 Irene: =[é, tudo pela pesquisa.] ahaha[hhhhh ent(h)ão t(h)á]=
4 10 Humberto: [é, hhahahhhhhh. .hhh]=
4 11 Irene: =[b(h)om.
4 12 Humberto: =[tá bom, mas não tem perigo nenhum não, eu mudo nome,
4 13 eu mudo tudo, [num tem problema não.] aí domingo a=
4 14 Irene: [<<tá bom, humberto.>>]
4 15 Humberto: =gente conversa mais, >>é o que eu falei com o
4 16 christian,<< [.hhh] eu vo:::u f- fica combinado assim,=
17 Irene: [ãã.]
18 Humberto: =qualquer coisa eu- ou eu ligo pra:: pra vocês ou vocês
19 me ligam qualquer mudança, mas se não mudar, marcado
20 seis e quinze lá onde eu marquei com o christian.
21 Irene: então tá [bom.
S5 22 Humberto: [tá bom?
5 23 Irene: tá bom.
5 24 Humberto: .hhh então até lá. hihhhhh
5 25 Irene: então tá, um abra::[ço.
5 26 Humberto: [falou, [tchau.
5 27 Irene: [tchau.

Conversa telefônica entre amigos:

[01: 01-51]

01 ((telefone toca))
02 Verônica: alô.
03 Saulo: dona verônica?
04 Verônica: oi.
05 Saulo: cadê o véi, acordou?
06 Verônica: tá, acordadinho aqui, vou passar ((ruído de
07 interferência no telefone)) pra el[e.
08 Saulo: [°falou°.
09 (2.5)
10 Irineu: alô::
11 (0.2)
12 Saulo: cê vai ou num vai, caboclo?
13 Irineu: ow hohoho.
14 Saulo: °h(h)ein?°
15 Irineu: ehheh.
16 (0.2)
17 Saulo: vai não?=
18 Irineu: =eu vou al- mas eu vou ali no mon- dar uma ida ali no
19 monte martelo >primeiro< levar um negócio prum rapaz
20 ali,
21 (0.2)
22 Saulo: hã,
23 Irineu: eu vou- vou sair daqui daqui um bocadinho vou lá e
24 volto, passo lá- vou lá. cê vai comi↑go?
25 Saulo: hein?
26 (1.0)
27 Saulo: cê vai lá?
28 Irineu: vou, uai.
29 Saulo: vai, né,
30 (0.2)
31 Irineu: vo[u.
32 Saulo: [vai no monte martelo, depois é que cê vai pra lá?=
33 Irineu: =é, eu vou levar um negócio pro rapaz, >só entregar< lá
34 e v- embora.
35 Saulo: ah, °então tá°, então eu te espero por aqui.
36 (0.5)
37 Irineu: °tá.° ocê vai lá↑?
38 Saulo: vou, uai.
39 (0.2)
40 Irineu: cê vai comigo?
41 Saulo: vou, uai.
42 Irineu: então >>vamos pro<< monte marte↑lo, uai.
43 Saulo: então.
44 (.
45 Saulo: vamos embora, uai.
46 (0.5)
S1 47 Irineu: eu passo aí e te pego.=
1 48 Saulo: =tá.
1 49 (0.2)
1 50 Saulo: [tá?]
1 51 Irineu: [°falou°] então. falou. tchau.

Conversa telefônica entre namorados II:

[01: 01-52]

01 Rita: alô::: (0.5) alô.
02 Paulo: alô::: ri::ta.
03 Rita: oi.
04 Paulo: deixa eu te falar.
05 Rita: hã?
06 Paulo: eu tava vendo com o antônio lá hoje cedo.
07 Rita: hã?
08 Paulo: ele falou que o negócio foi o seguinte.
09 Rita: hã?
10 Paulo: eu não gravei no disquete não, gravei no computador.
11 tem jeito de você dar uma olhadinha pra mim se tá
12 gravado no computador?
13 Rita: tem.
14 Paulo: é porque o o willian foi lá em casa, pediu pra
15 deixar um- pra eu deixar um currículo com ele,
16 entendeu?
17 Rita: hã.
18 Paulo: ele vai levar pra um lugar aí que ele falou.
19 Rita: ah.
20 Paulo: aí cê dá uma olhadinha pra mim aí que ele falou que
21 eu num:::
22 Rita: mas aqui em casa eu acho que não <<tá não>>, paulo.
23 eu vou olhar lá, mas eu acho que não tá não.
24 Paulo: não, mas você olha lá no meu computador.
25 Rita: tá, pode deixar.
26 Paulo: abre lá:: meu computador, depois vai em meus
27 documentos mas tudo cê entra na minha pasta
28 amarelinha.
29 Rita: ah.
30 Paulo: tá?
31 Rita: tá, agora, cê já gravou no disquete?
32 Paulo: não, não gravei não, [uai.
33 Rita: [ah, não?
34 Paulo: não tem nada gravado. [aí]depois eu gravo.
35 Rita: [hum.]
36 Rita: ah, eu vou olhar [ali.
37 Paulo: [eu não salvei no disquete não. aí
38 às vezes tá salvo no computador.
39 Rita: >>cê tá com pressa agora?<<
40 Paulo: tô. que eu vou lá no::: eu saí lá da caixa agora,
41 atrasado [vou] vê o negócio do::: da justiça=
42 Rita: [vê-]
43 Paulo: =eleitoral.
44 Rita: depois cê já vem embora?
45 Paulo: depois eu vou.
46 Rita: depois se você puder vem aqui, que eu tenho um
47 negócio pra te falar.
48 Paulo: tá. é dois oito nove >>né rita?<< o número da seção,
49 né?
50 Rita: é:::
S1 51 Paulo: >>então tá, tchau, um beijo.<<
1 52 Rita: tchau.

Conversa telefônica entre dono da casa e amiga do filho:

[01: 01-33]

01 ((telefone toca))
02 Irineu: alô?
03 (0.8)
04 Sara: quem tá falando?, irineu?
05 Irineu: oi.
06 Sara: °tudo bom?° é a sara.,
07 Irineu: ah >>tudo bom?<< sara,
08 Sara: tudo jóia e você?
09 Irineu: beleza.
10 Sara: ah, então [tá bom.
11 Irineu: [já acordou?
12 Sara: ac(h)ord(h)e(h)e(h)e(h)e(h)i hhhhhh
13 Irineu: ag(h)ora ehehe. o expedito teve aqui falou a::::h deve
14 estar dormindo a essa hora:=
15 Sara: =tava mesmo [>>°irineu°<<] acordei sabe que horas?=
16 Irineu: [a h a,]
17 Sara: =quatro horas da tarde.
18 Irineu: ah, aha[hahahahaha]
19 Sara: [hahahahaha]
20 Irineu: tud- mas tá tudo beleza aí, né?
21 Sara: <graças deus.>
22 Irineu: tá [jói-
23 Sara: [o tomé tá por aí?
24 Irineu: o tomé saiu ago::ra., tem uns (0.5) dez minutos que ele
25 saiu.
S1 26 Sara: a::::h então tá jóia então, depois eu ligo pra ele.
1 27 Irineu: então tá.
1 28 Sara: tá bom?
1 29 Irineu: [tá.
1 30 Sara: [brigada [hein?] i[r i]neu,
1 31 Irineu: [n-] [na-]
1 32 Sara: °t[cha::u.°]
1 33 Irineu: [tá.] tá::::.

Conversa telefônica entre pai e filha:

[01: 01-28]

01 Rita: alô.
02 Irineu: ô rita?
03 Rita: o:::i.
04 Irineu: o pai:::
05 Rita: ahn.
06 Irineu: aqui.
07 Rita: mhum.
08 Irineu: tá chovendo aí?
09 Rita: tá.
10 Irineu: °ai meu deus.° tira esse passarinho na na cobertura pra
11 mim.
12 Rita: ah é.
13 Irineu: >>tem tem tem uma lá que tá lá em cima<<, tira ela pra
14 mim.
15 Rita: tá .
16 Irineu: senão o vento derruba as gaiolas lá.
17 Rita: tá bom.
18 Irineu: tá?
19 Rita: [tá.
20 Irineu: [faz esse favor pra mim.
21 Rita: o senhor tá onde?
22 Irineu: tô aqui na mãe?
23 Rita: ahn::: tá bom.
S1 24 Irineu: eu tô indo também, não demoro não.
1 25 Rita: tá bom.
1 26 Irineu: tá?
1 27 Rita: tá, bença.
1 28 Irineu: tchau,abençoe.

Conversa telefônica entre a dona da casa e a mãe do vizinho:

[01: 01-51]

01 ((telefone toca))
 02 Verônica: alô.
 03 Isabel: °boa tarde?°
 04 Verônica: boa tar==
 05 Isabel: =é- é- dona verônica?
 06 Verônica: é.
 07 Isabel: dona verônica é dona isabe::l a mãe do joã::o.
 08 Verônica: O:::I dona isabel, [como é que tá a senho-
 09 Isabel: [a senhora vai bem?
 10 Verônica: tudo bom e a senhora?=
 11 Isabel: =graças a de:us. [a-
 12 Verônica: [>>então tá bom.<<
 13 Isabel: a:: a senhora viu o joão hoje?
 14 Verônica: VI::.
 15 Isabel: viu, né?
 16 Verônica: ele teve aqui até agora há pouco com o irineu. [.hhh]
 S1 17 Isabel: [a:::]h.
 1 18 [(>>então tá.<<)
 1 19 Verônica: [a senhora quer falar com o irineu?=
 1 20 Isabel: =não não não não. é porque ele não deu notícia hoje. (.)
 1 21 eu fiquei preocupada. ele pelo menos telefona de manhã:,
 1 22 diz que tá bem né? mas [não] telefonou. por isso.=
 23 Verônica: [hã,]
 24 Isabel: =[então tá.]
 25 Verônica: =[não ele]saiu andando umas voltas de bicicleta aqui,
 26 ele [pas]sou aqui e falou que ia andar um bocado=
 27 Isabel: [ah.]
 28 Verônica: =de bici[cleta].
 29 Isabel: [ah então ele tá bem né?
 30 Verônica: tá., tá::: tudo bem com [ele.
 31 Isabel: [e aí na sua casa? tá tudo bem?
 32 Verônica: tu:do bem, graças a [deus.
 33 Isabel: [fi:lhós? tá tudo bem?
 34 Verônica: tudo bem. [hih .hhh
 35 Isabel: [gra::ças a deus, [né?
 S2 36 Verônica: [então tá. [>>a senhora não<<]=
 2 37 Isabel: [° t c h a u ° .]
 2 38 Verônica: =quer falar nada com o iri[neu não, né?
 2 39 Isabel: [NÃO não não ([)
 2 40 Verônica: [algum recado
 2 41 pra ele, [nem nada.
 2 42 Isabel: [não não não não é só isso me- mes- mes[mo.
 2 43 Verônica: [ah então
 2 44 [tá bom.
 2 45 Isabel: [um abração pra senhora.=
 2 46 Verônica: =pra senhora tam[bém.
 2 47 Isabel: [e outro pro [seu irineu, viu?
 2 48 Verônica: [tudo de bom. mas ele tá bom
 2 49 sim, que >>ele teve aqui agorinha mesmo,<< ele saiu daqui
 2 50 na [hora do jogo.
 2 51 Isabel: [é, então tá bem, tá. [()

[02: 01-10]

01 Verônica: [foi só dar umas voltas de
02 bicicleta.=
03 Isabel: =ãhã, tá bem., muito obrigada, viu?, [°dona verônica.°=
S3 04 Verônica: [então tá. tudo de=
3 05 Isabel: =[tá. até logo.]
3 06 Verônica: =[bom pra senho]ra.
3 07 Isabel: igualmente, [filha.
3 08 Verônica: [tá, tchau.
3 09 (0.2)
3 10 Isabel: °tchau.°

Conversa telefônica entre companheiros de time:

[01: 01-53]

01 ((telefone toca))
02 Zé Américo: alô?
03 Paulo: ô zé américo?
04 Zé Américo: oi, paulo.
05 Paulo: beleza?
06 Zé Américo: beleza.
07 Paulo: eu liguei pro baltazar ele tá:: doente, né? (0.2) passou
08 mal? [()]
09 Zé Américo: [é, tá passando mal, passou () no salão.
10 Paulo: ah, ele me falou.=
11 Zé Américo: =eu também não fui no jogo não.
12 Paulo: ah, num f- o:: seu colega não foi não né?
13 (0.5)
14 Zé Américo: ah, ele ia né centro-avante, né (1.0) °ele ia pega:r-
15 ele tinha marcado de pegar lá na casa dele >>mas o
16 baltazar num ia, eu falei<< ah num vou num vou levar o
17 cara sem o baltazar não, entendeu?=
18 Paulo: =ah, é? ele mora onde?
19 Zé Américo: mora ali na rua bah^{ia} perto da oficina d- do:: baltazar
20 ali=
21 Paulo: =o baltazar não conhece ele não?
22 Zé Américo: conhe- >acho que< conhece.
23 Paulo: ahã. (0.2) aquela menina está morando lá l- mariaana,
24 né?
25 (0.5)
26 Zé Américo: tá.
27 Paulo: eu f- eu liguei pro baltazar falei com ele assi:m (0.5)
28 pra ver se marca pra gente n- um jogo (.) na terça
29 feira, num marcar domingo que vem não porque:: eleição
30 né.
31 (0.5)
32 Zé Américo: ah, é. ah eu (0.8) th (1.2) até bom bobo eu tô meio
33 desanimado, paulo.=
34 Paulo: =é isso que eu falei com ele, uai. [eu falei isso com]=
35 Zé Américo: [ah, eu to]=
36 Paulo: =[o baltazar.]
37 Zé Américo: =[desanimado,] bobo, eu tô desanimado porque eu v-
38 (0.2)eu vou eu vou falar com o baltazar, se num:::
39 (0.2)
40 Paulo: é, eu falei com ele, uai.=
41 Zé Américo: =se num mudarem aquelas palhaçadas lá [(), não cara.
42 Paulo: [é::, uai, eu
43 falei com ele, uai. tem um time legal, né. aí os caras
44 tem uns que vão no dia que querem. [.h é igual eu falei=
45 Zé Américo: [ah, não. a gente=
46 Paulo: =[com ele, já tem ele,
47 Zé Américo: =[vai, a gente joga ali, a gente não tem valor, bobo. eu
48 tô:: sinceramente. tem muito time b- bom pra jogar aí.=
49 Paulo: =eu falei com ele não porque:: os caras vão o dia que
50 querem. já tem ele, tem o prego, tem o romário, né.
51 Zé Américo: nã[o, ué. () bo]la cara, pra jogar em=
52 Paulo: [e os caras tudo injuriado]
53 Zé Américo: =qualquer time bom aí ó.

[02: 01-55]

01 Paulo: é, °uai°. (.) aí chama o:: (0.8) rivaldo vai o dia que
02 quer, >chama o robinho< (0.8) tem que ser assim, tem que
03 ficar no time, pra ir no dia que quer (0.5) aí o time
04 fica bagunçado (0.8) [e o- e os-
05 Zé Américo: [(pois) é a gente tenta levar os
06 caras bons pro time pra melhorar o time os caras ficam
07 de palha[ça]da, uai. os cara- os caras que v- (0.5) =
08 Paulo: [é]
09 Zé Américo: =igual no caso lá, o robinho, o rivaldo, os caras não
10 vão, quando vão tem uma moral danada, uai.=
11 Paulo: =°é°=
12 Zé Américo: = tem mais moral que a gente que vai >direto lá< tá
13 pegando rabuda direto lá, >cara<.
14 Paulo: o::: (.) é igual eu falei co- com o baltazar, o nilton
15 tem um- pra ter bons () num precisa de ficar em
16 rivaldo e robinho não, >rapaz< [o time que tem lá-
17 Zé Américo: [ó igual domingo domig-
18 domingo:: eu deixei de jogar lá em- lá em- eu ia ensinar
19 lá pro:: (.) time do fluminense lá em nazaré, sabe.=
20 Paulo: =°sei°=
21 Zé Américo: () o jogo era três horas lá.=
22 Paulo: =ah, mas besteira jogar >nesses lugares, [zé<
23 Zé Américo: [não, então,
24 mas cê vê a gente tem- a gente- a gente quando <jo:ga>
25 os [ti- os ca]ras chamam a gente, [entendeu?]
26 Paulo: [ah:::] [chamam, uai.]
27 (0.8)
28 Zé Américo: eu sei que se te chamasse também, cê tinha- [°né?°]=
29 Paulo: [é, uai.]
30 Zé Américo: =tranquilo. dava pra nós jogarmos lá em (1.2) joga
31 melhor do que aqueles moleques lá, sabe?
32 (0.5)
33 Zé Américo: ah, mas eu tô desanimado, bobo. os c- os caras não
34 valorizam a gen[te].
35 Paulo: [é igual eu falei com o baltazar, falei
36 assim não >porque< os caras que já tem aí, tem o beto o
37 pre::go (0.5) tem ele pró::prio, né? o baltazar. tem o
38 tetê que vem agora tá indo todo domingo. (0.2) não
39 >precisa ficar< chamando rivaldo e peninha não,
40 [>rapaz.< é:::
41 Zé Américo: [não, é só um centro-avante, cara.
42 (.)
43 Paulo: é, [uai.
44 Zé Américo: [um menino aí que vai vir aí e um zagueiro bom.
45 Paulo: é, [uai. é o que eu falei-]
46 Zé Américo: [o h u m b e r t-] o humberto falou que vem,
47 sabe?
48 Paulo: quem é humberto?
49 Zé Américo: o humberto do >senhor< suarez, uai.
50 Paulo: ah, o humberto.
51 Zé Américo: °então°. [o humberto fa]lou que vem., pronto. chamou o=
52 Paulo: [o:::]
53 Zé Américo: =humberto, ó, °acabou°.
54 Paulo: o::: aquele menino o::: eu falei com o baltazar o
55 seguinte. o nilto- o nilton não sabe montar o time.

[03: 01-53]

01 jogador tem ele não sabe pôr.
02 Zé Américo: ah, () com aquela bobeirada lá, °>ra[paz<°
03 Paulo: [ah:::, pô
04 ((ruído de interferência no telefone)) aí eu falei isso
05 com o baltazar depois cê dá uma idéia nele >>que eu
06 falei com ele.<< (0.2) se não a gente vai desanimando
07 do- de jogar no time [aí e sai fora.
08 Zé Américo: [ah, eu vou eu vou ó hoje não foi
09 nem eu nem você.
10 (0.5)
11 Paulo: ele não foi.
12 Zé Américo: eu acho que o tetê também não foi não.
13 Paulo: então, o baltazar não foi.
14 (0.2)
15 Zé Américo: sabe por que que o tetê n- eu acho que não foi? porque
16 se ele tivesse vindo ele tinha me ligado!
17 (.)
18 Paulo: °ah, sim.°
19 Zé Américo: acho que ele não foi não, porque:: ele não me ligou
20 ontem.
21 (.)
22 Paulo: cê tem o telefone dele?
23 Zé Américo: °tenho°.°
24 Paulo: liga pra ele.
25 Zé Américo: ah, não, não vou ligar não.
26 (0.8)
27 Paulo: aquí.=
28 Zé Américo: =ah ô paulo, é interesse agora dos caras lá: da praça,
29 cara, [>sabe por] quê?< eu trouxe o cara pro time (0.2)=
30 Paulo: [é:::]
31 Zé Américo: =eles queimaram o cara lá em rio jordão. (0.2) >agora<
32 [se eles qu-
33 Paulo: [ah mas eu creio que ele >não ficou chateado não,<
34 >>porque<< ele ficou de levar um goleiro pô, tomara que
35 ele le[ve.
36 Zé Américo: [não agor- não agora se eles quiserem, o pessoal
37 da praça que corra atrás dele, sa[be? ()
38 Paulo: [é::: leva um goleiro.
39 (1.0)
40 Paulo: aquí↑
41 (0.5)
S1 42 Paulo: aí fica assim então. dá uma idéia neles aí pra ver se
1 43 marca na terça-feira feriado.
1 44 (0.5)
1 45 Paulo: porque se marcar domingo não vai dar pra mim ir.
1 46 (0.2)
47 Zé Américo: ah, eu também não vou terça-feira não, eu vou trabalhar.
48 (1.2)
49 Paulo: terça-feira feriado?
50 Zé Américo: vou trabalhar os dois feriados, paulo.
51 Paulo: ah, vai?
52 Zé Américo: °vou°. ah tô apertado, bobo. [eu vou-
53 Paulo: [é, então tá certo.
54 Zé Américo: ah, não, é bom que eu até:::
55 Paulo: ah, mas terça-feira não dá n- eu sei lá, zé. terça-feira
53 é devagar, cara.

[04: 01-55]

01 (0.8)
02 Paulo: feriado assim cê acha que:[::
03 Zé Américo: [não, eu vou abrir só até
04 meio-dia.
05 Paulo: é: porque o mais im- (0.2) às vezes o domingo é melhor
06 do que uma terça-feira, né não?
07 Zé Américo: todas as d- °todas as° a a >só um minutinho< a:: essa
08 vinho aí é que tá >>suja pra caramba<<, (0.5) a amarela
09 tá limpa. (0.5) hã?
10 (0.5)
11 Paulo: o::: (.) o domingo que às vezes dá mais que o feriado,
12 né?
13 Zé Américo: °é::°
14 (1.5)
15 Zé Américo: n[ão mas eu] eu vou abrir só esses dois feriados até=
16 Paulo: [num sei, né.]
17 Zé Américo: =meio-dia porque eu tô apertado, sa[be?] qualquer=
18 Paulo: [é::]
19 Zé Américo: =dinheirinho que <entrar> aí já:[:
20 Paulo: [é, pra você que tev-
21 que teve um gasto grande, né?
22 Zé Américo: °é,° qualquer dinheirinho que entrar já ajuda, né?
23 Paulo: aí cê vê direitinho então aí.
24 Zé Américo: °mh[m.°
25 Paulo: [porque eu domingo que vem não vai dar não porque eu
26 vou s- sou mesário, né? [aí fico o dia inteiro lá.
27 Zé Américo: [°mhm°, mas (não vai ter) não,
28 bobo,. domingo de eleições num tem jo[go não.
29 Paulo: [então. agora se
30 eles marcarem igual cês marcaram aquele dia na terça-
31 feira feriado eu vou.
32 Zé Américo: mhm
33 (1.5)
34 Paulo: mesmo se eu trabalhar de tarde dá pra eu ir de manhã.
35 (1.2)
S2 36 Paulo: falou então, depois a gente [fic-
2 37 Zé Américo: [sinceramente, cara, eu t-
2 38 °eu° (1.5) se continuar com essa bobei[rada aí,
2 39 Paulo: [não, mas num
2 40 desanima não, pô.
2 41 (0.8)
2 42 Zé Américo: os caras não dão valor pra gente. [()
2 43 Paulo: [é, que senão sai
2 44 você, sai eu, sai o baltazar, né. aqui, se ocê vir o
2 45 beto e o prego aí dá uma idéia neles pra mim aí.
2 46 Zé Américo: ahã.=
S3 47 Paulo: =a hora que der eu dou uma passadinha aí.
3 48 Zé Américo: tá.
3 49 Paulo: dá uma lembrança a su aí.
3 50 Zé Américo: tá jóia, >>paulo,<< dá um abraço no pessoal aí.=
3 51 Paulo: =falou.=
3 52 Zé Américo: =e a sua noiva? como é que ela tá?
3 53 Paulo: tá jóia. tô na casa dela.
3 54 Zé Américo: ah, >cê tá na casa dela?<
3 55 Paulo: tô.

[05: 01-05]

3 01 Zé Américo: fala que eu mandei um abraço pra [ela.
S4 02 Paulo: [então tá.
4 03 Zé Américo: t[á?
4 04 Paulo: [tchau, um abraço.
4 05 Zé Américo: falou paulo, tchau.

Conversa telefônica entre irmãs:

[01: 01-53]

01 ((telefone toca))
02 Verena: pro:nto.
03 Verônica: verena?
04 Verena: oi.
05 Verônica: chegou bem aí?
06 Verena: ah, cheguei e você?, hh
07 Verônica: t(h)am(h)bé(h)m. h
08 Verena: agora que você tá >chegando?<
09 Verônica: ah, cheguei quinze pras onze, eu perdi o outro.
10 Verena: ah, perdeu aquele mesmo, [né?
11 Verônica: [ãh, eu corri atrás dele na
12 hora que eu tava chegando quase pra entrar dentro do-
13 do- ônibus ele dá arranque e vai embora.=
14 Verena: =a::: °que [bosta hein?°
15 Verônica: [eu saí correndo aí do parque ambrósio e vim
16 direto pra apanhar cá na praça das princesas, mas aí
17 num- na hora que eu cheguei >ele tava sain[do.< .hhh
18 Verena: [a:: que
19 mer[da, hein.
20 Verônica: [até que eu atravessassei por causa do sinal né. [fez]=
21 Verena: [éé.]
22 Verônica: =eu perder, aí fiquei esperando o dez e quinze e cheguei
23 aqui quinze pras onze.=
24 Verena: =ah, mas chegou [bem, né.]
25 Verônica: [tá bom.]
26 (0.8)
27 Verena: tá::=
28 Verônica: =eu tô falando aqui com o irineu será quanto que vale
29 uma lata de tint- de tinta, ele falou que:: é bom, uai,
30 que cê- (0.8) deve ser uns oitenta reais:
31 Verena: é, o tatá falou [(mesmo lá)
32 Verônica: [procê ver o preço lá na loja e v-
33 ven[de mais barat-
34 Verena: [(ele) falou que deve ser uns oitenta noventa re[ais.
35 Verônica: [é,
36 mais barato uns dez contos e <casca fogo ne[la.>
37 Verena: [é, °vamos
38 ver° aí o tatá levo:u a edna [falou.
39 Verônica: [capaz deles mesmos
40 comprarem,[né?
41 Verena: [ah, é. acho que a neide >tava querendo.<
42 Verônica: pra pintar a casa.=
43 Verena: =é.[()
44 Verônica: [no fim do ano., como d(h)iz (h)o home(h)m lá. hh=
45 Verena: =é. a neide °tava querendo >eu acho.<°
46 Verônica: humm, ah então: se deus quiser vai fazer negó[cio.
47 Verena: [ah:, vai.
48 [()
49 Verônica: [aí aproveita já num perdeu a via[gem.
50 Verena: [ah, é: °eu ganhei°,
51 uai, [então-
52 Verônica: [e a bolsa., é boa?
53 Verena: a bolsa é boa: de viagem assi[:m.

[02: 01-46]

01 Verônica: [é grandinha?=
02 Verena: =é grandinha.
03 Verônica: ah, então tá bom >também.<
04 Verena: °tá ótimo°.
05 Verônica: e quando precisar de viajar, né. [aí já tem.
06 Verena: [°éé°, °é°. ou então
07 fica aqui enchendo lugar, num tem problema.
08 Verônica: u(h)a(h)i(h) se vo(h)cê qui(h)ser v(h)end(h)er(h), a(h)
09 ho(h)ra qu(h)e e(h)u come(h)ça(h)r a vi(h)aja(h)r eu
10 co(h)mpr(h)o. [hhhh
11 Verena: [ahahaha, ent(h)ão t(h)á. [hahahaha
S1 12 Verônica: [hhhh.hh hhh
1 13 ent(h)ão t(h)á.
1 14 Verena: ha f(h)alo(h)u ent(h)ão, [verônica.
1 15 Verônica: [aí tá tudo certo, [né, cê]=
1 16 Verena: [°(tudo.)°]
1 17 Verônica: =esperou a edna descer lá?=
1 18 Verena: =não, eu desci <com ela> mas ela >>foi pro ponto do<
1 19 ônibus eu vim embora.<
20 Verônica: e aquela dona não foi junto não, aquela da cabeça
21 branca?
22 (0.8)
23 Verena: não, quem desceu foi a out- consolação, >°num sei°.<
24 Verônica: humm, é porque ela tinha ficado mais pra trás, a
25 madalena achou que ela ia junto <porque ela mora no
26 santa clara, num sei.
27 (1.0)
28 Verena: ah, >não< °então não,° eu num sei quem é não aí não, num
29 °veio ninguém com a gente não°.
30 Verônica: mas aí ela ia pra casa agora descansar aqueles pés né?
31 Verena: ah, ela já chegou em casa, °já°.
32 Verônica: NOSSa se[nhora].
33 Verena: [já ligou que já chegou também.=
34 Verônica: =então tá bom. [então eu num vou li]gar pra lá=
35 Verena: [foi uma farrinha boa.]
36 Verônica: =não que senão ainda faz ela levantar com aqueles pés
37 inchados, >°ainda°.<
38 Verena: ah, é. [(liga pra lá n-)
39 Verônica: [eu achei ela muito acabadinha, nossa senhora.
40 Verena: ah não () [mas ela tem muita câimbra, [()
S2 41 Verônica: [pass- [pois é: tá
2 42 passando uma maleira doida.
2 43 (0.5)
2 44 Verônica: então tá, tchau.
2 45 Verena: falou, verônica, um abraço, [fica com deus, tchau.]
2 46 Verônica: [>°procê também, tchau°.<

Conversa telefônica entre as esposas do tio e do sobrinho:

[01: 01-54]

01 ((telefone toca))
02 Ana: alô?
03 Verônica: alô, ana?
04 Ana: oi?
05 Verônica: é a [verônica, tudo bom?
06 Ana: [é a verônica.
07 Ana: oi,? ehehehehe[hehehehehehehehe
08 Verônica: [.hhh tudo bom aí?
09 Ana: como é que t(h)á? haha[hahahahah
10 Verônica: [t(h)ud(h)o b(h)om.
11 Ana: aqui tá bom, graças a deus.
12 Verônica: eles já foram embora os homens?
13 Ana: a:::h chegou só e saiu, né?=
14 Verônica: =[hã?
15 Ana: =[que o senhor antônio já tinha almoçado, (o almoço)
16 acabou de almoçar quinze para meio dia, (eu falei/ ele
17 falou) uai, o irineu tá demorando. [()
18 Verônica: [a:::h
19 Ana: falei uai, [mas a-
20 Verônica: [o outro falou que meio dia tava bom o almoço
21 ficar pronto, [aí depois ficou falando que é eu que=
22 Ana: [aí rapi-
23 Verônica: =<<atrasei.>>
24 Ana: não, aí <<rapidinho:::>> [o- o- chegou aqui, boba.
25 Verônica: [th a:::~:h
26 Verônica: [tomar °(banho.)°
27 Ana: [chegou rápido.
28 Verônica: aí cê num quis ir não?=
29 Ana: =cê num quis ir não?
30 Verônica: hein?
31 Ana: eu não, hoje eu n- hoje eu tô torcendo umas roupas aqui,
32 boba. [()
33 Verônica: [eu vou começar a lavar ago[ra.
34 Ana: [a:h, vai começar a lavar
35 agora,? [então] eu tô mais adiantada que ocê, né?=
36 Verônica: [vou.]
37 Ana: =[ah ehehe]hehehehe[hehehe .hhh tá
38 Verônica: =[é. hhhhh] [.hhh a:::h eu não.
39 Ana: a:::~:h [chuva ()
40 Verônica: [vontade eu tenho de sair, né,? ana, que fica
41 soçada aqui dentro de casa, mas só toma xingada, ah, não.
42 Ana: [pois] é.
43 Verônica: [né?]
44 Ana: é. [uai. ahahahahahahahahahahehe .hhh hahah()
45 Verônica: [num dá certo não, uai. .hhh só sabe xingar, credo.
46 Ana: só t(h)oma xing(h)ada. hahaha[hahahahaha
47 Verônica: [não, uai, só sabe xingar que
48 tá demorando, que quer isso quer aquilo, [ah não.
49 Ana: [a:::~:h, não, é
50 <<conversa fiada.>> cê vai vir aqui aqui hoje?
51 Verônica: eu vou nada.
52 Ana: ah, num vem não?
53 Verônica: na- [nada.]
54 Ana: [ah,] se ocê vier aqui, (eu estendo) logo, uai.

[02: 01-56]

01 Verônica: ah, não.
02 Ana: se cê- (0.2) eu nem sei que horas que eles vão voltar.
03 [>>eles saíram<< daqui era quinze pra uma.
04 Verônica: [a::h num sei não.
05 (0.8)
06 Ana: que eles saíram daqui.
07 Verônica: é::.. [é, não. °()°
08 Ana: [mas belém num é longe nada não, né?
09 Verônica: hein?
10 Ana: belém num é longe não, [boba.
11 Verônica: [num é nada.
12 Ana: eles vão lá mesmo só visitar o °zaqueu°, porque o zaqueu
13 o[per-
14 Verônica: [agora cê vê, menina, que coisa atrapalhada, hein?
15 Ana: o zaqueu operou e: e: (tava/ tá lá) na cadeira de rodas,
16 né? [é: é::.
17 Verônica: [ma- ((assopra)) mas será que é definitivo, [não,?
18 Ana: [é por cau-
19 Verônica: né,? deve fazer tratamento, né?
20 Ana: é por causa do <<tendão>>, né?
21 (0.5)
22 Verônica: [ahn.
23 Ana: [operou o tendão lá, num sei mais o quê lá,
24 (0.2)
25 Ana: e aí é é::: aí eu num sei, va[mos ver o que
26 Verônica: [ah, mas deve recuperar se
27 [deus quiser, nossa senhora.
28 Ana: [°deixa na hora que o antônio chegar como é que vai ser,
29 n- o que que ele vai contar, né?°
30 Verônica: a::hn.
31 (.)
32 Ana: coitado do homem, forte,? né,? menina?
33 Verônica: pois é.
34 Ana: homem for[te.
35 Verônica: [é a mulher dele é que morreu há pouco tempo?
36 (0.2)
37 Ana: não, né?
38 Verônica: não é, não?
39 Ana: foi de quem? [fo- morreu- morreu-
40 Verônica: [quem que é que eles foram nu:::m- morreu
41 uma pes[soa assim,
42 Ana: [é::.. morreu lá e eles [()
43 Verônica: [nem sei mais.
44 Ana: pode deixar aqui, boba. ((fala com outra pessoa))
45 Ana: <<morreu lá, mas eu num sei quem é>> [b- é,] é, de quem=
46 Verônica: [ahn.]
47 Ana: =que é a- a- a pessoa que morreu.
48 Verônica: a::[:hn.
49 Ana: [mas eu acho que a do zaqueu não, [>>o zaqueu tem u]ma=
50 Verônica: [não é, não, né?]
51 Ana: filha que mora aq- aí n- onde [é que cês moram, né?
52 Verônica: [é:::, mora ali pra frente
53 aqui [da on]de que eu mo[ro,] [no engels]ville ali.=
54 Ana: [ah.] [é.] [isso.]
55 Ana: =°hu::m.° [()] ((com outra pessoa:)) °tá=
S1 56 Verônica: [mas tá bom, então.]

[03: 01-54]

S 01 Ana: =bom.° ((com verônica:)) en[tão,
S 02 Verônica: [só liguei de bobeira, só pra
S 03 fofo[car.
S 04 Ana: [a:::h não, e o serviço,? como é que tá?=
S 05 Verônica: =nada,. tem duas semanas que num traz nada.
06 Ana: é::?
07 (0.8)
08 Ana: a:::::hn.
09 (0.2)
10 Verônica: >>>ainda<<< tava falando aqui na hora do almoço, vai
11 chegar no fim da vida tem que ficar pedindo dinheiro um e
12 outro, cruz-credo-ave-maria.
13 Ana: HhhhHAHAHAhahaha[hahahahhhh
14 Verônica: [já vai acabar agora tem que ficar pedindo
15 dinheiro, ah não.
16 Ana: e o e- .hhh o e- o ene pê esse num tem jeito, né?=
17 Verônica: =ah, num [tem não.
18 Ana: [tem- essas- tem que ecostar no i ene pê esse,
19 num encos[ta, né? t-
20 Verônica: [num paguei, uai.
21 (0.5)
22 Verônica: num [paguei, agora é-
23 Ana: [parou de pagar, né?
24 Verônica: é.
25 Ana: mas parou de pagar, mas já tem quanto pago?
26 Verônica: hein?
27 Ana: já tem quan[to pago?
28 Verônica: [ah, só tem três anos e pouco, quatro, sei lá.
29 Ana: três anos e pouco?
30 Verônica: quatro anos e pouco, ah, num compensa mexer com isso não.=
31 Ana: =não, p- pra pagar,? não,
32 (.)
33 Ana: é::.
34 Verônica: é::, vai vivendo na miséria assim me(h)sm(h)o hhhhhumhum
35 humhumhum[humhum .hhhh
36 Ana: [é::::. ahahhh [e a rita?
37 Verônica: [a clara conseguiu:: coisar [a,]=
38 Ana: [não,]=
39 Verônica: =[apos- co- apost-
40 Ana: =[menina, nós perdemos a marta, até falei com o irineu pra
41 ver se achava o endereço da marta aí pra mim, achava a
42 casa da marta (.) pra nós vermos onde é que ela estava,
43 né,? que >>ela m-<< (.) ela <<mudou de lá>> e perdeu os
44 telefones nossos tudo, menina,
45 (0.2)
46 Ana: ela per[deu ()
47 Verônica: [a marta?=
48 Ana: =a marta.
49 Verônica: eu sei a casa dela mas o número assim eu num [sei, só se]=
50 Ana: [a- aí-]=
51 Verônica: =[eu pegar aqui.
52 Ana: =[a- aí, <<não>>, aí::: ela mudou de endereço cá embaixo
53 onde que ela trabalhava, [né?
54 Verônica: [a:::::h na cida[de.

[04: 01-54]

01 Ana: [é, na <<cidade.>>
02 aí ela saiu do prédio e não deixou o endereço no prédio,
03 >>>o que que ela tinha que fazer,? deixar o endereço dela
04 no prédio, né?<<<
05 Verônica: ela que vai arrumar pra clara?
06 Ana: é ela que tá arrumando pra clara, mas a carina fez uma
07 perícia só, num passou não, né?=
08 Verônica: =não, né?=
09 Ana: =agora:::, >>por isso que eu pedi o irineu,<< mas agora ó,
10 (.) quem achou ela aqui primeiro foi a tia maria,
11 >>porque<< com a tia maria ela comunicou, né?
12 Verônica: a::[:hn.
13 Ana: [e aí a tia maria veio aqui pra poder trazer o joel pra
14 fazer a perícia de novo,
15 (0.2)
16 Ana: aí a tia maria::: (0.5) é::: veio aqui em casa,
17 (0.2)
18 Ana: né?=
19 Verônica: =a:::hn.=
20 Ana: =veio aqui em casa, aí deu o endereço pra nós, a lena
21 desceu com a tia maria,
22 (0.2)
23 Ana: e foi lá onde que ela trabalha agora.=
24 Verônica: =aí [achou?
25 Ana: [ela traba- ela trabalha na brumado ferreira, perto do
26 rio jordão ali,
27 (0.2)
28 Ana: é, num prédio pra cima ago- onde é que tem umas
29 costureiras, eu acho.
30 Verônica: a::[:hn.
31 Ana: [ela arranhou ali, né?
32 (1.2) ((barulho de cadeira arrastando))
33 Ana: [agora nó- agora nós já encontramos.
34 Verônica: [é::: é.
35 (0.2)
36 Ana: fala com o irineu que agora nós [já encontramos.
37 Verônica: [já encontrou ela?
38 Ana: é, já encontrou [(onde é que é)
39 Verônica: [eu fui na casa dela pra ela ver os meus
40 papéis, mas eu nunca acho ela em casa.=
41 Ana: =hum?=
42 Verônica: =aí desisti também.
43 Ana: diz que em casa ela num gosta de atender essas coisas, né?
44 (0.2)
45 Ana: [(ela gosta de atender) aqui, há?
46 Verônica: [é, porque tinha que leva::r os papéis pra ela levar pro
47 advogado, né?
48 Ana: hum,? aqui em baixo que ela [gosta de aten]der, no lugar=
49 Verônica: [é::: é.]
50 Ana: =que ela trabalha, né?
51 (0.2)
52 Verônica: a::[:hn.
53 Ana: [porque aqui já tá tudo aqui mesmo, né?
54 (0.8)

[05: 01-55]

01 Verônica: [a:::hn.
02 Ana: [<<<mas>>> é-
03 (0.5)
04 Ana: aí na casa dela eu acho que ela nu::m- também (ela [pega]=
05 Verônica: [não,]=
06 Ana: =[mais é em casa, né?)
07 Verônica: =[ela só pega os papéis e leva pro::: [outro aí fazer.
08 Ana: [a:::h, é,. é. aí-
09 (0.2)
10 Ana: [>>>quer dizer que num é muito longe<<<
11 Verônica: [mas num achei ela não, também [eu sei] que=
12 Ana: [hein?]
13 Verônica: =eu num tenho tempo mesmo, [num adianta.
14 Ana: [num é muito longe da tua casa,
15 não?
16 (0.2)
17 Verônica: não, num é longe demais, não.
18 Ana: °num é, não?°=
19 Verônica: =só que vai lá, sobe o morro e num acha ela.
20 Ana: ah, é <<isso>> que eu tô te falando, boba, ela va- ela
21 fica mais pra cá, [né?
22 Verônica: [vai ter que ir na hora que for na
23 cidade, então.
24 Ana: é:::
25 (0.2)
26 Ana: o irineu agora vai vi::r trabalhar aqui essa semana
27 >>>agora<<< pro antônio,
28 (0.2)
29 Verônica: [é,] vai pintar a cla- a casa da clara aí,? [né?
30 Ana: [a-] [se puder se
31 ele pu- se ele trouxesse, né?
32 (0.2)
33 Verônica: [levava lá.
34 Ana: [a gent- a gente () entregava >>ela lá,<< via o que que
35 ela fazia lá.
36 Verônica: a:::hn.
37 Ana: né?
38 (0.2)
39 Ana: [porque-
40 Verônica: [é, eu vou ver.
41 Ana: o negócio daqui::, o negócio é aqui mesmo, embaixo, né?
42 Verônica: na cida[de, né?
43 Ana: [é::,. na cidade, então,
44 (0.2)
45 Ana: [()
46 Verônica: [mas o meu num tem tempo, não, boba.=
47 Ana: =hein?=
48 Verônica: =o meu num tem tempo, não.
49 Ana: não, mas num é:: muito tempo, <<não:::.>>
50 (0.2)
51 Ana: a tia maria não pagou nem um ano de i ene pê esse .hhh e
52 ficou encostada até hoje, [(só que)] aposentaram ela=
53 Verônica: [é:?]
54 Ana: =e >>ela tá recebendo até hoje lá, uai.<< [(já tem)] três=
55 Verônica: [é:?]

[06: 01-56]

01 Ana: =anos, >>eu nem sei quantos anos que ela tá recebendo
02 dinheiro à toa lá.<< [hum.]
03 Verônica: [ó.]
04 Ana: >>>num pagou nem um ano, eu que mandei ela pagar, falei
05 paga que cê vai per- te vai encostar, cê vai ver?<<<
06 Verônica: [ahn.
07 Ana: [aí, minha filha, <<num deu um ano,>> num pagou um- nem um
08 <<ano,>>
09 Ana: [cê acre]dita?
10 Verônica: [uai?]
11 Ana: é::..
12 (0.2)
13 Ana: e [encos-
14 Verônica: [uai, então tá bom, [então-
15 Ana: [e lá mesmo em belém, aquelas mulhe-
16 aquelas doutoras lá que botaram ela [no i ene pê esse.
17 Verônica: [é, o m- o meu já
18 te::m [quatro anos e pouco só.]
19 Ana: [o seu já tem mais de três:]
20 Verônica: é::.=
21 Ana: =né?
22 (0.5)
23 Ana: quer dizer que então o::: francisco num tá indo aí [nem]=
24 Verônica: [não.]=
25 Ana: =nada, num tá falando nada.=
26 Verônica: num deu notí:::[cia ne]nhuma.
27 Ana: [hum?]
28 (0.2)
29 Ana: hum?
30 (.)
31 Verônica: aí:: eu também vou ficar toda hora ligando pra lá p-
32 perguntar? [eu °não.°
33 Ana: [eu tive conversando com a ca- com a carina, ô
34 verônica,
35 Verônica: hã?
36 Ana: ah, essa que tabalhava com a clara lá embaixo, tra- ela
37 trabalha lá até hoje, né?
38 Verônica: hã?
39 Ana: então:: eu ah, sobre esse negócio de ter que costurar em
40 casa assi::m, se eles queriam dar serviço pra fazer em
41 casa,=
42 Verônica: =hã?=
43 Ana: ela falou que- o ano que vem- ano que vem tá chegando já,
44 tá qua- tá perto, né?
45 Verônica: hã?
46 Ana: que: que o::: o::: denis tá querendo:: é- arranjar
47 costureira <<[só fora,>> só em- só em casa mesmo, e- [e-
48 Verônica: [mas
49 lá é malha, né,? ana.
50 Ana: ah, mas lá, boba, rap- não, diz ela que tá fazendo tudo
51 lá, [pano e tudo.
52 Verônica: [porque fazer malha [o ra]bo é que é::: essas=
53 Ana: [não.]
54 Verônica: =máquinas minhas furam as ma[lhas] tudo, [só se eu]=
55 Ana: [sa-] [não, minha]=
56 Verônica: =[arrumar] uma pessoa pra arrumar [ela.

[07: 01-56]

01 Ana: =[filha,] [a máq- a máquina num
02 fura não, é a tem que trocar é a <<agulha.>>
03 (0.2)
04 Ana: é a agulha que troca, >>não é a [não é<< a má]quina não,=
05 Verônica: [<<pois é.>>]
06 Ana: =boba.
07 (0.5)
08 Ana: agora a::::::::::: cê fala overloque?
09 Verônica: é.
10 Ana: a overloque deve ser a na agulha <<também.>>
11 Verônica: deve ser.
12 Ana: deve ser as agulhas grossas, né?
13 (0.5)
14 Ana: porque::::: [eu acho
15 Verônica: [mas ele tem outros tipos de costu[ra lá?
16 Ana: [eu acho que
17 ela: eu acho que ela lá anda fazendo fa- eles estão
18 fazendo pano também, acho que estão fazendo muita bermuda
19 lá, num sei [que bermu]da como é que é. .hhh eu sei que=
20 Verônica: [a:::::hn.]
21 Ana: =eu falei a:::::h a verônica gosta de fazer é coisa assim
22 mesmo, de coisa [de homem.
23 Verônica: [de pano, é.
24 Ana: que a verônica gosta de fazer.
25 (0.2)
26 Ana: né?
27 Verônica: é.
28 Ana: aí depois se a gente qui- tiver a fim de de:::: (0.8) de
29 comunicar com ela e tudo, ela é boazinha, a neidinha, né?=
30 Verônica: =a::[:hn.
31 Ana: [aí::: procê tem que trabalhar em casa mesmo, né? que
32 aí [fora num] dá.
33 Verônica: [ah é.]
34 (0.2)
35 Ana: fora num [dá.
36 Verônica: [trabalhar em casa, trabalhar um bocadinho só pra
37 ganhar um bocado já tá bom, [porque-
38 Ana: [agora o:: o- ela falou [q- q-
39 Verônica: [ficar
40 pedindo dinheiro o homem [não dá não, >>cruz credo.<<
41 Ana: [que ele tá pensando de arrumar
42 isso no ano que vem, [num ter] costureira nenhuma lá na=
43 Verônica: [a::::hn.]
44 Ana: =fábrica não.
45 (0.2)
46 Verônica: a::h, [tá.
47 Ana: [tudo facção. [()
48 Verônica: [aí é melhor, né?
49 Ana: <<aí no caso>> se ocê quisesse ir lá::, ver como é que é
50 as coisas lá, né?
51 Verônica: a::h, [tá.
52 Ana: [e- e- e aí já ficava en[trosada
53 Verônica: [ah, então de[pois cê me-
54 Ana: [entrosada pra
55 pegar o ano que vem, [hehehehhh
56 Verônica: [depois cê me dá o endereço en[tão,]=

[08: 01-56]

01 Ana: [se o]=
02 Verônica: =[uai.
03 Ana: =[té::: se ocê for fazer isso mesmo, né?
04 (.
05 Verônica: é:::
06 Ana: é::, é capaz dele fazer, esse ano já tá acabando mesmo,
07 né?=
08 Verônica: =pois é:::,=
09 Ana: =() (daqui a pouquinho) >>já tá acabando.<<=
10 Verônica: =aí [cê me dá-
11 Ana: [o francisco >>>(ainda vai le[var]<<< alguma coisa.
12 Verônica: [cê me dá o endereço,
13 hein?
14 Ana: o francisco ainda vai levar alguma coisa procê aí, boba.
15 (0.2)
16 Verônica: [a:::h,
17 Ana: [né,? esse final de ano, .hhh ele com aquela doença dele,
18 coitado, a gente dá- até:: né?=
19 Verônica: =é::.=
20 Ana: =fica até::
21 (0.5)
22 Ana: [dando ()
23 Verônica: [atrapalhou tudo, °né?°
24 (0.2)
25 Ana: [tá in-
26 Verônica: [diz que num tá:: é vendendo,
27 (.
28 Verônica: que o carlinhos tá corta::n[do,] mas que num tá=
29 Ana: [°é?°
30 Verônica: =vendendo,. ah eu sei lá, [s- será que num tá vendendo,]=
31 Ana: [quem que é o carlinhos,?]=
32 Verônica: =[mesmo?
33 Ana: =[o carlinhos é filho dele?
34 (0.2)
35 Ana: ah, o carlinhos é filho dele [já,] ele já tá cortando?
36 Verônica: [é.]
37 Verônica: diz que tá cortando.=
38 Ana: =uai,
39 (0.2)
40 Ana: porque ele: tá doen[te, né, (verônica?)
41 Verônica: [diz que ele:: ele ajuda, mas a:: agora
42 acho que num tá agüentando muito o tr[anco,] né,? acho=
43 Ana: [°a:h.°]
44 Verônica: =que ensinou ele a cortar, [num sei,
45 Ana: [a:::hn:=
46 Verônica: =>>porque<< eles num falam pra gente também direito.=
47 Ana: =°eles num falam não.°
48 Verônica: aí >>ele disse<< que tava cortando lá, mas disse que ia
49 trazer trazer, já tem duas semanas, num trouxe na[da.
50 Ana: [°num
51 levou nada né,?° nem jaleco, nem na[da.
52 Verônica: [nada.
53 Ana: hã,
54 Verônica: aí, [eu tô aqui-
55 Ana: [°>>tá vendo?°<<
56 Verônica: a:::hn.=

[09: 01-55]

01 Verônica: =fazendo essa serviçada de casa, que aí faz num dia, no
02 outro já tem [tudo pra fazer de novo.
03 Ana: [tudo pra fazer de novo, é.
04 Verônica: [cruz-credo-ave-maria.
05 Ana: [quer dizer que hoje é que cê vai lavar roupa aí, enquanto
06 cê descansa carrega pedra, [né?
07 Verônica: [é::.. hahaha[hhhhhh
08 Ana: [é assim que é,
09 uai. [hahahahahahaha
10 Verônica: [.hhhh não, esses dias eu num lavei porque tava uma
11 chuvarada, né?=
12 Ana: =ah, chovendo demais, né?
13 Verônica: aí eu peguei e larguei pra lá, falei ah agora já que o sol
14 apareceu, >>vou ver<< se eu lavo um bocado pra adiantar.
15 Ana: cê põe no terraço em cima também, [né?
16 Verônica: [ponho lá na bei[rada é.
17 Ana: [porque
18 lá tem- lá tem muito vento, seca pra lá, [()]
19 Verônica: [tem.]
20 (0.2)
21 Ana: e num tem que ficar pa- catando roupa todo dia.=
22 Verônica: =é.=
23 Ana: =aquilo é uma beleza, né,? menina.
24 Verônica: é, bo[:m.
25 Ana: [() terra[ço ()
26 Verônica: [a- agora tem que fazer mais um varal
27 lá, já pe[di o iri]neu pra fazer mais um >>porque<< aí=
28 Ana: [é::..]
29 Verônica: =cabe tudo.
30 Ana: é::.., cabe tudo, pois é.=
31 Verônica: =mas ele, a::hn, [também
32 Ana: [tendo sol assim, pondo embaixo seca
33 também, [né?
34 Verônica: [é::.
35 (0.5)
S2 36 Ana: mas tava chovendo demais, né,? meni[na.
2 37 Verônica: [nossa senho[ra, essa]=
2 38 Ana: [noite]=
2 39 Verônica: =[semana, credo.
2 40 Ana: =[inteira chovendo, dia inteiro chovendo, a:::h não.
2 41 Verônica: hoje eu lavei meu passeio aqui, tava que é lodo puro,
2 42 [cruz credo.
2 43 Ana: [é::?
2 44 (0.2)
2 45 Ana: ah, mas dá lodo mesmo.
2 46 Verônica: a:::h [dá.
2 47 Ana: [essas chuvas assim, né?
2 48 Verônica: é: [é::.
2 49 Ana: [°dá lodo.°
2 50 Verônica: th
2 51 Ana: a rita ta boa?
2 52 Verônica: tá bo[a.
2 53 Ana: [ah, então tá [bom.
2 54 Verônica: [tá ali.
2 55 Ana: às vezes cê resolve, vem [cá ()

[10: 01-33]

2 01 Verônica: [o tomé tá lá, .hhh foi pra dar
2 02 aula ainda não <<chegou, também.>>
2 03 Ana: é::? [óia.
2 04 Verônica: [>>no sábado<< ele dá aula de sete a meio di- de oito
2 05 a meio dia e ainda não chegou, [não.
06 Ana: [a:::::hn. [esses ônibus]=
07 Verônica: [a rita hoje]=
08 Ana: =[()
09 Verônica: =[num foi não. hein?
10 Ana: esses ônibus tem hora que demora uma hora pra ir t- no
11 [ponto] do ônibus [esperando ele, uai.
12 Verônica: [é::,] [porque:: demora nos [ônibus,] aqui::=
13 Ana: [né?]
14 Verônica: =eu vou te contar, é de quarenta em quarenta, [às] vezes=
15 Ana: [é-]
16 Verônica: =se perde um, o outro demora mais quarenta. [.hhh
17 Ana: [aqui tem uma
18 porção e fica assim, a gente fica esperando toda vida lá
19 embaixo, uai.
20 Verônica: é:: é:::.=
21 Ana: =uma porção de ônibus, [a gente fica esperando toda vida.
S3 22 Verônica: [agora hoje a rita tá [aqui, mas]=
3 23 Ana: [a::ha::n.]=
3 24 Verônica: =[tá tudo bem, graças a deus, tá dando as aulas dela.
3 25 Ana: então,. i::sso.
3 26 Verônica: [.hhhhhhh
3 27 Ana: [então tá, [verônica.
3 28 Verônica: [então tá, a[na. ((sopra))
3 29 Ana: [brigadão, [boba,. obrigada.]
3 30 Verônica: [um abraço]
3 31 pro[cê.
3 32 Ana: [é:::,.
3 33 Verônica: tchau.

Conversa telefônica entre primas:

[01: 01-53]

01 ((telefone toca))
02 Rita: alô:?
03 Marta: °oi rita,°
04 Rita: oi↓
05 Marta: tá com raiva de mi:m.
06 (0.2)
07 Rita: quem é?, ma::rt[a?
08 Marta: [°marta.°
09 Rita: .h nossa senhora .hh eu ouvi sua voz achei que era a
10 luzi::a
11 Marta: ó=
12 Rita: =tava igua:lzinho.
13 Marta: que: i:ss[o.
14 Rita: [até levei um susto.
15 Marta: é?
16 Rita: [hhh
17 Marta: [tudo bom aí, [rita?
18 Rita: [.hh tá tudo bom.=
19 Marta: =aqui, eu não liguei mais cedo procê porque eu tava
20 pretendendo ir mas meus planos já::: já foram por água
21 abaixo=
22 Rita: =hã:.=
23 Marta: =é., °porque [a::
24 Rita: [passando mal?
25 Marta: hein? nã:::o,. não. é porque o m- a edwi:ges,= ela mora
26 aí perto >docêis< aí=
27 Rita: =hã=
28 Marta: =e: o menino dela vai fazer prova no colégio militar
29 amanhã, .=
30 Rita: =hã=
31 Marta: =mas aí ela tinha que ir em belém, ela pediu pra ele
32 ficar aqui=
33 Rita: =hã:[::
34 Marta: [aí daqui a pouco ele vai vai ele vem=
35 Rita: =mh[m
36 Marta: [né? pra ficar aqui que ela (disse que) que ela não
37 quer deixar ele sozinho lá nã:o (.) °porque:: a- diz-
38 diz ela que vai assim preocupada com e:le.
39 (.)
40 Rita: ah, ela- ele vai ficar aí sozi:nho? <cêis é que vão
41 levar ele [lá]=
42 Marta: [nã-]
43 Rita: =pra fazer a prova?=
44 Marta: =não ele já tá assim, já: moci[nho já=
45 Rita: [hã
46 Marta: =já: já tem costume já de (.) sair aqui e tudo, [né?=
47 Rita: [hã
48 Marta: =mas aí ela não quis deixar ele lá no apartamento
49 sozinho não <°porque diz ela que criança é assim. (.)
50 não dá pra confiar muito não né, porque ainda é muito
51 menino, [né=
52 Rita: [hã:
53 Marta: =mas ele num é::: q- q- novinho não, ele tá fazendo essa

[02: 01-56]

01 prova agora pra:: (1.0) como é que fala? (0.8) é pro
02 mé:dio.
03 Rita: ah, sei [p r o]=
04 Marta: [(sabe?)]
05 Rita: =ensino médio.=
06 Marta: =é (.) mas só que:: (0.5) diz ela que nu- num sabe- num
07 tá querendo deixar sozinho não,=
08 Rita: = e aí ele vai dormir aí e vai ficar o dia todo aí?
09 Marta: é- amanhã- nã:o aí amanhã ele:: e- ela vem de belém,
10 Rita: ahn[::]
11 Marta: [porque:: ela foi ontem (0.8) né,?=
12 Rita: =quem que é essa mulher? num co[nheço não].
13 Marta: [minha prima.
14 (.)
15 Rita: edwi:ges? quem [é?
16 Marta: [filha do:: é- é- [a-
17 Rita: [.hh ah do zaqueu?=
18 Marta: =é::.=
19 Rita: =que o pai falou que mora aqui perto?=
20 Marta: =é, mora aí per[to.
21 Rita: [ahn::[::]
22 Marta: [é que ela é nova aí então diz ela
23 que fica com medo dele num estudar direit[o, né?] ele=
24 Rita: [a h n]
25 Marta: =já fez uma prova hoje mas amanhã tem mais um[a,(.)]né?=
26 Rita: [a h n]
27 Marta: =aí ele é::--aquela prova do colégio militar de
28 seleção::=
29 Rita: =sei como é que [é.
30 Marta: [aquela que tem no fim do ano.
31 Rita: ãhã::=
32 Marta: =é,. aí ela pediu- ela falou assim ó eu tenho que ir em
33 belé::m eu num posso deixar de ir (.) aí perguntou se
34 ele podia aqui >eu falei< ah pode fica::r,
35 Rita: ãh[::]]
36 Marta: [né?] aí ela falou assim que às vezes o daniel dava
37 até umas instruções pra ele [e tudo] aí vão ver né,=
38 [m h m]
39 =como é que sai [aqui
40 Rita: [aí amanhã ele vai cedo fazer a prova?,=
41 Marta: =é, que agora ele tá:::- tem uma tia dele que mora ali
42 em constanti[n o] mas diz ela que lá eles já dormem=
43 Rita: [mhm]
44 Marta: = tudo embolado ele perguntou se podia ficar aqui >eu
45 falei< não, pode ficar que aí fica até mais perto=
46 Rita: =ahn=
47 Marta: =né, aí >eu falei< (0.2) tudo bem
48 (0.5)
S1 49 Marta: aqui:::
1 50 Rita: °uh[m°
1 51 Marta: [e::: tá tudo bom aí?=
1 52 Rita: =tá: tá indo.=
1 53 Marta: =é?, hoje eu tô é com um pouquinho de torcicolo:
1 54 Rita: tá?
1 55 Marta: é, amanchei com o pescoço duro, num sei se eu dormi de
1 56 mal jeito,.

[03: 01-28]

1 01 (.)
1 02 Rita: [é::?
1 03 Marta: [eu num sei o que que eu arrumei que: eu já tomei até
1 04 um- aquele negócio-, . >como é que chama<?, trandrilac,
05 (.)
06 Marta: [que é bom né?=
07 Rita: [°hã-,
08 Rita: =hã::,
09 Marta: aí a minha vizinha falou que é bom >eu falei< ah então
10 me dá um que eu bebo,=
11 Rita: =mh[m
12 Marta: [mas é: aí eu tô co:m o pescoço meio torto.
13 Rita: †nossa senho:[rã:
14 Marta: [<aqui, cê desculpa de eu num ter ligado
15 procê mais cedo.=
S2 16 Rita: =não, num [tem problema] não, boba,=
22 17 Marta: [<°tá bo:m°?>]
2 18 Marta: =então tá,=
2 19 Rita: =cê dá um abraço no rafael [aí, no daniel,]
2 20 Marta: [<tá jóia >] tá,
2 21 briga[d a, t á ?]tchau,
2 22 Rita: [fica com deus]
2 23 Marta: [você também.
2 24 Rita: [tchau, m a r[t a]
2 25 Marta: [tchau,]
2 26 Rita: bri[ga-
2 27 Marta: [brigada [tá, tchau].
2 28 Rita: [nad-, tch]au.

Conversa telefônica entre dono da casa e esposa do amigo:

[01: 01-54]

01 ((telefone toca))
02 Luna: alô?
03 Irineu: luna?=
04 Luna: =o:::i.
05 Irineu: tudo bom?
06 Luna: tudo bom:=
07 Irineu: =quedê o tio saulo?
08 Luna: saulo foi lá na mãe de:::le,
09 (0.5)
10 Luna: foi::: (1.2) foi passar lá pra ver o negócio do carro, mas
11 tá todo descadeirado, tá difí[cil.
12 Irineu: [uai, mas ele num ia no
13 médico?
14 Luna: hein? ia, mas num foi ainda não.
15 (0.2)
16 Irineu: hein?
17 Luna: num foi não.
18 (0.5)
19 Irineu: ai, meu deus do [céu.
20 Luna: [é:::, ainda não foi não.
21 (0.5)
22 Luna: tá ruim mesmo.
23 (0.5)
24 Irineu: a:::i, [ai ai.
25 Luna: [ah, dói diz ele quando senta () ontem ele
26 ficou sentado ali um bocadinho quase que precisou de gente
27 pra levantar ele hãhã[hhh .hhh
28 Irineu: [pois é, mas ele precisava tomar os
29 comprimidos, né? eu falei com ele se ele tomar aqueles
30 comprimidos ele melhora rapidinho, mas [ele é::: m-
31 Luna: [ele já tomou uma
32 vez, mas [()
33 Irineu: [ele é meio cabeça dura também, né?
34 Luna: é:::, mas ele to:::mo:::u um outro tá passando um que a mãe
35 dele deu que é próprio também, mas num tá adiantando, não.
36 (0.8)
37 Luna: [ele fala que aquele remédio num resolve não.
38 Irineu: [ele tem que fazer
39 Irineu: tem que fazer é massagem e ele .hh
40 Luna: não, ele tem que chegar a coluna no lugar igual fez da
41 [outra vez.
42 Irineu: [ele tinha que fazer é o seguinte, aí no terreiro aí,
43 fincar dois ferros fazer um u::::::m esticador, né?
44 Luna: é:::, ele pendura às vezes um pouquinho aqui na porta, mas
45 num resolve [()
46 Irineu: [mas é () não, mas ele tinha que fazer é
47 todo dia, né?=
48 Luna: =a:::[:h, mas num ()
49 Irineu: [na hora que num tivesse doendo, né?=
50 Luna: =pois é, mas num faz, [né?
51 Irineu: [>>>>porque<<< todo dia se ele desse
52 uma esticada aí a coluna vai chegando, [né?
53 Luna: [é:::, ele vai ter
54 que ch- ir ao médico pra chegar ela no [lugar.

[02: 01-46]

01 Irineu: [chegar e depois
02 ele (fazer) o esticador, todo dia, mas [dá::] é- só na=
03 Luna: [é::.]
04 Irineu: =hora que tá doendo que ele estica, aí num tem jeito,
05 uai.=
06 Luna: =é:: é:, [(não) ele fi]ca torto, menino. [NOSsa senhora.
07 Irineu: [hehehehhhhh] [e::: e:::le num
08 deve demorar a chegar não, né?=
09 Luna: =num se::i, ele tá desse jeito foi lá na mãe dele agora lá
10 °eu [num sei.°
11 Irineu: [lá:: fica lá:: fica lá:: pa- pe- pagericando.
12 Luna: é::: é. [(vamos ver.)
S1 13 Irineu: [tá bom, °então°.
1 14 (0.5)
1 15 Luna: tá, [eu falo com]ele que o senhor li[gou.]
1 16 Irineu: [falou, °então.°] [ou,] então tá.=
1 17 Luna: =[tá::?
1 18 Irineu: =[eu vou- .hhh >>>porque<<< depois do almoço ali p- meio
1 19 d- ali por meio dia mais ou menos eu vou s- sair que eu
1 20 vou dar uma ida lá em belém com o meu tio, tem um primo
1 21 nosso que tá com- na cadeira de rodas, coi[tado.
1 22 Luna: [QUE °isso.° é,
1 23 né?
1 24 Irineu: aí eu vou lá ver [ele.
1 25 Luna: [o senhor vai lá, né? [eu] falo com=
1 26 Irineu: [vou.]
1 27 Luna: =ele.
1 28 (0.5)
S2 29 Luna: [tá?
2 30 Irineu: [é, se ele chega::r onz- até onze ho::ras onze e meia cê
2 31 liga pra mim que eu vou lá ver o carro.
2 32 Luna: tá [bom.
S3 33 Irineu: [tão tá, tá:::
3 34 (0.5)
3 35 Luna: tá certo.
3 36 Irineu: tchá:::u.
3 37 Luna: então tá, seu irineu.
3 38 (0.8)
3 39 Irineu: [tá.]
3 40 Luna: [pode] deixar que eu falo com ele.=
3 41 Irineu: =tá [tá,
3 42 Luna: [tá::?
3 43 Irineu: tá:::.=
3 44 Luna: =brigada.
3 45 (0.2)
3 46 Luna: tchau.

Conversa telefônica entre sobrinha e tio:

[01: 01-54]

01 ((telefone toca))
 02 Mariana: pronto.
 03 Irineu: ô:, mariana.
 04 Mariana: °o::i°.
 05 Irineu: como é que é, tudo bom?
 06 Mariana: tudo bom, e o se[nhor]?
 07 Irineu: [cê tava dormindo, filha?
 08 Mariana: nã::o.(0.2) dormindo não.=
 09 Irineu: =(raspa a garganta) ehehehehe. tudo bom aí, e
 10 ocê?
 11 Mariana: tudo bem, gra[ças a deus.
 12 Irineu: [e ocê, como é que tá?
 13 Mariana: eu tô bem, graças a de[us.
 14 Irineu: [tá passando bem?
 15 Mariana: é, e aí tá tudo [bem?
 16 Irineu: [tá tudo bom, graças a deus.
 17 Mariana: é:?
 18 Irineu: tá, tudo bom, eu tô- prec- precisava ver como é que
 19 cê tava, que o ezequiel falou que vinha aquele dia,
 20 depois ligava e num ligou, num veio né? veio?=
 21 Mariana: =ah, num foi nada.
 22 (0.5)
 23 Irineu: veio não, né?
 24 (1.0)
 25 Mariana: °tio irineu° ((fala com outra pessoa)) ehehehehe
 26 .hhhhh o ezequiel tá aqui tentando escutar aqui.=
 27 Irineu: =ah, tá tentando escutar? ehanhh.
 28 Mariana: é, no feriado, só que n- no dia:: onze, na segunda
 29 feira, a::: tia olívia morreu, né, faleceu.
 30 Irineu: uai, eu t- tô sabendo agora.
 31 Mariana: >>cê num ficou sabendo?<<=
 32 Irineu: =não, até agora q- não, uai. [tav- tô >>sabendo<<]=
 33 Mariana: [então, aí não deu]=
 34 Irineu: =[não.
 35 Mariana: =[pra ele ir porque ele ia trabalhar na segunda,
 36 né?
 37 Irineu: hum?
 38 Mariana: aí, na segunda feira de manhã a dona conceição
 39 ligou pra pra marília pra avisar ele que ela
 40 <<tinha falecido.>>=
 41 Irineu: =ahn?=
 42 Mariana: =aí ele foi. (.) ch- foi e vol- e voltou no outro
 43 dia cedo.
 44 Irineu: ah, ele veio e voltou?
 45 (0.5)
 46 Mariana: °é:°.
 47 Irineu: ele veio só no enterro e [voltou?
 48 Mariana: [isso. foi só no no
 49 enterro e e::: veio embo:[ra, °só°.
 50 Irineu: [pô, mas ninguém tava
 51 sabendo nada aqui.
 52 Mariana: NO:::ssa, eu pensei que cêis tavam sabendo.
 53 Irineu: [ninguém
 54 tava sabendo de nada. (0.8)

[02: 01-56]

01 Irineu: ne- num avisaram a gente não, uai.
02 (.)
03 Mariana: ó.
04 (2.8) ((vozes ao fundo))
05 Mariana: ó, >>o ezequiel tá perguntando se o senhor não quer
06 tomar uma<< pinga boa:
07 Irineu: aqui tem, boba.
08 Mariana: aí tem tam[bém?
09 Irineu: [a:h, tem t- tá na mesa aqui.
10 Mariana: ele tá tomando uma aqui [pra jantar agora.
11 Irineu: [ahahahahahahahahahahaahahaha
12 pra jantar?
13 Mariana: é::.
14 Irineu: é, e o ne- e o neném aí, como é que tá?
15 Mariana: tá tudo bem.
16 Irineu: tá tudo bem?
17 Mariana: tá, fiz ultra so:::m (1.0) foi s- uns quinze dias
18 eu acho, no >>começo do mês.<<
19 Irineu: já sabe o que que é agora?
20 Mariana: <<sei.>>
21 Irineu: [é-
22 Mariana: [que que o senhor acha que é?
23 (0.8)
24 Irineu: menino.
25 Mariana: menino?
26 Irineu: hum.
27 Mariana: <<não.>>
28 Irineu: não?
29 Mariana: menina.
30 Irineu: menina?
31 Mariana: [é.
32 Irineu: [ô: beleza, hein?
33 (0.5)
34 Irineu: que coi- ha::: tá ce- graças a deus, tudo bem, mas
35 .hhh tá óti[mo.
36 Mariana: [é::, eu tô de cinco meses e meio já.
37 Irineu: cinco meses?
38 Mariana: é::
39 Irineu: então tá bom uai, mas é é ela[já tá movimentando =
40 Mariana: [(tá bom) já:: tá=
41 Irineu: =ela::
42 Mariana: =mexendo bem já.
43 Irineu: tá bom.
44 (0.2)
45 Mariana: o dia, o ultrassom que fiz dá pra ver tudo, né?
46 Irineu: é:: dá prá vê tudo=
47 Mariana: =dos pés a cabeça,<<os olhos os rins o es[tômago]=
48 Irineu: [tá tudo]=
49 Irineu: =[tudo c- certinho.
50 Mariana: =[intesti:::no. dá pra vê tudo certinho, graças a
51 deus=
52 Irineu: =opa, beleza. [tá tudo]bom graças a deus, hein?
53 Mariana: [tamanho.]
54 Mariana: tamanho.
55 Irineu: tamanho também tá tudo bom?
56 Mariana: <<tamanho, peso>> tá tudo normal com a idade, né?

[03: 01-54]

01 Irineu: ah, então.
02 Mariana: >>tá tudo certinho<< graças a deus.
03 Irineu: então tá bom, graças a deus, [e você tá]=
04 Mariana: [eu voltei]=
05 Irineu: =[trabalhando ainda?
06 Mariana: =[a trabalhar, estou voltei a trabalhar agora estou
07 (.)[só que serviço de casa, >>essas coisas eu num=
08 Irineu: [né.
09 Mariana: =estou fazendo nada<< a médica nu::m falou pra mim
10 não fazer nada.
11 Irineu: >>mas é mas é<< vou dizer, a sua idade você
12 trabalha sentada né?
13 Mariana: trabalho sentada.
14 Irineu: é.
15 Mariana: e lá também eu não:: eu trabalho no caixa, [né?=
16 Irineu: [é.
17 Mariana: =mas aí eu não ajudo as pessoas a >>colocar na
18 sacolinha não<< por causa de pacote de arroz essas
19 coisas assim.
20 Irineu: ah sei.=
21 Mariana: mais pesada, eu não::
22 Irineu: >>não não<< aí tem pessoa pra fazer, né?
23 Mariana: é::, quando é compra assim tem pessoa que ajuda=
24 Irineu: =que te ajuda, é:: tá certo, não, é isso mesmo, e
25 mesmo fazer exercício andar um bocadinho, não?
26 Mariana: não.
27 Irineu: não?
28 Mariana: não.
29 Irineu: ah então mais repouso.
30 Mariana: porque é:: naqueles dias que eu fiquei em casa, a
31 médica proibiu de andar,[né?]=
32 Irineu: [é.]=
33 Mariana: =porque de carro até que eu podia sair, mas a pé
34 que era pra mim evitar.
35 Irineu: ah, evitar?
36 Mariana: é::
37 Irineu: então tá, cê vai cê vai trabalhar cê vai de ônibus
38 também?
39 Mariana: não, de manhã eu vou com o <<antônio>>, né?
40 Irineu: ah, é o antônio?
41 Mariana: é, o dono lá do:: o [antônio do::
42 Irineu: [>>ele passa ele passa<< perto
43 aí?
44 Mariana: é, ele mora aqui na rua detrás de casa °aqui°.
45 Irineu: ah, ele mora aí?
46 Mariana: mora.
47 Irineu: almoçar, cê almoça lá mesmo?=
48 Mariana: =almoço lá, >>é só pra vim embora <<que eu venho de
49 ônibus.
50 Irineu: tá, então de noite cê vem de ôni[bus?]=
51 Mariana: [é.]=
52 Irineu: =tá, cê vem de ônibus.
53 Mariana: não, duas horas que eu saio.
54 Irineu: ah,>>sai duas horas?<<

[04: 01-55]

01 Mariana: saio, duas horas.
02 Irineu: é de sete às duas de oito às duas?
03 Mariana: das seis e meia às duas.
04 Irineu: i:::, então é cedinho mesmo, hein?
05 Mariana: é cedinho, eu eu saio daqui seis horas todo dia.
06 Irineu: NO::ssa senhora, é:: e:: aí o ezequiel deve tá=
07 =dormindo ainda?
08 Mariana: é, eu saio e ele ainda fi::ca ainda.
09 Irineu: depois é que ele vai?
10 Mariana: depois que ele vai.
11 (0.5)
12 Irineu: [()
13 Mariana: [e dia de sábado, ele me leva cedo, porque dia de
14 sábado o antônio vai dia de semana porque ele faz
15 uma linha escolar.
16 Irineu: ahn.
17 Mariana: e as crianças que ele pega é pra frente ainda do
18 mercado [°dele°.
19 Irineu: [ah sei, então ele te deixa lá=
20 Mariana: =ele deixa eu lá, a mulher dele também vai, né?
21 cedo.
22 Irineu: ah tá.
23 Mariana: deixa a gente lá e ele vai fazer a linha dele da
24 escola.
25 Irineu: é o:::>>rogério tá lá com ocês,<< né?
26 Mariana: rogerio tá, tá firme lá,[()
27 Irineu: [joão tá quietinho lá, joão
28 tá aqui, ele veio pra cá, o joão tá de férias?
29 Mariana: o joão tá de fé::rias aí na roça.
30 Irineu: mas ele não ligou pra cá:: não fez nada ainda.
31 Mariana: o joão não ligou aqui, o dia que chegou, não ligou
32 pro rogerio ainda.
33 Irineu: ó.
34 Mariana: aí, ele apareceu lá em belém, ele não tinha
35 aparecido lá em belém ainda, já fazia mais de uma
36 semana que ele tava lá.
37 Irineu: é, não ligou pra.aqui, <<nem que veio nem que
38 deixou de vir>>[nem que nada.
39 Mariana: [então, nem aqui, não ligou n- não
40 avisou se chegou bem se nã::o,nem nós nem sabia se
41 ele tinha chegado ou não porque, ele desceu na
42 estradaa e da estrada ele foi a pé até na:: no
43 monte verde.
44 Irineu: heheheheh, ele é meio doido, né?
45 Mariana: é doido, ele saiu daqui de noite e chegou lá de
46 madrugada, né e:: depois disse d- não apareceu lá
47 em belém.
48 Irineu: foi direto, da estrada mesmo foi embora?
49 Mariana: já foi pra lá, aí no dia do do velório que ele::
50 ele:: apareceu lá, não sei quem falou pra ele que o
51 reinaldo tinha ido, aí ele apraeceu lá um pouquinho
52 à noite.
53 Irineu: aí teve lá com o ezequiel e:: e::
54 Mariana: é, e a tia lili é diz que ficou brava.
55 (.)

[05: 01-56]

01 Irineu: [é.
02 Mariana: [() o ezequiel tava lá ele apareceu lá.
03 Irineu: eheheheheh[he
04 Mariana: [mas n- nem aqui pro rogerio ele ligou
05 ainda.
06 Irineu: meu deus do céu.
07 Mariana: o joão é::=
08 Irineu: =o joão né brinquedo não.
09 Mariana: é::
10 Irineu: hehehehe .hhh mas o rogerio tá bem lá, né?
11 Mariana: o rogerio tá[ele tá=
12 Irineu: [e ele é bonzinho, né?
13 Mariana: =tá muito satisfeito () no servi::ço, eles gostam
14 muito dele lá [também.
15 Irineu: [e- ele é bonzinho também, né?
16 trabalha[dor.
17 Mariana: [é, já tá com a carinha redonda, já deu uma
18 engordadinha. ((vozes ao fundo))
19 Irineu: é?=
20 Mariana: =é.=
21 Irineu: =já engordou um pouquinho?
22 Mariana: já::.
23 Irineu: .hhh é bom uai, é coitado ele merece coitadinho,
24 ele é bonzinho.
25 Mariana: é.
26 Irineu: é até bom também que ele s- >>sai daquele ritmo de
27 roça<< que[(engole))
28 Mariana: [ah é.
29 Irineu: lá não ia dar em nada não.
30 Mariana: mas aqui também ele é caseiro, o dia da folga dele
31 ele fica lá (.) dorme no mercadi[nho, fica no=
32 Irineu: [é, ó hehehehehehe [é, ó hehehehehehe
33 Mariana: =canto dele, é difícil ele saí. às vezes o joão né,
34 chama ele pra sair:: tem um rapazinho que trabalha
35 lá que chamou ele pra ir em fe::sta, ele não quer
36 saber de ir [não.
37 Irineu: [o vilmar veio embora?
38 Mariana: é, o vilmar tá no rio, né?
39 Irineu: o vilmar tá no rio lá com com coisa.
40 Mariana: tia lili visitou ele em belém, tá tudo bem com ele,
41 né?
42 Irineu: tá, diz ele eu não vi ele não também não ligou pra
43 aqui mai:::s, nu:::m ligou pra cá nem nada.
44 Mariana: o joão passou o número do celular dele que::
45 transferiu pra lá, né?
46 Irineu: ahn.
47 Mariana: aí deu o número pra nós aqui, caso precisasse ligar
48 pra ele.
49 Irineu: pro vilmar.
50 Mariana: é, pro vilmar.
51 (0.2)
52 Irineu: é, mas o vilmar devia de ligar pra gente, é- é- eu
53 acho que ele ligou pro tio vavá, [pro seu] vavá.
54 Mariana: [a:::h.]
S1 55 Irineu: hhh mas então tá bom, cê tá boa, o::ezequiel tá
1 56 jantando aí?

[06: 01-10]

1 01 Mariana: ele já acabou já, eu vou passar pra ele [aqui,tá?]=
1 02 Irineu: [então tá]=
1 03 Irineu: =tá, [fica com deus, deus abençoe.]
1 04 Mariana: [tchau, dá um abraço no pes]soal aí.=
1 05 Irineu: =tá, [obrigado, deus abençoe.
1 06 Mariana: [um abraço pro senhor, viu?
1 07 Irineu: deus abençoe, fica com deus.
1 08 Mariana: assim seja, tchau.
1 09 Irineu: ahahahahahah.
1 10 ((Mariana passa o telefone))

Conversa telefônica entre colegas de faculdade:

[01: 01-52]

01 ((telefone toca))
02 Isabela: °a°lô?
03 Humberto: alô, isabela?
04 Isabela: oi, be[to].
05 Humberto: [é o humberto, tudo bem?
06 Isabela: tudo jóia.
07 Humberto: tudo jóia também, . th .hh aqui, deixa eu te perguntar
08 uma coisa, será que dava pra gente encontrar domingo pra
09 gente ensaiar o trabalho da creuza?
10 (1.2)
11 Isabela: <<eu acho que dá, beto,>> só não tenho certeza do
12 horário, porque eu fiquei de ir na missa c- na:: no
13 culto com a::: (0.8) .hhh com a vivian, e eu não sei que
14 horas que a gente v- >>se a gente vai de manhã,<<
15 (0.5)
16 Isabela: ou se a gente vai de noite.
17 Humberto: tá,. [.hhh
18 Isabela: [aí eu teria que ligar pra- posso te ligar depois
19 pra gente combinar horário?
20 Humberto: .hh po::de, é:: porque- assim- [de manh-
21 Isabela: [cê tem preferência?
22 Humberto: <<eu tenho,.>> à tarde, e mais pro final da tarde se
23 pudesse, assim tipo três horas.
24 (0.5)
25 Isabela: tá.=
26 Humberto: =[de três horas °em diante.°]
27 Isabela: =[à noitinha pode ser?]
28 (1.2)
29 Humberto: a- que tipo de noitinha,? [você fala.
30 Isabela: [seis horas da tar[de.
31 Humberto: [a:::h tá.
32 (0.2)
33 Humberto: pode, por mim tudo bem, sabe por quê?=
34 Isabela: =hã.=
35 Humberto: =porque eu vou fazer o concurso do de petrópolis::: de
36 manhã.
37 (0.5)
38 Isabela: ah, tá.
39 Humberto: e aí eu devo voltar por volta de meio <<dia duas
40 horas,>> num sei.
41 (1.0)
42 Humberto: e aí eu só ia pode::r ir pra sua casa (.) depois desse
43 horário, né?
S1 44 Isabela: então tá, então lá pras seis horas dá pra você?
1 45 (0.2)
1 46 Humberto: dá pra mim.
1 47 (.)
1 48 Humberto: tranqüilo.
1 49 Isabela: tá bom, de manhã cê- então eu vou ver se eu v- com a
1 50 vivian se a gente pode ir de manhã.
1 51 Humberto: tá. [.hh é:::
1 52 Isabela: [que eu já libero de manhã t- (.) também.

[02: 01-25]

1 01 Humberto: tá, aí qualquer coisa você fala então pra lídia dar a
1 02 resposta pra amanda, que eu vou encontrar com a amanda
1 03 amanhã ela me dá- ela me fala e eu falo com a priscila.
1 04 Isabela: tá legal.
S2 05 Humberto: tá bom?
2 06 Isabela: tá jóia.
2 07 Humberto: falou então.
2 08 Isabela: falou, be[to].
2 09 Humberto: [aqui, só mais uma coisa.=
10 Isabela: =[hã.]
11 Humberto: =[a n]tes que eu me esqueça, eu gravei essa conversa,
12 tá? hãhah[hhhhhhhhhhhhhhhhhhhahahaha] .hhhahaha=
13 Isabela: [haha que legal isso. hhhhhhhhh]
14 Humberto: =haha[hahahaha].
15 Isabela: [.hhh massa, le[gal. hãhãhhh
16 Humberto: [p(h)orque eu t(h)ô precisando d- de
17 dados, en[tão eu] tive que botar aqui em casa mesmo.=
18 Isabela: [ahã.]
19 Isabela: =[tranqüilo.
S3 20 Humberto: =[.hhh tem problema não,? cê auto[riza, né?
3 21 Isabela: [<<nnão.>> tranqüilo.
3 22 Humberto: ah, então tá [bom então.
3 23 Isabela: [.hhhhh beijão, [beto.
3 24 Humberto: [falou, be::ijo, [tchau.
3 25 Isabela: [tchau.

Conversa telefônica entre tio e sobrinho:

[01: 01-34]

01 ((telefone toca))
02 Verônica: alô.
03 Antônio: ô, verônica.
04 Verônica: oi.
05 Antônio: °o iri°neu já saiu?
06 Verônica: tá saindo, já vai sair daq- tá acabando de almoçar.
07 Antônio: tá bom.
08 Verônica: quer falar com ele?
09 Antônio: não, num precisa não.
10 (0.5)
11 Verônica: [pode falar, ele tá aqui.
12 Antônio: [fala que eu tô
13 Antônio: fala que eu já tô pronto aqui.
14 Verônica: perai.
15 (3.0)
16 Irineu: oi?
17 Antônio: ô, meu filho.
18 Irineu: como é que é?
19 Antônio: já tô pronto.
20 Irineu: tá pronto, já almoçado já?
21 Antônio: já:. tô pronto, tô almoçado [()
22 Irineu: [eu tô acabando de almoçar
23 aqui.
24 Antônio: tá [bom.
25 Irineu: [a:::h o almoço atrasou um bocadinho aqui, a:::h mas
26 também num tem problema não, né?
27 Antônio: não, num tem não.
28 (0.8)
29 Irineu: eu vo::u- eu acabo de almoçar e desço.
30 Antônio: tá bom.
S1 31 Irineu: tá bom?
1 32 Antônio: tá.
1 33 Irineu: bença.
1 34 Antônio: abençoe.

Conversa telefônica entre namorados I:

[01: 01-53]

01 Verônica: >>alô.<<
02 Paulo: a rita já chegou aí, dona verônica?
03 Verônica chegou.
04 (0.5)
05 Verônica: peraí um pouquinho
06 ((barulho de televisão))
07 Rita: alô:::
08 Paulo: testando o telefone que eu troquei, pus o outro aqui.
09 Rita: ahn.
10 Paulo: o outro eu acho que a mãe foi:::: fechar, a chave caiu lá
11 dentro.
12 Rita: ahn.
13 Paulo: aqui, (0.5) liga pra cento e quatro pra mim aí, eu liguei
14 duas vezes mas a ligação num caiu.
15 Rita: hum.
16 (0.8)
17 Rita: [agora.
18 Paulo: [cê ahn?
19 Rita: aí cê não quer na hora que eu ligar cê estar aqui não?
20 Paulo: ah, liga daí mesmo.
21 Rita: mas como que eu vou te <<falar?>> é bom que você já escuta.
22 (0.8)
23 Rita: não dá pra você vim uma e meia não?
24 Paulo: então deixa então, vou tentar daqui.
25 Rita: não paulo, eu li:::go, mas espera, ué, é porque aí você
26 escuta a moça falar, entendeu?
27 Paulo: eu já escutei já, ué.
28 Rita: e o quê que ela falou? [cê conversou com ela?
29 Paulo: [aí caiu a ligação.
30 Rita: ahn.
31 Paulo: a ligação caiu. tá chiando aí, num tá não?
32 Rita: tá, tá chian[do
33 Paulo: [então, tá ruim, aí.
34 (0.5)
35 Rita: vai ter que mandar arrumar o outro, né?
36 (0.5)
37 Paulo: não, eu acho que dá pra tirar aqui.
38 Rita: esse aí? ahn. .hhh depois eu ligo então e te falo.
39 Paulo: é, cê- você não conseguiu. qualquer coisa daquele negócio.
40 Rita: que eu queria que você viesse aqui, cê tá entendendo? pra
41 você escutar ela falar as <<explicações.>>
42 Paulo: não, ela já me explicou, não recebe a cobrar, é só ligação
43 a::: local, não liga pra celular.
44 Rita: ahn, ah tá.
45 Paulo: só pede informações assim, >>entendeu?<< eu acho que paga
46 cento e quarenta e dois reais pela mudança de plano também.
47 Rita: <<NOSSA senhora.>>
48 Paulo: (aí assim não dá.)
49 Rita: <<isso tudo>>, paulo?
50 Paulo: é.
51 (0.8)
52 Rita: <<NOSSA senhora.>>
53 (1.0)

[02: 01-04]

S1 01 Rita: quase que é melhor- nossa senhora. depois eu ligo, então.
1 02 Paulo: tá. [qualquer] coisa cê me liga,
1 03 Rita: [tchau.]
1 04 Paulo: tchau.

Conversa telefônica entre neta e avó e entre mãe e filho:

[01: 01-54]

01 ((telefone toca))
02 Rita: alô?
03 (0.5)
04 Iara: quem que tá falando,? é rita?
05 Rita: é rita, bença vó.
06 Iara: deus abençoe, minha filha, [()]
07 Rita: [tudo bom?
08 Iara: tudo bem.
09 Rita: tenho que agradecer o doce, tava muito bom, [viu?]
10 Iara: [tava] bom?
11 hhhh.
12 Rita: tava,. uma delícia.
13 Iara: hahahahahaha[hahaha
14 Rita: [brigada, viu?=
15 Iara: =eu falei eu vou mandar pra ela que ela gosta [muito.
16 Rita: [ah, eu
17 comi [muito mesmo,. acabei com ele. hahaha .hhh]
18 Iara: [hhe] he
19 hehe, eu falei ela gosta muito de um docinho de sidra,
20 Rita: é:::
21 Iara: vou mandar pra ela, ehehehe[hehhhhhh]
22 Rita: [brigada.]
23 Iara: nada.
24 Rita: tá,?
25 Iara: na hora que fizer mais. ihhihnhhhh [()]
26 Rita: [é::: o pai é::: o
27 pai que xingou um bocado, né,? porque ficou preso lá no
28 trânsito.
29 Iara: é.
30 Rita: lá no coisa, mas aí a próxima vez eu mesma busco,=
31 Iara: =[é, cê mesma busca. é(h), uai. hehehhhh]
32 Rita: =[pode deix(h)ar, .hhh é porque senã:::o] ele fica- o
33 boa[nerges fica bravo. hãhãhhhh
34 Iara: [fica boanerges.
35 Iara: fica bravo, é.
36 Rita: (h)é hhh
37 ele estressa à to- logo, né?
38 Rita: é::.. [fica estressado.
39 X: [(com quem você tá falando?)
40 Iara: rita.
41 Rita: não, ele tá aqui.
42 (0.5)
43 Iara: ah,
S1 44 Rita: tá?
1 45 (0.2)
1 46 Iara: tá, eu quero falar um bocadinho com ele.
1 47 Rita: peraí então, bença tá, vó. ((vozes ao fundo)) aí tá tudo
1 48 bom, né?
1 49 Iara: tudo bom, e aí?
1 50 Rita: aqui tá bom também.
1 51 Iara: tá bom. ((vozes ao fundo))
1 52 Rita: tá, bença, [vó:
1 53 Iara: [deus abençoe, minha filha.
54 (0.8)

[02: 01-56]

01 Rita: paê.
02 (0.2)
03 Irineu: oi.
04 Rita: boanerges.
05 Iara: .hhh
06 (0.2)
07 Irineu: ahn.
08 (1.2)
09 Rita: é a vó, pai.
10 (1.2)
11 Irineu: alô?
12 Iara: é- é- [irineu?
13 Irineu: [oi?
14 Irineu: bença.
15 Iara: deus abençoe, [meu filho.
16 Irineu: [>>>>tudo<<<< bom?
17 Iara: tudo bom.
18 (0.2)
19 Iara: .hhh aqui,=
20 Irineu: =[hum?
21 Iara: =[>>perguntar ocê<< ocê às vezes vai na cidade, quando
22 cê for na cidade,
23 (0.8)
24 Iara: ocê compra pra mi::m (.) u::: uma li- u::m
25 (0.8)
26 Iara: aquela:: aquela cordinha de botar no v- no v- (.) no
27 varal aqui da cozinha.
28 (1.2)
29 Irineu: a:::h, aquelas cordas,?
30 Iara: aquela cordinha, cê compra aquela cordinha pra mim?=
31 Irineu: =tem que medir, né,? mãe.
32 Iara: hein?=
33 Irineu: =num pod- d- [d-
34 Iara: [não, tem que ser um rolinho, né,? irineu.
35 Irineu: não, um rolo é muito uai, um rolo é grande, uai, o rolo
36 é:: cinco quilos, seis quilos.
37 (1.0)
38 Iara: ali deve lev- levar quantos metros,? mais ou me[nos.
39 [pois é,
40 tem que passar aí, dar uma medida neles.
41 (0.5)
42 Iara: é.
43 (0.8)
44 Irineu: porque:::
45 (0.5)
46 Iara: pra num comprar muito, né?
47 Irineu: pra num comprar demais, né,? se[não] estraga, né?
48 Iara: [é.]
49 Iara: e eu quero que cê compra um biquinho de mangueira também
50 pra mim.
51 (1.5)
52 Irineu: bico de mangueira eu tenho um aqui até- num é de meia?
53 Iara: hein?
54 (0.8)
55 Iara: é igual a sua mangueira aí, grossinha assim.
56 (1.2)

[03: 01-56]

01 Iara: a minha mangueira é- cê sabe qual é que é, .hhh é igual
02 aquela que cê me deu, uai.
03 (0.5)
04 Iara: [é a mesma coisa.
05 Irineu: [tenho, eu-
06 Irineu: eu tenho uma aqui que eu tirei da minha. .hhh
07 Iara: humhu::m
08 (0.5)
09 Iara: cê num quis n- na sua não?
10 Irineu: [hein?
11 Iara: [cê mudou o seu, né?
12 Irineu: ah, eu comprei uma mangueira nova, com bico de pressão.
13 Iara: ah,
14 (0.2)
15 Iara: ah, porque aquela- .hhh aquele bico de pressão é que é
16 bom.=
17 Irineu: =é, aí num tem muita pressão, aqui que é:: aqui essa::
18 esse bico aqui num agüenta não, [é:: mas ele tava=
19 Iara: [p-
20 Irineu: =agüentando.
21 Iara: aqui tem muita pressão.
22 Irineu: aqui te::m é:: l- la- aí [num tem pressão p- per-
23 Iara: [pois é então aí então eu
24 compro ele.
25 Irineu: perto daqui não.
26 Iara: [eu compro.
27 Irineu: [() a hora que eu for aí eu levo.
28 (0.2)
29 Irineu: [eu vou medir mais ou menos a corda do meu aqui,
30 Iara: [pois
31 Iara: hum?
32 (0.5)
33 Irineu: aí eu compro as cordinhas e vou [aí e ponho.
34 Iara: [é a mesma coisa do teu
35 varal é o mesmo [() ((interferência no telefone))
36 Irineu: [é o mesmo, é.
37 Iara: é, ocê mede aí e [põe ()
38 Irineu: [pelo meu eu sei mais ou menos aí dev-
39 a [quantidade,
40 Iara: [aí depois você vem p- troca pra mim aqui,=
41 Irineu: =hu[hum.
42 Iara: [porque outro dia já despencou,. nós tivemos que
43 amarrar lá,. [vai] indo apodrece, né,? irineu.
44 Irineu: [tá.]
45 Irineu: apodrece, elas apodrecem.
S2 46 Iara: apodrecem, é.
2 47 (0.2)
2 48 Irineu: é, [eu comp- eu com-
2 49 Iara: [aí- aí tá tudo bom, [né?
2 50 Irineu: [tá tudo bom. [()
2 51 Iara: [cê num tem ido lá
2 52 no toninho não?
53 Irineu: .hhh oi,? vou lá hoje, porque nós vamos lá em belém.
54 Iara: cê vai em belém?
55 Irineu: vou com ele lá.
56 Iara: fa[zer o quê em belém?

[04: 01-17]

01 Irineu: [nós vamos lá no zaqueu, diz que o zaqueu tá na
02 cadeira de rodas, coitado.
03 Iara: é, ele teve na::: (.) ele operou no::: pé, né?
04 Irineu: operou o pé, diz que ele tá andando numa cadeira de
05 rodas, aí o tio toninho vai lá visitar ele.
06 Iara: hmmm, .
07 (0.8)
08 Iara: então cês vão lá hoje?
09 Irineu: vamos.
10 Iara: ahhh.
11 (0.8)
S3 12 Iara: então tá.=
3 13 Irineu: =depois do almoço nós vamos lá.
3 14 Iara: tá bom.
3 15 (0.2)
3 16 Irineu: falou então, tá, bença.
3 17 Iara: deus abençoe.